13142

THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que ſe repreſentárão na Caſa do Theatro público do Bairro Alto de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impreſsão.

TOMO PRIMEIRO.

Contém:
- Vida de D. Quixote de la Mancha
- Eſopaida, ou Vida de Eſopo.
- Os Encantos de Medéa.
- Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena.

LISBOA:

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA. 1787.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

Vende-ſe na meſma Officina.

403618
4.6.4?

Foi taxado eſte Livro em papel a trezentos e ſeſſenta reis. Meza 7 de Abril de 1788.

Com tres rubrícas.

DEDICATORIA
A' MUITO NOBRE SENHORA
PECUNIA ARGENTINA.

APenas veio ao penſamento eſtamparem-ſe eſtas Obras, quando com o meſmo projecto naſceo gémeo o deſejo de dedicallas a Voſſa Senhoria, a quem de juro, e herdade lhe compete a gloria de Protectora de ſemelhantes acções, pois ſem a precioſa aſſiſtencia de Voſſa Senhoria não há deſcrição, que não ſeja ignorancia; baſta que Voſſa Senhoria occupe os Theatros, para que eſſes tenhão

nhão maior eſtimação, que os Amphitheatros Olympicos, e Cretenſes. Se aſſim como Voſſa Senhoria ſabe correr, ſoubera diſcorrer, penetraria na ſiſionomia dos ſemblantes a gloria dos corações; pois quando Voſſa Senhoria acompanhada dos ſeus ſequazes ſe digna de honrar aquelle Theatro, logo tudo são parabens, ſuſſurros, e alvoroços; e para que o prazer exceſſivo não pareça immodeſtia, ſe vai o riſo eſconder nos cantinhos da boca: he couſa para ver o obſequioſo reſpeito com que todos a recebem! Todos ſe afaſtão, todos ſe encolhem, huns para ſima dos outros; e quando já não há aſſentos, então he que Voſſa Senhoria tem o melhor lugar: tudo anda n'um corropío, o porteiro ſe ataranta, o arrumador ſe titubêa, o chocolate ſe derrama, o doce deſapparece, as luzes parecem eſtrellas, as arquitecturas Doricas, as vozes harmonioſas; os inſtrumentos mais ſe apurão, os Cantores mais ſe affinão,

os

os Duos mais ſe ajuſtão; os baſtidores não neceſſitão de ſabão para correr, e finalmente até parece, que a alma do arame no corpo da cortiça lhe infunde verdadeiro eſpirito, e novo alento.

Se iſto tudo cauſa Voſſa Senhoria quando nos faz mercê, como podia eu deixar de offerecer-lhe eſtas Obras? Seria desluſtre do agradecimento buſcar outra Protectora, quando em Voſſa Senhoria trasbordão os meritos para o patrocinio. Eſpero que Voſſa Senhoria deſterrando as melancolias do afferrolhado, deixando vaſios os cubicularios bolſilhos dos avarentos, e jarretas, continue em fazer-nos mercê; pois a docilidade de ſua peſſoa he o attractivo de noſſos corações; e aſſim já poſſo navegar ſeguro no mar da fortuna, pois ſe Voſſa Senhoria ſe declara Patrona, por força ha de franquear os cartuxos. Huma Burra guarde a illuſtre peſſoa de Voſſa Senhoria os annos que todos ſeus criados havemos miſter.

AO

AO LEITOR DESAPAIXONADO.

COmtigo fallo, Leitor desapaixonado, que se o não és, não fallo comtigo; pois nem quero adulação dos amigos, porque o são, nem he justo que os que o não são, queirão ser arbitros para sentenciarem estas Obras no tribunal da sua crítica. Não há melhor ouvinte, que hum desapaixonado, sem affecto ao Author da Obra, sem inclinação ao da Musica, sem conhecimento do Arquitecto da pintura: aquelle que nem a amizade lhe franquea a entrada, nem a visinhança do Theatro lhe facilita o regresso; aquelle que instigado só da curiosidade a expensas do seu peculio entra com animo livre de paixões, este sim (não sendo estulto por natureza) he o verdadeiro ouvinte no Theatro, e Leitor nos papeis: com estes he que eu fallo, pois só a estes se dirigem estas Obras; porque sendo a sua censura despida de affectos de amor, e odio, saberá desculpar os erros com sinceridade; saberá discernir a difficuldade da Comica em hum Theatro, donde os representantes se animão de impulso alheio; donde os affectos, e accidentes estão sepultados nas sombras do inanimado, escurecendo estas muita parte da perfeição que nos Theatros se requer, por cuja causa se faz incomparavel o trabalho de compôr

pa-

para ſemelhantes Interlocutores, que como nenhum ſeja ſenhor de ſuas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ſer: por eſte motivo ſurprendido muitas vezes o diſcurſo de quem compõe eſtas Obras, deixa de eſcrever muitos lances, por ſe não poderem executar.

Saberá o meſmo Leitor deſapaixonado não deſprezar por menos polida a fraze, que no contexto de ſemelhantes Obras ſe requer, pois muito bem conhece, que no Comico ſe preciſa hum eſtilo mediano; que como a repreſentação he huma imitação dos ſucceſſos, que naturalmente acontecem, tambem a fraze deve ſeguir o meſmo preceito, fazendo differença, que o eſtilo ſublime, e elevado, a que chamárão os Romanos *Cothurno*, ſó ſe permitte nas Tragedias, em que ſe trata de couſas graves, e nimiamente ſérias, como acções, e obras heróicas de Principes: na Comedia porém ha de ſer o eſtilo domeſtico, ſem affectação de ſublime, a que chamão *Socco*, por ſe repreſentar nella materias de enredos femenís, e acções amoroſas: eſtes preceitos aponta Horacio na ſua Arte Poetica.

Verſibus exponi tragicis res comica non vult:
Indignatur item privatis, ac prope ſocco
Dignis carminibus, narrari cœna Thyeſta.
Singula quæque locum teneant ſortita decenter.

E como os émulos por inimigos, os parciaes por affectos, e os ignorantes por neſcios não ſabem diſtinguir eſtas circumſtancias, e ſó

tu

tu Leitor douto , e desapaixonado , judiciosamente reflectindo no que lêres , e ouvires representar , formarás o conceito que merecem estas Obras , que para teu divertimento se offerecem ao Público.

* Bem conheço que nellas acharás muitos defeitos ; porém como não pertendo utilizar-me dos teus applausos , nem singularizar-me nos meus escritos , te peço , que nestas Obras attendas sómente ao desejo que tenho de agradar-te , e vejas não quero outro premio mais , que o que te peço nestas

D E C I M A S.

AMigo Leitor , prudente ,
Não critíco rigoroso
Te desejo , mas piedoso
Os meus defeitos consente :
Nome não busco excellente
Insigne entre os Escritores ;
Os applausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes ,
Os encomios relevantes
São para engenhos maiores.

Esta Comica harmonia ,
Passatempo he douto , e grave ;
Honesta , alegre , e suave ,
Divertida a melodia :
Apollo , que illustra o dia ,
Soberano me reparte
Idéas , facundia , e arte ,
Leitor , para divertir-te ,
Vontade para servir-te
Affecto para agradar-te.

AD-

ADVERTENCIA
DO COLLECTOR.

LEitor, foi tão grande o applauſo, e acceitação com que forão ouvidas as Operas que no Theatro público do Bairro Alto de Lisboa ſe repreſentárão deſde o anno de 1733. até o de 1738., que não ſatisfeitos muitos dos curioſos com as ouvirem quotidianamente repetir, paſſavão a copiallas, conſervando ao depois eſtas cópias com huma tal avareza, que ſe fazião inviſiveis para aquelles que deſejavão na leitura dellas, huns apagar o deſejo de as lêrem, pelas não terem ouvido, outros renovar a recreação com que no meſmo Theatro as vírão repreſentadas. Por ſatisfazer ao deſejo de huns, e outros, tomei a empreza de as ajuntar, e fazellas imprimir com o titulo de *Theatro Comico Portuguez*, para que com facilidade, e ſem o diſpendio que as copias manuſcritas fazem, podeſſem todos gozar de humas Obras tão appetecidas por ſingulares. Eſtou perſuadido, que te não ha de ſer deſagradavel eſta minha Collecção; porque além de te ſatisfazer o deſejo, ſirvo á Patria, publicando humas Obras, que ſegundo as leis da compoſição Dramatica, são as primeiras que deſte genero ſe tem eſcrito no noſſo Idioma. Algumas Comedias ſe hião impreſſas, como as de Antonio Preſtes, Gil Vicente, Antonio Ribeiro, Sebaſtião Pires, e Si-

mão

mão Machado, compoſtas em verſo. Publicou Jorge Ferreira em proſa a *Eufroſina*, *a Ulyſſipo*, e a *Aulografia*. Sahio á luz Franciſco de Sá e Miranda com a intitulada: *Os Eſtrangeiros*, *e Vilhalpandos*, e D. Franciſco Manoel com as duas, a que deu por titulo: *O Labyrintho da fortuna*, e *Os ſegredos bem guardados*, ſem nos eſquecermos tambem das duas do noſſo Luiz de Camões, que andão impreſſas no fim das ſuas Obras; porém todas eſtas, humas pelo diverſo genio dos tempos, outras pela ſua informe diſpoſição, e dilatada contextura, ſervião aos curioſos mais de faſtio que de recreio. Neſtas que agora te offereço por beneficio da Impreſsão, acharás pelo contrario daquellas huma ſuave, e natural diſpoſição das partes, o caracter dos ſujeitos ſuſtentado ſem decadencia, a locução propria a cada hum dos Interlocutores, e o Jocoſerio tão temperadamente honeſto, que não offende com a graça os ouvidos, e tão vivo, que ſe não encontra ſemelhante em o noſſo Idioma, e não ſei tambem ſe diſſera nos das Nações eſtranhas; o que confeſſarião, não ſem inveja, ſe foſſem ainda vivos, Moreto entre os Heſpanhoes, Moliere entre os Francezes, e Nicoláo Amenta entre os Italianos.

Tinha determinado continuar eſte Theatro na fórma que te prometti a primeira vez que foi impreſſo, ao que não pude ſatisfazer-te por haver Author vivo das Operas que te promettia, e eſte não conſentir que outrem ſe utilizaſſe do ſeu trabalho; e como deſtas ſe imprimírão

dous

dous Tomos ; alterando a ordem que eu tinha ideado, he precifo advertir-te, que para eu continuar o meu Theatro, fiz nova efcolha de outras, que certamente goftarás de lêr. Offereço-te novamente eftes dous Tomos, e contém o primeiro a *Hiftoria de D. Quixote*, a *Vida de Efopo*, *Os Encantos de Medéa*, e o *Amfitrião*. No fegundo o *Labyrintho de Creta*, *Guerras do Alecrim, e Mangerona*, *As Variedades de Proteo*, e *Precipicio de Faetonte*. No terceiro Tomo que fahirá com brevidade, te darei a lêr *As Firmezas de Proteo, e accafos do feu amor*, *Os Triunfos de Cupido contra as vinganças de Venus*, *Jupiter, e Danae*, e *Perfeo, e Andromeda*. No quarto o *Avaro, e o Zelofo*, *Memorias de Peralvilho*, *A Deftruição de Troia, e Endimião, e Diana*. Outras muitas confervo em meu poder, humas ainda não executadas, e outras que já o forão em Theatros particulares, com que voluntariamente te poderei lifongear o gofto, fem que poffas obrigar-me pela promeffa.

Vale.

VIDA DO GRANDE
D. QUIXOTE
DE LA MANCHA,
E do Gordo
SANCHO PANÇA,
OPERA,

QUE SE REPRESENTOU
no Theatro do Bairro Alto de
Lisboa, no mez de Outu-
bro de 1733.

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *SAla de pannos de rás, bofetes, e cadeiras.*
II. *A casa de Sancho Pança mal composta.*
III. *Bastidores de bosque.*
IV. *Bastidores de selva.*
V. *Bastidores de selva.*
VI. *Bosque, e no meio hum monte.*
VII. *Sala de columnas, e depois jardim fúnebre.*
VIII. *Selva.*
IX. *Selva, e o monte Parnaso.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *A Metade selva, e outra ametade mar, e hum moinho no fim.*
II. *Montes, e selvas.*
III. *Sala de colunatas, meza, e cadeiras.*
IV. *Sala de azulejos.*
V. *Outra sala, e meza mal composta.*
VI. *Casas.*
VII. *Jardim alegre.*
VIII. *Bosque.*

APPARATO DO THEATRO, e sua fábrica.

HUm carro com varias figuras dentro.
Huma capoeira sobre hum carro, em que hirá hum Leão, que sabe fóra a seu tempo.
Hum carro em que vem Dulcinéa, e varias figuras.
Dous cavallos, hum de D. Quixote, e outro de Sansão Carrasco.

Dous

Dous burros, hum para Sancho Pança, e outro para huma Saloia.
O Monte Parnaſo com as Muſas, Apollo, e o Cavallo Pegaſo. Hum barco.
Hum cavallo que vem pelo ár, e ſe lhe põe fogo.
Huma nuvem. Hum porco.

INTERLOCUTORES.

Dom Quixote.
Sancho Pança.
A Sobrinha de D. Quixote.
A Ama do meſmo.
Thereza Pança, mulher de Sancho Pança.
Huma filha do meſmo.
Hum Tabellião veſtido como Almocreve.
Huma Saloia em hum burro.
Sansão Carraſco.
Seu Criado.
Hum Diabo que vem no carro.
Outro Diabo com muitos caſcaveis.
Hum homem que vem com o Leão.
Belerma.
Monteſinos.
Hum que eſtá na cova.
Caliope, que vem na nuvem.
Apollo, e as Muſas.
Dous homens que são do moinho.
Dous homens do barco.
Hum Fidalgo.
Huma Fidalga.
Hum Meirinho.
Hum Eſcrivão.
Dous homens que tocão rebecas.
Hum homem que toca rebecão.
Hum Medico.
Hum Cirurgião.
Hum Taverneiro.
Huma mulher moça com manto.
Huma mulher velha em corpo, ſem manto.
Hum Eſcudeiro.
A Condeſſa das Barbas
Dous rebuçados.
Dous homens para a audiencia.

PAR-

PARTE I.

Depois de se tocar a sinfonia canta o

CORO.

Todas as vozes juntas
Se oução resonar,
E ao nosso festejar
Ecco responda.
E a tão sonoro assento
Pasme a terra, e o vento;
Que he bem que a terra, e o ár
Já corresponda.

SCENA I.

Descobre-se huma Sala composta com bofetes, e cadeiras, e estará assentado D. Quixote, e junto a elle em pé a Ama, e Sobrinha, e hum Barbeiro fazendo-lhe a barba.

D. Quix. SEnhor Mestre Barbeiro, veja Vossa Mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas que tem toda a Hespanha; e póde gabar-se, que nem quantos Gigantes tem o Mundo se atreveráõ a olhar para ellas, nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba teza.

Barb. Ella assim o mostra, pois de táo teza que he, dobra o fio á navalha.

D. Quix.

D. Quix. Ora fô Meftre, vofsê bem fabe que he obrigação dos de feu officio, em quanto fazem a barba, dizerem as novidades que ha pela Cidade. Que fe falla dos Principes da Italia, e do Governo politico do Orbe? Que como eftive doente, e tantos tempos de cama por caufa das minhas Cavallarias andantes, não tenho fabido nada.

Barb. Senhor D. Quixote, novidades não faltão. Dizem que o Turco vem com huma poderofa Armada affolando os mares, e os Principes todos procurão fazer-lhe guerra offenfiva, e defenfiva, para o que já em Bifcaya fe prepara huma groffa Armada.

D. Quix. Para que fe cansão com tantas máquinas? Eu lhes dera hum bom arbitrio com que em menos de huma hora venção quantas Armadas, e armadilhas o Turco tiver.

Barb. Diga Voffa Mercê qual he.

D. Quix. Não quero, porque não faltarão mexeriqueiros que lho vão dizer, e ganhem as alviçaras do meu trabalho.

Barb. Diga Voffa Mercê, que lhe prometto á fé de Barbeiro, que aqui fique fepultado fete varas debaixo do chão como pedra de raio.

D. Quix. Debaixo deffa fé, que he mui boa, o direi. Mandem effes Principes bufcar alguns Cavalleiros andantes, que não faltão na noffa Hefpanha, que fó hum delles baftará para deftruir com fua efpada, e fua lança mil Armadas.

Ama. Trifte de mim, Senhora! Seu Tio eftá

ou-

outra vez doudo ; ainda crê que há no Mundo Cavalleiros andantes ?

Sobr. A mim me mettem se por aqui não anda Sancho Pança , que he o que lhe mete estas loucuras na cabeça. *á parte.*

Ama. Vamos ter com Sansão Carrasco , a ver se lhe póde tirar da cabeça estas asneiras , que he homem de manha. *á parte.*

Sobr. Vamos. *Vão se.*

Barb. Como he possivel , Senhor D. Quixote de la Mancha , que hum Cavalleiro andante possa destruir hum Navio , quanto mais huma Armada ?

D. Quix. Sô Mestre , trate do seu estojo , e das suas navalhas , e não se meta a querer investigar os reconditos arcanos dos Cavalleiros andantes. Se vossê lêra as antigas Historias de Palmeirim de Oliva , Roldão , Amadis de Gaula , e outros muitos , de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas , soubera então o que val hum Cavalleiro andante : bem sei de hum , que só com hum suspiro he capaz de affundar huma Armada , e cem galeões

Barb. Quem será esse tal ? Tomara-o conhecer.

D. Quix. Sou eu ; eu D. Quixote de la Mancha , por outro nome o Cavalleiro da triste figura. Eu torno a dizer : eu só com a minha espada , e a minha lança , e o meu broquel me atrevo a engolir o Grão Turco , como quem engole huma cereja de sacco.

Barb. Quando eu cuidava que Vossa Mercê es-

tava de todo são desta loucura, ainda o vejo tão enfermo della! Ora, Senhor, deixe essa teima: quem lhe meteo em cabeça, que havia no Mundo Cavalleiros andantes? E quando isso assim fora, Vossa Mercê por ventura tinha barbas para o ser?

D. Quix. Oh grandissimo magano, por vida de minha Senhora Dulcinéa del Toboso, que vos farei em pó, e em cinza. Assim perdeis o respeito a hum Cavalleiro ardente?

Atira D. Quixote com o Barbeiro no chão, e sahirá Sansão Carrasco.

Carr. Que he isto, Senhor D. Quixote? Que obrigou a sua grande modestia a sahir em tanta desesperação?

D. Quix. Senhor Sansão Carrasco, quem havia de ser senão este Barbeirinho, que nega haver Cavalleiros andantes no Mundo, e que seja eu hum delles?

Carr. Ah sô Mestre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janella.

Barb. Não sei donde ha de parar D. Quixote com tanta loucura! *Vai-se.*

Carr. Este miseravel está louco confirmado; querer despersuadillo he excitallo mais. Eu quero ir com o que elle disser, que elle tomará o desengano á sua custa. *á parte.*

D. Quix. Meu amigo, eu estou resoluto a sahir segunda vez ao feliz progresso de minhas andantes cavallarias, ainda que da passada vim muito moido, com tudo, desmaiar nos trabalhos não he para corações briosos: queira

Deos

Deos que estes Malandrines, ou encantadores me não persigão com seus encantos, que invejosos do meu valor querem escurecer com magicas apparentes as minhas claras, e rocinantes cavallarias.

Carr. Deixa-me beijar-te os pés, oh flor dos Cavalleiros andantes! Oh unico Alcides de nossas eras! Sahe, sahe, não só segunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas, a dar alma ao esquecido cadaver da Cavallaria andante para gloria do Mundo, e timbre de tua patria Mancha.

D. Quix. Dizei-me por vida vossa, que dizem de mim por essa terra?

Carr. Que hão de dizer? Que Vossa Mercê he hum louco, mas valente, e que ás vezes passa a ser temerario, emprendendo impossiveis: finalmente todos dizem, que a Senhora Dulcinéa del Toboso, minha Senhora, he cousa fingida, e fantastica, e que tal mulher não há no Mundo.

D. Quix. Dizem bem, que o Mundo não he capaz de sustentar aquelle globo esferico da formosura, e assim o ár he a patria daquella estrella de Venus.

Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama, e da Sobrinha, e sahem.

Ama, e *Sobr.* Não has de entrar, Sancho de Barrabás.

Sanch. Eu por ventura dei-lhe a vossès palavra de casamento, para me pôrem impedimento?

Sobr. Tu és o que lhe metes na cabeça essas cavallarias andantes.

Sanch. Máo agouro venha pelo diabo: essa he bonita! Com que eu sou accaso loucura para me meter na cabeça de meu Amo? Coitado de mim, que eu sou o que pago; pois á conta de suas Cavallarias andantes levo muitos couces.

D. Quix. Que he isso, Sancho Pança? Sempre haveis de vir grunhindo?

Sanch. Que ha de ser? A Senhora Ama, e a Senhora Sobrinha que Deos guarde, náo me queriáo deixar entrar a fallar com Vossa Mercê, Senhor meu Amo, dizendo, que eu era a causa de Vossa Mercê querer ir segunda vez pelo Mundo a buscar a ventura? Veja Vossa Mercê que maior testemunho, quando eu sou o que digo a Vossa Mercê, que se havemos de ir á manhá, que vamos hoje.

D. Quix. Náo faças caso de mulheres, que bem parece que ignoráo o genio dos Cavalleiros andantes.

Sanch. Quanto a isso tem ellas mais que razáo.

Carr. Amigo Sancho Pança, advirto-lhe, (o que era escusado) que faça muito por ser homem de bem; acompanhe a seu Amo, como bom escudeiro, que se assim o fizer, levará o Ceo brincando.

Sanch. Ah Senhor Sansáo Carrasco, brincando o náo levo eu, sabe Deos o que me custa, e me tem custado aturar as valentias de meu Amo, que sempre a elle lhe dáo na cabeça, e a mim no fio do lombo; mas diz lá o rifaõ: *Muito alenta huma esperança.*

Pois

Pois que tenho de ser Governador de huma Ilha, que diz meu Amo, que me ha de dar, não quero patuscadas, recolho-me a ella como a sagrado.

D. Quix. Sancho, pódes viver descansado, que assim appareça essa Ilha, como logo tu has de ser Governador della.

Sanch. Ainda o ella apparecer está em contingencias? Cuidei que já Vossa Mercê a tinha certa.

D. Quix. Deixa isso por minha conta, que ou ella queira, ou não queira, ella apparecerá, e tu verás como pago os teus serviços.

Sanch. Os meus serviços com quaesquer trinta reis se pagão; até ahi posso eu; se Vossa Mercê me não dá para mais, então irei buscar minha vida, e esses meus serviços só na boca de Vossa Mercê não he bem que fiquem; dê-me alguma clareza, ou obrigação por onde o possa obrigar quando me falte.

D. Quix. Toma esse papel, que já nelle tinha escrito o mesmo que te digo de boca.

Sanch. Ah Senhor, que he mui certo andarem juntos papeis com serviços, e oxalá que depois de eu os ter feito, não mos quebre alguma Preta, que por serem vidrados são quebradiços, ou algum daquelles encantadores que perseguem a Vossa Mercê; porque tambem as desgraças dos Amos se pegão como sarampo ao corpo dos escudeiros; pois vejo que tendo os meus serviços azas, nem por isso voão, ficando sempre na secretaria dos feitos com huma tampa em sima,

D. Quix.

D. Quix. Sancho Pança, mãos á obra, coração, espirito valeroso, que juro á fé de Cavalleiro andante, que desta segunda jornada ha de ver o Mundo quem he D. Quixote de la Mancha, que se até aqui foi Cavalleiro da triste figura, daqui em diante será o alegrão do Universo: anda, vai-te a preparar, que á manhã ao romper da Aurora havemos de partir por esse Mundo.

Sanch. Eu dera a Vossa Mercê hum conselho.

D. Quix. Qual he? Dize, que ás vezes hum louco acerta mais que hum entendido.

Sanch. Eu dera a Vossa Mercê de conselho, que não fossemos ao romper da Aurora; porque se a rompemos, ao outro dia não poderemos madrugar, porque a Aurora isso tem, que em se rompendo he peior que olanda podre, que se não aproveita huma tira para huma atadura de fontes.

D. Quix. Deixa disparates, e faze o que te digo.

Sanch. Pois adeos, que eu me vou a armar Cavalleiro, (quero dizer, burriqueiro; porque eu monto em burro, e não em cavallo) e a despedir-me de minha Thereza Pança, *y lo dicho, dicho.* *Vai-se.*

Carr. Pois eu te prometto Amo, e mochilla, que brevemente armarei huma, que ambos torneis desenganados de vossas Cavallarias andantes. *á parte.*

Sobr. Tio da minha alma, veja o desamparo em que me deixa; lembre-se da minha mocidade, e que se vai o esteio desta casa.

Ama.

Ama. Pois fui Ama fecca de Vossa Mercê muitos annos, lembre-se deste capello sem borla.

D. Quix. Não tem remedio : hei de ir, que não he justo que fique sem fim minha memoravel historia ; e juntamente vou a fazer muitas obras pias, pois quantas donzellas estarão em necessidade de que hum Cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra ? Quantos pupillos estarão sem justiça ? Quantos Cavalheiros honrados estarão encantados por falta de andantes Cavalleiros ? Em fim, não tenho mais que dizer, vou a castigar insolentes, e a endireitar tortos.

Cantão D. Quix. Carr. Ama, e Sobr. a seguinte

A R I A.

Sobr. Ai, meu Tio, não se ausente.
D. Quix Callai-vos impertinente.
Ama. Meu Senhor, isso he loucura.
Carr. Ide, ide D. Quixote.
Sobr. Mas que hei de fazer sem Tio!
Ama. Mas que hei de fazer sem Amo!
Carr. Deixai ir esse mamote.
D. Quc. Não haja mais choro, Ah tal!
Ama. Hum Amo, que tanto amo.
Sobr. Ai, Sobrinha sem ventura!
D. Qux. Ora aDeos, ó patria amada.
Carr. D. Quixote, avante, avante.
Sobr. Minha dor matar-me trata.
Ama. Minha pena me suffoca.
D. Qix. Isto he espada, não he róca.
Carr. Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

SCE-

SCENA II.

Apparece a casa de Sancho ridiculamente composta, e nella estarão Thereza Pança, e sua filha, e sahe Sancho.

Sanch. JEsus! Mulher dos meus olhos, estou tão contente, que venho saltando, e quero saltar.

Ther. Sancho Pança, achastes alguma mina? Que he isto, Marido?

Sanch. Mulher, mina de caroço, desta vez não ha de haver parente pobre: estou tão contente! Ai, Mulher, dai-me hum pucaro de agoa, que me desmaio de gosto.

Filha. Paisinho, ai! Diga-nos já, que estamos rebentando pelas ilhargas para o sabr.

Sanch. Que hei de ter, filha das minhas entranhas? Que hei de ter, mulher desta alma? Não vêdes que segunda vez determino ir por esse Mundo com meu Amo o Senhor D. Quixote de la Mancha? E vejão vossês se com esta fortuna poderei estar alegre.

Ther. Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus çujos braços? Ora deixavos ficar.

Filha. Valha-me Deos! Senhor, aind Vossa Mercê se mete com esse D. Quixote Pois ha de tirar bom pão assim como da outra vez.

Sanch. Callai-vos lá porquinha; eu se ou he para buscar cabedal para casar-te, e sem dúvida, que desta vez faço hum fortuão de

meus

meus peccados , pois diz meu Amo o Senhor D. Quixote , que logo em duas palhetadas me ha de dar huma Ilha para governar ; e vejão vossês , sendo eu Governador de huma Ilha , se trarei dinheiro como milho , e teremos pão como terra !

Ther. Ai , Marido , se isso he assim , já digo que vades logo rebolindo , e já lá havieis estar.

Filha. Diga-me , Senhor pai ; e que tal he a Ilha de que Vossa Mercê ha de ser Governador ?

Sanch. He a mais excellente do Mundo ; he mui grande , tem sete palmos de comprido , e dous de largo : tem muita arvore de espinhos ; o que me gabão mais he hum passeio que tem de ortigas , que dizem he huma maravilha : sobre tudo tem ao pé dos muros hum canteiro de boninas , que cheirão que tresandão ; tem muito lega-cachorro , e he tão sadia , que todos os annos tem hum ramo de peste: não , quanto a eu ir bem accommodado , nisso não se falla ; tomára-me eu já nessas limpezas , e então , se Deos quizer , casarei a minha Sanchica com hum fedalgo. Ouves tu , bem pódes apparelhar esse rabo , que se ha de assentar em coche , ou eu não hei de ser quem sou.

Filha. Visto isso , eu hei de ter Dom ?

Sanch. Dom , e redom , como hum alho. Essa seria bonita ! Deixaria de ter Dom a filha de hum Governador ! Parece-me que já estou ven-

vendo, e ouvindo as visinhas do nosso lugar, quando tu sahires á rua, dizerem todas pela boca pequena: lá vai, lá vai a filha do Governador Sancho Pança.

Ther. E eu, Marido, como hei de andar?

Sanch. Has de andar ás cóstas de hum mariola, por não pôres o teu pé no chão; mas isso não he do caso. Vamos ao alforge que hei de levar para tão longa jornada: primeiramente embrulha-me huma canada de vinho em hum guardanapo, dous queijos em huma borracha, huma pouca de alcomonia de sabão molle, hum par de alfarrobas, &c. Na outra perna do alforge quero que vá bem acondecionada a minha roupa, a saber, camisa, e meia, meia siloura, huma meia sem companheira, hum lenço pardo, outro de caneca riscado, dous pescoções de bofetão da India: isto entendo que sobeja para tão larga jornada, fóra o que levo no corpo.

Ther. Olhe vossê, se quizer levar duas gayolas de grillos, que estão mui bem criados, não será máo, para os comer nas estalagens.

Filha. Tambem poderá Vossa Mercê levar duas caixas de chicharos de conserva para almoçar, que são bons para a enxaqueca.

Sanch. Tudo he bom; quanto mais, melhor, principalmente os chicharos, pois ás vezes tenho humas enxaquecas na barriga, e humas caimbras no nariz, que me matão; bom fora tambem levar humas panellinhas de doce de cócaras; porém, mulher, como eu vou

pa-

para tão longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o Mundo, bom ſerá que faça meu Teſtamento, que ao menos, quando não tenha o fim que pertendo, não ſe perde o eſtar feito.

Ther. Parece-me muito bem: agora vejo que em tudo ſois prudente.

Sanch. Vós ainda não ſabeis que marido tendes.

Ther. Diſſo me queixo eu, e ainda mal que tanto o experimento, pois a miſeria com que me tratais, me faz ver as eſtrellas ao meio dia; e ſendo caſada comvoſco á quarenta e dous annos, ſeis mezes, tres ſemanas, doze horas, oito minutos, e vinte inſtantes, nunca em voſſo poder me vi com a barriga cheia.

Sanch. Quando eu for Governador, tomareis a voſſa barrigada. Hide chamar o Tabellião.

Ther. Aqui não há Tabellião, ſómente quem ſerve de Tabellião he o Almocreve Antonio Fagundes.

Sanch. Venha quem for, que o Teſtamento he pequeno, e qualquer Tabellião baſta.

Ther. Mas elle aqui vem, Deos o trouxe a bom tempo.

Sahe o Tabellião veſtido de Arrieiro.

Tabel. Guarde Deos a Voſſa Mercê, Senhor Sancho Pança: como eſtá Voſſa Mercê?

Sanch. Para ſervir a Voſſa Mercê.

Tabel. Para ſervir a Noſſo Senhor, que lhe dará bom pago: que quer Voſſa Mercê?

Sanch. Sente-ſe Voſſa Mercê muito a ſeu goſto na ponta deſſe eſpeto.

Tabel.

Tabel. Eu aqui me accommódo, eſtou bem; aos pés de Voſſa Mercê he o meu lugar.

Sanch. Saberá Voſſa Mercê, que eu quero fazer o meu Teſtamento por eſcrito, que me dizem, que o nuncuchupativo não he tão bom: ſabe Voſſa Mercê fazer Teſtamentos!

Tabel. Suppoſto que eu nunca fizeſſe Teſtamento, com tudo, já fiz hum eſcrito de caſamento a huma negra; e quem faz huma couſa, tambem faz outra.

Sanch. Iſſo baſta, e ſobeja. Ora ſente-ſe, ahi tem papel ſellado, que já me ſervio em varias neceſſidades: he bom papel; tudo o que ſe eſcreve de huma banda, ſe póde lêr da outra com muita facilidade. Ora ponha huma perna ſobre a outra, eſcreva á ſua vontade.

Tabel. De qualquer ſorte eſtou bem, para ſervir a Voſſa Mercê.

Sanch. Para ſervir a Deos. Olhe, meu amigo, não faça ceremonias, deſaperte-ſe, tire fóra os calções, ponha-ſe em fralda de camiſa, eſteja a ſeu goſto, e em quanto eſcreve, ſe quizer tanger bandurra, ahi a tenho muito boa, que me veio de Berberia.

Tabel. Vamos ao Teſtamento, que tenho que ir dar de beber ás minhas beſtas.

Sanch. Ora vá lá fazendo a cabeça do Teſtamento, que iſſo pertence aos Tabelliães.

Tabel. Eſtá feita.

Sanch. Vejamos. Homem, eſta cabeça não preſta; voſsê não lhe põe cabelleira? Ui, Senhor,

po-

ponha-lha em todo o caſo, que eſte Teſtamento ha de apparecer em público, e náo he bem que vá huma cabeça ſem compoſtura.

Tabel. Ahi lhe ponho a cabelleira: que mais?

Sanch. Eſpere, eſpere, já lhe pöz a cabelleira?

Tabel. Já, ſim Senhor.

Sanch. Valha-me Deos: náo ſei ſe lhe puzeramos antes huma carapuça preta, que he côr de quem morre. Veja ſe lhe póde tirar a cabelleira por vida ſua.

Tabel. Eu a bórro, e lhe ponho a carapuça.

Sanch. Homem, voſsê náo póde tirar huma cabelleira a huma peſſoa da cabeça, ſem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farei iſſo: digo primeiramente...

Tabel. Mente.

Sanch. Mente elle, grandeſſimo magano; a mim me deſmente na minha cara?

Tabel. Eſte mente he cá do Teſtamento, que náo offende a ninguem.

Sanch. Iſſo he outra couſa. Declaro por deſcargo de minha conſciencia, que me chamo Sancho Pança, natural do bom genio; declaro mais, que fui caſado deſanove vezes, todas contra minha vontade: Item, que deſta ultima mulher tenho....

Ther. Criada de Voſſa Mercê.

Tabel. Callai-vos lá tolla, náo embaraceis o pavio da hiſtoria. Tenho tres filhos, cujos nomes me náo lembráo por ora: Item, que ſou ſenhor, e poſſuidor de muitos bens movitos, e de raiz, e outros ſem raiz; os movi-

vitos vem a ſer, duas baſſouras do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e huma rótula já furada. Item, trinta e tres cadeiras, que já derão com o couro á ſóla. Item, mais hum botete de páo, que veio de bordo, tres paineis já em muito bom uſo, a ſaber, hum do Mundo ás aveſſas, outro de hum Navio, que pintou o meu pequeno, e outro que já ſe não ſabe que pintura tem; porém ſupponho que ſeria boa. Item, hum eſpelho de deſpir ſem aço, hum Mafamede da India com ſeu tapete de Arrayolos, cuberto por ſima. Item, huma excellente manta de retalhos, que me veio do Japão, e outra que me ha de vir do Jaquejo. Item, huma formoſa têa de aranhas, duas colheres de tartaruga baſtarda, hum biſpote, e o mais trem da coſinha. Ora vamos agora aos bens de raiz. Declaro, que tenho humas caſas na minha veſtia. Item, hum parreiral de uvas de cão no meu telhado. Item, dous vaſos, hum de enſaião, e outro que teve arruda, que ainda ſe conhece pelo cheiro. Item, mais huma arvore de geração. Paſſemos agora ao meu gado. Em primeiro lugar tenho hum burro, que lhe chamão o ruço por alcunha; tenho mais duas cadellas paridas. Declaro, que me não devem nada, e que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo á minha mulher tudo quanto puder furtar no inventario. Deixo á minha filha Sanchica o meu bom coração, e aos meus dous filhos lhes não deixo nada, porque ſe o quizerem,

que

que o furtem como eu fiz. Inſtituo por meu univerſal herdeiro forçado a hum Mouro da galé, a quem peço, que faça pela minha alma o meſmo que eu fizera pela ſua. Tal parte, em lugar do cú de Judas, tantos do mez paſſado, &c.

Tabel. Ora aſſine-ſe Voſſa Mercê aqui atrás.

Sanch. Atrás ſó me aſſinarei, ſe for penna a ſua lingua: dou por aſſinado, que eu em tal não aſſino.

Tabel. He preciſo, que ſem iſſo não val nada o Teſtamento.

Sanch. E que tem ninguem que elle valha, ou não valha? Olhem que eſtá galante! De quem he o Teſtamento? Não he meu? Pois poſſo fazer delle o que quizer. Mulher, guardai bem eſte papel, vêde que não o percais, que póde ſervir para méchas. Ora a Deos, mulher, dai-me hum abraço.

Ther. Ai, marido, lembrai-vos da voſſa caſa; não andeis de noite, não me deis mais penas.

Sanch. O' filha, não tenho que encommendar-te á tua honra, que he o melhor camafeo que tens. Se alguem, quando eſtiveres na janella, te fizer hum bicho, correſponde-lhe com outro, que a cortezia nunca ſe perde. Ouves, nunca dês o ſim a tudo o que te pedirem; porque deſta ſorte ſerás bem reputada.

Ther. Pois já que te auſentas, ó meu amado Sancho, deſpeçamo-nos cantando.

Sanch. Ora vá, que eu começo.

Can-

Cantão Sancho, e a mulher a seguinte

ARIA A DUO.

Sanch. A Deos, Thereza amada.
Ther. Não posso dar hum passo.
Sanch. A Deos, que não he nada.
Ther. Oh triste desgraçada!
Sanch. Dá cá, dá cá hum abraço.
Ther. Ai, que eu quero desmaiar!
Ther. Mas ai de mim, que vejo
Sanch. Amado Caranguejo.
Ther. Teu vil rigor não chora?
Sanch. Chora tu, bella Aurora,
Que eu nunca em despedidas quiz chorar.

SCENA III.

Mutação de bosque. Apparece D. Quixote a cavallo com lança, e Sancho em hum burro.

D. Quix. AInda não creio, amigo Sancho Pança, que me vejo montado em rocinante, para proseguir minhas aventuras.

Sanch. Digo-lhe a Vossa Mercê, Senhor meu Amo, que tenho o rabo nesta albarda, e me parece que o tenho na palha da estrebaria. Oxalá que tenhamos melhor ventura que da vez passada!

D. Quix. Para que tenhamos bom successo nesta empreza, e por cumprir com as leis da Cavallaria andante, e com os dictames do meu amor, quero, Sancho, que vás ao Castello, em que vive aquella sem igual Dulcinea del

To-

Toboſo, minha muito Senhora, e que lhe digas da minha parte, que já me acho em campo razo, para batalhar com quantos gigantes tem o Mundo por ſeu reſpeito, e que tudo ſervirá de deſpojo para collocar no Templo de ſua formoſura.

Sanch. Senhor, que Dulcinéa he eſta? Aonde mora? Que tal mulher entendo não há no Mundo. Logo como quer Voſſa Mercê que eu a buſque, ſe ella não he couſa viva?

D. Quix. Vai, não repliques, ſenão com eſta lança te abrirei eſſa barriga; vai, que eu te eſpero aqui debaixo deſte tronco.

Sanch. Ora o caſo eſtá galante, por vida minha! Donde hei de achar a tal Dulcinéa dos demonios? A' força quer D. Quixote, que haja tal mulher no Mundo. Mas de quem me queixo, ſe eu tenho a culpa de me meter com hum louco de pedras? Porém lá vem huma Saloya; bom remedio, vou-lhe dizer que eſta he Dulcinéa, pois a elle tudo ſe lhe mete na cabeça. Ah Senhor meu Amo? Venha cá depreſſa: eis-aqui a Senhora Dulcinéa, que vem ver a Voſſa Mercê.

D. Quix. Sancho, como póde ſer eſta Dulcinéa, quando ella he huma Senhora tão galharda? Como póde vir em hum burro, quando a carroça de Apollo ainda he pequena carruagem para ſua ſoberanía? Não vês huma Saloya feia, e trapalhona?

Sanch. Senhor, Voſſa Mercê não ſe lembra, que os encantadores mudão as fórmas das peſ-

 ſoas,

ſoas, ſó para que Voſſa Mercê não logre a fortuna de ver a Senhora Dulcinéa?

D. Quix. Dizes bem, Sancho amigo; oh mal hajais malditos encantadores, pois mudais a fórma de Dulcinéa filis, e galharda, em huma Saloya choquenta!

Saloya. Senhores, Voſſas Mercês que me querem? Largue-me o freio da burra, deixemme ir vender as minhas cebollas.

D. Quix. Eſpera, ó luz de meus olhos, recebe, antes que te auſentes, eſte fino amante no regaço de teus agrados, pois ſó a ti te dedico os ſuores frios de meus trabalhos; aqui me tens, ó bella Ninfa, poſto a teus pés idolatra da tua belleza.

Sanch. Oh Princeza da formoſura! Oh Duqueza do melindre! Oh Archiduqueza dos dengues! Não deſprezes hum andante Cavalleiro, que a carqueja do ſeu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos aſſopros da ſua mágoa. Ponha Voſſa Mercê os olhos naquelle peito, e o verá cheio de cabellos, mais claros c'á agoa, e outros mais ruivos c'á canella.

Saloya. Eſtes homens eſtão doudos, vão-ſe c'os diabos; voſsês vem zombar de mim? Arre lá, xó. *Vai ſe.*

D. Quix. O' animada exhalação, não te desfaças em ſcintilantes repudios; tanto eſtes encantadores me perſeguem, que até fazem com que caias; porém, ó vil canalha, lá virá tempo em que eu me vingue de vós.

Sanch. Digo que Voſſa Mercê tem muito bom

goſ-

gosto em amar a Senhora Dulcinéa. Não vî cousa mais peregrina! Deixou-me atoclo, vendo aquelle brio!

D. Quix. Oh afortunado Sancho, que foste tão feliz, que chegaste a ver sem encantos, e transformações aquella deidade humana! Di-Dize-me, he formosa?

Sanch. De formosa passa ella. Se Vossa Mercê víra aquelles olhos, que parecião olhos de couve murciana! O nariz, isso era cahir hum homem de cú sobre elle; tinha humas mãos de rabo; o corpo parecia corpo de delicto, pelo que, matava a todos, os cabellos não vi eu, só o que eu vi forão dous piolhos de rabo, que lhe sahião pelos buracos da coifa: o que mais me regalava era ver humas rosquinhas doces, que fazia junto ao pescoço: em fim, Senhor, os pés erão dous pés de cantiga. Eu confesso, que se não fora casado, que a tal Senhora Dulcinéa não me escapava.

D. Quix. O' Sancho, espera, não vês que lá vem hum Castello movediço com muita gente dentro? Grande dia se nos espera! Deos seja comnosco.

Sahirá hum carro tirado de huma mulla, sobre a qual virá hum Diabo; dentro do carro virá a Morte, Cupido, hum Anjo, hum Emperador, e outra figura muito bem vestida.

Sanch. Ai, miseravel Sancho, aonde estás metido! Melhor me fora estar na minha Aldêa,

 que

que não vir agora ver eſtes gigantes engolias.

D. Quix. De que temes, cobarde? Olha, não vês eſtes gigantes vivos? Pois logo os verás mortos: O' vós, quem quer que ſejais, dizei-me quem ſois, e aonde ides?

Diabo. Senhor, nós ſomos huns pobres repreſentantes de Comedias, que himos já veſtidos para fazer hum Auto Sacramental aqui a huma quinta: eu faço papel de Diabo, eſte de Anjo, eſte de Morte, eſte de Emperador, e os mais fazem varios papeis.

D. Quix. Ora ſempre as couſas ſe devem primeiro eſpecular antes que ſe fação; ſe não vos declarais, hoje aqui todos ficarieis mortos, cuidando que ereis gigantes, ou encantadores.

Sanch. Boas novas te dê Deos, que eu já eſtava ſem pinga de ſangue no corpo.

Sahe hum Cruz-diabo com caſcaveis, e eſpanta-ſe o cavallo de D. Quixote, e cahe eſte no chão, e o Cruz-diabo monta no burro de Sancho.

Sanch. Jeſus, Nome de Jeſus! Lá vai meu Amo ao chão! Ah Senhor, não caia, eſpere, que eu já lhe vou acodir.

D. Quix. Ai de mim! Acode-me Sancho, que quebrei o eſpinhaço.

Sanch. Ai, Senhor, que o Cruzdiabo lá me leva o meu ruço! O' ruço dos meus olhos, ó prenda de minhas nadegas, ó centro de minhas bebas, que ſerá de mim ſem os teus ſonoros zurros! Senhor, para aqui são as

la-

lagrimas: ah Senhor, que o Diabo levou o meu burro.

D. Quix. Que Diabo?

Sanch. O Diabo das bexigas, Jesus Sagrado! Ah sô Diabo, largue o meu burro por vida de Ferrabrás.

D. Quix. Por vida de Dulcinéa, que os do carro me hão de pagar: esperai, turba alegre, e folgazona, que eu vos ensinarei o como se tratão os burros dos escudeiros dos Cavalleiros andantes.

Sahe o Burro.

Sanch. Senhor, não pelejemos, que o burro já ahi está, escusemos tantas mortes.

D. Quix. Bem está: a prudencia ás vezes he melhor que o valor; ide-vos em paz.

Sanch. Ouvis lá? Bom padrinho tivestes no meu burro, que se não apparece, tudo vai á espada.

SCENA IV.

Mutação de selva, e a hum lado estará hum Cavalleiro reclinado, e hum Moço, e sahirá D. Quixote, e Sancho Pança.

D. Quix. SAncho, ata este cavallo a esse tronco, que já o Sol se escondeo no Vestuario de Thetis, depois de fazer primeiro Galan dos Astros na Comedia do dia.

Sanch. Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vasia, e não estou para ouvir conceitos; olhe Vossa Mercê, Senhor, alli estão dous homens

homens reclinados ſobre a relva; e dous cavallos atados naquelle ſalgueiro, que fazem quatro.

D. Quix. Algum Cavalleiro andante deve ſer, que anda buſcando aventuras.

Canta o Cavalleiro o ſeguinte

M i n u e t e.

Sem ter melhora
Meu peito ardente,
A chamma ſente
Do Deos Rapaz.
Que amor parece,
Ninguem duvída;
Porque a ferida
Bem clara eſtá.
Suſpende a flécha,
Deos fementido,
Ouve o gemido,
Que o pranto faz.

Sanch. Elle canta com bom eſtilo; e á moda.

D. Quix. Segundo a letra, e o affecto, moſtra eſtar namorado. Valha-te Deos, amor, que até nos peitos de bronze introduzes corações de cêra! Senhor Cavalleiro, como a ſociedade nos homens he ſignificativo do racional, por iſſo não eſtranhe Voſſa Mercê o meu atrevimento em interromper as ſonoras clauſulas do ſeu ſentimento; porém como as penas communicadas são menos ſenſiveis, diga-me Voſſa Mercê o que ſente, que ſe o allívio de ſuas mágoas conſiſtir na ponta deſta lança, e fio deſta eſpada, tenha por certo, que o hei de fazer. *Carr.*

Carr. Honrado Cavalleiro, bem parece que tendes generoſo animo, e aſſim vos agradeço eſſa offerta; mas ſabereis, que a mim por ora me não offendem inimigos, ſenão huma inimiga, cujo rigor me tem morto, e me faz andar renovando a Cavallaria andante, ſó por ver ſe poſſo applacar o ſeu deſdém, offerecendo-lhe a cabeça de hum gigante.

D. Quix. Com que, Voſſa Mercê he Cavalleiro andante? Ora ajunte-ſe comigo, e fallemos na materia, que como Profeſſor della eſtimo muito eſtas práticas.

Criad. Em quanto noſſos Amos lá praticão ſobre os ſeus amores, e valentias, vamos dando á taramela, e fazendo pela vida.

Sanch. Meu amigo, agora fico mais conſolado nos meus infortunios; pois mal de muitos conſolo he: atéqui cuidava que ſó eu era deſgraçado em ſer eſcudeiro de Cavallaria andante, mas já vejo que Voſſa Mercê naſceo debaixo da minha eſtrella.

Criad. Como ſe chama eſte ſeu Amò?

Sanch. D. Quixote de la Mancha, para ſervir a Voſſa Mercê, que nunca tal homem naſcèra no Mundo; pois por elle tenho padecido o que Deos ſabe: baſta deixar a minha caſa com tudo quanto tinha nella.

Criad. Tendes filhos?

Sanch. Boa eſtá eſſa! Com que, deſtes annos ainda não havia de ter filhos? Tenho huma rapariga, meu amigo, que dá com a cabeça no tecto da caſa, e he mui valente, e deſem-

ſembaraçada. Quando come não uſa de ceremonias, deſpeja huma caſa com a maior limpeza do Mundo; e ſobre tudo tem o máo cheiro da boca, que he mal de que fogem todos. Quero-lhe, como aos meus olhos, que fóra da ſua viſta os vejo cheios de lagrimas.

Criad. E os meus eſtão mui cheios de ſomno: durmamos?

Sanch. Durmamos.

Carr. Como lhe vou contando a Voſſa Mercê, a Senhora a quem amo he huma Calcidéa de Vandalia, nome ſuppoſto com que a appellido nas minhas Obras poeticas: eſta em fim me diſſe, que ſe a quiſeſſe receber por eſpoſa, foſſe pelo Mundo, e fizeſſe confeſſar, que ella era a mais bella, e formoſa Dama que havia no Orbe; tenho feito confeſſallo a muitos, e ultimamente ao grande D. Quixote de la Mancha, o qual diſſe, que minha Senhora Calcidéa de Vandalia era mais formoſa que a ſua Dulcinéa del Toboſo; com que, vencendo eu a D. Quixote, que venceo a todos os Cavalleiros do Mundo, venho a vencer a todos, vencendo a quem a elles os venceo.

D. Quix. Sem dúvida, Senhor Cavalleiro, entendo que eſtais enganado, por ſer impoſſivel que vençais a hum D. Quixote; e baſta que eu vos diga, que nenhum Cavalleiro do Mundo o póde vencer; e por vos não deſmentir, digo que algum encantador inimigo de ſua gloria tomaria a ſua fórma, para que

fi-

ficando vencido, não se coroasse a fama de seu valor com eterno diadema; e tanto assim, que não há dous dias que estes mesmos encantadores transformárão a Senhora Dulcinéa del Toboso, sendo a mais gentil deidade, que calçou Cothurno em huma Saloya çuja, hedionda, e terrivel, com que, Senhor, entendei que não vencestes a D. Quixote verdadeiro.

Carr. Tão verdadeiro, e tão o mesmo, que mais não podia ser.

D. Quix. Digo que tal não há; pois D. Quixote he este que vêdes presente; vêde como o podíeis vencer. *Levanta-se.*

Carr. Pois verdadeiro, ou fingido, sempre o venci, tenho dito.

D. Quix. Pois Cavalleiro, bom remedio; em campo razo, e em singular desafio veremos qual he mais valente.

Carr. E o que ficar vencido ficará ao arbitrio do vencedor.

D. Quix. Não duvido. Sancho, Sancho, acorda, que já a Aurora rasgando o manto da noite, veste o Pólo de rubicundos adornos: Sancho, acorda.

Sanch. Senhor, Senhor, eu vos arrenego canalha: não deixareis dormir a hum pobre escudeiro andante?

D. Quix. Sancho amigo, acorda, que já o Sol te dá de rosto com as suas luzes.

Sanch. E que tenho eu com isso? Senhor, Vossa Mercê cuida que eu tambem sou doudo

co-

como Vossa Mercê, para não dormir? Apenas tinha pegado no somno com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

D. Quix. Vai sellar o rocinante, que temos que brigar esta manhã com aquelle Cavalleiro do bosque: anda Sancho, vai depressa.

Sanch. Estou dormindo, que he o mesmo que estar ninando. Ora salve Deos a Vossa Mercê: ah Senhor, eu devo de ter muita cólera na barriga.

D. Quix. Porque, Sancho?

Sanch. Porque me sabe a boca a ferro velho.

D. Quix. He porque logo havemos de brigar com este Cavalleiro do bosque, que o desafiei; elle deve de ser pessoa particular, porque traz mascarilha.

Sanch. Ora Senhor, cuide Vossa Mercê n'outra cousa, brigar logo de manhã he asneira.

D. Quix. Faze o que te digo, e não me repliques.

Traz Sancho Cavallo.

D. Quix. Cavalleiro, quem quer que sois, já estamos em campo razo; vereis se sou eu o mesmo D. Quixote a quem vencestes.

Carr. Quem vos venceo transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

Sanch. Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a subir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

D. Quix. Avançai, bom Cavalleiro.

In-

Investem os Cavalleiros, e cahe Carrasco.

D. Quix. Sancho, acode, que vencemos.

Sanch. Agora sim. Corte-lhe Vossa Mercê logo a cabeça, pelo que *potest sucedere.*

D. Quix. Tira-lhe a mascara:

Sanch. Ah Senhor, que elle bolle; suba-me outra vez ao zambujeiro.

Carr. Ai de mim! Venceste, D. Quixote: negar não posso, que sois o mais valente Cavalleiro do Universo.

D. Quix. Haveis de confessar, que minha Senhora Dulcinéa del Toboso he mais formosa que a vossa Calcidéa de Vandalia, tirando para isso a mascara. Mas que vejo! Não sois vós Sansão Carrasco?

Tira-se-lhe a mascara.

Sanch. He boa historia! Veja Vossa Mercê se não falla, como o leva o diabo de meio a meio.

Carr. Eu sou vosso amigo Sansão Carrasco, que quiz vir disfarçado a ver se vos vencia, para que assim tornasseis para casa sem essa loucura; mas já vejo que sois verdadeiro Cavalleiro andante, e negallo não posso.

D. Quix. Ide em paz, e dizei a esse Barbeiro incredulo, que vos cheguei a vencer, para que fique desenganado, que sou Cavalleiro andante.

Sanch. Ide em paz, e dizei a esse Barbeirinho, que quem vence a hum Carrasco he o mesmo que vencer a Morte.

SCE-

SCENA V.

Mutação de ſelva, e ſahirá hum homem com hum carro, e dentro hum Leão em huma capoeira.

Hom. GRande trabalho me tem dado a conducção deſte Leão pela fragoſidade dos caminhos; e queira Deos que ſeja bem pago do meu trabalho.

Sahem D. Quixote, e Sancho.

D. Quix. Sancho Pança, não vês aquelle vulto? Pois não he menos que huma rara aventura que nos eſpera.

Sanch. Senhor, não ande cuidando niſſo, porque tudo quanto vir lhe ha de parecer aventura; pois *da imaginação naſcem as cauſas.*

D. Quix. O' Sancho, tu ſabes Filoſofia? Quem te enſinou iſſo?

Sanch. Eu meſmo: Voſſa Mercê cuida que eu ſou algum leigarrão? Sabe Voſſa Mercê que mais? que dentro daquella gayola vem hum formoſo Leão.

D. Quix. Hum Leão! Oh homem do Leão? Da parte de Deos te requeiro que ſoltes eſſe Leão que quero brigar com elle, para o que já o eſpero á boca da capoeira.

Apea ſe D. Quixote.

Sanch. A Deos, pobre Sancho Pança! Bem aviados eſtamos: quer agora tambem brigar com Leões! *á parte.*

Hom. Senhor paſſageiro, requeiro a Voſſa Mer-

cê

cê que eſte Leão he Africano, feroz, e terrivel, e que vai de preſente a hum Fidalgo que o manda o Grão Turco.

D. Quix. Que tenho eu com o Grão Turco, nem com o Fidalgo? De duas huma, ou tu has de ſoltar o Leão, ou te hei de matar; porque me diz o coração, que nelle vem transformado algum gigante.

Sanch. O' homem, tem mão, não ſoltes eſſe Leão que he mui Faraó.

Hom. Pois Voſſa Mercê quer que o ſolte? Veja lá o que diz, ao depois não ſe queixe.

D. Quix. Solta-o, não ouves?

Sanch. Tem mão, homem, não o ſoltes: ah Senhor Leão não me faça mal, lembre-ſe que já comemos, e bebemos ambos muitas vezes. Voſſa Mercê não he o Leão do Carmo? Deſgraçado Sancho Pança! Quanto melhor me fora eſtar antes enterrado em hum carneiro, que na barriga de hum Leão! Ah ſô Leão, Voſſa Mercê vem enganado, eu não fui o que o deſafiei; alli eſtá meu Amo que o chama, vá para lá, e já que eu hei de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cyſne das Alagoas, e talvez que eſte Leão ſeja amigo de Arias.

Canta Sancho a ſeguinte

A R I A.

Ai, que eſtou tremendo!
Ai, que já me agarra!
Oh como eſtende a garra!
Ai, ai! Tomara-me eſconder.

Vai-

Vai-te, monſtro horrèndo,
Tem dó do pobre Sancho,
Recolhe o duro gancho,
Que já me faz Tremer.

Accommette o Leão a D. Quixote, e eſte o mata.

D. Quix. Bruto Rei das montanhas, porque foges de hum Cavalleiro andante? Vem a accommetter-me, e verás o meu valor.

Sanch. O' cão Leão, a elle, eſpere, que eu vou: victor D. Quixote.

D. Quix. Daqui em diante não quero que me chamem o Cavalleiro da triſte figura, ſenão o Cavalleiro dos Leões, em memoria deſte caſo.

Hom. Não vi mais valente homem no Mundo! Vou paſmado.

SCENA VI.

Mutação de boſque, e no meio haverá hum monte, e hum homem, e pelo monte deſcerá D. Quixote, e Sancho Pança.

Sanch. MUi fragoſa, e eſcorregadia he eſta terra! Muito tropeça o meu burro!

D. Quix. O' villão, dizei-me, que fazeis ahi, e que monte he eſte?

Villão. Eſte monte, Senhor, he aonde eſtá aquella célebre cova encantada, que chamão a cova de Monteſinos.

D. Quix. Oh quem tivera hum theſouro que dera em alviçaras! Vês aqui, Sancho, quando dizem, vem as fortunas ſem ſer eſperadas

das; ha quantos annos que eu andava buscando cova donde está encantado aquelle célebre Cavalleiro andante chamado Montesinos? Pois a occasião se nos meteo nas mãos, não tenho mais remedio que descer por ella a desencantar este bom Cavalleiro.

Sanch. Tire Vossa Mercê dahi o sentido; só esta me faltava para soffrer! Que tenho eu com Montesinos, nem elle comigo? Vá Vossa Mercê c'os diabos se quizer, que eu não quero enterrar-me em vida. Ainda me lembra o Leão. *á parte.*

D. Quix. Anda, Sancho, que se agora não achamos a Ilha para seres Governador, nunca a acharemos; vem que serás bem premiado, pois aqui nesta cova há muito ouro, e isto são minas encantadas.

Sanch. Huma vez que são minas eu vou, que mais val huma hora rico, que toda a vida pobre.

D. Quix. Amigo, ficai guardando estes animaes, e vêde se tendes ahi algumas cordas com que nos ateis pelas cinturas para que não caiamos, e demos lá no profundo.

Villão. Aqui estão, pois eu sou o guarda desta cova, e já estou aparelhado para este ministerio.

D. Quix. Pois ata-nos bem; quando disser, larga mais a corda, vai largando.

Sanch. Tanto que tiveres deitado quatro palmos puxa logo para fóra.

D. Quix. Sancho, faze hum Acto de Contrição, e fecha os olhos. *Sanch.*

Sanch. Ora graças a Deos que vou a enterrar em vida; bem fiz eu em fazer o meu Teſtamento. Ai, Senhor, que ahi vem huma legião de gigantes! Miſericordia meu Deos! Xó diabo. A que d'ElRei, que eſtou com as gralhas na alma.

D. Quix. De que te aſſuſtas? São huns paſſarinhos que vem a applaudir a noſſa entrada.

Sanch. São paſſarinhos! Oh quem me dera ter aqui a minha eſpingarda.

D. Quix. Amada Dulcinéa, a ti me encommendo neſte perigoſo trance, ajudai-me a levar com paciencia eſtes rigores. Sancho, ou morrer, ou viver.

Sanch. Eſſa razão me encova.

SCENA VII.

Mutação de colunata, que depois ſe mudará em jardim de figuras triſtes, e ſahirá Monteſinos com barbas grandes, ſotana, e gorra; e virão deſcendo D. Quixote, e Sancho.

Sanch. AH Senhor, he hum regalo voar hum homem como ſe fora pardal!

D. Quix. Graças a Deos que chegámos! Vês Sancho, que admiravel palacio? Vês eſtas columnas Doricas, e Corinthias? Olha eſtes jaſpes: Que te parece?

Sanch. Parece-me que tudo iſto he pintado em taboa de pinho, mas ainda aſſim eu quizera antes andar voando que me regala.

Há

Há dentro terremoto, e escurece tudo; ouvindo-se muitos ais, lamentos, raios, e trovões.

Sanch. E que diz Vossa Merce agora destas columnas, e destes jaspes Corinthios? Senhor, nós estamos no Inferno a bom livrar, os cabellos se me arrepião. Ai, Senhor, não sei que suor frio me vai dando? Eu me mijo por mim.

D. Quix. Agora verás, ó nobre escudeiro Sancho Pança, as prerogativas de hum Cavalleiro andante: dize-me, ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda, ou grifa dizer que algum Cavalleiro o mais intrepido fizesse acção tão sobrenaturalmente heroica, como a que com os teus olhos estás vendo? Viste como valeroso Campião me arrojei a esta cova?

Sanch. Isso mesmo faz qualquer defunto.

D. Quix. Viste como depois de encovado penetrei as duras entranhas dessa penha, abrindo caminho com a espada na mão, derrubando montes, ou para melhor dizer, gigantes amontoados, até que chegámos a este abysmo?

Sanch. Meu Amo he hum abysmo. *á parte.* Mas diga-me, Senhor, aonde estamos nós?

D. Quix. Estamos no Inferno.

Sanch. Em Purgatorio está quem lida com vossa Merce; he boa graça? Com que parecelhe a Vossa Merce, que isto he Inferno? Ora o certo he, que está pouco visto em materias de Inferno.

D. Quix. De que te espantas, animal?

Sanch. Porque sou animal, por isso me espanto. Ora venha cá: quem se não ha de espantar de ouvir dizer a Vossa Merce, que está no Inferno assim á chucha callada, e eu tambem, sem me doer pé, nem mão, graças a Deos?

D. Quix. Sancho, eu não tenho culpa, que sejas hum simples escudeiro, sem noticias, nem literatura; se tu lêras a Virgilio no sexto livro das Eneydas, lá verias, que tambem Eneas foi ao Inferno, e lá vio a seu pai Anchises, e a Rainha Dido.

Sanch. Essa Rainha Dedo era macho, ou femea?

D. Quix. Não se sabe de certo; o que se diz he, que era mulher varonil.

Sanch. Visto isso era macha-femea: com que Senhor, huma vez que Eneas foi ao Inferno, vá Vossa Mercê tambem; mas não consta, que Eneas tivesse escudeiro, como Vossa Merce tem.

D. Quix. Ora Sancho amigo, tem valor, que agora quero tratar do desencanto do Senhor Montesinos, que para esse fim fui aqui trazido.

Canta D. Quixote a seguinte

A R I A.

O' Magia barbara
De furia indomita,
Humilha timida
O fero encanto
Do teu furor.

Que o braço rigido
Com furia rilpida
Vence colerico
A ira ingente
De teu rigor.

Tor-

Torna a haver terremoto.

Sanch. Ai Senhor! Que diabo de Ilha, ou de cova he esta? Eu nella náo quero enterrar-me: vamos Senhor.

D. Quix. Sombras vás, encantadores malevolos, a pezar de vossos encantos hei de ver a Montesinos. O' Montesinos? Montesinos?

Sahe Montesinos.

Mont. Sejas mil vezes bem vindo, ó sempre valeroso D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e escuma dos Cavalleiros andantes; só tu tiveste valor, para me desencantares, resuscitando a antiga andante Cavallaria: chega a meus braços.

D. Quix. Valoroso Montesinos, náo tens que me agradecer esta acçáo; pois o que faço por ti, faria por outro qualquer, que assim mo insinúáo as leis da Cavallaria.

Mont. Chega a meus braços, tu célebre escudeiro Sancho Pança; pois tambem participas hum esgalho deste laurel.

Sanch. Sou criado de Vossa Mercê: eu já estou desmamado, graças a Deos; eu náo quero, que Vossa Mercê me desmame; assim sou eu asno, que me chegue áquellas barbas! Peça de baeta animada, e escova vivente me parece o tal Montesinos. *á parte.*

Mont. Já que aqui viestes, illustre D. Quixote, a desencantar me, peço-vos, que desencanteis tambem a Senhora Belerma, que foi Dama do valente Cavalleiro Durorante, que por causa delle vive aqui encantada.

D. Quix. Por mulher, e por ser Dama de hum táo valente Cavalleiro, me toca desencantalla; aonde está?

Mont. Agora o vereis.

Mudão-se os bastidores, e apparece hum jardim com figuras de pedra, e sahirá Belerma.

Belerm. Prostrada a vossos pés, valeroso D. Quixote, vos rendo as graças de táo generoso capricho: escutai com melhor accento o meu agradecimento.

Canta Belerma o seguinte

MINUETE.

Belerma misera
Suspira, e sente
A morte dura
De seu valente,
Galhardo amor.

Agora em canticos
Louvar procura
O braço ingente
De hum glorioso,
Feliz, ditoso, libertador.

D. Quix. Formosa Belerma, enxugai esses aljofares; não tomeis o officio da Aurora, sendo vós hum Sol.

Sanch. Ah Senhora Belermina, de-me Vossa Mercê esses aljofares, para levar á minha Thereza Pança; náo os deite fóra.

Torna a cantar Belerma.

MINUETE.

Quixote inclyto,
Em cujo peito
Cupido, e Marte
Fazem perfeito
Laço de amor.

Porque se exalte
Já com effeito,
Em males tantos,
Enxugue o pranto,
Que amor causou.

Teu braço bellico,

D. Quix. Que te parece, Sancho, o que se encerrava nesta cova?

Sanch.

Sanch. Senhor, *palavras, y plumas el viento las lleva.* Vamo-nos, que não sei o que me adevinha o coração.

Na ultima clausula muda-se a apparencia, e ha terremoto, e levão pelos ares a D. Quixote, e Sancho.

D. Quix. Belerma, Montesinos, vêde que os encantadores me levão, para vos não desencantar; bem vistes a minha vontade.

Sanch. Ai que rica cousa! Agora sim, voemos Senhor até cahir de huma bala.

Apparece o monte em sima.

D. Quix. Oh mal hajas, infame homem, que nos tiraste da maior suavidade, e consonancia, que se póde imaginar! Por tua culpa não desencantei a Montesinos, e Belerma.

Sanch. Por tua culpa, bebado, não desencantei as minas, e a Ilha encantada: ai que estou mui cansado de voar! Diga-me, Senhor, aonde está a mina, que achamos? Tudo forão voos, por isso agora tudo são penas! Diga-me Vossa Merce, que me meta eu n'outra cova! Para aqui.

D. Quix. Sancho, bem viste, que da minha parte fiz o que devia, pois destemido, e valoroso, cheguei a penetrar as entranhas desse abysmo; com que, se nesta occasião não consegui, o que desejava, em outra o conseguiaei, e tu alcançarás essa tão desejada, e alta Ilha.

Sanch. Antes creio, que nunca a alcançarei.

D. Quix. Porque?

Sanch.

Sanch. Porque como ſou curto dos nós, não poderei alcançalla pela altura dos gráos.

D. Quix. Ora anda comigo, não te agaſtes, que ſem dúvida ſerás bem premiado.

SCENA VIII.

Mutação de ſelva.

D. Quix. HA dias, que trago no penſamento huma couſa, que me tem cauſado grande cuidado: dar-ſe-ha caſo, que os meus inimigos encantadores tragão transformada a belleza da Senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança! E os motivos, que tenho para iſſo, he ver a paciencia, com que eſte eſcudeiro me atura as minhas impertinencias ſem ſalario algum; e ver, que já mais foi poſſivel ver eu a Dulcinéa no ſeu original, e nativo reſplandor. Tudo póde ſer que ſeja; pois ſe lém nos antigos livros da Cavallaria andante outras transformações de Nynfas, ainda em mais ruins figuras, qual a de Sancho Pança, e porque eſte penſamento não he fóra de conta, bom ſerá averiguallo, que a diligencia he mãi da boa ventura.

Sahe Sancho.

Sanch. Senhor, o rocinante eſtá eſperando que Voſſa Mercê o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pullos, e ventoſidades, que ſupponho nos prognoſtíca alguma boa ventura.

D. Quix. E ſe bem reparo agora nas feições deſ-

deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinéa; porque sem dúvida Sancho ás vezes o vejo com o rostro mais afeminado, que quasi me persuado está Dulcinéa transformada nelle.

Sanch. Meu Amo está no espaço imaginario! *á parte.* Ah Senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está sellado, e o burro albardado: Senhor, Vossa Mercê ouve?

D. Quix. Sim ouço; que seja possivel, prodigioso enigma de amor, galharda Dulcinéa del Toboso, que os magicos antegonistas de meu valor se transformassem em Sancho Pança!

Sanch. Ainda esta me faltava para ouvir, e que aturar! *á parte.* Que diz, Senhor? Está louco? Com quem falla Vossa Mercê?

D. Quix. Fallo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinéa transformada.

Sanch. Se Vossa Mercê algum dia tivesse juizo, dissera, que o tinha perdido: que Sancho fingido, ou que Dulcinéa transformada he esta?

D. Quix. Não sei como agora falle, se como a Sancho, se como a Dulcinéa? Vá como quer que for: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e sordida pessoa a sem igual Dulcinéa; vê tu Sancho amigo, se há maior desaforo, se há maior insolencia destes feiticeiros, que em mascarar o senblante puro, e rubicundo de Dulcinéa, con a mascara horrenda de tua torpe cara?

Sanc. Diga-me, Senhor, por onde sabe Vossa Mercê, que a Senhora Dulcinéa está transformada em mim? *D. Quix.*

D. Quix. Isso he o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe, que nós os Cavalleiros andantes temos cá hum tal instincto, que nos he permittido conhecer, aonde está o engano, e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela fysionomia do rosto.

Sancb. Basta que conheceo Vossa Mercê pela simonetria do rosto! Pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da Senhora Dulcinéa? Ora eu até aqui não cuidei que Vossa Mercê era tão louco! Cuido, que nem na vida de Vossa Mercê se conta semelhante desaventura.

D. Quix. Quanto mais te desconjuras, mais te inculcas, que és Dulcinéa; deixa-me beijar-te os atomos animados desses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmim dessa mão. Dulcissima Dulcinéa?

Chega-se D. Quixote para abraçar a Sancio.

Sancb. A'que d'ElRei, Senhor, que não sou Dulcinéa; tire-se lá, olhe que lhe dou huma canellada.

D. Quix. Ora meu Sancho, dize-me aqu em segredo se és Dulcinéa, que eu te pronetto hum premio?

Sancb. Como, Senhor, lho hei de dizer? Sou tão macho como Vossa Mercê.

D. Quix. Sancho, nesse mesmo dengue gora confirmo mais que és Dulcinéa.

Sancb. Ora leve o diabo o dengue! Quequeira Vossa Mercê que á força seja eu Dcinéa

en-

ensanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer que eu seja Dulcinéa, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. Quix. Tu me queres dar couces? Agora vejo que não és Dulcinéa, pois Dulcinéa tão formosa, e tão discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua grosseria.

Dentro instrumentos.

D. Quix. Não ouves, Sancho, huma suave harmonia?

Sanch. He verdade! Espere Vossa Mercê, que lá vem voando o que quer que he.

Desce a Musa Caliope em huma nuvem, e D. Quixote, e Sancho se lhe põem de joelhos.

D. Quix. Soberana Nympha.

Sanch. Nympha Soberana.

D. Quix. Iris deste Horisonte.

Sanch. Arco da velha deste Horisonte.

D. Quix. Que rasgando diafanos vapores.

Sanch. Que rasgando nuvens de papellão.

D. Quix. Te ostentas Deidade.

Sanch. Te ostentas já de idade.

D. Quix. Que queres de hum Cavalleiro andante?

Sanch. Que queres de hum escudeiro tolhido de pés, e mãos?

Caliop. Valente D. Quixote de la Mancha, Cavalleiro dos Leões, eu sou a Musa Caliope, a primeira, e principal das nove, que assistem no Monte Parnaso, aqui venho a teus pés enviada por meu Amo o Senhor Apollo, o qual como sabe que tens professado a es-

trei-

treita Religiáo da Cavallaria andante, e tens de obrigaçáo o desfazer aggravos, soccorrer afflictos, e restaurar honras perdidas, por essa causa tẽ manda pedir encarecidamente, queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de huns Poetas maledicos, que o querem despojar do Throno; e juntamente para reformares a Poesia, que se acha quasi arruinada, para o que eu da minha parte, como táo interessada neste desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes, pois he certo, que a Musica tem virtude para attrahir os coraçóes mais duros.

Sanch. Aqui nos encaixa huma Aria á queima roupa.

Canta Caliope a seguinte

ARIA.

Se hum gigante inficionado
Morre infame desmaiado
Entre as máos de teu valor:
Quem havará, que te resista,
Quando o teu braço conquista
A hum gigante disfarçado
Entre as garras de hum Leão?

D. Quix. A difficuldade está no modo com que hei de ir ao Parnaso; pois sei, que o meu rocinante não tem azas, como o Pégaso.

Sanch. E o meu burro só tem azas nos pés, para fugir.

Caliop. O modo com que haveis de ir ao Parnaso, he desta sorte.

Voão na nuvem Caliope, D. Quixote, e Sancho, e apparece o Parnaſo, e canta o

C o r o.

Attenção, ſilencio,
Que neſte de Arcadia famoſo jardim,
Se oſtenta galhardo o Delfico Apollo
Em muſicas gratas, em metros ſubtís.
Attenção, ſilencio,
As fontes não rião,
As aves não cantem;
Porque não perturbem do verde bicorneo
O cantico grave de Muſas gentís.

SCENA IX.

Mutação de ſelva, e o Monte Parnaſo, e Poetas.

Apol. ESperai, baſtardos filhos de Apollo, que cedo virá quem me vingue de voſſas injúrias.

Poet. Já não te reconhecemos, ó Apollo, por Deos da Poeſia; pois qualquer de nós he hum Apollo, e cada idéa noſſa huma Muſa.

Apol. Aſſim vos atreveis a profanar o decóro, que ſe deve aos meus Apollineos raios?

Sahe D. Quixote, Sancho, e Caliope.

Poet. Toca a inveſtir ao Parnaſo.

Apol. Em boa hora venhas, valente D. Quixote, que ſó a tua eſpada me póde ſegurar o Throno, e o laurel: vem, vem a vingar-me deſtes Poetaſinhos, que ſem mais armas, que a ſua preſumpção, querem, não ſó competir com o meu plectro, mas ainda intentão deſ-

despojar-me do Parnaso ; e como as armas, e as letras são tão fiéis companheiras , quero-me valer das tuas armas , para a restauração de minha sciencia ; e como esta violencia , que se me faz , não desmerece os empregos da tua Cavallaria , peço-te , que me soccorras.

D. Quix. Senhor Apollo , eu tomo sobre mim o seu desaggravo , e já desde agora se póde assentar bem nesse Throno , que delle ninguem o ha de arrancar.

Sanch. Senhor meu Amo , eu cuido , que estou sonhando. Que Vossa Mercê entre no Parnaso , não he muito , porque he louco ; porém eu , que sendo hum ignorante , tambem cá esteja , he o que mais me admira ; e daqui venho agora a concluir , que não há tollo , que não entre hoje no Parnaso.

D. Quix. Diga-me , Senhor Apollo ; e como se chamão os Poetas , que tanto o perseguem ?

Apol. Essa he a desgraça , D. Quixote ; que os Poetas , que me perseguem , não são de nome ; e com tudo cada hum cuida que he mais do que eu mesmo.

D. Quix. Dizei-me , Poetas de agoa doce ; dizei-me , raãs que grasnais no charco da Cabalina ; dizei-me Cysnes contrafeitos , que vos banhais nos lodos da Hippocrene ; com que motivo quereis competir com o Deos da Poesia ?

Poet. Porque esse Apollo , como não inspira , não merece o nome de Apollo ; e assim quere-

remos tomar-lhe o Parnaſo, e repartillo entre nós.

Sanch. Senhor, não ſe meta a brigar com os Poetas, que são peiores que gigantes; veja Voſſa Mercê que elles trazem hum exercito de dez mil Romances, quatro mil Sonetos, duzentas Decimas, oitenta Madrigaes, e hum eſquadrão de Sátyras volantes em ſilva, que arranha; veja bem em que ſe mete.

D. Quix. Nada me aſſombra; porque eu ſó com eſta eſpada hei de vencer a quantos Poetas há no Mundo: Serra Heſpanha, viva Apollo, e morrão traidores.

Bulhas, e gritos entre D. Quixote, Sancho, e Poetas.

Apol. A elles, meu D. Quixote, que a vitoria he noſſa.

Sanch. A'que d'ElRei que eſtou paſſado de parte a parte com hum Soneto em agudos!

D. Quix. Já fugírão como moſquitos.

Sanch. Avança, que com eſta gente ſou eu gente.

D. Quix. Já, glorioſo Apollo, pódes cantar a vitoria.

Apol. Cantem as Muſas, Euterpe, e Terpſichore o meu triunfo.

Canta a Muſa Euterpe a ſeguinte

ARIA

De Quixote o braço forte
Se ouvirá no meu concentro;
Pois que canta o vencimento
Deſſas furias de hum traidor.
Se animoſo deu a morte,

A

A quem morte dava a tantos,
Viva, viva em doces cantos,
Pois que vence ao vil Piton.

Canta Terpsichore a seguinte

A R I A.

Pois vence Apollo
O monstro altivo,
Repita Eólo
Já successivo,
Que brilha vivo
Seu resplendor:
E assim as flores
Lhe dem grinaldas
De varias côres,
Já consagradas
A seu valor.

Apol. Vivas mil annos, D. Quixote; e como sei que não militas por premio, por essa causa te não premeio; mas na mesma acção que obraste tens o maior premio, como tambem agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança.

Sanch. Valeo de muito a minha ajuda na retaguarda; assim em premio de meus serviços peço a Vossa Paternidade, Senhor Apollo, que me conceda hum lugar, o primeiro que vagar no Parnaso, para hum filho meu que he mui inclinado á Poesia; de sorte, que tem roido quantas unhas há em minha casa, que todos as tinhamos grandes.

Apol. Pois que officio quereis?

Sanch. Cascavel do Parnaso.

Apol. Eu volo dou por tres vidas.

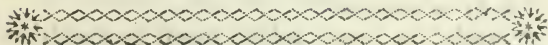
Sanch. Em tres vidas, Senhor? Ora não há prazo que não chegue! E para melhor agradecimento, e em applauso desta vitoria, já que sou Poeta, pois estou no Parnaso, quero cantar o triunfo; toquem as Senhoras Musas, e o Pégaso faça o compasso.

Can-

Canta Sancho a ſeguinte

ARIA

Se hoje o meu cantar
Hum zurro ha de ſer,
Quero começar:
An, an, an, an, an.
E ſe dos Poetas
Gallo poſſo ſer,
Cantarei aqui,
Qui quiri qui,
E logo acolá
Cá cará cá;
Porque canto ſó
Có coró có:
Mas melhor ſerá,
Tornar a dizer,
O que cantei já:
An, an, an, an.

Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.

PARTE II.

SCENA I.

Mutação, ametade de ſelva, e outra ametade de mar, e junto á praia hum barco, e huma azenha, e no dito barco ſe embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficaráõ atados o cavallo, e o burro, e a ſeu tempo ſahiráõ da azenha dous homens com páos nas mãos.

D. Quix. JA' eſtamos em terra de Aragão; eſte he o famoſo Rio Ebro: na verdade, Sancho, que eſte Paiz he mui deleitavel, e ameno: que te parece Sancho? Não reſpondes? Eſtás mudo?

Sanch. Digo que não quero reſponder palavra,

e tenho dito; meta-se lá com a sua vida, e deixe-me.

D. Quix. Sem dúvida estás arrependido de me servires?

Sanch. Como que estou? Mais me valêra a mim ser Sombreiro, que he o peior officio que há no Mundo, do que servir a Vossa Mercê.

D. Quix. Pois tão mal te tem ido comigo?

Sanch. Não he nada, vir eu daquella guerra do Parnaso moido, e remoido á conta de Vossa Mercê, e não achar esta maldita Ilha, e só achar hum formoso arrocho que me arrombasse as alcatras?

D. Quix. Tu tens a culpa; quem te manda seres fraco? Ora tem paciencia, soffre, que a Ilha algum dia apparecerá; mas espera, não vês nas margens do Rio hum barco atado sem vélas, nem remos?

Sanch. E por final que he Cassilheiro.

D. Quix. Sabes aonde estamos?

Sanch. Sei muito bem.

D. Quix. Aonde?

Sanch. Estamos no Theatro do Bairro Alto.

D. Quix. Pois sabe que estamos metidos na maior empreza do Mundo.

Sanch. Bem aviados estamos: não digo eu que Vossa Mercê he doudo confirmado?

D. Quix. Sancho, aquelle barco que vês atado áquelle álamo não está alli sem grande mysterio.

Sanch. He porque Vossa Mercê de tudo faz mysterio, e sabida a conta não he nada.

D.

D. Quix. Alguma pessoa está em grande perigo de honra, ou vida; pois costumão muitas vezes os Astros arrebatarem os Cavalleiros andantes dentro em alguma nuvem, ou pôr-lhe hum barco á vista para que se embarquem, e indo pelo rio abaixo por si mesmo o barco, lá vai dar aonde há o perigo: com que, Sancho, ata os cavallos a esse tronco, e metamo-nos no barco, e vamos a acudir a essa grande necessidade.

Sanch. Deixe-me Vossa Mercê fazer primeiro as minhas, que he razão que acuda primeiro ás minhas necessidades do que ás alheias.

D. Quix. Vamos, Sancho, que aqui a dilação he perigosa.

Sanch. Deixe-me Vossa Mercê primeiro ourinar para irmos na maré do mijo.

D. Quix. Deixa, Sancho, as chançonetas, ata os cavallos, e embarquemo-nos.

Sanch. Senhor, considere Vossa Mercê o que faz, olhe que andar pelo mar não he o mesmo que andar pela terra; tome exemplo na discretissima Raposa que nunca se quiz embarcar, donde ficou impresso na memoria dos homens o ditado: *Por onde anda a Raposa*; com que, Senhor, montemos, e fujamos deste barco á véla, e a remo.

D. Quix. Olha, Sancho, as Ilhas não se achão por terra, senão no mar, e talvez que para teu bem esteja aqui este barco como quem diz: Embarca-te, Sancho, que has de achar huma Ilha.

Sanch. Com que os barcos tambem fallão ?

D. Quix. Isso he figura que tu não alcanças; segue-me, que eu me embarco já.

Sanch. Senhor, eu já estou resoluto a morrer afogado; vamos com Deos, mas parece mui grande tyrannia deixar o meu burro, fiel companheiro de tantos annos, a quem devo mais do que a meu pai, e a minha mãi.

D. Quix. Bem podes estar seguro, que a mesma pessoa que pôz aqui este barco terá cuidado de nos guardar os animaes, que assim o contão as Historias impressas.

Sanch. Huma vez que está em letra redonda, sem dúvida que se ha de cumprir á risca: Deos seja comigo.

Ata Sancho o cavallo, e o burro, embarcão-se, e logo irá o barco pelo Rio abaixo até chegar á azenha, e zurra o burro.

Sanch. Ah burro do meu coração! Bem te entendo o que queres dizer nesse zurro, mas não te posso ser bom; tem paciencia, que bem sei que em deixar-te dei c'os burros na agoa.

D. Quix. Vê, Sancho, a serenidade com que anda este barco!

Sanch. Senhor, eu já estou enjoado, apare lá que quero vomitar. *Vomita.*

D. Quix. Quando nada, Sancho, estamos junto á linha, e temos andado quatrocentas legoas Turquescas, que fazem das nossas novecentas e meia.

Sanch. Como póde ser isso, se não temos an-

da-

dado duas braças, e tanto, que ainda alli ſe eſtá vendo o meu burro, e o ſeu rocinante?

D. Quix. Calla-te, que tu não entendes da Nautica; ſe tu ſouberas o que são coluros, trópos, linhas, zodiacos, e baleſtilhas, tu víras claramente o quanto temos andado.

Sanch. Ora com termos andado tanto ainda não encontrámos nenhuma Ilha para eu governar?

D. Quix. Calla-te, que até o fim ninguem ſe póde chamar deſgraçado.

Sanch. Sim, Senhor, pela regra geral, que diz que ſempre atrás há ſorvas.

D. Quix. Lá ſe deſcobre, Sancho, hum Caſtello encantado; alli ſem dúvida eſtá a afflígida peſſoa que buſcamos: que felicidade!

Sanch. He verdade, mas eu cuido que he a Ilha; vamos a ella.

Chegão ao pé da azenha, e abrindo-ſe a porta ſahirão huns homens com varas na mão empurrando o barco.

Hom. Voſsês vem doudos, homens do diabo? Aonde querem meter eſte barco? Não vem que iſto he huma azenha donde a agoa corre tão furioſa, que deſpenhará, e deſpedaçará eſſe barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

D. Quix. Olha os gigantes encantadores: ó canalha, largai a quem tendes prezo neſſa torre, ſenão com eſta eſpada reduzirei a cinza a todos.

Sanch. Senhor, que nos perdemos ſem remedio, o barco com a correnca da agoa vai

levado para dentro das pedras. Ai! Ai, que se vira!

Com muita gritaria de todos se vira o barco, e D. Quixote, e Sancho vem nadando até chegar á praia donde estão os cavallos, e o barco dará na praia, e nella fica virado.

Sanch. Ai, que me afogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.

D. Quix. De boa escapámos, Sancho, beijar quero a terra, que me livrou da morte.

Sanch. Senhor, beije-me aqui que tudo he terra: ai, ainda não creio! Diga-me por vida sua: ainda estamos no rio, ou já estamos em terra firme?

D. Quix. Graças a Dulcinéa, que estamos livres do perigo. Oh malevolos encantadores, que me perseguís por mar, e terra, só por não livrar aos miseraveis afflictos!

Sanch. O que eu sentia não era o morrer, era morrer afogado em agoa, podendo morrer afogado em vinho; e tu, burro dos meus olhos, dá-me mil abraços, e dous beijos, que já cuidava que te não via mais em minha vida.

Sabem dous homens com páos nas mãos.

Hom. Quem fez aquillo no meu barco?

Sanch. Ninguem fez aquillo por vida minha, e cheire-o Vossa Mercê, e verá.

Hom. Hão de pagar-me o meu barco, senão com este varapáo lho tirarei do corpo, maganos vádios.

D. Quix. O' canalha rude, ó vil prosapia de Acheronte, assim se falla com os Cavalleiros andantes? Tomai. *Sanch.*

Sanch. Ai, que eſtou varado! Confiſsão, que me alombárão.

SCENA II.

Mutação de montaria de caça com caçadores; hum Fidalgo, e huma Fidalga, &c.

Fidalgo. SEm dúvida, Senhora, que eſtimarei que neſte dia todos os brutos ſe proſtrem rendidos, para que tenhais o divertimento que pertendeis.

Fidalga. Bem conheço, Senhor, que o voſſo intento não he outro mais que o buſcares occaſiões com que me divirta da cruel melancolia que me perſegue.

Fidalgo. Se bem que eſcuſadas erão as armas, pois á viſta deſſa belleza quem não cahirá morto? E a terem os brutos noticia da voſſa vinda a eſte monte, elles meſmos buſcarião o encontro para terem a fortuna de ſerem deſpojos do voſſo braço.

Fidalga. Senhor, deixemos por ora liſonjas, pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis he naſcido mais do voſſo capricho que do meu merecimento; mas ſe me não engano lá vejo vir dous Cavalleiros.

Fidalgo. Muito eſtimo, pois elles nos ajudaráõ a paſſar a tarde na caça para que os convidaremos.

Sahem D. Quixote, e Sancho a cavallo.

Sanch. Ora graças a Deos, que eſtamos entre animaes: diga Voſſa Mercê agora que iſto tam-

tambem he encanto , e que aquella moceto-
na que alli eſtá , e mais aquelle rufião , que
são gigantes.

D. Quix. Sancho , eu não ſou tão tollo como
me fazes , bem ſei o que he caçada , e o que
são gigantes ; aquella deve ſer alguma gran-
de Senhora que anda caçando ; he forçoſo
que a vamos comprimentar : pega no eſtribo
que eu me apeio.

Sanch. Vá deſcendo , que eu lhe vou pegar na
eſpóra.

*Ao apear-ſe D. Quixote , cahe do cavallo , e
Sancho tambem ao apear-ſe fica debaixo do
burro , e acode o Fidalgo , e a Fidalga.*

D. Quix. Sancho de todos os diabos , eſcudeiro
infernal , acode-me , que fiquei deſcompoſto.

Sanch. Pois eu fiquei compoſto , que fiquei cu-
berto com a albarda do burro.

Fidalgo. Senhores , tenhão mão , levantem-ſe.

Fidalga. Honrado Cavalleiro , dai-me cá a mão ,
levantai-vos.

D. Quix. Diana deſtes boſques , por caçadora ,
e por Planeta , ſe a medicina da quéda havia
de ſer tão ſoberana , não me arrependo de
haver cahido , e mais quando o cahir aos
pés de voſſa grandeza , he levantar-me ao au-
ge da maior felicidade.

Fidalga. Sois diſcreto.

Sanch. Só eu cahi no que era caça ; digo ,
Senhora , que o cahir aos pés de voſſa magní-
fica , e excellencial Altura , foi porque cahi
do meu burro com a preſſa de ir pegar no eſ-
tri-

tribo a meu Amo ; mas vejo agora que se hum burro me derruba , huma jumenta me levanta.

Fidalgo. Como vos chamais , honrado Cavalleiro ?

D. Quix. D. Quixote de la Mancha.

Fidalgo. Que dizeis? Não sabeis o quanto estimo ver-vos ; pois ha muito tempo que a fama do vosso nome tem grangeado a attenção de toda Hespanha.

Fidalga. Marido , este he o célebre D. Quixote? Temos muito que rir , e nós o faremos mais doudo. Vós não sois por outro nome o Cavalleiro da triste figura ?

D. Quix. Algum dia tive esse appellido , mas agora depois que matei hum Leão me chamo o Cavalleiro dos Leões.

Fidalga. E vós não sois Sancho Pança ?

Sanch. Por meus negros peccados : Oxalá que nunca o fora.

Fidalga. Sancho , não vos agasteis, que daqui em diante achareis em mim o amor de mái , e vos quero para meu perrexil.

Sanch. Para perrexil! Isso não ; se Vossa Altura me quer para alcaparra , com muito boa vontade.

Haverá muita gritaria , e sahirá hum porco que dá com Sancho no chão , e D. Quixote o mata.

D. Quix. Espera , cerdoso bruto , que te farei humilhar aos pés desta deidade.

Sanch. O' minha Senhora , diga áquelle javali que esteja quieto , e que não entenda comigo. Ai , Jesus ! (*Cahe.*) Ah Senhora ? Ah Senhor

nhor D. Quixote ? Ai , que me desmaio !

D. Quix. Senhora, já morreo o bruto ; sinto não ser hum gigante para o pôr aos pés de Vossa Grandeza.

Fidalga. Sancho , Sancho , bem pódes tornar em ti que o javalí já está morto.

Sanch. Huma vez que está morto mande-o guisar que o comerei a bocados.

Fidalga. Sancho , não cuidei que ereis tão fraco.

Sanch. Senhora , isto não he fraqueza he medo. Tomára que Vossa Altura me tirára o quebranto , que não posso acabar comigo ser valente huma vez sequer ; digo que o tenho , porque me vejo quebrantado.

Fidalgo. Senhor D. Quixote , Vossa Mercê ha de se servir de vir para meu Palacio descançar hum par de dias.

D. Quix. Mercês de Senhores não se rejeitão , hirei para criado dessa nobre casa.

Fidalga. Sancho , vós haveis de fazer hoje panitencia comnosco.

Sanch. Isso não ; penitencia faça-a quem quiser , que eu ainda me não acho com a idade precisa. Vamos comer alguma cousa.

SCENA III.

Mutação de Sala, onde eſtará huma meza com cadeiras.

Fidalgo. SEnhor D. Quixote, ſente-ſe na cabeceira da meza.

D. Quix. Iſſo não; Voſſa Grandeza ha de aſſentar-ſe que em tudo tem o primeiro lugar.

Fidalgo. Voſſa Mercê he que tem o primeiro lugar neſta caſa, ſente-ſe.

Sanch. A'cerca diſſo contarei huma hiſtoria que ſuccedeo não há vinte annos. Convidou hum Fidalgo do meu lugar, mui rico, e principal, porque deſcendia do Neptuno do Rocio, que caſou com D. Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroyos, homem ſobretrancão, e ſecco, o qual ſe afogou em pouca agoa, por cauſa de hum furto que lhe fizerão, de que ſe originou aquella célebre pendencia das enxurradas, na qual ſe achou preſente o Senhor D. Quixote que veio ferido em huma unha; não he verdade, Senhor?

D. Quix. Acaba já com eſſa hiſtoria antes que te faça callar.

Fidalga. Deixe Voſſa Mercê fallar a Sancho que góſto muito de ouvillo, que he mui diſcreto.

Sanch. Diſcretos annos viva Voſſa Altura: como vou contando, vai ſenão quando..... Aonde hia eu, que já me eſquece?

Fidalga.

Fidalga. Na pendencia das enxurradas.

Sanch. Ah, sim, lembre-me Deos em bem; este Fidalgo que eu conheço como as minhas mãos, porque da sua á minha casa não se metia mais que huma estrebaria, convidou, como vou dizendo, este Fidalgo a hum Lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pario.

D. Quix. Acaba já com essa historia.

Sanch. Já vou acabando: chegando o tal Lavrador a casa do Fidalgo convidador que Deos tenha a sua alma na Gloria, que já morreo, e por final dizem que tivera a morte de hum Anjo, mas eu me achei presente, que tinha ido não sei donde.

D. Quix. Por minha vida que acabes, senão te moerei os ossos.

Sanch. Foi o caso, que estando os dous para sentar-se á meza, o Lavrador porfiava com o Fidalgo, que tomasse a cabeceira da meza, o Fidalgo porfiava tambem que a tomasse o Lavrador, tem daqui, tem dalli, até que enfadado o Fidalgo disse ao Lavrador: assentai-vos, villão-ruim, aonde vos digo; porque onde quer que eu me assentar, essa he a cabeceira da meza. Entrei por huma porta, sahi por outra, manda ElRei que me contem outra.

D. Quix. Tu mo pagarás, Sancho, por estas; bem te entendi a historia.

Sanch. Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço saber a Vossa Altura que o Senhor D. Quixote meu Amo, me tem prome-

metido huma Ilha para eu ser Governador della, e até aqui vivo em esperanças; mande Vossa Altura que ma faça boa, senão não o quero mais servir.

Fidalga. Eu vos prometto dar huma Ilha; por tão pouco não vos vades do serviço de vosso Amo.

Sanch. Senhora, se tal Ilha alcanço não se me dá de quantos Reinos tem o Mundo.

Fidalga. Fazei hum memorial, e nelle vos despacharei.

D. Quix. Que importa que Vossa Grandeza faça a Sancho a mercê da Ilha para governalla, se elle nega haver amor?

Sanch. E que tem cá o amor com a Ilha?

D. Quix. Homem, se não tiveres amor como has de governar bem aos moradores della?

Sanch. Venha a Ilha, que eu terei amor aos meus subditos, e lhe farei muito bem a caridade.

D. Quix. Isso sim; mas tu negas que ha Dulcinéa, e assim negas que ha amor.

Sanch. Eu não nego que há Deidades a quem se deve render tributo no templo da formosura, mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *à parte rei* nego; e mais de que, para mostrar o que he amor, melhor me explicarei cantando.

Canta Sancho a seguinte

A R I A.

Vírão já vossês hum gato,
Que miando pela casa,

Tu-

Tudo arranha, tudo arraza;
E caçando o pobre rato,
Eſte gincha, que o não rape;
Dalli diz-lhe a moça *çape*,
E o gato reſponde *miäu*,
E a Senhora grita *xó*?
Deſſa ſorte, amor tyranno
Faz das unhas duras fléchas,
Que atrepando da alma ás bréchas
Corações, froſſuras, bofes,
Come, engole, e faz em pó.

Haverá dentro terremoto, e ſahirá hum Diabo a cavallo em hum burro.

Diabo. Qual de vós he D. Quixote de la Mancha?

D. Quix. Sou eu, que me quereis?

Diabo. Qual he Sancho Pança?

Sanch. Não ſou eu; que me quereis?

Diabo. Diga ſob pena de morte.

Sanch. He eſte criadinho de Voſſa Mercê.

Diabo. Pois eſperai aqui ambos, que vem Merlim tirar do deſencanto a Senhora Dulcinéa del Toboſo. *Vai-ſe.*

Sanch. Eu não vi Diabo mais cortêz! Eſte Diabo devia ſer bem criado, e filho de bons pais, porque trata a Dulcinéa por Senhora.

D. Quix. Oh quem ſe víra já na tua viſta, amada Dulcinéa!

Fidalga. A logração vai ſahindo boa; mui tolo he o tal D. Quixote, e o criado! *á parte.*

Sahirá hum carro donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas acèzas nas mãos.

D. Quix. O' Sancho, tal estou de contente, e alegre, que tenho este dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

Sanch. Senhor meu Amo, Vossa Mercê não vê lá em sima do cocuruto do carro huma cousa como espantalho de figueira?

D. Quix. Sim, que será aquillo?

Sanch. Que será? He a Senhora Dulcinéa del Toboso; não diga nada a ninguem.

D. Quix. Ai, Sancho amigo, he possivel que os meus olhos tiverão tal fortuna, que chegárão a vèr aquella bellissima, formosissima, altissima, e sapientissima Dulcinéa del Toboso, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

Sanch. Tomára ter dous ovos para frigir em meu Amo, que se está derretando como manteiga.

Dulc. D. Quixote, Athlante do valor, columna do templo de Marte, non plus ultra das valentias, braço direito de Aquiles, coração de Pirrho, tu, que sabes entresachar as delicias de Venus com os rigores de Marte, he chegada a occasião de me desencantares, e livrares do poder destes magos encantadores, que por tua causa, e por emulação do teu valor me tem encantado.

Sanch. He lástima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora está posta na espinha. Coitadinha! Coitadinha!

Dulc.

Dulc. Eſtás mudo ? Não me reſpondes , D. Quixote ? Ora já que o teu amor te não move , movão-te as minhas lagrimas miſturadas com o terno de minhas vozes.

Canta Dulcinéa a ſeguinte

A R I A.

Que importa , que a huma féra
(Ai , infeliz !) Tu venças ,
Se as iras immenſas
De hum monſtro cruel , irado ,
Não pódes ſuperar ?
 Porque o valor galhardo ,
Que adorna tanta esféra
He injúria ao teu ſer ,
Se a mim , que ſou mulher ,
Não ſabes libertar.

D. Quix. Senhora , atéqui eſtive arrebatado á esféra de tua formoſura , por cuja cauſa não te reſpondi ; não quero dizer por palavras o meu offerecimento , e ſó por obras quero ſignificar o quanto devo fazer por ti , que és o eſpirito que me animas no corpo de minha alma : dize o que queres que eu faça para livrar-te deſſe encantamento ?

Sanch. São mãos perdidas ; agora ſim , que ſe Voſſa Mercê brigar com trezentos gigantes , digo que fará muito bem , porque a occaſião veio a pedir de boca , e a Senhora Dulcinéa he comezinha.

Dulc. D. Quixote , já me vai entrando o accidente encantado , que me impede o fallar ; pois ſó tenho licença para iſſo hum quarto de ho-

hora, e assim o Senhor Merlim te dirá quem ha de ser o instrumento do meu desencanto, o como, e o quando.

D. Quix. Oh que dor! Agora lhe deu o encantado accidente na boca para não fallar.

Sanch. Se foi na boca o accidente, seria de gotta coral, porque ella a tem bem vermelha.

Merl. D. Quixote valente, esta que vês he a tua amada Dulcinéa, que por teu respeito a quero desencantar; mas ha de ser levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

Sanch. Diga-me, Senhor Merlim, que tem o meu cú com o desencanto da Senhora Dulcinéa?

Merl. Assim o dispõe os Astros, e os fados o determinão.

Sanch. Pois entenda que ficará encantada para secula seculorum, que livre está que eu me açoute por ninguem.

D. Quix. Sancho, coração de pedra, alma de cantaro, entranhas de pedernal, não te movem aquellas lagrimas? Leva os açoutes por tua vida, tem lastima daquella flor, que apenas nasceo no jardim da belleza logo encontrou desmaios nos encantos.

Sanch. A'que d'ElRei, digo que me não quero açoutar; açoute-se Vossa Mercê já que he penitente de amor.

D. Quix. Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoutar; isso que vem a ser? Não negues huma cousa que está na tua mão.

Sanch. Na minha mão nego, no meu cú mais depressa.

Fidalga.

Fidalga. Quem não he para aturar trezentos açoutes, menos aturará o pezo do governo de huma Ilha; ide, que ſois para pouco, villão-ruim: que fazeis vós em fazer o que vos pede huma Dama afflicta?

Sanch. Senhora, não tem remdio? Se naſci para ſer deſgraçado venhão eſſes açoutes c'os diabos: ai, deſgraçada Ilha, que tanto me cuſta! Ah Senhor Diabo, haja-ſe com compaixão comigo, que eu lhe prometto ſe me eſcapo deſta hum cú de ſorvas com molduras de paparraz. Ai! hum, dous, vinte; ai cú da minha alma! *Leva Sancho os açoutes.*

D. Quix. Calla-te, Sancho, calla-te, que já lá vai; és fiel companheiro.

Sanch. Sou hum dardo para elle, valha-o não ſei que diga. Olhe, Senhora Dulcinéa, que taes tenho as bebas para mor de Voſſa Mercê.

Merl. Já Dulcinéa eſtá deſencantada, graças a Sancho Pança.

Fidalgo. Para bem vos ſeja, Senhor D. Quixote, o deſencanto da Senhora Dulcinéa.

D. Quix. Será para que Voſſa Grandeza tenha mais huma criada para o ſervir.

Fidalga. Ora Sancho Pança, na verdade que fizeſtes huma acção a mais louvavel que ſe póde conſiderar, digna de ſe eſtampar em cortiça com letras de alvaiade: logo logo, vos mando ſer Governador deſſa Ilha; ide, que eſpero de vós me façais bons ſerviços, pois ſois homem de eſperanças.

Sanch. Serviços de eſperanças são verdes, entendo que a Ilha ſerá nas Caldas. D.

D. Quix. Sancho, vê que vás a governar; olha que deves ter diante dos olhos a Juſtiça.

Sanch. Sim Senhor, eu logo a mando pintar, e a porei diante dos olhos.

D. Quix. Não te corrompas com dadivas.

Sanch. Eu me ſalgarei para me não corromper.

D. Quix. Sancho, em duas palavras: Amar a Deos, e ao teu proximo como a ti meſmo.

Sanch. Amen.

SCENA IV.

Mutação de Sala de azulejos. Sabem varias danças, hum Meirinho, hum Eſcrivão, e dizem: Viva o noſſo Governador Sancho Pança.

Sanch. EM fim, não há couſa neſta vida que ſe não vença com trabalho. He poſſivel que me veja eu feito Governador! De verdade parece-me que eſtou ſonhando. Ora o certo he que não ha couſa como ſer eſcudeiro de hum Cavalleiro andante! Ah ſô Meirinho, endireite eſſa vara, e não ma troça á juſtiça; ſaiba Deos, e todo o Mundo que me quero pôr recto com a ſua eſpada.

Meir. Ora já que Voſſa Mercê fallou em eſpada, e Juſtiça, diga-me, porque pintaráõ a Juſtiça com os olhos tapados, eſpada na mão, e balança na outra, pois ando com eſta dúvida, e ninguem ma póde diſſolver, e ſó Voſſa Mercê ma ha d'explicar como ſabio em tudo?

Sanch. Que me faça bom proveito; dai-me at-

tenção, Meirinho. Sabei primeiramente que isto de Justiça he cousa pintada, e que tal mulher não ha no Mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. gr. a Senhora Dulcinéa del Toboso, nem mais, nem menos; porem como era necessario haver esta figura no Mundo para meter medo á gente grande, como o papão ás crianças, pintárão huma mulher vestida á tragica, porque toda a Justiça acaba em tragedia, tapárão-lhe os olhos, porque dizem que era vesga, e que metia hum olho por outro; e como a Justiça havia de sahir direita, para não se lhe enxergar esta falta lhe cobrírão depressa os olhos. A espada na mão significa que tudo ha de levar á espada, que he o mesmo que a torto, e a direito. Os Doutores que fallão nesta materia não declarão se era espada colobrina, loba, ou de soliga; mas eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel, os terços de Infantaria, os cópos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho secco; na outra mão tinha huma balança de dous fundos de melancia como a dos rapazes; não tem fiel, nem fiador, mas com tudo dá boa conta de si, porque esta moça se não tem quem a descaminhe he mui sizuda. Algum dia podia eu lèr de ponto nesta materia, porque vos posso dizer que criei a Justiça a meus peitos; mas as Cavallarias do Senhor D. Quixote fizerão-me com que fechasse os livros, e desembainhasse as folhas.

Meir.

Meir. Já entendo o enigma; posso agora mandar vir os feitos para a Audiencia?

Sanch. Oh magano! Feitos na Audiencia! Aqui he Secreta? Como se chama esta Ilha?

Escr. A Ilha dos Lagartos.

Sanch. Pois quando a crismarem mudem-lhe o nome, e chame-se a Ilha dos Panças em memoria da minha barriga. Pergunto mais: a quanto está a canada de vinho?

Meir. A seis vinteis.

Sanch. Logo, logo com pena de morte se ponha a dez reis; não quero que por falta de vinho deixe de haver bêbados na minha Ilha; mandai vir as partes para a Audiencia.

Sahe hum homem.

Hom. Senhor Governador?

Sanch. Que quereis ao Senhor Governador?

Hom. Senhor Governador peço Justiça.

Sanch. Pois de que quereis que vos faça Justiça?

Hom. Quero Justiça.

Sanch. He boa teima! Homem do diabo, que Justiça quereis? Não sabeis que ha muitas castas de Justiça? Porque ha Justiça direita ha Justiça torta, ha Justiça vesga, ha Justiça céga, e finalmente ha justiça com velidas, e cataratas nos olhos?

Hom. Senhor, seja qual for, eu quero Justiça, Senhor Governador.

Sanch. Huma vez que quereis Justiça: O' lá, ide-me justiçar esse homem em tres páos.

Hom. Tenha mão, Senhor Governador, que eu não peço Justiça contra mim.

Sanch. Pois contra quem pedís Justiça ?
Hom. Peço Justiça contra a mesma Justiça.
Sanch. Pois que vos fez a Justiça ?
Hom. Não me fez Justiça.
Sanch. Atéqui ao que parece, o vosso requerimento he de Justiça; ora andai, dizei de vossa Justiça em tres dias.
Hom. Isso he muito summario.
Escr. Senhor, não saberemos o que pede este homem ?
Sanch. Homem, que he o que pedís ?
Hom. Peço recebimento, e cumprimento de Justiça.
Sanch. E de que comprimento quereis a Justiça ?
Hom. Seja do comprimento que for, que eu com tudo me contento.
Sanch. O' Meirinho, ide á gaveta da minha papeleira de chorão da India, e entre varias bugiarias que lá tenho tirai huma Justiça pintada que lá está, e dai-a a este homem, e que se vá embora.
Hom. Senhor, eu não quero Justiça pintada.
Sanch. Pois beberrão, não sabeis que não ha nesta Ilha outra Justiça senão pintada ? O' Meirinho, lançai-me este bebado pela porta fóra, que nenhuma justiça tem no que pede.
Hom. Vio-se maior injustiça! *Vai-se.*

Sahe o Meirinho trazendo prezo hum homem.

Meir. Senhor, este Taverneiro foi agora apanhado neste instante deitando agoa em huma pipa de vinho; que se lhe ha de fazer ?
Sanch. Agoa em vinho! Ha maior insolencia!

O'

O' homem do diabo, e não te cahio hum raio nessa mão? Logo seja enforcado sem appellação, nem aggravo, tenho dito.

Tav. Senhor, este Meirinho mente.

Sanch. Isso he outra cousa; huma vez que o Meirinho mente, ide-vos embora; mas ouvís? Mandai-me hum almude desse vinho, que quero ver se tem agoa.

Tav. Viva Vossa Mercê muitos annos. *Vai-se.*

Sabe huma Mulher.

Mulh. Senhor Governador, venho queixar-me a Vossa Mercê de huma insolencia.

Sanch. Como pede, ide-vos embora.

Mulh. Se Vossa Mercê ainda me não ouvio como já me despacha?

Sanch. Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos?

Mulh. Senhor, foi o caso: Eu sou huma moça donzella, e solteira, fui peccadora, cahi na tentação do diabo; hum magano . . . . já Vossa Mercê me entende, e agora diz que não quer casar comigo.

Sanch. Pois não caseis vós com elle, que esse he o maior despique que ha nesta vida.

Mulh. Senhor, eu quero casar, mas elle não apparece, supponho que fugio.

Sanch. O' lá, metão essa Mulher na cadêa com huma corrente ao pescoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros até apparecer o homem com quem ella quer casar.

Mulh. Senhor, isso he contra a Justiça, veja Vossa Mercê que eu sou huma mulher que nunca fui preza.

Sanch.

Sanch. Por isso mesmo; andáte.

Mulh. Que isto se permitta no Mundo!

Meir. Ainda cá não entrou Governador mais recto, nem mais sabio.

Sanch. He para ver! Não, comigo ninguem ha de brincar.

Sabe outro homem gritando.

Hom. A'que d'ElRei que me matárão; não ha Justiça nesta Ilha!

Sanch. Que tens, homem? De quem te queixas?

Hom. Senhor Governador, eu estou passado de meio a meio; não posso fallar, porque estou morto.

Sanch. Não podeis fallar, porque estais morto? O' lá, tragão a alma deste homem aqui em corpo, e alma, e metão-lha á força para que falle, que não he razão que fique a República offendida na impugnação do delicto.

Hom. Senhor Governador, ouça Vossa Mercê o caso mais atróz que tem succedido nesta Ilha, prepare os pasmos, tenha prompta a admiração, e desenrole as attenções para me ouvir.

Sanch. O' lá, Meirinho, mandai preparar os pasmos, tende prompta a admiração, e desenrolai as attenções, para se ouvirem neste Tribunal as queixas deste Author de seu delicto, que assim como a ninguem se póde negar a vista, como dispõe o *text. in l. Cæcus §. Tortus ff. de his, qui metit hum olho por outro*, e com muitos o prova Páo Molle

no *Cap. das Codeas*; tambem da mesma sorte o ouvido se não deve fechar para ouvir os queixosos, como dispõe o *l. das doze taboas de Pinho na segunda estancia de Madeira, Cod. de Barrotis.*

Escr. Este homem he hum burro de textos.

Sanch. Homem, dizei a vossa queréla, que eu tiro a cêra dos ouvidos para vos ouvir.

Hom. Senhor, foi o caso.....

Sanch. Basta, não me conteis mais, basta que esse foi o caso. Ha maior insolencia! Que assim se perca o respeito á Justiça! O' lá, ó lá.

Hom. Senhor, escute Vossa Mercê, que ainda isto não he nada; ouça-me Vossa Mercê até o fim.

Sanch. Quem ouvio esse caso não tem mais que ouvir senão logo fazer Justiça a torto, e a direito. O' Meirinho, mandai logo levantar huma forca no meu gabinete para que mais publicamente seja castigado o delinquente.

Meir. Senhor, que delinquente, se Vossa Mercê ainda não ouvio quem era?

Sanch. He tal a vontade que tenho de fazer Justiça, que logo me sóbe a cólera huma mão travessa pelo espinhaço assima, de sorte que se não me advertis que ainda se não tinha dito quem era o delinquente, era eu capaz de mandar enforcar a vós Meirinho, que era a pessoa mais prompta que aqui tinha mais á mão de semear.

Hom. Senhor Governador, faça Vossa Mercê de conta,

S...

Sanch. Tenho feito de conta; que mais?

Hom. Que indo eu andando, andando, andando.

Sanch. Ainda não acabaſtes de andar? Arre lá com tal andar! Sois mui bom para andarilho.

Hom. Indo pois andando.

Sanch. Andai, homem, iſſo já eſtá dito, não me façais criar apoſtemas, que os inſtantes que tardo em dar execução á Juſtiça, são eternidades de penas que me encaixais nas ilhargas.

Hom. Quando eu, eis que hia andando manſo, e pacifico ſem fazer mal a ninguem, eſtava hum burro atado a huma porta, quiz paſſar, pedi-lhe licença, não me reſpondeo; tornei-lhe a pedir com palavras cortezes, e levantando os pés do chão peſpegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do eſtomago, de ſorte que me fez deitar a bóſta pela boca. Eſte he, Senhor, o caſo; ſupplico a Voſſa Mercê que não fique ſem caſtigo eſte inſulto.

Sanch. Não ficará por certo, e juro á fé de eſcudeiro andante, e pelas ramélas de minha muito deſprezada Mulher a Senhora D. Thereza Pança, que ha de ver o Mundo o exemplar caſtigo de tanta culpa.

Hom. Ai, Senhor Governador, aqui, aqui bem na boca do eſtomago he todo o meu mal.

Sanch. Vêde lá não ſeja iſſo fome? A graça he que ſe aſſim como o eſtomago tem boca, tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizei-me, homem: eſſe jumen-

to

to que vos deu os couces de que tamanho ſerá?

Hom. Eu não tenho aqui com quem o comparar.

Sanch. Olhai bem para mim; ſerá da minha eſtatura?

Hom. He o que póde ſer.

Sanch. Bem eſtá; pois vá o Meirinho comvoſco, e cheguem-ſe ao burro de manſinho, e digão-lhe: prezo da parte do Senhor Governador; e bem atarracado o tragão aqui perante mim.

Vão-ſe o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro.

Meir. Eis-aqui o delinquente prezo, que me cuſtou bem a agarrallo.

Hom. Senhor Governador, eſte he o agreſſor, e eſte he o que me ferio, ponha-lhe a lei ás coſtas.

Sanch. Vejão Voſſas Mercês quem anda perturbando a Républica! Dize, burro de Satanás: que mal te fez eſte homem para o maltratares deſta ſorte? O diabo do burro não reſponde, certos são os touros! Elle que ſe calla commetteo o delicto, aſſim como nós aqui eſtamos. Como te chamas, burro? De quem és? Donde moras? Quem he teu pai? Que dizes? A nada o burro ſe move; deve ſer burro velho, pois ſe cerra á banda, e não quer fallar. O' Meirinho, vós conheceis acaſo eſte burro, qne ſois mais veterano neſte Paiz?

Meir. Com que Voſſa Mercê ſe eſtá fazendo

de

de novas? Vossa Mercê não conhece que este he o seu burro, ou o ruço por alcunha? Isto he mal permittido, que talvez o burro fiado em Vossa Mercê ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua Justiça. *á parte.*

Sanch. Ha maior desgraça! Ai, burro da minha alma, quem te dissera a ti que eu havia de ser o mesmo que te sentenciasse? Por isso ao entrar me deitou huns olhos como quem me dizia que me houvesse com elle com compaixão. Não tem remedio, hei de sentenciarte; o que poderei fazer he não dar execução á sentença. O' lá, ninguem ouça isto. *á p.*

Hom. Senhor, despache-me Vossa Mercê, quando não farei hum desatino.

Sanch. Para que saiba o Mundo a minha inteireza, e incorruptibilidade, oução todos, que ainda com ser o burro meu lhe dou a sentença seguinte.

Vai dictando Sancho a sentença.

Visto este burro, accusação do Author, provas dadas por huma, e outra parte, mostrase, que hindo o Author roçando-se pelo pé delle Réo burro, que por nome não perca, alçando o pé esquerdo despedio hum couce, que pregando na barriga delle Author, salvo tal lugar, o estendeo como hum cação; e porque consta da fé do Meirinho que presente está, e não me deixará mentir, que o dito Réo burro trazia escondido no pé huma ferradura de ferro, e como semelhantes armas sejão prohibidas, e defezas, por serem armas

cur-

curtas, mando que elle dito Réo burro sejá desferrado, e vá passear sem albarda pela feira das bestas, exposto á vergonha dos mais burros seus camaradas, para que se lhe faça a face vermelha, por me constar que he burro de vergonha. Item, que não possa ser pai de burrinhos, nem que se deite a lançamento. Item, que seja lançado á margem na Cotovia, onde não comerá senão relva, ou cascas de melão, e melancia, como burro de Agoadeiro, e pagará as custas, e todas as perdas, e damnos em que o condemno, &c. Ilha dos Panças alagartados, &c.

Todos. Viva o nosso Governador Sancho Pança, viva para exemplo dos Ministros, e honra das Ilhas.

Sanch. Bem folgo que vejais a minha inteireza, pois com ser o burro meu, e tendo-lhe tanto amor, não foi este bastante para deixar de fazer Justiça. Agora quero escrever huma carta a minha Mulher. O' Escrivão, escrevei lá; ponde em sima a Cruz dos quatro caminhos, e huma alampada accêza.

Escr. Senhor, para que he a alampada?

Sanch. Sois asno? Donde vistes vós Cruz sem alampada?

Escr. Está posta.

Carta que vai dictando ao Escrivão.

Sanch. Minha Thereza, já sabereis que vos diria o diabo que estou feito Governador em corpo, e alma; mas com me ver levantado do chão hum covado não he razão que o meu

amor

amor conjugal vos falte com o debito de minhas letras, (tres pontos, e quatro vingulas) porque vós bem ſabeis que quando no taboleiro do goſto eſcolho o trigo do voſſo carinho, lanço fóra a eſvilhaca da ingratidão; pois joeirando as finezas fica crivado o peito da correſpondencia; porém indo meu amor á atafona dos extremos, alli ſe desfazem em pó as caricias do coração; e furtando-me o atafoneiro da diſtancia as maquias da voſſa viſta, peneirão os meus olhos lagrimas, e com ellas amaſſando a farinha da mágoa no alguidar da ſaudade, levão em creſcimento o ſuſpiro, até que tendendo-ſe na taboa dos rigores vai para o forno das penas, e alli ſe coze com o fogo do deſejo; e dando ao moço a merendeira do pezar, guardo o pão azedo de voſſa lembrança no armario de minhas memorias. (ponto de interrogação.) Em fim, Mulher, tenho determinado que andeis em coche vós, e minha filha, a quem peço ſe lembre que tem hum pai Governador. Ahi vos mando eſſes caramujos, e eſſe ſacco de arêa, que he o que há neſta Ilha; graças a Deos, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom, e ſe recommenda com muitas lembranças, e diz, que hajais eſta por voſſa, que não vos eſcreve por ter huns cravos em huma mão, que lhes fez hum ferrador em humas bulhas que tiverão. Vêde ſe preſto para alguma couſa, que vo-la hei de fazer. Ilha dos Lagartos. Voſſo Mari-

rido, ſe quizeres. Sancho Pança, Governador.

Eſta Carta ſerá logo entregue.

Meir. Sim Senhor. Ora baſta já de deſpacho; não queremos que Voſſa Mercê ſe esfalfe; nem tudo ſe ha de levar ao cabo; venha Voſſa Mercê jantar, que o Conſelho deſta Ilha tem preparado hum magnífico banquete para Voſſa Mercê nas caſas da Camera.

Sanch. Meirinho, jantar de Camera ſerá de couſa que já foi jantada, e aſſim vêde lá o que dizeis.

Meir. Se Voſſa Mercê o não quer na Camera ſerá aqui meſmo, e vamos, que depois havemos hir rondar a Ilha.

Sanch. Vamos nós reconhecer os pratos, e daime de jantar, ſeja aonde for, porque o ventre *non patitur moras.*

Meir. Vamos. *Vão-ſe.*

SCENA V.

Mutação de Sala. Eſtará huma meza mal ordenada com huma garrafa em ſima; eſtarão hum Medico, e hum Cirurgião, dous Rebecas, e hum Rebecão, e ſahem Sancho, Meirinho, e o Eſcrivão.

Sanch. QUem te diſſera a ti, pobre Sancho Pança, que da ruſtica choupana de tua Aldêa havias de chegar a tanta honra! Sem dúvida, que o apparato deſta meza he digno de jantar nella hum abſoluto Principe? Se

Se iſto he no preparatorio, que ſerá na codea! Ai, esfaimado Sancho Pança, deſta vez tirarás o ventre de miſeria; quem me dera ter neſta occaſião ſete bocas, dez gorgomillos, quatro ordens de dentes, e oito bandulhos para devorar, e engolir tanta comezana!

Meir. Senhor Governador, ſente-ſe Voſſa Mercê.

Sanch. O' meu rico Meirinho do meu coração, dizei-me quem são eſtes dous bigorrilhas?

Meir. Eſte he o Medico, e eſte he o Cirurgião, que ambos coſtumão aſſiſtir nos banquetes que ſe dão aos Governadores por grandeza, e eſtado.

Sanch. Eu lhe perdoára o eſtado, com tanto que a grandeza ſó fora no comer. E quem são eſtes de cabelleira loura muito bulliçoſos?

Meir. Eſtes são os que tangem varios inſtrumentos em quanto ſe come para excitar o appetite.

Sanch. Eu eſcuſo acepipes para comer, pois o tenho para ſeis bois.

Tocão os inſtrumentos muito deſafinados.

Meir. Que tal tangem?

Sanch. Eſſa tocata he de rigor, parece feita por ſolfa.

Med. Senhor Governador, ora por vida ſua que nos faça a honra de comer; faça-nos eſte goſto por quem he.

Sanch. Não he neceſſario tanto rogo; eſte Medico tem feição. *á parte.*

Med. Primeiramente, Senhor Governador, ha de Voſſa Mercê comer com parcimonia.

Sanch.

Sanch. Parcimonia he cousa de comer?

Med. Parcimonia he comer com temperança.

Sanch. Isso de temperos pertence ao cosinheiro.

Med. Temperança por outro nome he o mesmo que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opinião dos modernos, o muito comer estraga a natureza.

Sanch. Ainda esta he peior! Ora digo-vos que sois hum asno. O comer muito he proveitoso para a barriga, porque se enche; pois conforme a melhor Filosofia *non datur vacuum in rerum natura*, e assim hei de comer.

Cirurg. Senhor Governador, com licença de Vossa Mercê, antes que coma he preciso fazer huma diligencia do meu officio da Cirurgia.

Sanch. Entendo que este banquete tem algum apostema que o Cirurgião quer tambem meter a tenta; vamos lá, que he isso?

Cirurg. Quero endireitar-lhe o pescoço, tenha-o sempre direito, não o troça quando comer, porque facilmente póde quebrar alguma veia.

Sanch. Não me deixareis comer como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais que esta he a primeira vez que eu como na minha vida?

Med. Senhor, huma cousa he comer como escudeiro, e outra como Governador; e como tal queremos que Vossa Mercê coma como manda a arte Medica, e Cirurgica; pois a conservação da sua vida nos importa em muito, como unico refugio em que se estriba a nossa esperança.

Sanch.

Sanch. Seja o que vós quisereis, e deixai-me comer; venha a sopa.

Med. Isso he sopa? Nada, fóra! Não coma Vossa Mercê sopa, que he muito nutritiva, geradora, damnosa, sanguinaria, e lhe póde resultar hum estupor.

Sanch. Com que a sopa faz estupor? Vós he que sois o estupor da sopa. Hei de comella, mas que me dem duzentos estupores.

Med. Requeiro a Vossa Mercê da parte da saude, que não coma sopa, que nesta Ilha a sopa prova muito mal.

Sanch. Isso he porque vossês não sabem provar bem a sopa.

Med. Ora Senhor Governador, deixe Vossa Mercê isso, pois não falta comer em que Vossa Mercê se possa fartar; coma esse prato de assado.

Cirurg. Não, com licença de Vossa Mercê, Senhor Doutor, tambem agora não he licito que o Senhor Governador coma assado, que lhe póde ferir a garganta, pelo torrado do forno, e pela acrimonia do molho.

Med. Pois não coma assado se a Cirurgia assim o manda.

Sanch. Com que vossê, Senhor Doutor, he Juiz da consciencia da minha barriga? Está galante historia dizer lá o bigodes do Cirurgião, que o assado faz mal á garganta!

Meir. Senhor Governador, o que os Senhores dizem tudo he para seu bem, e elles que o dizem bem o entendem.

Sanch.

Sanch. Meirinho, eu ſempre ouvi dizer que quem te dá o oſſo não te deſeja ver morto, e eſtes Fyſicos não ſó me não dão a carne, mas tambem me não dão o oſſo, e ſenão dizei-me, para que me convidárão eſtes Senhores ſe me não deixão comer?

Med. Eſſa he boa! Nós lhe prohibimos o que he nocivo; ahi não faltão manjares para Voſſa Mercê comer.

Sanch. Ora eſtá bem, vamos comendo eſtas perdizes.

Med. Tá tá; perdizes por nenhum caſo, são pernicioſas á vida do homem.

Sanch. A'que d'ElRei, Senhores: há quem tal diga da perdiz, que ſe come com a mão no nariz, por ſer tão excellente, que he neceſſario apertar-ſe o nariz para que não entre por elle?

Med. Senhor Governador, dê-me attenção. A perdiz, como diz Averróes, he muito indigeſta: *Omnis ſaturatio mala, perdix autem peſſima.*

Sanch. Ora Senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para conſolação deſta pobre pança; pois ſempre ouvi dizer a meu Amo, que *vacare culpa, magnum eſt ſolatium.*

Med. Olhe Voſſa Mercê, Senhor Governador, não duvidamos que a vaca he generoſo alimento, porém como Voſſa Mercê ainda não comeo couſa alguma, não he licito que coma vaca eſtando em jejum, porque a vaca he

alimento mui forte ; e como o estomago está fraco , peleja o forte com o fraco , e he forçoso que fique o fraco vencido , e do vencimento póde resultar a morte mui facilmente.

Sanch. Visto isso tambem estou inhabilitado para comer vaca ?

Med. Por ora sim.

Sanch. Que por ora , se eu por instantes me estou desmaiando com fraqueza ? Deixem-me comer aqualle prato que alli está , que morro com fome.

Med. Senhor , está louco ? Quer comer pratos ? Não vê que he de estanho , e que lhe póde fazer huma grande obstrucção na barriga ?

Cirurg. Ui , Senhor , estanho não he bom para o estomago , nem derretido quanto mais cru.

Sanch. Ora isto he já pouca vergonha ; hei de comer o que eu quizer , pois sou Governador em chefe com mero mixto imperio nesta Ilha , e seus arredóres.

Med. Senhor , tenha mão.

Sanch. Sim , tenho mão para vos dar muita bofetada a vós , Medico de ourinas , e a vós , Cirurgião de trampa.

Meir. Senhor , não coma , que lhe póde fazer mal , que o dizem os Senhores.

Sanch. Se o comer faz mal , tambem o não comer o faz , e se hei de morrer de não comer , quero morrer comendo : Morra Martha , morra farta.

Haverá grande bulha sobre o comer , ou não comer.

Med. Acudão todos , que o Senhor Governador se quer matar por suas mãos.

Re-

Rebecas. Senhor, pague-nos Vossa Mercê, que aqui estivemos para tanger rebecas.

Sanch. Isso era pagar os açoutes ao verdugo.

Todos. A'que d'ElRei sobre o Governador, que nos não quer pagar.

Cirurg. A'que d'ElRei sobre o Governador, que se quer matar pelas suas mãos.

Sanch. A'que d'ElRei, que me querem matar á fome.

Meir. Vamos rondar a Ilha, que he já noite.

Sanch. Não quero rondar, leve o diabo a Ilha; há aqui perto alguma taverna?

Escr. Ora vamos, que ao depois sem que o Medico, nem o Cirurgião saibão, lhe daremos bem que comer.

Sanch. Vède lá o que dizeis.

Escr. Tenho dito, e fie-se em mim.

Sanch. Ora vamos rondar; mas esperai, e se acharmos alguns Marujos que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

Meir. Por isso mesmo, para os prender.

Sanch. Isso he o mesmo que quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario; não Senhor, deixe Vossa Mercê patuscar a quem patusca; já que o não podem fazer de dia deixemo-los patuscar de noite que he sua, e ninguem lha póde tirar por força.

Meir. Vamos, Senhor, senão daremos com Vossa Mercê fóra daqui.

Sanch. Vamos, mas olhe que lhe digo, que eu vou como quem vai para a forca.

SCENA VI.

Mutação de casas. Estarão alguns rebuçados; e se canta o oitavado, e sahem Sancho, e os Meirinhos rondando.

Sanch. AGora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Thereza, isso erão canas! Dei-lhe huma vez hum descante que fazia bailhar as tripecinhas: o demo da rapariga era esquiva como não sei que; huma vez pedi-lhe que me deixasse beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lho beijei cuidando que era a mão; cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar hum homem com as vozes do meu canto a dar c'o corpo á sola.

Meir. Vamos prender esses maganos.

Sanch. Deixai-os, Meirinho.

Meir. Senhor, isto he hum desaforo, andar desinquietando as moças honradas que estão em casa de seus pais.

Sanch. Dizeis bem: O' lá, ó Senhores esquinados, vossês bem podem namorar sem desinquietar as raparigas.

Escr. Vossês não tem respeito á Justiça? Vão-se logo embora.

Sanch. O' filhos, não deis escandalo á visinhança, nem deis motivo a disturbios com vossos divertimentos, quando não farei Justiça.

Hom. Vamos dar outro descante pela parte do quintal. *Meir.*

Meir. Alli eſtá hum vulto naquella eſquina; reconheça Voſſa Mercê quem he.

Sanch. Como o hei de reconhecer, ſe elle eſtá embuçado?

Meir. Por iſſo meſmo.

Sanch. Ah Senhor, deſembuce-ſe lá, olhe que o quero reconhecer; ai, que já o reconheci!

Meir. Quem he?

Sanch. He hum homem que eſtá embuçado.

Meir. Pergunte-lhe quem he, da parte do Senhor Governador.

Sanch. Quem he, da parte do Senhor Governador?

Hom. Que lhe importa?

Sanch. Não diſſe eu que ſe havia de agaſtar? Voſsês não querem tomar o meu conſelho.

Meir. Torne-lhe a perguntar.

Sanch. Quem he, da parte d'ElRei?

Hom. He a perra que o pario.

Sanch. Ai, que he minha Mãi! Mas ella já morreo; ſerá a ſua alma que me vem ver. Diga por vida ſua, quem he?

Hom. Sou ſua avó torta.

Sanch. Mente, magano, que minha avó não era torta, nem na minha geração houverão tortos; torto ſerá voſsê.

Meir. Venha prezo da parte d'ElRei.

Hom. Digo que não quero ir prezo.

Sanch. Voſsê não quer ir prezo? Olhe bem o que diz.

Hom. Não quero, tenho dito.

Sanch. Pois vá-ſe embora.

Meir.

Meir. Que quer dizer não quero ir prezo? Venha logo.

Sanch. Meirinho, vós sois terrivel; se o homem não quer ser prezo, para que o havemos levar contra sua vontade? Não vêdes que póde dar huma força de nós.

Meir. Ora isso he já pouca vergonha! Ha de vir desta sorte.

Hom. Venha para cá, que eu o enfiarei.

Puxão pelas espadas, e foge Sancho.

Sanch. Pés para que te quero! Lá vai o Meirinho c'os diabos: de boa escapei eu! *Vai-se.*

Meir. Ah Senhor Governador?

Sanch. Não deixaráõ a este pobre Governador lograr o seu governo descançado na cama com as pernas para o ár.

Meir. Senhor Governador?

Sanch. Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida; arre lá com o salvaginha! Bate que parece que piza esparto.

Escr. Vossa Mercê não ouve, Senhor Governador?

Sanch. Isso he tollice, pois se eu ouvíra não houvera responder?

Meir. Ora ouça, que estou batendo.

Sanch. Com a motinada do bater não ouço nada.

Meir. Pois já não bato, ouça Vossa Mercê.

Sanch. Huma vez que não bateis entendo que não quereis entrar.

Escr. Vossa Mercê parece que não ouve?

Sanch. Não poderei ser surdo se quizer? Olhem que está boa.

Meir. Senhor, que está a Ilha cercada de inimigos, acuda Vossa Mercê. *Sanch.*

ancb. A Deos, minhas encommendas; lá vai o pobre Sancho Pança desta bolada.

Escr. Senhor, venha defender a Praça, saianos a governar como bom Capitão.

Sanch. Mandai cantar a Ladainha de todos os Santos, e vereis como se vão.

Meir. Ora isto he já pouca vergonha, lá vai a porta dentro.

Sahe Sancho.

Sanch. Esperem, que eu lá vou para fóra. Vossês estão aqui há muito tempo?

Meir. Ha mais de duas horas.

Sanch. Porque não fallavão? Eu adevinho? Pois que temos?

Escr. Estamos perdidos.

Sanch. Alguem nos achará.

Meir. Inimigos na Ilha; acudamos a defendella.

Sanch. Pois façamo-nos seus amigos, e dizeilhe que entrem.

Escr. Pelejemos, Senhor.

Sanch. Isso he mais; eu sou cá espadachim? Não basta que elles briguem?

Meir. Senhor, que já elles ahi vem, vamos sahir-lhe ao encontro.

Sanch. Tomara-me não encontrar com semelhante gente; vão vossês brigar se quizerem, que eu fico governando a Ilha.

Escr. Senhor, que vem passando tudo a cutélo, defendamo-nos.

Sanch. Isso he outra cousa. O' lá, todos os nossos Soldados se ponhão em ala com as mãos atadas para trás, para que logo sejão de-

degollados, e quando os inimigos vierem ninguem lhes faça mal; deixem-lhe tomar a Ilha, que mais val tomada que perdida.

Meir. Vamos, Senhor.

Sahem alguns homens.

Todos. Morra Sancho Pança. Vitoria.

Sanch. Morra muito embora, com tanto que me não matem.

Todos. Efte he o Governador, venha prezo.

Cahe Sancho no chão.

Sanch. Eu quero morrer antes que me matem.

Todos. Elle eftá morto, enterre-mo-lo.

Sanch. Peior eftá efta; quem lhe diffe a elles que eu queria que me enterraffem?

Todos. Levemo-lo a enterrar.

Sanch. Não, eu não fou morto de ceremonias, eu hirei mefmo por meu pé.

Todos. Peguem nelle.

SCENA VII.

Mutação de jardim aonde eftarão o Fidalgo, a Fidalga, e D. Quixote.

D. Quix. Senhora Excellentiffima, Fidalguiffimo Senhor, não fei aonde pertendem chegar voffas grandezas com tantas liberalidades, quantas são as com que tratão a hum Cavalleiro andante! Algum dia faberei pagar tantos beneficios, pois tambem os Senhores não fe livrão de eftarem encantados.

Fidalga. Senhor D. Quixote, ainda fazemos pouco, fegundo o que merece hum Cavalleiro andante como Voffa Mercê. *Fi-*

Fidalgo. Se a minha caſa não eſtivera tão empenhada, Voſſa Mercê víra o noſſo primor.

Sahe Sancho.

Sanch. O diabo leve a Ilha, e mais quem me mandou para ella.

Fidalgo. Que he iſſo, Sancho Pança? Que conta me dais da minha Ilha?

Sanch. Aonde eſtá a galantaria de me mandar Voſſa Reverencia a ſer Governador de huma Ilha atreita a inimigos? Elles lá ficão a paz, e a ſalvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

Fidalgo. Pois não a ſoubeſte defender.

Sanch. Defendi-a até a ultima gotta de ſangue, e até me fiz morto a ver ſe elles fugião, mas os malditos não tem medo de defuntos.

D. Quix. Vai-te, cobarde gallinhola; iſſo he o que aprendeſte do meu valor ha tantos annos na eſcóla da minha milicia? Não te hei de ver mais a cara. Que ſe ha de dizer de mim ſe tu dás má fama do meu valor?

Fidalga. Senhor, os accidentes da fortuna não são deſluſtres do valor; iſto podia acontecer ao mais valente.

Sanch. Iſſo eſtava eu para o dizer agora, e tirou-me da boca o que eu já tinha entre os dentes.

Sahe hum Eſcudeiro.

Eſcud. Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condeſſa Trifalde pede licença para fallar a Voſſa Mercê.

D. Quix. Dizei-lhe que entre, com licença dos Senhores.

Cond.

Cond. Senhor, aos pés de Vossa Mercê busca remedio huma desgraçada Condessa, a qual vive encantada ha vinte annos com tal extravagancia dos encantadores, que tendo eu o melhor carão me fizerão crescer na cara as maiores barbas que nunca se virão em homem algum, e assim só o vosso valor me póde desencantar.

Sanch. Esta he mulher de bigode.

D. Quix. Senhora, menos rogo, que esse bastava para vos desencantar.

Cond. Pois eu chamo hum cavallo no qual subireis á região etherea a desencantar-me, e vosso criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

Sanch. Senhora Condessa Trifraldas, eu sempre ouvi dizer que o dar vinha nas ancas do prometer; eu já estou desenganado do que dão de si estes desencantos; com que, sem que me paguem não vou, mais que me frijão.

Cond. Dou-te huma joia, que val mil moedas, que tambem está encantada.

Sanch. Pois eu vou desencantar a joia, e meu Amo a vossa barbaridade.

Canta a Condessa Trifalde a seguinte

A R I A.

As nuvens com ventos
Soberbos, violentos,
Me tragão voando
Hum bello cavallo,
E nelle montado
Dom Quixote vá.

Tambem Sancho Pança
Chegue a montallo;
Porque desta sorte
Se veja a mudança
Do rosto, que he morte,
Se barbas se dá.

Nas ultimas claufulas da Aria defce o cavallo, e montão D. Quixote, e Sancho Pança.

Sanch. Não lhe aperte muito o freio, que he doce da boca.

D. Quix. Já paſſámos a região aeria.

Sanch. Aerio eſtá Voſſa Mercê. Eſte cavallo anda, que parece que voa. Para a carga! Eſte cavallo como vai pelo ár tem muita ventoſidade.

D. Quix. Eſta he a região do fogo, já eſtamos perto.

Cahe o cavallo com D. Quixote, e Sancho.

Sanch. Eſta he a região da terra; ai, que quebrei as coſtellas! Ai, Senhora Condeſſa, ou Senhora alcofa, aonde eſtão as moedas?

Cond. Senhor D. Quixote, já eſtou deſencantada, vivais muitos annos; Sancho Pança, as moedas hão de vir para o tempo dellas; a Deos.

Sanch. Há maior inſolencia! Tu és aſno, Sancho? Pois leva, leva. Senhor, eu me reſolvo a ir para a minha Aldèa ſangrar-me, e purgar-me; pois tenho levado tantas quédas de deſgraça, ſem que pudeſſe ter quéda com a fortuna.

D. Quix. Senhores, Voſſas Grandezas me hão de dar licença, que não he razão eſteja aqui tanto tempo ſem ir deſencantar outras peſſoas, viſto ter já deſencantado eſta Condeſſa.

Fidalga. Não poſſo eſtorvar a Voſſa Mercê eſte louvavel exercicio das ſuas Cavallarias.

Fidalgo. Viva mil annos o Senhor D. Quixote por tantos deſencantos. *D. Quix.*

D. Quix. Senhores, isto em mim sempre foi obrigação. Sancho, vai sellar os cavallos.

Sanch. Vamo-nos já desta casa encantada.

SCENA VIII.

Matação de bosque. Sahem Sansão Carrasco, D. Quixote, e Sancho, os dous primeiros a cavallo.

Carr. AGora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darei quanto possuo se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura que tem emprendido. Eu te prometto que tu fiques desenganado, e por estes par de annos não montarás a cavallo. Oh se quizera a ventura que agora o encontrasse! Mas se me não engana a vista, lá vejo vir hum Cavalleiro; elle he sem dúvida, apressar-me quero. (*Sahe D. Quixote.*) Se sois Cavalleiro andante brigai comigo.

D. Quix. Como, se o sou? Não só comvosco brigarei, mas com mil de vós.

Sanch. Máo, isto he caso pensado, e rixa velha.

Carr. Investi, Cavalleiro.

D. Quix Invisto. *Cahe D. Quixote.*

Sanch. Oh desgraçado, aqui vierão ter fim as tuas Cavallarias andantes! Ah Senhor, não o mate por vida sua, deixe-o para tronco dos Cavalleiros andantes.

D. Quix. Estou vencido; nem sempre a fortuna me havia de ser favoravel. *Carr.*

Carr. Pois eſtais vencido, mando-vos que não tomeis armas por eſpaço de dez annos, e vos recolhais a voſſa caſa.

Sanch. Oh nunca ta mão doa! Bem hajas.

D. Quix. Como bom Cavalleiro devo obedecer; dizei-me quem ſois?

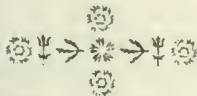
Carr. Eu ſou Sansão Carraſco a quem venceſtes já huma vez; agora quizerão os Aſtros que eu vos venceſſe, para que vos recolhais em paz para a voſſa caſa, que aſſim mo pedio voſſa Sobrinha.

Sanch. Ora, Senhores, acabou-ſe a valentia de D. Quixote, graças a Deos! Tirei bom fructo delle; bem me diſſe a minha filha ao deſpedir-me. Com que agora dando fim a eſta verdadeira Hiſtoria hirei cantando.

Tão alegres que viemos,
E tão triſtes que tornámos:

Canta o Coro como no principio.

F I M.

ESO-

ESOPAIDA, OU VIDA DE ESOPO, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Abril de 1734.

ARGUMENTO.

ESopo Filoſofo, ſendo cativo, ou eſcravo de Zeno, foi vendido a Xanto, Filoſofo Athenienſe, o qual eſtimou muito a Eſopo por ſer gracioſo, e ſabio. Eſte ſervindo a ſeu Senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veio ſobre a meſma Cidade ElRei Creſſo de Lidia com hum grande exercito. Foi inſinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Eſopo como ſabio foſſe o Director da defenſa dos Athenienſes, e com ſeus ardis os livrou, dando o Povo a Eſopo a liberdade em beneficio da Patria. Caſa Periandro com Filena, filha de Xanto. ElRei Creſſo pre-

premeia os grandes merecimentos de Esopo, fazendo-o Governador da Cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da Historia.

INTERLOCUTORES.

Cresso,	*Rei de Lidia.*
Zeno,	*Filosofo, Senhor de Esopo.*
Xanto,	*Filosofo.*
Periandro,	*Discipulo de Xanto, amante de Filena.*
Ennio,	*Discipulo de Xanto.*
Temistocles,	*Senador.*
Filena,	*Filha de Xanto.*
Euripedes,	*Mulher de Xanto.*
Geringonça,	*Criada de Euripedes.*
Esopo,	*Filosofo.*
Soldados, e Coro.	

SCENAS DA I. PARTE.

I. *MUtação de Praça com casas, e huma feira com gente.*
II. *Mutação de Camera.*
III. *Mutação de Sala.*
IV. *Mutação de Camera.*
V. *Mutação de Mar.*
VI. *Praça. Mutação de noite.*
VII. *Mutação de Exercito.*
VIII. *Mutação de Templo.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *MUtação de Selva.*
II. *Mutação de Arraial.*
III. *Mutação de Selva.*
IV. *Mutação de Camera.*
V. *Mutação de Arraial.*
VI. *Mutação de Pateo eſcuro.*
VII. *Mutação de Camera.*
VIII. *Mutação de Arraial.*
IX. *Mutação de jardim.*
X. *Mutação de Sala.*

PARTE II.

SCENA I.

Depois de cantar o Coro descobre se a Praça com fonte, e haverá como huma feira com grande concurso de homens, e mulheres, e hirão sahindo Zeno com os dous Escravos, e Esopo mais atrás.

Zen. NOTAVEL dia de feira para hum homem ganhar com estes tres escravos sequer duzentos por cento, que não he usura! Oh queira Jupiter que não chova! Não me dirás, Esopo, já que és tão prezado de respondão, porque quasi sempre em todas as feiras chove?

Esop. Isso tem pouco que saber, porque como quasi sempre as feiras se fazem nos Rocios, por força se hão de molhar, ou rociar as feiras.

Zen. Que depositasse a Providencia em vaso tão tosco huma alma tão perfeita como a deste Esopo!

1. *Escr.* Para que nos trará nosso Patrão hoje á feira? Isto he novidade.

2. *Escr.* E o que mais me faz desconfiar he o vestir-nos com roupas novas, e trazer-nos mui Franças. Que dizes, Esopo, que será isto?

Esop. De sorte, meus amigos, que segundo a

perspectiva em que estamos cheira-me isto a que nosso Patrão nos traz aqui para que alguem se namore de nós para casar, porque elle he muito amigo de fazer geração na bolsa.

1. *Escr.* Não, isto he mais alguma cousa.

2. *Escr.* Isto he o que quer que he.

Esop. Seja o que for; nunca cuidei no que está para vir. Não ha cousa como hum criado ser bem procedido de unhas em fóra que logo não tem que temer, nem que cuidar; e para que vejais o quam pouco se me dá disso vamos vendo esta feira.

Zen. Donde Esopo vás? Tu não ouves? Com quem fallo eu?

Esop. He comigo?

Zen. Sim.

Esop. Eu não me chamo Esopo Vaz, sou Esopo só, nú, e espurio como minha mái me pario.

Zen. Aonde hias, entremetido?

Esop. Se eu fora entremettido perguntára a Vossa Mercê para que nos traz hoje a esta grande feira.

Zen. Para vender-vos a todos tres, pois todos tres sois intoleraveis pelas vossas manhas, porque tu és hum bebado, e tu hum ladrão.

Esop. Visto isso, quem comprar a este sendo ladrão, compra-o com siza, e tudo. E eu, Senhor, quaes são as minhas habilidades, ou virtudes?

Zen. São boas; primeiramente mexiriqueiro, e bacharel.

Esop. Se èu fora Bacharel soubera Direito; se eu

eu ſoubera Direito eu me endireitára, e não fora corcovado; não he por ahi que vai o gato ás filhozes, tem mais de que ſe accuſe?

Zen. Mais tenho, e o ſer alcoviteiro não preſta?

Eſop. Eu digo que não preſta; mas olhe o que lhe digo he que ſe Voſſa Mercê me vende por iſſo, que não faltará quem por iſſo me compre. Ora o certo he que eſtamos em hum tempo que ſe não ſabem eſtimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Se Voſſa Mercê bem ſoubera o que eu ſou talvez que me não vendêra. Porém fallando com a mais cativa reverencia, não he o mel para a boca do aſno.

Zen. Qual he o mel, e qual he o aſno?

Eſop. O aſno, fallando por entre os dentes, he Voſſa Mercê, e o mel he o que ſahe, e o que levo do tinteiro.

Zen. Acaba com iſſo, que ſe começas com arengas nunca acabarás. Mas em quanto vem chegando os feirantes vamos paſſeando por eſta praça. Que te parece? Não he boa?

Eſop. De boa tem pouco.

Zen. Pois achas que eſta praça não he boa? Que achaques lhe pões?

Eſop. Senhor, não póde deixar de ſer achacada huma praça com fontes, e a meu ver tem dor de pedra, porque ourina devagar.

Hom. Ah ſô amigo, que procura? Se quer huma boa eſpada aqui a tem.

Eſop. Sou tentado com eſpadas; eſte homem he bruxo, adevinhou-me o genio; vejamos lá, que tal he?

Hom. He huma folha velha.

Esop. Folhinha velha, isso he do anno passado, não me serve para este; quero huma folhinha para este anno que vem, com hum eclipse de estocadas.

Hom. Não me entende? Digo que tem aqui huma espada velha.

Esop. Peior; eu não quero senão huma espada nova, e vem cá o Senhor á feira com huma espada velha!

Hom. Vá-se dahi, que não entende de espadas, ahi tem rócas, vá comprallas.

Esop. O homem não tem siso. *á parte.* Pois fia vossê de mim, que não entendo de espadas? Pois saiba que meu pai foi hum ferro velho, e quando me gerou na bainha de minha mãi nasci eu tão espadaúdo, que cuidou a Comadre que era eu hum peixe espada, e por final, que com poucos dias de nascido me punhão á cabeceira huma espada núa por amor das bruxas.

Hom. Passa fóra, carcunda; onde levas a merenda ás costas?

Esop. A das costas he minha, e a que está mais abaixo he para vossê.

Outr. Fóra Poeta.

Esop. Olha tu, não te faça huma sinalefa na cara, e hum Poema de pés quebrados.

Zen. Valha-te o diabo, maldito, não te callarás, que és aqui a fabula do povo?

Esop. Pois se eu sou a fabula do povo tambem o povo he a fabula de Esopo.

Mulh.

Mulh. Aqui tem boas couves, menino, merque comigo.

Esop. Deveras, que a menina das couves não he máo repolho para a panella do amor.

Mulh. Olhai quem falla em amor! Tira-te lá, espantalho, não me enguices a venda.

Esop. Eu nunca vi Venus com venda. Vem. vossês, esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que são dous valentes carneiros.

1. *Escr.* Dize-lhe dessas.

Esop. Xiton, que ahi vem nosso Patrão direito como hum fuso; esperem, esperem, que elle lá vai para a feira das bestas. Ah Senhor, aonde vai? Tambem Vossa Mercê se quer vender?

Zen. Que dizes, bruto?

Esop. Que? Arre para cá, não se troque Vossa Mercê, ao depois não o poderemos conhecer, e quando não ponha hum sinal na orelha, e vá-se.

Zen. Como te tenho por bobo, tens licença para tudo

Sahem Xanto, Periandro, e Ennio com vestidos talares.

Xant. Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

Periand. Senhor Mestre Xanto, sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento, e muito forte.

Xant. Periandro, fique-vos de advertencia, que nem todo o lugar he para todas as cousas;

mas

nas praças vende-se, e nas Aulas argumenta-se.

Ennio. Diz bem o nosso Mestre; vós, Periandro, sois terrivel.

Periand. E vós, Ennio, tambem me quereis reprehender? He o que me falta!

Zen. Senhor Filosofo, Vossa Mercê por ventura quererá comprar algum destes escravos?

Xant. Eu só venho comprar hum jumento para a nora da minha quinta.

Esop. Eu nunca vi Filosofo com quinta. *á p.*

Xant. Porém se com tudo mo accommodar no preço, não se me dá de comprar hum escravo. Anda tu cá; que sabes fazer?

1. *Escr.* Tudo.

Xant. E tu?

2. *Escr.* Eu tudo sei fazer.

Periand. Quem tudo sabe, nada sabe.

Xant. E tu, monstro, que sabes fazer?

Esop. Nada, graças a Deos.

Xant. Homem, (se he que o és) he possivel que não saibas fazer cousa alguma?

Esop. Senhor, não se admire Vossa Mercê, que como estes meus companheiros tomárão por sua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

Periand. Que diz Vossa Mercê da reposta, Senhor Xanto?

Xant. Está com subtileza: Ora dize-me; como te chamão?

Esop. A mim chamão-me como me querem chamar; não ha meia hora que huns me chamárão Poeta, e outros carcunda.

Xant.

Xant. Pergunto o teu nome.

Esop. Eu, Senhor, com perdão de Vossa Mercê chamo-me Esopo.

Xant. Donde nasceste?

Esop. Do ventre de minha mãi.

Xant. Não me entendes? Em que lugar nasceste?

Esop. Tambem não me disse minha mãi se me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido que foi ahi a algures ao pé de alguma cousa.

Periand. Ennio, o escravo tem atacado ao Filosofo nosso Mestre.

Xant. Ou és mui simples, ou mui velhaco; pergunto-te, de donde és natural?

Esop. A'que d'ElRei, Senhor, eu sou legitimo, não sou natural.

Xant. Valha-te Deos; aonde he a tua patria?

Esop. Isso he outra cousa; sou de donde me vai bem, que ahi he a minha terra.

Xant. Na verdade, que me tem admirado as repostas deste escravo! Hei de comprallo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

Zen. Pois não quer estes dous que são perfeitos, e só lhe agradou este bruto? Mas como Vossa Mercê vinha comprar hum jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.

Xant. Eu, Senhor, não compro as perfeiçôes do corpo mas sim as da alma.

Zen. Huma vez que Vossa Mercê assim o quer, todas as vezes que me der dez moedas leve-o.

Xant. Aqui as tem.

Esop. Que diabo estarão fallando huns com os ou-

outros ; apontando para mim ? Eu estou vendido aqui. *á parte.*

Xant. Esopo , anda comigo , que te comprei.

Zen. Esopo , vai com o Senhor Xanto , que a elle te vendi.

Esop. Não disse eu que estava vendido ? Vamos , Senhor Xanto Filosofo ; mas saiba que ambos vamos vendidos.

Xant. De que sorte ?

Esop. Eu , porque Vossa Mercê me comprou , e Vossa Mercê porque não sabe o que leva em mim.

Xant. O que eu levo em ti bem o sei.

Ennio. Vamos , vamos para casa , que he tarde.

Esop. A Deos , a Deos , meus amados companheiros , despeçamo-nos depressa antes que as lagrimas tenhão noticia da nossa despedida , que se ellas o sabem logo virão os cardumes. A Deos ; olhai , se vossês fugiem não seja para Braga , que he má terra para cativos.

Amb. Escr. A Deos , amigo.

Zen. Esopo , não te despedes de mim ?

Esop. Como Vossa Mercê me despedio de si para sempre , não queira outra vez despedir-se. Vamos , Senhores.

SCE-

SCENA II.

Mutação de Camera. Sahem Filena, e Geringonça.

Filen. FAllaste a Periandro?
Ger. Por mais que andei daqui para alli não o pude ver.
Filen. Valha-te o demo, maldita, que não tens prestimo para nada; como hei de passar daqui até á noite sem saber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.
Ger. Se são da madre, case-se, e deixe-me já com taes amores; porque Vossa Mercê me tem aqui para terceira da sua correspondencia.
Filen. Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quasi louca. Oh quem me dera saber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

Sahe Euripedes.

Eurip. Como he isso de meu querido Periandro?
Ger. Temos o caldo entornado.
Filen. Mofina de mim, que minha mãi me ouvio!
Eurip. Com que vossè já tem queridos? Está muito bem, teu pai o saberá, desavergonhada.
Filen. Eu não sei o que Vossa Mercè diz.
Eurip. Não sabes o que eu digo? Pois eu sei o que tu fazes; por isso vós, minha filha, andais sempre contando os buracos ás rotulas, porque todo o fogo tendes no peito: Ah ve-

velhaca, sonça, solapada! Com que o Senhor Periandro he o vosso amante? Por isso elle tomou por Mestre a teu pai, para ter pé de vir aqui todos os dias.

Filen. Olhe, minha mái.... porque eu..... quando.... sim....

Eurip. Que diabo dizes? Que fallas, que nem atas, nem desatas? Resta-me agora, que te queiras desculpar.

Filen. Pois eu que fiz? Olhe que está boa!

Ger. Eu vou-me çurrando, que esta trovoada ha de parar em agoa. *Vai se.*

Eurip. Isto me faz desesperar; tu pódes negar o que eu vejo, e o que agora te ouvi?

Cantão Euripedes, e Filena a seguinte

ARIA A DUO.

Eurip. Ingrata filha!
Filen. Brava máisinha!
Eurip. Sempre doudinha
Te hei de encontrar!
Filen. Sempre doudinha
Me ha de chamar?
Eurip. Tu com amores!
Filen. Eu! Náo ha tal.
Eurip. Para que negas?
Filen. Eu! Náo ha tal.
Eurip. Eu bem ouvia,
Que lhe dizias,
Que lhe querias,
E que morrias;
Tudo sei já.
Filen. Basta máisinha

De

De consumir-me.

Ai, ouça cá.

Eurip. . Ai, guarda lá.

Amb. Não quer ouvir-me?

Filen. Ai; ouça cá.

Eurip. Ai, guarda lá.

Sahem Xanto, Periandro, e Esopo, que ficará como escondido.

Xant. Esopo, espera aqui detrás desta cortina.

Esop. He mui boa sala vaga!

Xant. Amada Euripedes, tardei muito?

Eurip. Isso he do costume antigo; donde vem a estas horas, tamanhão?

Esop. Ella he desta casta? Boas novas para o pai da criança. *á pare.*

Xant. Ora não te agastes, que se tardei, arecadei.

Eurip. Que arrecadei? Que he o que me razes da feira?

Filen. He para mim, paisinho?

Eurip. Sim, tudo ha de ser para ella, não ha de ser senão para mim.

Xant. Pois saibamos, para quem ha de ser

Amb. Para mim.

Xant. Pois lá se avenhão com elle, ahi o em.

Sahe Esopo.

Eurip. Que horrivel fantasma!

Filen. Que enorme espectaculo! Fujamos, minha mái.

Eurip. Ai, Senhores, que estou para me desmaiar; ai, que elle se vem chegando! Aque d'ElRei!

Esp.

Esop. Ora eu não cuidava que era tão feio; que metia medo!

Sahe Geringonça.

Ger. Que gritos são estes, Senhora? Mas ai; coitada de mim, que demonio tão feio!

Periand. Boa a veio Vossa Mercê fazer, ella lhe dará o recado.

Eurip. Deite-me esse monturo pela porta fóra, não o quero em casa, nem hum instante.

Xant. Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa com que se desenfade, e se alegre.

Esop. Supponha Vossa Mercê que se me secou a proza, e que estou na hora do burro.

Xant. Dize-lhe alguma cousa sequer.

Esop. Já que me puxa pela lingua deixe-a agora comigo. Parece muito mal, Senhora Euripedes, que Vossa Mercê se agaste com o Senhor seu marido, por lhe comprar hum escravo feio; pois que queria? Queria hum servo gentil-homem para ficar cativa delle? Queria hum rapagão roliço, alvo, e louro, olhos azues com corpo á Ingleza, e pernas á Franceza, para que logo meu Senhor com tal servo ficasse veado? Ora cuide em si, e saiba estimar-me, que eu lho saberei merecer.

Eurip. Ai, só isso me fizera agora rir; és engraçado, já te vou perdendo o medo.

Xant. Tu não sabes as prendas de Esopo; eu te prometo que gostes delle.

Eurip. Vem cá Esopo, chega-te para mim.

Esop. Agora tambem não quero, que tenho me-

medo de Vossa Mercê. A'que d'ElRei, que tarasca! Quem me acode, que me desmaio?

Eurip. Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem para mim; és mui feio!

Esop. Isso he mercê que Vossa Mercê me faz.

Filen. A cara parece hum mono.

Esop. Ora não me lisongee.

Ger. Ai, Senhora, cá lhe vi huma corcova atrás.

Esop. Valha-te o demo a lingua, que me descobriste huma falta, que ninguem a havia ver se tu o não disseras.

Eurip. Ainda mais essa temos, he corcovado!

Esop. Bem podem montar em mim, que ainda que sou corcovado não faço corcovas.

Xant. Deixem ao pobre Esopo, que assim como he tem muito prestimo.

Eurip. Que habilidades tens, Esopo? Sabes cantar?

Esop. Qual he o cativo que não sabe cantar al son del remo, y de la cadena?

Eurip. Sabes tanger?

Esop. Sei tanger bois muito bem.

Eurip. Sabes lêr?

Esop. Não Senhora, escrever sim.

Filen. Meu pai, eu quero que Esopo seja meu Mestre, e que me ensine a lêr, e a escrever.

Xant. Sim, Esopo, tu has de ensinar a esta rapariga a lêr, e a escrever, ahi ta entrego.

Esop. Testemunhas me sejão todos, que o Senhor Xanto me entrega a sua filha, ao depois não se queixe, e ella não tem máos bigodes! *á parte.*

Periand.

Periand. Ora Esopo, conta-nos alguma cousa da tua vida, que ha de ser célebre.

Esop. Senhor, a minha vida he mais larga que comprida.

Eurip. Dize, Esopo, dize alguma cousa.

Esop. Ora vá de historia, gerou-me meu pai, e foi cousa para ver, que tanto que meu pai me gerou, logo minha mái se sentio prenhe, e ficou táo soberba, que tudo lhe enjoava, engordou tanto, que em nove mezes se fez como huma bola; em fim, se náo pare arrebenta; deráo-lhe as dores, e ao primeiro puxo sahio este criado de Vossa Mercê, e logo fui táo cortez, que cahi prostrado aos pés de minha mái; pois só a esta devia pagar as parias, porque náo falta quem diga que minha mái me pario de hum só parto, podendo-me parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e he de advertir, que naquelle tempo as mulheres eráo as que pariáo, e náo como agora, que pare quem quer: notou-se no meu nascimento, que eu nascêra nú, e em pelle, e como nascia para ser escravo, logo se me vio o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mái era muito amante dos filhos, logo me mandou engeitar; em fim, fui crescendo aos palmos, e apenas tinha sete annos logo comecei a fallar táo perfeitamente, que náo se me entendia palavra; toda a minha vida foi sempre prodigiosa, de sorte, que já anda em livros por todo o Mundo, e agora me dizem, que se está representando no Bairro Alto.

Periand.

Periand. Notavel he a tua vida!

Xant. Esopo, aqui te entrego esta casa, e te faço meu mordomo.

Eurip. Vamos, Filena.

Filen. Periandro, logo fallaremos, não te ausentes. *Vão se.*

Periand. Aqui ficarei esperando por esse Sol, que me anima. Ai, amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos suspiros que exhala accende as chammas nos sacrificios que vota?

Sahe Filena.

Filen. Periandro, seguramente podemos fallar, pois todos lá ficão dentro rindo-se com Esopo, que sem dúvida amor o trouxe aqui para que seja o terceiro de nossos amores.

Periand. Essa fortuna a devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondencia; e porque agora fallámos de amor, escuta, Filena, a fraze das melhores expressões.

SONETO.

Minha amada Filena, doce emprego,
De amorosos enleios labyrintho,
São taes as ancias que amoroso sinto,
Que sem morrer mil vezes não socego.
Em mar de pranto misero navego
Quando amante naufrago; porém minto,
Porque eu mesmo o martyrio já consinto,
Pois busco as penas morto, as luzes cégo.

Oh

Oh morra já minha alma enternecida!
Oh viva alegre nessa luz serena!
Contente aspiro tão ditosa lida;
Pois consegue esta dor, que me condemna,
Hum triunfo a teus olhos cada vida,
Cada morte huma gloria á minha pena.

Filen. Periandro, as tuas finezas por encarecidas, me parecem mais lisonjas que realidades, e assim appello para o tempo, que só este será o fiador da tua constancia; porque sendo tu firme eu não deixarei de ser leal.

Periand. Formosa Filena, ainda duvídas da minha lealdade? Não tens lido nos caracteres de meus suspiros as firmezas do meu amor? Não vês no espelho das minhas lagrimas a imagem dos meus extremos? Pois seguro-te, meu bem, que a pezar de tudo hei de ser sempre firme, constante, e leal.

Canta Periandro a seguinte

ARIA

Primeiro verás, Filena,
Enregelar-se o fogo,
Mover-se o duro monte,
Cahir esse horizonte,
Que em meu amante rogo
Se encontre o variar.
Se pois amor ordena,
Que adore essa belleza,
Será minha firmeza
Eterna em te adorar. *Vai-se.*

Filen. Escuta, Periandro; meu bem, aonde vás?

Sa-

Sabe Esopo.

Esop. Que hei de escutar? Que he o que diz?

Filen. Ai! Es tu, Esopo? A bom tempo vieste.

Esop. Sim vim a bom tempo, mas eu lhe empatei o cosimento.

Filen. Meu Esopo, tenho hum favor que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quizeres.

Esop. Diga, diga, não gaste tempo, que póde vir seu pai: Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. *á parte.*

Filen. Bem sabes, Esopo, que não há peito tão isento, que não sinta as violencias do amor.

Esop. Que mais?

Filen. Isto supposto, saberás que quero bem... não sei como to diga.

Esop. Eu estou vendo que ella se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *á parte.*

Filen. Porque bem sabes, Esopo, que o amor he cégo, e em nada repara.

Esop. Que mais claro mo ha de dizer? A pobresinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei que o amor he cégo, e he monstro, e que para catirar as almas, como cégo, não repara em qualidades, e como monstro não se lhe dá de perfeições; quer Vossa Mercê dizer, que apenas me vio logo se rendeo, e que estala de amor por mim, se he isso esteja descansada, que lhe quero tambem muito, muito.

Filen. Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor?

Esop. Olhe Vossa Mercê, pois achava eu que não era nenhum despropósito, porque me tinha logo aqui á mão dentro de casa sem o ir buscar á rua.

Filen. Eu quero bem a Periandro, e como lhe não posso fallar as vezes que quero, tu has de ser o medianeiro da nossa correspondencia.

Esop. Isso por outra fraze vem a ser alcoviteiro. Não he nada!

Filen. Pois que dizes?

Esop. Senhora, em mim está mal o officio de camaleão; isso não se acha em mim.

Filen. Meu Esopo, olha que to hei de agradecer, e Periandro tambem.

Esop. Senhora, tudo se póde fazer sem que perigue o meu credito, e o seu amor, e poderemos ambos ficar bem.

Filen. De que sorte?

Esop. Desta sorte: eu o que poderei fazer he levar-lhe algum recado ao Senhor Periandro, ou escrever-lhe alguma carta em seu nome, e fazer tudo o que Vossa Mercê me mandar; mas ser alcoviteiro, isso por nenhum modo.

Filen. Aceito o favor que me fazes.

Esop. Ah tyranna, não basta comer-me o amor, mas ainda me esfregas com zelos? Pois por vida de Esopo, que . . .

Filen. Quero pois, Esopo, que digas a Periandro, que ao pôr do Sol . . . .

Sahe Xanto.

Xant. Que fazes ahi, Esopo?

Esop. Estava para dar lição á menina, e ella não queria.

Filen. Bem remediou. *á parte.*

Xant. Isso tem tempo; Filena, vai para dentro.

Filen. Que não podesse dizer a Esopo o recado para Periandro! Ao depois lho direi. *á p. vai-se.*

Xant. Esopo, és capaz de guardar hum segredo?

Esop. Conforme a parte aonde eu o puzer.

Xant. Bem sabes que sou teu Senhor, e que se me fores leal terás a liberdade, e assim saberás que eu sou fragil.

Esop. Isso sei eu, diga o mais.

Xant. E que em materias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas, huma nos olhos, outra no entendimento.

Esop. Rico amor, será esse com duas vendas.

Xant. Com que, não sei que diabo de feitiços me fez esta criada, para eu lhe querer bem.

Esop. Ora tenha vergonha; hum Filosofo namorado de huma trapalhona, e mondongueira? Em que consiste a sua Filosofia? visto isso todos somos huns!

Xant. Olha tu, tambem o amor he Filosofia das almas, aonde com argumentos de finezas se prova o systema da constancia.

Esop. Visto isso eu tambem sou Filosofo; pois quando quero bem, logo he a concluir.

Xant. Quem duvída que se tens amor, que tambem és Filosofo?

Esop. Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por Filosofo, mas não o queria dizer com vergonha.

Xant. Com que, Esopo, eu morro por Geringonça.

Esop. Quem he Geringonça ?

Xant. He esta criada de casa.

Esop. Olhe Vossa Mercê , agora sei que tem bom gosto , pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer ; o certo he , que todo o amor he geringonça.

Xant. Dizes bem ; porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condição , e não sei se já presume alguma cousa , he-me preciso tr tar isto com mais cautéla , e assim tu has de ser o meu remedio.

Esop. Purgativo , ou vomitorio ?

Xant. Purgativo não , ha de ser vomitorio ; porque lhe has de dizer , que á noite me falle no jardim , e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

Esop. Senhor , isso ninguem tal faz , sevandijar Vossa Mercê hum jardim com huma criada ; e então aonde havia Vossa Mercê fallar a huma Senhora ?

Xant. Não vês tu que a necessidade não tem lei por amor , e o jardim por mais retirado he o melhor lugar ?

Esop. Pois se a necessidade não tem lei , por amor dessa necessidade falle-se á criada em huma secreta que he parte privada.

Xant. Ora deixa disparates , isto te encommendo lhe digas ; olha não o saiba viva alma.

Esop. Eu lhe prometo que ninguem o saiba.

Xant. Mas ella ahi vem , eu me retiro , por me não achar aqui minha mulher , e dize-lhe tu o que te disse ; Esopo , segredo , que importa. *Vão-se.*

Sabe Geringonça.

Ger. He possivel, Esopo, que ainda não tivesse huma hora para me fallares?

Esop. He possivel, Geringonça, que ainda não tiveste huma hora para me fallares?

Ger. Esopo, ouve-nos alguem, que te quero communicar hum segredo?

Esop. Ui, Senhores! Eu cuido que estou prezo nesta casa, pois sempre estou em segredo. *á p.*

Ger. Dize, posso fallar?

Esop. Se não tens estupor na lingua bem pódes fallar.

Ger. Pois sabe, que apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potencias, e me ganhaste a liberdade.

Esop. Daqui a pôr-me na forca não vai nada; mulher, eu furtei-te alguma cousa?

Ger. Ah ladrão das almas!

Esop. Ladrão das almas? Eu nunca andei com a bacia.

Xant. Não he nada, a moça namorou-se de Esopo! *á parte.*

Ger. Esopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ser isto?

Esop. Se estás perdida de amor perde tambem as esperanças; mas dize-me, mulher do diabo, que achaste em mim para me quereres bem? Namorou-te este feitio?

Ger. O meu amor tem mais de pezo que de feitio.

Esop. Namorou-te esta calva?

Ger. Não vês que a occasião he calva, e tu foste a occasião do meu amor? *Esop.*

Esop. E estás pernas zaimbras são tambem occasião de tu me quereres bem?

Ger. Forão os arcos por onde o amor despedio as settas.

Esop. Tudo está muito bem; mas parece-te bem esta corcova?

Ger. Essa corcova foi o monte de Venus aonde achei a minha buena-dicha; mas para que te cansas, se para o meu gosto és hum Adonis, e hum Narciso?

Esop. Ora tomem-se lá com este Adonis, e com este Narciso!

Ger. Ora Esopo, para que te cansas, quem o feio ama, formoso lhe parece.

Canta Geringonça a seguinte

A R I A.

Tens tal dengue, tens tal graça,
Que assim mesmo corcovado,
Escalvado,
Arreganhado,
Me namora esse rigor.
  Ai, amor, que linda traça
Para me render, achaste,
Se em Esopo cabeçudo,
Narigudo,
Barrigudo,
Tenho posto o meu amor.

Esop. Mulher, requeiro-te da parte de Deos, que em me quereres bem não sabes o que fazes; vai-te dahi, que quem se namora de mim he capaz de se namorar de hum burro.

Ger. Tu me desprezas? Olhem a que chegárão

os

os meus peccados ! Vejão quem ! Hum calvo !

Esop. Qual calvo ; não vês que esta calva foi a occasião do teu amor ?

Ger. Tu me desdenhas , zaimbro ?

Esop. A'gora zaimbro , são os arcos por onde amor despedio as settas.

Ger. Tu mo pagarás , corcovado.

Esop. Isto não he corcova , he o monte de Venus.

Ger. Vai-te dahi , cão com trambolho. *Vai-se.*

Esop. Vaite , cadella com almorreimas.

Sahe Xanto.

Xant. Escravo desaventurado , porque não disseste o que mandei dizer a Geringonça ?

Esop. Como o havia de dizer , se Vossa Mercê me disse que o não soubesse viva alma ?

Xant. Isso não se entendia com Geringonça.

Esop. Tenha mão , agora o colho. Vossa Mercê me disse que o não soubesse alma viva ; *atqui* que Geringonça he alma viva ; *ergo* Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

Xant. Não te quizera tão Filosofo agora.

Esop. Como Vossa Mercê me disse que amor era Fiosofia , quiz tomar bem a lição.

Xant. Tal estou de raiva , que te matára agora , não te aconteça outra ; quando te mandar fazer alguma cousa faze-a como te mando.

Esop. Eu o farei.

Xant. Andar , não tem remedio : ouves tu , á manhá tenho de dar hum banquete aos meus discipulos , e te encommendo me ponhas na meza a melhor cousa do Mundo.

Esop.

Esop. Encommende-me cousas de comer, que disso darei eu melhor conta. *Vai-se.*

SCENA III.

Mutação de Sala, e sahiráõ Periandro, e Ennio.

Periand. ENnio, vós tambem sois convidado para o banquete de Xanto nosso Mestre?

Ennio. Os favores particulares, Periandro, seráo só para vós; porém os públicos seráo para todos.

Periand. Eu não vos entendo.

Ennio. Homem, vós quereis tapar o Ceo com huma joeira? Pois bem público he que vós andais namorado de Filena, e sendo eu vosso amigo, e condiscipulo, recateis de mim cousa que he tanto do vosso gosto?

Periand. Não me crimineis de não vos ter revelado este negocio, pois bem sabes que o segredo he alma do amor; e tanto o desejo recatar, que tomára de mim mesmo encobrillo; he verdade que eu amo a Filena, porque a sua formosura póde cativar o mais livre alvedrio; mas com amor tão lícito, que não passa os limites da modestia.

Ennio. Como lhe podeis fallar, tendo huma mãi de tão terrivel condição?

Periand. Quiz a fortuna trazer para isso a Esopo, que he o mais fino alcoviteiro do Mundo.

Ennio. Ui! Tem mais essa habilidade?

Periand.

Periand. He Juiz do officio, e Padre Mestre na materia.

Sahe Esopo.

Esop. Vossas Mercês vierão a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

Ennio. Vamos ver os teus cosinhados. *Vai-se.*

Periand. Esopo, que novas me dás de meu bem?

Esop. A boas horas me pergunta pelo seu bem, ao mesmo tempo que me está a boca do estomago gritando, que quer comer.

Periand. Pois falla-me ao depois. *Vai se.*

Descobre-se huma meza, e se hirão assentando a ella Xanto, Ennio, e Periandro, e os mais que puderem.

Xant. Vamo-nos assentando sem ceremonia, que nos banquetes não há Mestre, nem discipulos. Mandei a Esopo que me puzesse nesta meza a melhor cousa do Mundo, veremos com que elle se desempenha.

Periand. Com alguma parvoice; se Vossa Mercê se fiou da sua eleição ficaremos em jejum.

Ennio. Vamos nós comendo o que está na meza pelo sim pelo não, que elle já tarda.

Sahe Esogo com hum prato.

Esop. Eis-aqui a melhor cousa do Mundo.

Xant. Descobre, e veremos.

Esop. He hum prato de linguas.

Xant. Hum prato de linguas? Como? Pois isso he a melhor cousa do Mundo?

Esop. Qual he a dúvida que a melhor cousa do Mundo he a lingua? Que cousa mais necessaria no homem, que a lingua! Sem lingua nin-

ninguem póde fallar, sem fallar ninguem se entende. A lingua he alma dos conceitos, he o correctòr dos commercios, he a taramella das portas da boca, he a prancha dos comeres, he o esgaravatador das gengives, he a zaragatoa dos beiços, o planeta do ceo da boca, e o badallo da campainha. Com a lingua se lambe hum prato, com a lingua faz o Arrieiro a célebre cantiga, &c. em fim, a lingua do cão he o melhor remedio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da lingua.

Xant. Nada nos dizes de novo, que bem sabemos que a lingua he oraculo do homem; porém havemos só comer linguas?

Esop. Senhor, muitos comem do que fallão.

Periand. Esopo fez o que lhe mandárão, como bom servo.

Xant. Huma vez que a melhor cousa do Mundo são as linguas, traze-me agora aqui a peior cousa do Mundo.

Esop. Com muito gosto; eu venho já. *Vai-se.*

Periand. He lástima que seja cativo quem tem tão livre o juizo para discorrer.

Ennio. Não he essa a primeira semrazão da natureza.

Xant. Que diabo fazes, Esopo?

Esop. Eis aqui a peior cousa do Mundo. *Sahe.*

Xant. Que he isso, que trazes?

Esop. Outro prato de linguas.

Xant. Pois como? Se a melhor cousa do Mundo

do são as linguas , como agora as linguas são a peior cousa do Mundo ?

Esop. He Filosofo , e não sabe que sendo huma lingua boa a melhor cousa do Mundo , a peior he huma lingua má ? Huma lingua má he o estrago da honra , ella he a mãi dos mexericos , o pai dos enredos , a irmã das discordias , a perturbadora da paz , o clarim da guerra , a sarna do socego , a carepa das consciencias , o despertador das vinganças , e o instrumento da alcovitice ; não he assim , Senhor Xanto ?

Xant. Dizes bem , eu te perdoo a peça ; e pois não ha outro remedio , vamos comendo essas linguas , e bebendo duas pingas : ora lá vai á saude de Vossas Mercês. *Bebe.*

Esop. Isso me parece bem ; accendão-se no templo da barriga as alampadas de Baco.

Periand. Lá vai á saude da Senhora Euripedes. *Bebe.*

Esop. Tem razão , vá a virar.

Ennio. Periandro , lá vai , já me entendeis. *Bebe.*

Periand. Vá , eu correspondo. *Bebe.*

Esop. Eu com esta garrafa hirei fazendo as razões : lá vai , ou cá vem á saude dos meus achaques.

Xant. Que achaques tens ?

Esop. Agora tenho gotta. *Bebe.*

Periand. Ennio , nosso Mestre não está todo trigo.

Xant. Mui valente foi Hercules Thebano ! Esopo , vamos queimar estes cães.

Esop. Ai , ai , que está puxado !

Periand.

Periand. Apostemos nós que Vossa Mercê não ha de beber hum tonel de vinho.

Xant. Sou capaz de beber o mar , tenho dito.

Esop. Não zombem com elle , que não só beberá o mar , mas tudo quanto se lança na praia.

Periand. Ora quanto aposta Vossa Mercê que não bebe o mar ?

Xant. Aposto tudo quanto possuo.

Periand. Está apostado , venha sinal.

Xant. Este annel.

Periand. Está feito , quando ha de ser isso ?

Xant. Quando quizeres.

Esop. Vão fallando , que eu vou bebendo.

Xant. Esopo , leva essa lingua a Geringonça , que com ella lhe explico o meu amor.

Esop. Assim o farei : Esopo , hoje pódes beber francamente.

Xant. Viva Baco , e morra o Mundo. *Levantão-se.*

Esop. Morra o Mundo , e abraze-se Troya.

Periand. Ambos estão mui bebados.

Ennio. Estou envergonhado de ver esta lástima ! Nisto parão os banquetes !

Esop. Estou tão alegre que o corpo me pede folia.

Xant. E a mim cóleras , e iras , e parece-me que ouço instrumentos bellicos.

Esop. Eu cuido que são bandurras ; ellas são , não são ? Sim são , escute , escute , são , são , ellas são , pois cantemos.

Can-

Canta Esopo o seguinte

RECITADO.

Lá vai á saude dos Senhores,
E em suaves licores
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hydropesia:
A pezar do pezar, e do cuidado
Vestir quero a minha alma de encarnado.

ARIA.

Nas guerras de Baco
Sem chuço, ou bauneta
Com esta trombeta
Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,
E ao som deste som, torom tom, tom,
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tavernas,
Porque dellas possa
Baco triunfar.

SCENA IV.

Mutação de Camera. Sahem Euripedes, e Geringonça.

Eurip. GEringonça, que fizeste até agora?

Ger. Estive na cosinha dando ordem ao banquete, e o negro Esopo me deu tanta pressa, que andei atarantada.

Eurip. O diabo levára os banquetes. Que ha de ser, se o tonto de meu marido deu-lhe hoje na birra fazer brodios, e nisso tem consumido o dote que me deu meu pai.

Ger.

Ger. Ai, Senhora, tambem Vossa Mercê agora não tem razão; elle que gasta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui estou, não vejo entrar nesta casa mais que chicharos, e nabos.

Eurip. Oh desavergonhada, essa he a fama que deitas da minha casa? Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprei dez reis de pepinos, e já não ha nenhum.

Ger. A minha barriga o sente.

Eurip. Bem sei que o teu mal não he outro, velhaca!

Sahe Esopo com hum prato na mão.

Esop. Aqui tens, Geringonça, este prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que não póde comer sem ti.

Eurip. Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bebado?

Esop. Como lho hei de dizer? Soletreando? A Geringonça em Geringonça.

Ger. Senhora, elle cheira muito a vinho, não sabe o que diz.

Eurip. Assim o creio, mostra que he para mim.

Esop. He huma balla, he para Geringonça, que meu Senhor lho manda mesmo a ella, e por final me disse lhe dissesse que com esta lingua explicava o seu amor.

Ger. Não te calarás, infame?

Esop. Tira-me tu a lingua, que eu me calarei.

Eurip. Pois que tem teu Senhor com Geringonça para lhe mandar presentinhos?

Esop. Eu, Senhora, não sei, mas o que sei he

que

que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregão, ou barregana, não sendo senão camelão.

Eurip. Não te entendo.

Esop. Senhora, mais claro; meu Senhor quer-se fazer moço com a moça.

Eurip. Já te entendo.

Esop. Ora graças a Deos, que já me entendeo.

Ger. Eu estou tonta!

Eurip. He bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Ha maior desaforo!

Ger. Eu, Senhora? Não ha tal. Esopo mente.

Esop. Lá se avenhão, que eu me vou escafedendo. *Vai-se.*

Eurip. Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei de moer. *Dá-lhe.*

Ger. A'que d'ElRei, que me mordeo no nariz.

Eurip. Aqui te hei de fazer em picado com os dentes.

Ger. Ai que me matão!

Há huma bulha, e sahe Xanto.

Xant. Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com esta coitadinha!

Eurip. Ainda acode por ella, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Vossê namorando-me a moça! Vossê mandando-lhe pratinhos da meza?

Xant. Quem tal disse, mulher?

Eurip. Quem o disse? Ainda ha de negar que o mandou por Esopo? Ora chame-o, e verá.

Xant. O' Esopo? Esopo?

Den-

Dentro Esop. Estou na tinta; assim sou eu asno que appareça agora.

Xant. Não me ouves, Esopo? O' Esopo?

Esop. Estou zingando.

Xant. Ora eu te hirei buscar, mais que estejas no Inferno. Donde estás maldito?

Esop. Se eu quizera dizello então não me escondêra.

Xant. Anda para cá, insolente, que fazias ahi escondido?

Esop. Estava jogando as escondidas; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

Xant. Ei-lo aqui. Ora dize: eu mandei a Geringonça algumas linguas?

Eurip. Tu não disseste?

Esop. Senhor, eu não quero meter a mão entre duas pedras; olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

Eurip. Tu não mo disseste?

Esop. Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas Mercês lá brigão, lá tem seus ciumes, e eu então he que hei de pagallo?

Eurip. Como he isso? Tu o não negues; basta, fique-se com a sua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pai. Estou ardendo! *á parte.*

Xant. Senhora, não se vá de casa por vida sua.

Esop. Deixe-a ir, que he huma boca menos em casa.

Eurip. Por estas, bribantão, que eu me vere vingada.

Xant. Falle bem, aliàs....

Eurip.

Eurip. Ainda me indignas mais? Hei de arrancar-te essas barbas.

Cantão Euripedes, e Xanto a seguinte

ARIA A DUO.

Eurip. Velho caduco,
Xant. Brava insolente,
Eurip. Tu com desvélos
Com huma michélla?
Xant. Calte, serpente,
Não grites mais.
Eurip. Hei de gritar.
Xant. Ques-te callar?
Eurip. A'que d'ElRei,
Que meu marido
Com torpes zelos
Me quer matar.
Xant. Calte, serpente,
Não cuide a gente,
Que faço tal.
Eurip. Por estas, velhaquete,
Que me hei de ver vingada.
Xant. O' louca arrebatada,
Que me has de tu fazer?
Eurip. Hei de me ir para casa de meu pai.
Xant. Para casa te irás de Satanás. *Vai se Eur.*

Esop. E foi-se como hum foguete de rabo; porém eu hei de levar os estouros.

Xant. E agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?

Esop. Mereço hum bom premio.

Xant. O premio ha de ser este; toma, velhaco. *Dá-lhe.*

Esop. Não aceito, tire-se para lá.

Xant. Vês, infame, que por amor de ti se foi minha mulher de casa?

Esop. Senhor, cuidava eu que Vossa Mercê me havia de agradecer o afugentar-lhe de casa hum dragão, huma vibora, e hum basilisco, que era aqui o veneno desta casa, e sobre fazer-lhe este bem, ainda Vossa Mercê se agasta, e senão veja: he certo que Vossa Mercê queria fallar a Geringonça no jardim esta noite; e que melhor occasião podia Vossa Mercê tèr do que indo-se de casa a Senhora sua mulher, pois agora sem sustos, nem sobresaltos póde fallar com ella, não so no jardim, porém em sima do telhado. Com que, Senhor, por bem fazer mal haver.

Xant. Bem sei tudo isso; mas que dirão os parentes de minha mulher?

Esop. Peior será quando Vossa Mercê perder tudo quanto possue.

Xant. De que sorte?

Esop. De que sorte? Não se lembra que prometeo no banquete beber o mar, e se o não fizesse, que perderia toda a sua fazenda?

Xant. Eu disse tal cousa?

Esop. E por final que deu o seu annel; com que Vossa Mercê ha de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda.

Xant. Mal haja o banquete, e mal haja o vinho, e mal haja eu que me embebedei.

Esop. Vossa Mercê cuida que todos sabem embebedar-se? Ora aqui estou eu, que tambem

me

me embolquei, mas com tanta prudencia, que não me meti a apostar, nem a não apostar.

Xant. Já não tem remedio, o ponto está, como me hei de eu haver; porque confessar que estava bebado, he injúria, e grande ignominia; beber o mar he impossivel, perder os meus beus impraticavel; que farei neste caso, Esopo?

Esop. Matar-se com hum pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

Xant. O' Jupiter, para quando guardais os raios?

Esop. Ha de dizer isso a Baco, e não a Jupit

Xant. Meu Esopo, agora he que eu quero ver as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

Esop. Pois, Senhor, para quando são as suas Filosofias? Assentemos nós, que a Filosofia não serve senão para argumentar, e quebrar a cabeça.

Xant. Pois homem, para esta occasião he que eu quero que me valhas, tens a liberdade, já to disse.

Esop. Promete-me a liberdade? Veja lá o que diz.

Xant. Prometto.

Esop. Levante o dedo para o ár.

Xant. Não só o dedo, mas toda a mão.

Esop. Ora pois, ande comigo, que o tirarei desse mar, e o porei em porto salvo.

Xant. Vê lá o que dizes.

Esop. Ande, ande, que mal sabe com quem vai. *Vão-se.*

SCENA V.

Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sahiráõ Periandro, Ennio, e os mais que poderem.

Dentr. VAmos ver a Xanto beber o mar.
Outr. Vamos para a praia, andem depressa, para tomarmos lugar.

Sahem Periandro, e Ennio.

Periand. Confesso-vos, Ennio, que já estou arrependido da aposta; porque bem sei que Xanto não ha de beber o mar.
Ennio. Deixai, que isso he bom para se dar hum alegrão ao povo.
Periand. A gente vem concorrendo cada vez mais.

Sahem Filena, e Geringonça com os rostos cubertos.

Ger. Senhora, ahi o que está de gente para ver as habilidades do Senhor seu pai!
Filen. O caso he, Geringonça, que meu pai está mui caduco, e Esopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a asneira de dizer que ha de beber o mar?
Ger. Lá está Periandro, e Ennio.
Filen. Já os vi, tem sentido, e não os percas de vista.
Ger. E se nos conhecerem aqui?
Filen. He impossivel entre tanta multidão de gente, e mais vindo nós disfarçadas.
Periand. Muito tarda este bebedor dos mares.

Sa-

Sabem Xanto, e Esopo, e todos darão muitos gritos, e rizadas.

Tod. Victor, lá vem o bebedor dos mares.

Esop. De que se riem? De que fazem algazarras? Pois saibão que o Senhor Xanto não só he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe mandarem beber.

Xant. Esopo, que he o que determinas fazer? Não vês este povo alvoroçado, e o meu credito em balanças?

Esop. Eu serei o fiel dessas balanças, e verá quanto péza o meu talento.

Periand. Senhor Xanto, por Vossa Mercê se esperava, vamos a isto.

Xant. Esopo, e agora que hei de dizer.

Esop. Valha-o mil diabos, não tema, tenha valor. Moradores de Athenas, o Senhor Xanto, meu Senhor, aqui vem para beber os mares, como apostou, e assim primeiro que o faça quer desencarregar a sua consciencia; pois bebendo o mar, como com o favor de Deos o ha de fazer, porque tem barriga para tudo; eisque bebido o mar, por força o ha de ourinar; e ourinando-o ha de alagar toda esta terra, e morreraõ todos afogados.

Periand. Para tudo ha remedio, depois que Xanto beber o mar, torne a ourinallo na mesma praia, e hirá o mar para o seu mesmo lugar.

Xant. Está bem; e se os peixes me entrarem pela goela, como ha de ser isso?

Esop. Não diga asneiras; pois para não engolir os peixes podia beber o mar por hum funil:

nil : essa não he a dúvida , o caso he , que prometeo beber o Senhor Xanto ?

Periand. Prometteo beber o mar.

Esop. Pois bem , como a aposta foi de beber o mar sómente , mandem fechar todos os rios que vão dar ao mar ; porque de outra sorte beberá , não só a agoa do mar , mas tambem a dos rios , o que não he da aposta.

Periand. Como he possivel fechar quantos rios vão dar ao mar ?

Esop. Se Vossas Mercês não podem fazer hum impossivel , tambem meu Senhor não póde fazer outro impossivel.

Ennio. Tem razão Esopo.

Xant. Fechem os rios , e eu beberei o mar, para que estou prompto.

Periand. Isso he impossivel , desfaçamos a aposta.

Xant. Desfaçamos.

Todos. Victor Xanto.

Outr. Victor Esopo.

Esop. Victor eu , e victor amigos.

Xant. Anda , que te quero dar a liberdade , pois me livraste deste empenho. *Vai-se.*

Esop. Vamos a casa de hum Tabellião para passar-me a carta de alforria ; vou tão contente ! *Vai-se.*

Filen. O' Geringonça , não te descubras , que ahi vem Periandro chegando-se para nós.

Ger. Diz bem , vejamos o que faz.

Periand. Senhoras , querem hum criado para as acompanhar ? Não lhe merece reposta o meu rendimento ? Só com acenos me dizem que não.

Valha-me Deos, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hei de seguilla. Não te vás, formosa Venus, que sem dúvida nasceste agora das escumas desse mar, para abrasar os corações; se como a Deidade te adoro, não desprezes as victimas de hum coração; descobre esse rostinho, que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem; não importa que me cégues com raios, se amor já me cegou com delicias.

Filen. Huma vez que queres que me descubra, aqui me tens.

Ger. E a mim tambem. *Descobrem-se.*

Periand. Que he o que vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir sem que me fallasses?

Filen. Queres agora dizer, que sabias que era eu falso, ingrato, inconstante? Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste?

Periand. Filena, não tens razão; eu bem sabia que eras tu; mas como estavas galanteando comigo, eu tambem quiz fingir que não te conhecia, sómente para te ouvir; e quando isto não fora, ahi verás que quando cheguei a amar, sempre foi a ti, e não a outrem; pois ainda que te não conhecesse, não sei que simpatico influxo me arrebatava o coração, que te estava querendo.

Filen. Sempre me offendeste na imaginação, de que eu era outra.

Periand. Meu bem, meu amor, nem por pensa-

samento te offendi, e se acaso me não crês, deixa-me sepultar nesse mar, que só assim verás que mais quero a morte, que viver nos desagrados de teus olhos.

Filen. Tem mão, que eu não quero finezas mortas; deixa-me, Periandro, deixa-me lamentar as tuas falsidades ao som da minha mágoa.

Canta Filena a seguinte

A R I A.

Nesse líquido elemento,
A pezar de meu tormento,
Vejo, ó falso, o teu retrato;
Pois que tanto se parece
Na inconstancia a esse mar.
Donde está, tyranno ingrato,
A constancia que dizias?
Donde a fé que prometias?
Pois não sabes ser amante,
Por mudavel, inconstante,
Leve o mar o teu amor. *Vai-se.*

Periand. Espera, Filena, não te vás com tanta celeridade; porém hei de seguir-te a pezar da tua ligeireza, que se amor te formou das pennas azas, tambem saberei fazer dessas azas pennas. Geringonça, detém a Filena.

Ger. Fez muito bem; vosses são falsos, e se querem dourar, pois soffrão estes desprezos. *Vai-se.*

SCE-

SCENA VI.

Praça. Mutação de noite, e sabe Esopo.

Esop. COm a turba multa da gente me perdí de meu Senhor Xanto, e isto he já noite; aonde acharei a este maldito? Estará em alguma taverna? Pois aqui mora hum Tabellião, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria; elle aqui ha de vir, que este he o Tabellião da casa: Ora graças a Deos que já não serei singelo, senão forro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bogia preza no cepo de meu coração, e eu lhe farei taes monarias, que ella saiba onde a bugia tem o rabo; porém lá vem quem quer que he.

Sabem Messenio, e Guardas.

Mess. Quem vem ahi?

Esop. Eu, Senhor, não vou, venho.

Mess. De donde vem?

Esop. Eu venho da geração de meu pai por ascendencia.

Mess. Que armas traz?

Esop. Ainda o Rei de Armas me não abrio as minhas.

Mess. Vofsê faz-se tollo? Busquem-no ahi, a ver se leva alguma faca.

Esop. Senhores, se eu venho a pé, como hei de trazer faca?

Mess. Busquem-no bem.

1. Hom.

1. *Hom.* Aqui tem huma cousa na algibeira.

Mess. O que he?

Esop. Isso he hum corno que trago aqui por amor do quebranto: Ui, Senhores, Vossas Mercês querem buscar lá por detrás.

2. *Hom.* Sim, para ver se traz algum ferro lá escondido.

Esop. A'que d'ElRei, Senhores, as minhas nadegas não são de contrabando; busquem embora, que ahi não ha ferro, ferrado sim.

Mess. Que trouxa he essa que traz ahi nas costas? Tirem-lha fóra, e vejamos.

Esop. Se Vossas Mercês ma tirarem, digo que são valentes.

1. *Hom.* Ella está atada de sorte, que a não posso tirar.

Mess. Que he isso que levas ahi?

Esop. Não he nada, he huma corcova para servir a Vossas Mercês.

Mess. Apostemos que és Esopo?

Esop. Com que só Esopo he corcovado?

Mess. Dize, para onde vás?

Esop. Eu não sei para onde vou.

Mess. Assim responde á Justiça? Levem-no prezo.

Esop. Vejão Vossas Mercês se disse eu bem que não sabia para onde hia; pois na verdade que eu não sabia que hia para a cadeia.

Sahe Xanto.

Xant. Donde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes sem poder topar com elle? Alli está a Justiça, vou-me retirando.

Mess.

Mess. Quem vem lá?

Xant. Amigos.

Mess. Que amigos?

Xant. Sou Xanto Filosofo.

Mess. Senhor Xanto, veio Vossa Mercê a boas horas.

Esop. A boas horas veio Vossa Mercê, ás avessas.

Xant. Senhor Messenio, que fez Esopo, pois o tem prezo?

Mess. Por não fallar com cortezia á Justiça.

Xant. Vossa Mercê, Senhor Messenio, por quem he, ha de soltar a Esopo; pois bem sabe que he bobo, e chacorreiro, e se alguma cousa respondeo seria por graça.

Mess. Bastava ser cousa de Vossa Mercê para o soltar. Soltem a Esopo.

Esop. Pó diabo, como fede! Os esbirros devião soltar algum prezo.

Xant. Vossa Mercê viva mil annos, Senhor Messenio, pela galantaria que me fez de soltar a Esopo.

Esop. Vossa Mercê viva mil annos pela galantaria que fez em prender-me.

Mess. Vamos correndo o bairro. *Vão-se.*

Esop. Ora Senhor, aqui mora hum Tabellião; vamos, para me fazer a carta de alforria.

Xant. Qual alforria?

Esop. Essa agora he bonecra! Vossa Mercê não me disse, que se o livrava de beber o mar, ficando com credito, e honra, que me havia de dar a liberdade?

Xant. Assim o disse, não o nego; mas eu já te dei a liberdade. *Esop.*

Eſop. De que fórma?

Xant. Quando eu aqui cheguei eſtavas prezo, e por amor de mim te ſoltárão; logo já te dei a liberdade, e tenho cumprſdo a minha palavra.

Eſop. Eſſa não ſabia eu; aſſim ſe pagão os beneficios? Mas eu tive a culpa. Deixára-o eu beber o mar, que quando nada podia ficar hydropico com muita facilidade; e não fora eu taralhão, que o livrára deſta entaladura; porém eu me vingarei.

Xant. Olha, Eſopo, ſe me trouxeres minha mulher para caſa com alguma induſtria, eu te darei a liberdade.

Eſop. Meta-me aqui o dedo na boca, para ver ſe o mordo: *nó es la burla para dos vezes*.

Xant. Anda para caſa, não te agaſtes. *Vai-ſe*.

Eſop. Vou feito hum vinagre. *Vai-ſe*.

SCENA VII.

Mutação de Exercito. Tocão tambores, e clarins, e ſahiráõ Creſſo Rei de Lidia, e Temiſtocles a cavallo.

Tem. INvicto Creſſo Rei da Lidia, aonde intentas paſſar com os triunfos? Sem dúvida queres eſcurecer o nome, e valor do meſmo Marte.

Rei. Temiſtocles, quando os homens, como eu, chegão a deſembainhar a eſpada, ha de ſer para conquiſtar o Mundo: Já toda a Aſia me obedece, e a maior parte da Europa, agora me falta avaſſalar eſta pequena parte da

Gre-

Grecia, e seja de todas esta a primeira que sinta o raio da guerra, pois degollada a cabeça, o corpo logo se prostra.

Tem. Os Athenienses, Senhor, são tão déstros nas armas, como nas letras, e bastava haver nella tantos sabios para ser difficil render-se; que o bom conselho he o que dá as victorias, maiormente tendo lá hum homem a que chamão Esopo, que dizem que he astucioso, e de grandes ardís.

Rei. Quem faz caso de hum homem á vista de hum Exercito? Que gente temos?

Tem. Sincoenta mil homens de Infantaria, e vinte e quatro de Cavallaria, fóra os vivandeiros, e gastadores.

Rei. Toca a passar mostra, que quero reclutar as tropas, e batalhões, e delles escolher poucos, e bons, para ir sobre Athenas, e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cábos que eu nomear.

Tem. Toca a passar mostra.

Hirão sahindo os Soldados ao som da caixa.

Rei. Temistocles, vinde tomar as ordens, e chamar os Cábos a conselho.

SCENA VIII.

Descobre-se hum Templo, e no fim delle estará huma estatua de Jupiter, ao pé da qual ha de haver huma Aguia com tres raios nas unhas, a qual se ha de mover a seu tempo, e cantará o Coro, e ao mesmo compasso hirão sahindo Messenio, Xanto, Periandro, e Esopo, o qual dançará, e depois que se cantar tocarão tambores.

Esop. AQui nos correm a caixa.
Mess. Que novidade he esta?
Xant. Isto he caso nunca visto!

Sahe Ennio.

Ennio. Senhores, toda a Cidade está alvorotada á vista de hum poderoso Exercito com que ElRei Cresso de Lidia vem destruindo os campos, e já á vista das nossas muralhas; e tu, Messenio, como General das Armas sahe a defender-nos.

Mess. Eu vou, e verá ElRei Cresso o meu valor.

Esop. Sempre tive agouro com este Jupiter. Valha o diabo a ElRei Cresso, que no melhor que eu estava fazendo hum contratempo, nos veio fazer hum passapié daqui fóra.

Mess. Vamos, Senhores.

Xant. Esperai, pois já que estamos aqui no templo de Jupiter, consultemos o seu Oraculo, e o que elle nos disser obraremos.

Periand. Aconselhou como sabio.

Mess.

Mess. Pois Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

Esop. Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

Xant. Grande Oraculo de Jupiter, como resistiremos a ElRei Cresso de Lidia?

Esop. Pois aquillo tinha muito que dizer? Tudo he opinião neste Mundo.

Haverá como terremoto, e estrondo.

Esop. Irra, que terremoto! O Templo parece que se vem abaixo! Este Jupiter será gago, que tanto lhe custa a fallar?

Canta-se o Recitado seguinte, como em reposta do Oraculo de Jupiter.

RECITADO.

Ao mais livre de vós, e ao mais escravo
Consultai, que he hum Oraculo vivente,
E vereis claramente,
Do que saber quereis o desengano.
Elle será o remedio deste damno;
E para que o saibais com mais clareza,
Dessa Aguia reparai na ligeireza.

Voa a Aguia assima dita, e se põe sobre a cabeça de Esopo, que cahirá por terra, e depois se hirá pôr como estava.

Esop. Vossês não vem a passara que anda voando de verdade?

Xant. A Aguia de Jupiter voando! Isto he novidade! E vai direita para Esopo.

Tod. Que portento!

Esop. Xó diabo. Passa fóra.

Xant. Deixa, não enxotes, tollo, olha que he sacrilegio.

Esop.

Esop. Com que por ser de Jupiter deixarei que me tire hum olho; e mais de que, eu sei por ventura se he Aguia, ou corvo? E isto com tres raios nas unhas, que me chamusque o cabello.

Xant. Quem será o venturoso sobre quem se ponha esta Aguia.

Esop. Eu sou o venturoso desgraçado; xó, a'que d'ElRei!

Voa outra vez a Aguia, e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo.

Periand. Sem dúvida, que Jupiter quer que Esopo seja o Oraculo.

Mess. Pois responda Esopo.

Xant. Que ha de dizer hum escravo?

Esop. Eu não tenho dúvida em descifrar este enigma da Aguia; mas ha de ser com condição, que me hão de dar a liberdade.

Tod. Dê-se a liberdade a Esopo.

Mess. Xanto, dá a liberdade a Esopo, quando não lha dará o povo, e ficará livre.

Xant. O que hei de fazer por força, quero fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

Esop. Agora sim. Nobres Athenienses, dai-me attenção, que fallo serio. Bem vistes que a Aguia de Jupiter se pôz sobre a minha cabeça; a Aguia he o symbolo dos Imperios, e eu era escravo, e isso quer dizer, que o Imperio d'ElRei Cresso nos quer avassallar, mas como depois disso o escravo conseguio liberdade, tambem Athenas terá a mesma fortuna se seguir os meus conselhos.

Xant. Bem descifrado enigma!

Tod. Viva Esopo, e elle seja o director desta guerra.

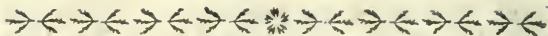
Xant. Esopo, aquella casa he tua, ainda que liberto estás não te apartes de mim.

Esop. Algum diabo, que eu me vá de casa estando nella a Senhora Filena, a quem entro agora a servir, e a mostrar-me seu amante ás escancaras. Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hospede.

Tod. Viva Esopo nosso libertador.

Esop. Não gabem a porca antes de passar o marrão.

Tod. Vamos a pelejar.

Canta o Coro, e se dá fim á primeira Parte.

PARTE II.

SCENA I.

Mutação de Selva, e no fim haverá hum Palacio donde estará a mulher de Xanto, e sabe Esopo.

Esop. VEnho deitando o bofe pela boca fóra, bofe, que ainda depois de liberto não tenho huma hora de focego; pois meu patrão está ateimado a que lhe leve para casa a mulher que lhe fugio; a isto venho eu com tanto perigo, porque os inimigos não tardaráõ muito em vir; se me agarrão, lá vai Esopo c'os diabos: como trarei eu esta maldita mulher para casa, que huma mulher teimosa he peior que hum cancro, que não tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e se me não engano lá está huma mulher, e pelo fartum da cólera he a Senhora Euripedes, pois agora a ella lhe arderá o rabo. Há por aqui quem venda alguns perús, patos, gallinhas, coelhos, e outras cousas comestiveis?

Eurip. Esopo, que he isso, que buscas? Anda cá. He possivel que me não viesses ver até agora?

Esop. Ai, Senhora, confesso-lhe que não tenho tido huma hora de meu com o casamento de meu Amo, o Senhor Xanto.

Eurip.

Eurip. Como he isso? Xanto casa? Pois eu já morri?

Esop. Provera Deos. *á parte.* Sim Senhora, casa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga que ha nesta terra. Apenas Vossa Mercê se foi de casa escumando como huma cadella de fila, quando logo forão tantos os casamentos que sahírão a meu Amo, que isso foi huma cousa nunca vista; ajuntárão-se na porta tantas mulheres todas a gritar: a mim, a mim; outras dizião: eu, eu. Então acabei de ver quanto valia hum Filosofo. Meu Amo vendo que chovião nelle mulheres como na rúa, mandou que subissem todas, e que o levassem por opposição, visto estar vago o estrado de Vossa Mercê; foi cousa para ver, o como ellas se oppunhão humas ás outras! Qualquer dellas sabia bem da Arte de amar, porém Geringonça, (que tambem entrava no concurso) levou a palma em vida; e como meu Amo estava affeiçoado de Geringonça, ella foi a que triunfou, e com effeito está teúda, e manteúda em casa; á manhá se faz o casamento, para o que venho a apennar todas as aves de penna; a deos, Senhora. Há por aqui quem venda alguns perús, patos, ou gallinhas?

Eurip. Espera, Esopo, olha cá o que te digo.

Esop. Se tem alguns perús para vender venhão, que os quero comprar.

Eurip. Elle pagará o pato. Ha maior desaforo! Que este magano de meu marido não basta

namorar-se da criada, mas tambem casar com ella? Estou huma vibora.

Esop. Eu o creio.

Eurip. Xanto casar-se com outra mulher! Isto he crivel?

Esop. Pois se elle está vivo não se fora Vossa Mercê de casa.

Eurip. Espera, Esopo, que eu vou comtigo perguntar a esse insolente se ha de casar com outrem estando eu viva?

Esop. E tão viva que tem o espirito no corpo.

Eurip. Se apanhára agora aquelle velhaco lhe havia dar muito couce; estou ardendo com zelos! Montanhas, como não cahis sobre mim para sepultar-me?

Esop. Espere, se quer que caia hum tronco sobre o seu corpo isso farei eu.

Eurip. Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

Esop. Parece que lhe ardeo o rabo.

Canta Euripedes a seguinte

A R I A.

A vibora insana
Dos zelos com ira
Penetra tyranna
O peito, que espira
Nas ancias da dor.
  Frenetica morro,
Afflicta suspiro,
Languente respiro
Nos zelos de amor. *Vaise.*

Esop. A' fé que ella vem para casa; ora já logrei o meu intento; mas que ouço? Tambores?

res? O inimigo já vem chegando, vamos a defender a Praça.

Toca o Tambor.

S C E N A II.

Mutação de Arraial, e no fim estará hum Castello com gente de guerra, e sahem ElRei Cresso, Temistocles, e mais Soldados.

Tem. SObcrbos, e arrogantes são os muros de Athenas! Parecem inconquistaveis!

Rei. Por isso mesmo será Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem soberbos, e arrogantes estes muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel estrago. O' Athenas, ou tu te has de render, ou eu hei de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

Tem. Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerario.

Rei. A prudencia he capa dos medrosos; o emprender impossiveis he principio de triunfar: vá Volantim á Praça, e diga aos Athenienses, que quem se acha nesta campanha he ElRei Cresso de Lidia, a cujo valor se tem sugeitado todo o Peloponesso, que me acho com a flor de minhas tropas, que se se quizerem sugeitar com capitulações honrosas, pagando-me hum leve tributo escuzarão de experimentarem os rigores da guerra, e hum assalto rigoroso, e quando não, não ficará pedra sobre pedra.

Hirá hum Volantim ao muro, e dará o mesmo recado, ao que respondem da muralha.

Mess. Dizei a ElRei Creso de Lidia, que Athenas, como Soberana, nunca reconheceo Superior, e que o seu exercito não nos assombra; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas, que são as do entendimento, e as da guerra, e assim, que nós resistiremos até morrer.

Rei. Notavel resolução?

Canta o Rei a seguinte Aria, e Recitado, e depois dá se o assalto.

RECITADO.

Animo pois, Soldados valorosos,
Castiguemos a barbara ousadia
De Athenas temeraria,
Sentindo o insensivel
De Mavorte feroz a furia horrivel.

ARIA.

A fábrica altiva
De tanto edificio
Cruel sacrificio
De Marte será.

O fogo que accende
Bellona no peito,
O muro desfeito
Em cinzas fará.

Rei. Valorosos Soldados, neste primeiro assalto consiste a honra, e o valor. Toca a investir.

Toca-se, e se dá o assalto, arrimando duas escadas, por onde subirão alguns Soldados a brigar com os da Praça, e se lançará ao mes-

mesmo tempo algum fogo. Depois de alguma resistencia, entre as vozes dos Soldados, dirá o Rei.

Rei. Toca a recolher, suspenda-se o assalto, que morreo muita gente.

SCENA III.

Mutação de Sala, onde estarão Xanto, Ennio, e Periandro, e haverá como huma grande cadeira no fim.

Xant. NÃo he razáo que pelo exercicio das armas se suspenda o das letras, e assim em quanto pelejão os Soldados no muro, náo quero esteja ocioso o discurso nas Aulas; sentemo-nos, e vá de argumentos.

Sahe Esopo.

Esop. Ai, quem me acode, que morro?

Xant. Que tens? Que te succedeo?

Esop. Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que deráo hum assalto na Praça.

Periand. Pois vencemos?

Esop. Eu, supposto lá me achasse, náo vi cousa alguma.

Periand. Como? Isso implica.

Esop. Não implica; de sorte, que eu hia para ver o assalto, quando me disse hum Soldado, que era todo huma nata, e estava de sentinella: se quer ver ha de pagar á porta, e quiz a minha desgraça, que não levava dinheiro; e como me viráo sem laia deráo-me logo huma baixa redonda.

Periand.

Periand. Bom director temos para esta guerra! Entendo, Esopo, que se tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos d'ElRei Cresso.

Esop. Se isso assim for pegue Vossa Mercê no Senhor Jupiter, e dè-lhe muito açoute; pois elle foi o que me alcovitou para ser General desta guerra.

Xant. E que novas me dás de minha mulher?

Esop. Ainda essa he peior guerra, porque he huma guerra porca; pois quando se encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciencia, cada palavra he huma balla, e cada saliva hum perdigoto.

Xant. Pois homem, vem para casa, ou não?

Esop. Esteja descançado, que ella logo vem; porém (ainda que mal pergunto) hoje há aqui Conclusões?

Xant. Há huma conferenciazinha; e tu, Esopo, tambem has de argumentar.

Esop. Quem defende?

Periand. Eu defendo tres pontos.

Esop. Quaes são, que eu tambem quero meter o meu bedelho?

Periand. As questões são curiosas.

Esop. Diga, que tambem sou curioso.

Periand. O primeiro ponto he: Que o maior indicio do amor he o andar hum amante triste. O segundo ponto he: Que o amor para ser perfeito ha de ser cégo. E o terceiro definir que cousa he o amor.

Xant. Eu presido; argumente Ennio, e Periandro.

Esop. Na terra dos cégos quem tem hum olho he

he Rei. Argumente o Senhor Ennio, que eu estou já pullando para esgrimir a espada da eloquencia.

Ennio. Ora contra o primeiro ponto, em que se affirma, que o maior indicio do amor he andar triste hum amante, argumento assim: A tristeza he indicio do desgosto, o amor he o maior gosto; logo não póde ser a tristeza indicio de hum gosto, qual he o amor.

Xant. Repita.

Periand. Nego, que o amor seja o maior gosto.

Ennio. Provo: Se o amor não fora gosto todos o aborreceriáo, e como todos procuráo o amor, logo o amor he gosto.

Periand. Todos appetecem o amor com vontade constrangida, concedo, com vontade livre, nego.

Xant. Admiravelmente; porque a vontade forçada não he vontade.

Esop. Isso se acaba com a experiencia; vamos ás Galés, e faça-se anatomia em hum forçado, para ver se tem a vontade livre.

Ennio. Contra.

Esop. Ora calle-se, que não ha de levar a melhor de seu Mestre, pois ainda que diga huma asneira sempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei de baquealIo: *Faciat mihi dicendi veniam*, *Pater Magister barbatus*, *&* *enamoratus cum Mixela sua*, *contra punctum corridum sic argumentor*: Se o indicio maior do amor fosse a tristeza, *non tangeretur violam Barbeirus visinhum meum*, *ad namorandum*

dam cachopam; *sed sic est*, que a viola he significativo da alegria: *ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur* de cousa alegre.

Periand. Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria, pois ás vezes nella se tangem sons tristes.

Esop. *Non potest esse*: *argumentor ita*: Não haverá Barbeiro, que *ad namorandam*, *vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado; *atqui* que o oitavado he som folgazão; *ergo amor inginhatur* com cousa alegre.

Xant. Distingo: o oitavado he som folgazão, *ut vulgò* o arrepia, concedo, porém se he o oitavado molle, nego.

Esop. Tudo o que he molle se arrepia; o cabello se arrepia, porque he molle, *ergo* o oitavado molle, e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem resposta, assim o diz Galeno: *Omne molle arripiatur*, ou *surripiatur*, como diz a Glossa.

Xant. Ora cale, que não dizes nada.

Esop. Olhem Vossas Mercês, sempre hum exemplo aclara muito hum calcanhar; vá fóra da fórma: Se a tristeza fora significativo do amor, seguir-se-hia que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que não há animal mais triste, melancolico, e sorumbatico, do que o burro, e assim, ou Vossa Mercê me ha de conceder que o burro he amante, ou ha de negar que a tristeza não he sinal de quem tem amor. *Quid dicis ad hæc*?

Xant.

Xant. Digo que tens razão.

Ennio. Victor Esopo; boa paridade?

Esop. Pois eu não o disse por paridade; o certo he que eu sou hum grande talento.

Ennio. Contra o segundo ponto das Conclusões, que diz, que o amor para ser perfeito ha de ser cégo; o amor reside na vontade, o entendimento he o faról que guia a vontade; logo se a luz do entendimento allumiára a vontade, nunca o amor seria cégo.

Periand. Respondo, que nesse caso tambem o entendimento está cégo. Se o entendimento está sem luz, como póde guiar a vontade?

Esop. Espere, espere, que agora lhe salto nas ancas: *totus amor est albarda*: *atqui* que albarda *est* enxerga; *ergo* o amor ha de enxergar.

Xant. Quem te disse a ti que o amor era albarda?

Esop. Ui, Senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no berço me embalárão com aquella cantiga:

O amor he huma albarda,
Que se põem em quem quer bem;
Eu por não ser albardado,
Não quero bem a ninguem.

Xant. Isso he questão de nome, vamos ao terceiro ponto, que he definir o amor.

Periand. Agora defina Esopo o que he amor, que nós lhe argumentaremos.

Xant. Dizes bem, ouçamos o que diz, e vejamos o seu juizo.

Ennio.

Ennio. Bem está, que elle tem grande juizo; assim o tivera eu.

Esop. O meu juizo já andou demandado em Juizo; mas eu por lhe fartar a vontade me subo á magistral, e definirei o amor.

Tod. Ora ouçamos a Esopo, chiton.

Sobe Esopo á cadeira, e assentando-se nella diz:

Esop. Vulcano, aquelle célebre Ferreiro, a quem a Gentilidade hypotecou o dominio do fogo, foi marido de Venus, (ainda que outros dizem que Venus he que foi sua mulher) valha a verdade, que eu com isso me não meto; o que eu sei he, que estando Venus ao pé de huma bigorna em que Vulcano estava batendo hum ferro em braza, e sobre este descarregando o martello, eis-que salta huma faisca, préga-se na barriga de Venus, e como á queima roupa atea-se o incêndio na camisa; mas quiz não sei quem, que como Venus era filha do mar alto, o fogo a não pudesse abrazar, fazendo-lhe huma empolla na barriga. Cuidado, Senhores, com o fogo, principalmente junto da formosura; porque a belleza he isca, que com qualquer fogo se atea, he mécha, que com qualquer isca pega, he polvora, que com qualquer faisca estoura; bem se vio no presente caso, mas não parou ahi o estrago, porque a tal empollasinha, ainda que dizião os Medicos, não he nada, não he nada, ella em nove mezes cresceo de tal sorte, que parecia hum tambor. Vendo-se a formosa Venus em tanto perigo, man-

mandou chamar tres velhas suas conhecidas, e insignes mesinheiras. (Erão ellas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos mui Parcas.) Cada huma conforme a sua antiguidade foi-lhe apalpando a barriga; a primeira velha disse: Senhora, a barriga de Vossa Mercê tem tal quentura, que me persuado que tem nella hum incendio. Disse a segunda: Pois eu se me não engana o tacto, acho a barriga de Vossa Mercê tão dura, que cuido tem dentro della hum calhão. Respondeo a terceira velha: Com licença das Senhoras Comadres, cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga he hum bicho, pois pelos saltos que dá nella assim me atrevo a affirmar. Palavras não erão ditas, quando estoura Venus pelas ilhargas, e sahio como huma pelota hum rapaz cégo de ambos os olhos, com aljava ao hombro, e na mão hum arco, e pondo-se logo em pé disse a criança: Não quebrem a cabeça, que o que minha mãi tinha na barriga era o Amor, que sou eu. Vendo as velhas este prodigio, disse a primeira: Não cuides, Cupido, (que o rapaz logo trouxe o nome comsigo) não cuides que me déste quinão, pois tanto montava dizer que Venus tua mãi tinha na barriga hum incendio, que o ter amor; porque amor, e incendio tudo he o mesmo. A quantos amantes na tyrannia de hum desdem faz o amor seu foguete, e de rabo, quando dá as costas aos carinhos, por mais que busca pé para

dis-

disparar nás meninas dos olhos o foguete de lagrimas que chora? Todas as arvores de geração são esgalhos da arvore do fogo do amor, donde cada bomba he hum pomo, e cada folha hum traque, porque todo o amor acaba de estouro. Para as Damas he o amor brazeiro, para as criadas chaminé, para os velhos borralho, para os moços esquentador, para os asnos fogo salvagem, para os lacayos fogo lento, para os tafuis fogo viste lingoiça, para os pretos tição, para os rapazes fogueira, e para todos Inferno. Disse a boa da minha primeira velha; quando a segunda, inchando o gorgomillo, e encrespando as cordoveas disse: Pois na verdade, que me não enganei em dizer que Venus tinha hum calhão na barriga; pois nenhuma outra cousa he o amor senão huma pedra, e senão vejão: A cabeça do amor he pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos, a testa he marmore de que se lavrão as estatuas da ausencia com o buril da memória, os olhos são esmeraldas, côr da esperança com que engana, a boca rubim pelo sanguinolento, a garganta pedra hume pelo que aperta, o peito diamante, porque hum amor só com outro amor se lavra, os braços por victoriosos, pedras victorinas, as mãos pedra lipis pelo que cauterizão, e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor pelo forte rocha viva, quando prostra, pedra de raio, quando engoda, pedra de assucar, quando attrahe, pedra iman,

iman, quando experimenta finezas, pedra de tocar, quando vence impossiveis, a melhor pedreira, e quando doura aggravos, pedra filosofal. Para as mulheres pedras de estancar sangue, para os homens pedra de funda, para quem foge, ou as amólla rebollo, para os Barbeiros pedra de affiar, para as cosinheiras pedra de ferir lume, para os mochilas pedra da rua, para os marujos lancho da praia, para os meninos confeito seixinho, para os golosos pedra de cevar, para alguns pedra cordeal, e para todos pedra de escandalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a ultima syllaba, quando a outra velha abrindo a caixa da boca tirou o caxundé da eloquencia, e já quasi enfurecida disse: Supposto, Senhores, que eu seja mulher, não hei de ficar vencida, porque se affirmei que Venus tinha na barriga hum bicho, não disse mal; pois que cousa he o amor, senão hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E senão pergunto: que he o amor, senão huma hydra de sete cabeças, que nem o mais valente Hercules pôde vencer? He camaleão, que se sustenta com o vento das lisonjas, he tarantula, que com os descantes cura o seu veneno; quando diligente, he santopea, quando se atea, aranha, quando com vista mata, lince, quando céga, toupeira, quando desdenhoso, ouriço, quando timido, lebre, quando valente, tigre, quando fiel, cachorro, quando menino, lesma, quando arrastado, cobra, quando trombu-

budo, elefante, quando nescio, camello, quando furioso leão, e quando pára, cendeiro. He o amor para as Damas arminho que regala, para as Freiras cãosinho que affaga, para as velhas dragão que mete medo, para os mancebos cavallinho da alegria, para os velhos cavallo cansado, para as cosinheiras gata borralheira, para as fêas cão de arame, para os valentes anta, para os Granadeiros lontra, para os çapateiros bezerro, para os casados touro, para os pacientes cabrão, para os asnos burro, que dá couces na alma, e finalmente bogio, porque a todos préga o mono. Para prova desta verdade perguntai a esses amantes o que fazem, para explicar o seu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o mesmo he fazerem hum bicho, que dizerem que tem amor, pois o amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus se gerou; he bicho de seda, que transformando-se em borboleta se parece com o amor nas azas; he bicho de cosinha, que tempera os genios mais asperos, he sabichão, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bixaninha gata, quando nos mete medo, bicharoco, quando nos chupa o sangue da bolça he bicha, e finalmente he bicho carpinteiro, que não póde estar quieto com os seus bicharocos. E concluio a velha toda esta arenga, fazendo hum horrendo, e espantoso bicho, dizendo: quem, Vossa Mercê, Senhor Cupido? Essa he boa! Esta he a defi-

finição do amor que lhe derão as tres velhas, vindo a concluir que o amor he féra, raio, e pedra; féra nos estragos, raio nos incendios, e pedra na dureza; e quem quizer mais vá á sua casa.

Xant. Por certo, que definiste bem o amor, e em premio da tua sabedoria terás o grão de Doutor em Filosofia.

Periand. Justo he que laureemos a Esopo.

Ennio. Esopo merece todas as honras de Sabio.

Xant. Has de ser Mestre do Curso que se ha de abrir para o anno.

Esop. Isso he pulha; Mestre do Curso! Muito hei de gastar em alfazema, e alecrim para perfumar a Aula, que cheirará, que será hum desamparo.

Xant. Porém antes de tomares o grão has de responder a huma pergunta solta, que he costume Academico.

Esop. Quem pergunta saber quer; ora vá.

Xant. Dize, Esopo, porque razão chamão aos corcovados Poetas?

Esop. *Sic querit, & respondeo*: chamão aos carcundas Poetas, porque os Versistas deste tempo são Poetas, mas he cá para trás das costas.

Periand. Boa resposta!

Ennio. Boa agudeza!

Esop. Ahi está ella muito á ordem de Vossa Mercê.

Xant. Ora eu te constituo Doutor, Esopo, pela authoridade que tenho da Républica.

Periand. Muito bem, Senhor Doutor.

Ennio. Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabem.

Esop. Com que só basta dizer o Senhor Xanto que sou Doutor para logo o ser?

Xant. Quem o duvida?

Esop. Ora eu cuidava que para ser Doutor era necessario andar hum homem em Salamanca sete annos, e no cabo só huma palavra basta para resuscitar a hum nescio do sepulchro da ignorancia.

Sabe Euripedes gritando muito, e dará com a cadeira no chão, e ficará Esopo debaixo della.

Eurip. Donde está este patife, e este velhaco de meu marido? Donde está, que lhe quero perguntar se ha de casar com outra mulher estando eu viva? Tudo ha de ir razo nesta casa, não ha de ficar pedra sobre pedra.

Esop. A'que d'ElRei, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que Doutor morto.

Xant. Senhora, que terremoto he esse que vem fazendo? Que tem?

Eurip. Ainda me pergunta que tenho? Vossè casado com Geringonça estando eu viva!

Xant. Eu, Senhora? Isso he testemunho.

Eurip. Esopo, não mo disseste?

Esop. He verdade, mas como Vossa Mercê não queria vir para casa a fazer vida marital com meu patrão, foi-me preciso fingir que elle se casava; porque Vossa Mercê então acossada dos zelos viria para a sua companhia.

Xant.

Xant. Eu te perdoo a peſſa pela induſtria com que a trouxeſte para caſa.

Eurip. Eſopo, deſavergonhado, tu me foſte enganar? Pois em ti vingarei a minha raiva. *Dá-lhe.*

Esop. Tá, tá, tenha mão para lá, que já não ſou ſeu cativo, que me libertou o Povo, e além diſſo ſou Doutor em Filoſofia, que he o meſmo que Meſtre em alhos, e já agora tão bom, como tão bom.

Eurip. Eſtá bem, tu mo pagarás; anda Xanto. *Vai-ſe.*

Xant. Vamos, Senhora; vou tremendo! Eſopo, vem comigo, que apartarás a pendencia.

Eſop. A Senhora Meſtra, e o diabo tudo he hum; hoje temos touros de capa, e eu farei muito por lhe moſtrar a manta. *Vai ſe.*

Ennio. Vinde, Periandro, que já não poſſo aturar o diabo da mulher.

Periand. Ide Ennio, que quero ver ſe poſſo fallar com Filena, que ha dias que a não vejo.

Ennio. Pois ficai-vos embora. *Vai-ſe.*

Periand. Se eſtará ainda Filena mal comigo, pois deſde o dia que o pai foi para beber o mar, me não quiz fallar? Bem diſſe Eſopo que o amor era pedra, fogo, e féra, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor; féra na condição de Filena, fogo no incendio de meu peito, e pedra no immovel com que me detenho neſta caſa, que parece que ſou o meſmo edificio aonde habita Filena. Oh quem nunca ſoubera o que era amor!

Sahe Filena.

Filen. Quem eſtá aqui?

Periand. Quem ha de ſer, ſenão quem adora; não ſó o idolo de tua formoſura, mas até as paredes do templo, onde te elevas Deidade?

Filen. Se ſoubera que eſtavas aqui não paſſára por eſta ſala.

Periand. A tanto chega o teu odio, que nem ver-me deſejas?

Filen. Não poſſo reſponder, porque minha mãi já veio para caſa, e lhe vou fallar.

Periand. Eſpera, que te não has de ir ſem primeiro fazermos as pazes, pois ſem razão vejo que eſtás contra mim.

Filen. Não quero admittir deſculpas, que hão de ſer tão falſas como tu, que as pertendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mãi.

Periand. Eſcuta ſequer hum breve inſtante, Filena, as queixas de hum amante afflicto; não queiras que de todo acabe deſeſperado aos golpes de huma mágoa.

Filen. Por me não deteres mais dize o que queres dizer.

Periand. Pois eſcuta.

Canta Periandro a ſeguinte

A R I A.

Ingrata, não ſei porque
Podendo eu ſer feliz,
Fazes com teu rigor,
Que chegue a enlouquecer.
  Cruel Deidade, vê
Que ainda que infeliz,

Em

Em mim fe acha amor,
Que puro fabe arder.

Filen. Compadecida da tua mágoa bufcarei hora em que com mais vagar te defculpes, e eu me fatisfaça. *Vai-fe.*

SCENA IV.

Mutação de Camera, e fahe Efopo com hum papel na mão.

Efop. GRande pezo tenho fobre as minhas coftas! Não baftava efta corcova, mas fobre ella ainda hum amor como hum inchaço? Eu confeffo que fim tinha amor á menina, porém depois que a vi hontem cahindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei mais abrazado; vejão agora a afneira defte meu amor, em que havia achar motivo para fe atear! Eu tomára declarar-me com ella; fe pegar muito bem, quando não pouco fe perde, mas eu acho de mim para mim, que ella não ha de ter dúvida a fer minha amanta, pois já agora fou Doutor; e ella que mal lhe eftará levar em capello a minha contubernia amorofa?

Sahe Filena.

Filen. Efopo, ha dous dias que me não dás lição; ora vamos a iffo.

Efop. Ora digão agora Voffas Mercês fem paixão, quem fe não ha de namorar daquella cara, que parece pintada a oleo de linhaça?

Filen. Vamos á lição, fe queres, fenão vou-me.

Efop.

Esop. Quero, quero, antes porque quero por isso não quero. Olhe, menina, ninguem corre atrás de nós, tempo tem a lição, conversemos hum pouco primeiro.

Filen. Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

Esop. Mais entendo eu, que gosta das minhas desgraças.

Filen. Das tuas desgraças? Como?

Esop. Bem, já estou metido na tramoia; eu começo a explicar-me: como está o Senhor seu pai dos flatos?

Filen. Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pai?

Esop. Isto foi hum entreparente; mas o caso he que as minhas desgraças Vossa Mercê.... quando.... hoje.... á manhã.... eu estou fóra de mim! Não digo cousa com cousa!

Filen. Que dizes, que te não entendo?

Esop. Agora, agora, eu me explico: De sorte, que eu.. não.. não.. de maneira.. que Vossa Mercê... não... sim... não... espere.... faça Vossa Mercê de conta.....

Filen. Que hei de fazer de conta? Tu estás bebado?

Esop. Não estou bebado por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

S O N E T O.

Ora aspiro, ora temo, ora duvido;
Ora grave, ora meigo, ora severo;
Ora engeito, ora peço, ora não quero;
Ora páro, ora tenho, e ora envido:

Ora

Óra inculto, ora monstro, ora Cupido;
Ora prompto, ora tímido, ora féro;
Ora livre, ora escravo, e ora impéro;
Ora amante, ora ingrato, ora sentido;
Ora morro, ora vivo, ora me afogo,
Ora rio, ora choro, ora me assanho;
Ora já, ora não, e ora logo.
Ora envido, ora perco, e ora ganho;
Ora incendio, ora neve, e ora fogo;
Estranho variar de amor estranho!

Filen. Tens dado mais horas que hum relogio, e em tantas não te pudeste explicar.

Esop. Pois Senhora, nas horas desse relogio apontava o mostrador do meu enleio, quando a formosura de Vossa Mercê me tem feito em quartos, e por instantes morrendo na repetição dos golpes.

Filen. Sim? Pois que he?

Esop. He o coração que está a bater.

Filen. Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

Esop. Será, mas eu acho que o meu coração não cabe na pelle, porque tem dentro....

Filen. O que tem?

Esop. Tem â, â, â....

Filen. Se não passas do A, pouco sabes; que he o que tens, que estás gago?

Esop. Quero dizer amor, e não me chega a lingua. Ora escute, que cantando me explicarei; pois já que o amor he Tarantula, como disse hum discreto, que fui eu, com a musica curarei o veneno do coração.

Can-

Canta Esopo a seguinte

A R I A.

Sabes tu quem me atormenta?
De mansinho, aqui em segredo:
He... mas ai, qué tenho medo!
Ora eu digo resoluto,
Es tu mesma, ingrata, tu.
Tu fabrícas este enredo
Aos meus olhos, que lamentáo
O rigor daquelle monstro,
Que anda cégo, nú, e crú.

Filen. Com que te namoraste de mim? Vivas muitos annos, que eu disso não me offenco.

Esop. Sim, mas eu queria....

Filen. Que querias?

Esop. Eu sei! Queria que me correspondesse tambem, que nos escrevessemos de parte a parte, ainda que sempre fallamos; queria que me désse mais hum coração de azeviche com huma fitta da sua anagoa, e a fitta havia ser verde para eu lhe fazer huns versos, onde havia fallar em esperança. E indo nós assim andando, ao depois o tempo daria de si aguma cousa; pois que diz? Sim?

Filen. Valha-te o diabo, mofino, que sempre has de estar de pachorra! Vamos á lição, anda, que ao depois quero me notes huma carta para Periandro, que hei de escrevella pela minha propria mão, e da minha letra, tal, e qual.

Esop. Com que não há que deferir ao meu requerimento, e sobre não ser admittido, como

amn-

amante, hei de ser alcoviteiro? Isso não ha lei que o mande; e se Cupido tal souber he capaz de deixar cahir hum raio sobre mim; porém nem tudo se leva de hum jacto: eu hirei colhendo favores ás furtadellas; ora ande, menina, escreva lá.

Filen. Dize de vagar, e que á manhã me falle; escolhe tu o lugar que for mais seguro.

Vai dictando Esopo, e escreve Filena.

Esop. Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abrasa nas chammas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos, que aos bons entendores pouco lhe basta: á manhã á noite espero vello no pateo escuro para o enxergar melhor, o qual cahe para a estrebaria do cavallo de meu pai. Deos te guarde, que te não quero dar quebranto. Muito sua pelo sovaco. Ponha hum F. com hum E. atrás.

Filen. Ha de ser P. e não E. E não vês tu que se chama Periandro?

Esop. He o que me faltava, querer a Discipula ensinar ao Mestre! Diga lá o A, B, C.

Filen. A, B, C, D, E, F.

Esop. Basta, páre ahi; não vê, tollinha, que o E. está atrás do F, e não o P? Ponha, ponha como lhe digo.

Filen. Tens razão, eu ponho.

Esop. Ao menos a carta he toda para mim lida nesta fórma.

Lê Esopo, virgulando como assima.

Esop. Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração. *Filen.*

Filen. Não quero, has de lêr assim: Meu bem, virgula, Esopo de quem só fio, &c.

Esop. Não faço caso de pontos, e virgulas, que já se não usão. Ai, que ahi vem seu pai!

Filen. Pois dá a carta a Periandro. *Vai-se.*

Esop. Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei de ser o teu Periandro. *á p.*

Sahe Xanto.

Xant. Esopo, que escrito he esse que ahi tens?

Esop. He a carta da menina.

Xant. Como vai ella com o lêr?

Esop. Admiravelmente; já dá escritos com a maior facilidade do Mundo.

Xant. Sendo tu seu Mestre, não duvido que esteja tão adiantada.

Esop. Ah Senhor, que se ella tomára bem as minhas lições, talvez que estivera hoje n'outro estado.

Xant. São raparigas, querem brincar. Ora Esopo do meu coração, depois que veio este tigre de minha mulher para casa ainda não pude mais fallar a Geringonça, e importa fallar com ella cousa de grande empenho; estimára que á manhã á noite nos vissemos no pateo da estrebaria; Esopo, peço-te isto como amigo, a Deos, que me não posso deter. *Vai-se.*

Esop. Este pateo da estrebaria que diabo terá para os amantes? Porém só na estrebaria merece estar quem he amante.

Sahe Geringonça.

Ger. Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?

Esop.

Esop. Doutor de quando em quando.

Ger. Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão secco, tão despegado, e desdenhoso me faças desprezos?

Esop. Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres que te queira bem se não acho por onde te pegue! Não vês que és huma cosinheira, e eu sou hum Doutor?

Ger. Tu és Doutor?

Esop. Quando nada; porque? Não me vistes logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora se está bem a hum Doutor casar com huma cosinheira? Já se tu foras Doutora, tranca; porém huma criada chirle, fedendo a adubos, *non sufretur in rerum natura.*

Ger. Ai, tu sabes latim?

Esop. *In totum, ite, ite ad temperandas panellas.*

Ger. Agora te quero mais; olha, que importa que tu sejas Doutor? Não vês que o cavallo alimpa a egoa?

Esop. *Ergo cavalus sum ego?*

Ger. Não entendo o que dizes, falla-me como d'antes.

Esop. *Non possum, quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*

Ger. Donde aprendeste isso tão depressa?

Esop. *Venit ab alto, & non te importat.*

Ger. Que o achaste na porta?

Esop. Não ha maior desesperação! Queres tu tambem agora aprender Latim? Mulher, como to hei de dizer? Não te posso querer bem.

Dei-

Deixa-me ; quanto mais me fegues , mais me perfegues. Arre com a farna !

Ger. Que foffra eu eftes defprezos !

Canta Geringonça a feguinte

A R I A.

Vou-me embora , Efopo ingrato ;
Já te deixo , pois não quero
Teus repudios aturar.
Tu defprezas o meu trato ,
Sem olhar , que te venero ?
Pois amor me ha de vingar. *Vai-fe.*

Sahe Meffenio.

Meff. Efopo , eftamos perdidos.

Efop. Porque , alguem nos bufca ?

Meff. Sahio do Exercito d'ElRei Crêffo hum Soldado a defafiar hum dos noffos , e que á manhá o efperava no campo fó por fó , e com armas iguaes ; e quando não , que incorreriamos em pena de cobardes ; e o peior he , que não há quem queira aceitar o defafio , porque os melhores Cábos , e Soldados eftão doentes das feridas das fettas , e affim pois Jupiter te efcolheo para Director defta guerra , dize o que faremos.

Efop. O cáfo ainda affim he de barbas ; mas por vida de Efopo , que eu mefmo hei de fahir em peffoa ao defafio.

Meff. Tu , como ? Se não fabes jogar as armas , e os inimigos são déftros nellas ?

Efop. Voffa Mercê , Senhor Meffenio , eftá enganado ; quem lhe diffe que eu não fabia jogar as armas ? Ainda não ha muitas horas que jo-

joguei a minha espada com hum Tambor ao jogo das chapas.

Mess. Não te ponhas com graças, dá remedio a cousa de tanto empenho.

Esop. Pois Senhor, tenho dito, eu mesmo sahirei, eu posso fazer mais, que dar o conselho, e executallo? Ora ande, que na guerra val mais a industria que o valor.

Mess. De ti tudo se espera. *Vão se.*

SCENA V.

Mutação de Arraial, e apparecerá a Praça, e a hum lado ElRei Cresso com alguns Soldados, e no meio do Theatro Temistocles com espada, e rodéla.

Rei. JA' que fizeste o desafio vê lá como te sahes delle, não nos desacredites.

Tem. Tão poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Magestade desconfie de mim?

Rei. Bem sei que és bom Soldado, e valoroso, mas nem sempre a fortuna póde ser favoravel; queira Jupiter que triunfes, que a tua gloria será a minha.

Tem. Venha quem vier, venha o mais valente Soldado dos Athenienses, que do primeiro revés o hei de descabeçar. O' lá da Praça, não vem esse valente?

Haverá huma porta na muralha da Praça por onde sahirá Esopo com capacete, espada, e rodéla, e dirá dentro o que se segue.

Dentr. Esop. Já vou, espere, que me estou apolvilhando. Cuidado não me fechem a porta do muro, que importa.

Sahe Esopo.

Esop. Ora salve Deos a Vossa Mercê.

Tem. Vossê he o do desafio?

Esop. Cuido que sou eu, se me não engano; arre lapas! Que será isto, que me não posso ter nas pernas! Estava eu manso, e pacifico, quem me meteu em desafios? Ah D. Quixote, aonde estás, que aqui eras tu gente!

Tem. Ora pois, vamos a isso depressa.

Esop. Ui, Senhor, que pressa tem Vossa Mercê? Morra eu de cutiladas, mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de Vossa Mercê, já venho.

Faz que se vai, e torna a voltar.

Tem. Aonde vás?

Esop. Vou mudar de camisa, que entendo que estou mijado com alguma cousa mais.

Tem. Bom contrario tenho eu! Desta vez logro o triunfo, meçamos as armas; estão iguaes.

Medem as espadas.

Esop. Estão iguaes? Não há tal.

Tem. Como não?

Esop. A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabello. Não, Senhor, hão de ser armas iguaes, ou eu não hei de brigar.

Tem. Iguaes se entende do mesmo comprimento; bem parece que isto não he terra de Soldados, mas sim de Filosofos.

Esop. Tu o amargarás na conclusão. *á parte.*

Tem. Pois estão as armas iguaes, agora partamos o Sol.

Esop. Que parta o Sol? Quer-me vossê partir o sol da India com os dentes? Quem parte o Sol melhor me partirá a cabeça.

Tem. Bem estamos, toquem os clarins a investir.

Esop. Mande antes dobrar os sinos, porque eu desta vez aqui fico enterrado.

Tocão huma marcha com as trompas.

Rei. Que farão os dous, que tanto tardão a investir?

Tem. Ora vamos.

Esop. Pois vamos? A Deos até á manhã.

Tem. Briguemos, quando não vou dando.

Esop. Dê, dê, que eu farei queixa a sua Mãi. E que fará agora Geringonça? *á parte.*

Tem. Ora já te não posso aguardar, que nas dilações periga o meu credito. *Investe.*

Esop. Espere, espere, tenha mão, que já não póde brigar.

Tem. Porque?

Esop. Porque o ajuste foi ser com armas iguaes; quanto a isso não se me dá.

Tem. Não se te dá das armas? Pois em que te fias?

Esop. Fio-me na coura.

Tem. Pois se as armas estão iguaes, que mais falta aqui para a lei do duelo?

Esop.

Esop. O desafio foi, que havia ser só por só.

Tem. Sós estamos.

Esop. De burro; isso he não ser valente, vossê com gente de escolta atrás? Aonde está ahi a graça? Não sabe, que *nec Hercules contra duo*, quanto mais quem não he para ser criado de Hercules?

Tem. Eu venho só, e não trago nenhum comigo. *Volta-se.*

Esop. Quer agora negar o que eu estou vendo? Olhe para trás, e verá com os seus olhos: ahi! hum, dous, tres, dezanove, sincoenta.

Ao voltar Temistocles a cara dá-lhe Esopo huma cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cahe Temistocles.

Esop. Agora que se vira reviro eu. Zumba. *Vai se.*

Tem. Ah traidor, que me mataste! Traição, traição.

Rei. Que foi isso, Temistocles? Tu ferido dessa sorte?

Tem. Que ha de ser? Hum traidor, que dizendo-me que eu trazia gente de escolta, hindo a virar a cara me deu huma cutilada.

Dentro. Viva Esopo, Esopo viva. Victoria.

Rei. Com que Esopo foi o que veio ao desafio? Ainda estou mais picado!

Tem. Veja Vossa Magestade se disse eu bem, que Esopo nos havia de fazer a guerra.

Rei. Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, só para apanhar ás mãos este velhaco de Esopo; anda curar-te na minha tenda. *Vão-se.*

SCE-

SCENA VI.

Mutação de columnas, ou pateo escuro azulejado, e no fim estará huma porta, e sahe Euripedes.

Eurip. VEnho como tonta! Isto he o que quer que he; estando eu no melhor do somno não acho na cama o meu marido, vou á cama de Filena tambem o não acho, nem Esopo apparece; tenho corrido toda a casa de alto abaixo sem ver a nenhum, até me obriga a vir por este pateo; entrei na estrebaria, nada encontro! Que diabo será isto! Mas eu cuido que sinto pizadas, eu me retiro para este canto, que hoje haverá serra Hespanha. *Retira-se.*

Sahe Filena.

Filen. Aqui mandei que esperasse Periandro, e Esopo me disse que elle já aqui estava; mas eu não sei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quédas; pois com o escuro da noite não sei por onde venho, nem por onde pizo; ai, amor, a quanto obrigas!

Sahe Xanto.

Xant. Agora acabo de ver que he cégo o amor, pois como cégo venho ás apalpadellas por tantos corredores até chegar a este pateo, que ha de ser esta noite a campanha do amor em que quero fallar a Geringonça.

Filen. Mas eu cuido que alli vem gente; quem ha de ser, senão Periandro?

Xant. Sinto pizadas, e o vulto, ſe me não engano, para mim ſe vem chegando; ſem dúvida he Geringonça; que eſpero, que lhe não fallo? Vem embora, pois tu és a luz que me traz cégo a fallar-te: tanto tardaſte?

Filen. A voz he de meu pai, eu eſtou perdida! Ora quando os velhos tem amor, que farão os moços! Eu vou-me retirando; há maior deſgraça, que quando buſco a Periandro encontro meu pai! *Vai-ſe.*

Xant. Com o eſcuro não atino aonde ella eſtá.

Vai Xanto chegando para onde eſtá Euripedes, e ſahe Eſopo.

Xant. Oh cá eſtás tu? Pois agora já poderemos fallar.

Eurip. Ai, he o Senhor Xanto? Pois eu me callo até que elle ſe declare bem, que quero ver a quem buſca.

Eſop. Eſta caſa parece-me encantada, pois deſde a meia noite que ſahi de ſima, até agora eſtive ſem atinar com o pateo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes patear! Ora aqui eſtou eu no meio do campo; venha agora Filena a deſafiar-me, e veremos como ſe porta comigo. E o velho fica logrado, que eu não dei o recado a Geringonça.

Xant. Minha Geringonça, não ſabes que morro por ti? Pois como me deſprezas?

Eurip. Meu dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

Xant. Não reſpondes, amores?

Eurip. Como quer que o queira se Vossa Mercê quer tanto á Senhora Euripedes?

Xant. Valha o diabo Euripedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomára que já morrêra, para casar comtigo.

Eurip. Há quem isto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

Esop. Muito tarda Filena! Donde estará esta bogia? Mas parece-me que já a estou vendo vir tique tique, com a sua anagoa de franjas, çapatinho de tessúm, o cabello desgrenhado, cuberta com a sua capona. Mas ai, que agora me lembrou huma cousa, que se ella me abraçár poderá topar com a minha corcova, e por ella conhecer-me pelo tacto! Pois bom remedio, em tal caso direi que me abrace pelas gambeas, que he hoje o rigor da França; mas se me não engano ahi vem gente, e o pizar he de mulher.

Sahe o burro, que vai para Esopo.

Ella he sem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exhala; e como vem serena! Ora fingir-me quero, Periandro: Vem cá, Planeta da quarta estéra, vem, formosa Venus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito com o assucar queimado dos teus carinhos; não me dizes nada? Estás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na Chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte; calte, não te suffoques; coitadinha da minha menina, como estás rouca! Estou tão contente! Desta vez hei de dar duas figas ao amor.

Xant. Muito te resistes, ingrata Geringonça!

Eurip. Quero apurar bem a paciencia.

Esop. Ora agora, meus amorinhos, meu feiticinho, dá-me essa mão de jasmim, ou esse pé de cravo, para pôr, e dispôr no canteiro de meu coração. *Zurra.* Falla de mansinho, não ouça teu pai; sempre me vás a fugir? Olha cá, queres tu casar comigo? *Zurra.* Sim? Pois havemos sahir a furto, deixa estar; mas tua mãi não o saiba.

Xant. Ora isto he já desesperação.

Faz que pega nella.

Eurip. Retire-se lá; quem he?

Esop. Menina, não gastemos mais tempo, ajustemos o nosso amor; ora dá-me hum abraço, anda, não sejas burra.

Ao ir Esopo abraçar o burro dá-lhe este dous couces, e aos gritos de Esopo sahirá Geringonça com huma candeia accéza.

Esop. A'que d'ElRei que me matas! Ingrata, com isso pagas o meu amor?

Ger. A'que d'ElRei, ladrões no pateo? *Sahe.*

Eurip. Guarde Deos a Vossa Mercê, Senhor Xanto, pois que vai?

Xant. Isto he encanto; mofino homem, que ha de ser de mim!

Esop. Ui, Filena converteo-se em burro! Andou discreta para a não conhecerem. O' Filena, torna-te outra vez em gente, que com a baralhada que aqui vai ninguem repara.

Ger. Eu estou pasmada! Que diabo he isto, que vejo!

Eurip.

Eurip. Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra para casar com Geringonça? A'que d'ElRei sobre este magano!

Esop. E o velho como está réo!

Xant. Não te posso responder; vou matar-me antes que me mates. *Vai-se*

Eurip. Peguem-me nesse magano.

Ger. Ai, Senhora, deixe o triste velho, bem lhe bastão os seus achaques.

Eurip. Ainda acodes por elle, velhaca? *Vai se.*

Ger. Não sou amiga de ouvir pendencias. Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

Esop. Calte, que não he burro, he Filena, que está disfarçada para a não conhecerem. Não me dirás; para que trouxeste agora essa candeia, pois com ella fizeste tantos desarranjos?

Ger. Com que essa he Filena?

Esop. De que te espantas? Nunca ouviste dizer, que Venus se converteo em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo que não he Venus melhor do que ella.

Ger. Pois dá-lhe hum abraço.

Sahe Filena gritando.

Filen. Venhão acodir a meu pai, que está para se enforcar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mãi.

Ger. Esopo, fica-te com o teu burro. *Vai-se.*

Esop. Ora só esta a mim me succede! Que estivesse eu esfalfando-me em dizer finezas a hum burro! Sem dúvida levei dous couces, cuidando que levava dous pescoções.

Filen.

Filen. Andem acodir a meu pai, que se enforca.

Esop. Deixe-o enforcar, que eu tambem vou fazer o mesmo. Arre com a cancaburrada da noitesinha! Olhem, não ha cousa mais fiel que o nariz, por isso lhe fedia o bafo a cevada; mas como tinha o nariz cégo de amor, cuidei que me cheirava a beijoim.

Filen. Anda, não te detenhas, que meu pai estará já enforcado a estas horas.

Esop. Isto não são horas de se enforcar ninguem, e senão vamos, e verá. Ah ingrata, não te perdoo o susto desta noite, que toda foi huma burrada.

Cantão Euripedes, Esopo, e Geringonça a seguinte

ARIA A 3.

Eurip. Calte, calte, marafona,
Calte, infame bribantona,
Senão vou saltando em ti.
Ger. Que fiz eu, Senhora, que?
Porque assim sem mais, nem mais,
Tão cruel me trate assi?
Esop. Deixe a moça; ouves tu?
Não lhe digas chus, nem bus;
Té passar-lhe o frenesí.
Eurip. Hoje aqui te hei de matar.
Ger. Hoje aqui não hei de estar.
Esop. E eu aqui hei de ficar.
Eurip. Pois que os zelos,
Ger. Pois que a dor,
Esop. Pois que amor,

Tod.

Tod. Já me faz desesperar.
Eurip. Não te quero mais em casa,
Vai-te, vai-te para fóra.
Ger. Saiba Deos, e todo o Mundo,
A innocencia em que me fundo.
Esop. Calte filha, alimpa o ranho,
Toma o manto, e vai-te embora,
Tod. Que os enredos deste pateo
Não se podem aturar.

SCENA VII.

Mutação de Camera. Sahem Xanto, e Esopo.

Xant. ESopo, ouve-me por tua vida.
Esop. Senhor, eu confesso-lhe que já estou arrependido, e arrenegado, nem quero ouvillo, nem quero nada desta casa; vou-me embora.
Xant. Pois porque?
Esop. Ui, Senhor, he zombaria andar aqui em huma roda viva, Esopo de dia, Esopo de noite, como se eu fora algum bonecro de cortiça! Huma casa de enredos, e hum enredo sem fim! Vossa Mercê libidinoso, e sua filha rude, sem tomar as minhas lições, e sobre tudo huma mulher brava; haverá resistencia, que tal possa soffrer? Pois....

ARIA.

Ver o tigre de minha Ama,
Quando em cólera se inflamma,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante,
E o velho paciente Com

Com voz baixa, e tremebunda
Lhe diz: calte lá, serpente;
Quando diz de lá Filena:
Mái, não seja impertinente,
Tenha modo, e tenha sizo;
Mas confesso, que com rizo
Me faz isto escangalhar.
E que o misero carcunda,
Vendo tanta barafunda,
Tal se atreva a tolerar!

Sabe Messenio.

Mess. Que seja possivel que estejas a cantar, Esopo, quando estamos na maior afflicção!

Esop. Pois que? Temos outro desafio?

Mess. Não vês o miseravel estrago em que está esta Praça, com hum cerco ha tantos tempos, sem nos vir soccorro de parte alguma, e já não ha comer para os Soldados? Nestes termos dize, o que havemos de fazer?

Xant. Senhor, eu sou de parecer, que nos entreguemos, que não ha resistencia a hum poder tão grande.

Esop. Calle-se lá, não se meta aonde o não chamão. Ah Senhor Messenio, Jupiter, que me nomeou para General bem sabe o que fez, que elle não se engana comigo; mande Vossa Mercê escolher hum par de Soldados, os que lhe parecerem mais valentes, e a cada hum dê huma saia, e huma mantilha, e que se preparem com armas curtas, e esperem por mim á boca da noite no postigo da muralha, que eu lá estarei, e que façaõ o que eu disser.

Mess.

Mess. Que intentas fazer?

Esop. Logo o saberá; andem comigo, que são huns sonas.

Xant. Queira Deos, Esopo, que acertes.

SCENA VIII.

Mutação de Arraial. Descobre se a Praça com o cerco dos Soldados, ElRei, e Temistocles.

Rei. Notavel constancia tem mostrado os Athenienses neste sitio; pois a pezar de todo o meu poder se resistem valentes!

Tem. Eu entendo, Senhor, que cedo capitularáõ; pois segundo as informações que deu hum Soldado que fugio da Praça, está já sem mantimentos, com que cedo lograrémos a victoria.

Rei. Tomára haver ás mãos este Esopo, que só por elle aperto o cerco da Praça; mas não vês abrir-se o postigo da muralha?

Sahe do postigo Esopo vestido de mulher, e da mesma sorte alguns Soldados com alguns cutélos, que ao depois puxaráõ por elles, e diz dentro Esopo o seguinte.

Dent. Esop. Não me fechem a porta, que aliàs perderemos o pezo, e o feitio.

Mess. Vai descansado, Esopo, que aqui fico eu, e Jupiter permitta que te não succeda alguma.

Esop. Quando eu der hum assobio fazer o que tenho dito, e fingir falla de mulher. *Sahem.*

Tem.

Tem. Quem vem lá?

Esop. Senhor Soldado, que já foi quebrado, somos humas afflictas mulheres, que queremos fallar a ElRei Cresso, ou da Lidia.

Rei. Aqui me tendes, que he o que quereis?

Esop. Vossa Magestade saiba que eu sou huma donzella, (salvo tal lugar) que com estas companheiras sahimos da Praça, ou para melhor dizer nos lançárão á margem.

Rei. E porque vos expulsárão?

Esop. Eu sei? Senhor, Vossa Magestade, se algum dia foi mulher bem saberá das nossas mazéllas; mas pelo que me disse hum Tio meu Tambor, que se lançava a gente inutil para a guerra, porque comiamos o comer dos Soldados.

Rei. Pois tanta falta ha de mantimentos!

Esop. Ai, Senhor, isso não se falla; eu hontem comi huma frigideira de lendeas, por não ter outra cousa; esta minha companheira, parindo hontem hum filho huma visinha sua, o comeo, e ainda lhe lambeo os beiços; pois agoa! Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim, Senhor, nós estimamos muito que nos deitassem fóra para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear, e agasalhar, e adverti, que a clemencia nos Principes he a melhor pedra que adorna a sua Coroa.

Rei. Temistocles, agasalhai essas mulheres, que eu me vou recolher. *Vai-se.*

Tem.

Tem. Supposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz, e pelo modo me tem cativado. *á parte.*

Esop. Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

Tem. No campo não, mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós, e na vossa companhia suavizarei as asperezas de Marte, assim o permitta o amor.

Esop. Amor! Ai que graça! He nome esse, que nunca ouvi. Estou bem aviado se o Soldado me namora. *á parte.*

Tem. Ora dizei-me; que faz lá esse magano de Esopo? Ainda he vivo?

Esop. Coitado de Esopo! Anda bem achacado, e já está quasi louco com huma teima notavel, dizendo que he mulher, e não homem.

Tem. Tão grande juizo havia de dar volta; pois sinto que supposto me enganasse no desafio, com tudo sei que he homem de prendas.

Esop. Com que Vossa Mercê he o do desafio? Ora console-se com as disposições do Ceo.

Tem. Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

Esop. Para a sua barraca? Isso não.

Tem. Ora anda.

Esop. E a minha reputação?

Tem. Vem segura, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

Esop.

Esop. Pois olhe, nessa certeza me fio; porém tambem me ha de fazer o favor de mandar retirar todos os Soldados para as suas tendas.

Tem. Dizes bem, espera aqui, que eu mando aquartellar a gente, que supponho que os da Praça não se atreveráõ a sahir. *Vai-se.*

Esop. Isso he certo; tomárão elles bem páo. O' lá, companheiros fiéis, cuidado, accommetter com valor, e ir dando a troxe moxe, que os apanhamos na cama.

Sahe Temistocles.

Tem. Todos já se recolhêrão, anda comigo.

Esop. Eu não vou sem as minhas companheiras; ó lá, agora. *Assobia.*

Investem as mulheres a Temistocles, e mais Soldados, entre os quaes haverá pendencia, e se recolhem pelo postigo do muro, e quando Esopo for achará a porta fechada.

Tem. Acudão todos, traição, traição, que são homens, e não mulheres.

Esop. Dar a matar, morrão estes cães.

Tod. Morrão os traidores.

Esop. Vamos, que já vem muitos.

Sold. Vamos para a Praça. *Vão-se.*

Esop. Não fechem a porta, que ainda falto eu para entrar.

Dentr. Não póde ser, que já os inimigos vem de envolta com os nossos.

Esop. Se vem de envolta não ha que temer, que são crianças, abra depressa.

Dentr.

Dentr. Não ha ordem.

Tem. Dá-te á prizão, senão mato-te.

Esop. Ai, meu bem, não me leves preza, que eu vou por vontade.

Tem. Ainda te finges mulher, velhaco?

Tod. Morra esse traidor.

Sahe o Rei.

Rei. Que alvoroto foi este?

Tem. Senhor, as mulheres erão homens disfarçados, que vierão com armas, e apenas nos apanhárão recolhidos fizerão logo algum estrago nos nossos, que pudera ser mais, e todos fugírão, e só apanhámos este.

Rei. Dize quem és?

Esop. Eu sou ninguem.

Tem. Agora conheço que és Esopo.

Rei. Confessa a verdade.

Esop. Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Magestade da minha descortezia.

Rei. Velhaco, insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

Esop. Olhe, Senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

Rei. Ou possas, ou não possas, heide-te matar, e só o deixarei de fazer se me fabricares huma torre no ár.

Esop. Aceito, dê-me a sua palavra, e juntamente me ha de dar os materiaes.

Rei. Prometto tudo, pois vejo que tu não has de fazer a torre no ár, e assim sempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no prezo para que não fuja.

Esop. Ai, amada Athenas, que não sei se te verei mais! A Deos, Filena, a Deos. *Vai-se.*

SCENA IX.

Mutação de jardim com estatuas, e cantará o Coro huma Copla, e sahe Filena.

Filen. SO' a musica me diverte neste amoroso tormento em que vivo; pois sobre não poder fallar à Periandro, que supponho Esopo lhe não deu o recado, agora sei que Periandro vai tambem a pelejar pela falta que ha de Soldados. Oh que batalha sente o meu coração! E por ver se acaso podia divertir a minha mágoa, vim a este Jardim, cujas estatuas estão feitas com tal artificio, que repétem fielmente o écco que huma pessoa articúla; divirtamo-nos cantando.

Canta Filena a seguinte Copla em éccos.

Em tanta pena prepara para ara,
O peito, quando se inflamma flamma ama,
Huma fineza amorosa morosa rosa,
Que amor em prantos derrama rama ama.

Sahe Periandro.

Periand. Mudas estatuas, que vivamente pronunciaes o que articula hum amante peito; já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que sinto, por me não soffocar a pena, dizei pela vossa, o que sem remedio choro.

Canta Periandro a seguinte Copla.

Nesta frondosa floresta resta esta,
Quero, pois que o mal conspira pira ira,

Di-

Dizer-te, que por amar-te marte arte,
Este prado me convida vida ida,

Filen. Amado Periandro, bem sei que vens a despedir-te, ou à dobrar-me os tormentos; com que he certo que partes para a guerra?

Periand. Bem sabes, Filena, que nunca me desejei apartar de teus olhos hum instante; porém os soberanos preceitos se devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

Filen. Dizes bem; melhor he parecer valente, que pouco amante.

Periand. Não deixa de amar-te quem busca a Marte, assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejão as eloquencias do pranto.

Cantão Periandro, e Filena a seguinte

ARIA A DUO.

Periand. Filena idolatrada,
Filen. Querido bem desta alma,
Periand. A Deos, que já me ausento,
Filen. A Deos, oh que tormento!
Periand. Que eu vou a pelejar.
Filen. Que eu fico a suspirar.
Periand. Mas ai, Filena amada,
Filen. Ai, Periandro amante,
Periand. Que temo na partida,
Filen. Que temo nesta ida,
Amb. No pranto a vida dar. *Vão-se.*

SCE-

SCENA X.

Mutação de Arraial, e Castello, e haverá huma taboa com quatro balaustres, e em cada hum hum Corvo, e Esopo dentro da dita taboa irá voando, e sahem ElRei, Esopo, e outros.

Dentr. VAmos ver a torre no ár, que faz Esopo.

Rei. Esopo, vê que nisso está a tua vida, ou a tua morte.

Esop. Faremos muito por não morrer desta vez.

Rei. Que significão estes Corvos?

Esop. São os meus Officiaes; ora pois, attenção, iça arriba; os Corvos não podem chegar aos espetos de carne, parecem Tantalos.

Rei. Notavel idéa! Já está bem alto.

Esop. Ora, Senhor, eu aqui estou prompto como disse, para fazer a torre no ár, mande-me os materiaes, cal, pedra, tijolo, madeira, e o mais que for preciso para fabricar a torre.

Rei. Quem to ha de lá levar nessa altura em que estás?

Esop. Pois como me faltão com os materiaes que promettêrão, não está da minha parte o deixar de fazer no ár a torre, como affirmei.

Rei. Assim he, desce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte não faltaste ao promettido.

Esop. Eu não sou tão tollo, que estando no ár, que agora mais que nunca, he livre, e estando á vista de Athenas, desça para bai-

xo,

xo, aonde me podes estirar em tres páos; eu tomarei a liberdade por mim mesmo.

Com a tramoia vai Esopo voando, e mete-se dentro na Praça.

Dentr. Aqui vem Esopo pelo ár, isto he novidade, e parece cousa de encanto! Viva Esopo.

Rei. Voou para dentro da Praça; grande astucia!

Tem. Senhor, se náo matarmos a Esopo nunca conquistaremos esta Cidade; bem vê já Vossa Magestade como he ardiloso.

Rei. Estou táo picado da pessa, que agora mesmo a mando accommetter, e até me náo entregarem a Esopo náo ha de cessar o combate; ó lá, toca a investir, e dar hum assalto geral na Praça.

Toca, e se dá o assalto.

Dentr. Estamos perdidos! Entreguemo-nos.

Rei. Entreguem a Esopo só, que náo quero mais, quando náo a todos mandarei passar á espada, sem excepçáo de pessoas.

Dentr. Entregue-se a Esopo, que náo he razáo que por hum se percáo todos; entregue-se Esopo.

Esop. Ah tyrannos! Ah ingratos! Com isso me pagais o bem que vos tenho feito?

Deitão a Esopo do muro abaixo por huma corda.

Rei. Anda cá, Esopo, que mereces que te faça? Assim se engana aos Principes? Hoje has de ficar sem vida.

Esop. Pois, Senhor, antes que me mates ouve-me duas palavras ao menos.

Rei. Dize; mas sem esperança de perdáo.

Esop. Era huma vez hum villão, que vendo-se perseguido de gafanhotos, pois toda a sua lavoura destruião, começou hum dia a matallos, e como visse huma cigarra, tambem lhe quiz tirar a vida, ao que respondeo a cigarra: tenha mão Vossa Mercê, que sem razão me mata; pois eu não offendo as plantas da terra, antes com a minha voz alegro aos caminhantes; perdoou-lhe o villão, ouvindo taes razões. Assim da mesma sorte, ó Rei, eu não sou figura para te fazer opposição, nem que destrua o teu Reino, sou sim huma cigarra, que não tenho mais do que esta voz, ou esta industria com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta Praça; e se hum villão perdoou a morte á cigarra, tu, que és hum Rei, porque me não perdoarás tambem?

Rei. Valha-te Deos por Esopo! Já estás perdoado, quero ser teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas são para estimar; pede o que quizeres, que tudo te hei de fazer.

Esop. Peço, Senhor, que ajusteis as pazes com os Athenienses, e que cessem já estas guerras.

Rei. Assim o farei; ó lá da Praça? Abrão as portas, que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes, e levanto o cerco.

Dentr. Viva ElRei Cresso de Lidia; abrão-se as portas. *Entrão.*

SCE-

SCENA XI.

Depois de entrarem haverá mutação de Sala, e hirão sahindo todas as figuras.

Tod. VIva ElRei Cresso de Lidia. Viva.

Rei. Nobres Athenienses, a Esopo dai os vivas, pois elle foi o que me pedio a paz. E assim porque não fique sem premio hum homem de tanto juizo, e que deu tanto em que cuidar aos meus Soldados, mando que Esopo seja em quanto viver, Governador desta Praça em quanto ao politico, e como a Rei lhe obedeção.

Esop. Beijo as mãos a Vossa Magestade pela honra que me faz.

Tod. Viva Esopo, e viva ElRei.

Esop. Viva até que morra. Agora com licença do Senhor Rei, quero casar, para que seja meu padrinho; venha cá Filena.

Periand. Se Esopo casa com Filena estou perdido!

Filen. A isto só podião chegar as minhas desgraças!

Xant. Que se visse Esopo em tantas alturas! Cousas são da fortuna!

Esop. Filena, pois sempre amou a Periandro, casem, que eu serei o padrinho, já que fui o medianeiro.

Periand. Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.

Filen. Ora concluio-se o nosso amor.

Esop. E pois Geringonça sempre me quiz bem;

ha de ser minha mulher: Geringonça, dá cá essa mão de almofariz, para com ella pizar a pimenta do meu affecto.

Ger. Lembrou-se Deos da minha pobreza, e honestidade.

Eurip. Já agora não andará Xanto com Geringonça com amorinhos.

Esop. Senhores, isto está concluido, e com vodas se dá fim á vida de Esopo, pedindo a este Auditorio perdão dos erros, repetindo o Coro os vivas desta vitoria.

Canta o Coro.

F I M.

OS ENCANTOS
DE
MEDÉA,
OPERA,

QUE SE REPRESENTOU NO THEAtro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1735.

ARGUMENTO.

EMbarca se Jason em Thessalia na náo Argos, e parte para a Ilha de Colchos, empenhado na empreza, e conquista do Velocino de ouro; e chegando perto de Colchos desembarca com Theseo, e Soldados. Manda ElRei de Colchos saber a razão do desembarque. He enganado ElRei. Recebe a Jason na sua Corte. A Princeza Medéa, filha d'ElRei, e Creusa Sobrinha do mesmo, se namorão de Jason. Concorre Medéa para o furto do Velocino com seus encantos, e com elles se livra do castigo de seu pai. Repudiada Medéa por Jason, este levando o Velocino, e juntamente a Creusa, indo já embarcados para Thessalia, Medéa zelosa faz mover contra elles huma grande tempestade, e com ella retroceder a náo Argos outra vez a Colchos, onde o Rei offendido de Medéa casa a Jason com Creusa, dando-lhe o seu proprio Reino. Medéa ultimamente desesperada, por não ver a sua offensa, desapparece pela região do ár. O mais se verá no contexto da Historia.

IN-

INTERLOCUTORES.

Jason, *Sobrinho d'ElRei de Thessalia, successor do mesmo Reino.*
Theseo, *Companheiro de Jason.*
Etas, *Rei de Colchos.*
Telemon, *General, e Ministro d'ElRei de Colchos.*
Medéa, *Princeza de Colchos.*
Creusa, *Sobrinha d'ElRei de Colchos.*
Arpia, *Criada de Medea.*
Sacatrapo, *Criado de Jason.*
Guarda de Archeiros. Soldados. Coro.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Mutação de Mar, e nelle a náo Argos, e montes ao outro lado.*
II. *Mutação de Sala Real com Throno.*
III. *Mutação de Camera com bofete.*
IV. *Mutação de Sala Real.*
V. *Mutação de Jardim com o Velocino.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *MUtação de Camera.*
II. *Mutação de Camera.*
III. *Mutação de Jardim, e hum monte movediço.*
IV. *Mutação de Montes.*
V. *Mutação de Sala.*
VI. *Mutação de Mar, e Montes.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Mar, e Montes, a náo Argos, e della hirão desembarcando Jason, Theseo, Sacatrapo, e Soldados ao som de huma marcha, e dizem o seguinte antes de desembarcarem.

Huns. A Maina, amaina.
Outros. Terra, terra.
Outros. Terra, á escota.
Theseo. Toca a desembarcar a Soldadesca.
Vão desembarcando, e canta Jason a seguinte Aria, e

RECITADO.

Felices Argonautas valorosos,
Que rompendo o crystal do salso argento,
A pezar das violencias de Neptuno,
Indignado, e soberbo,
Aportamos em fim com fausto auspicio,
Nesta inclyta Colchos soberana,
Onde se guarda o célebre thesouro
Do aureo Velocino, a cuja empreza
De nossa amada Patria nos partimos;
E se quizera a sorte,
Que com feliz progresso conquistasse
Este rico despojo
Para gloria immortal da Grega prole!

E

E assim, Soldados meus, em cujos peitos
Seu furor deposita o mesmo Marte;
E tu, valente impávido Theseo,
De quem tantas proezas canta a fama,
Agora, mais que nunca valorosos,
Mostrai o brio desse heroico braço;
Porque veja o Universo em tanta gloria
Alcançar-se a mais inclyta victoria.

A R I A.

Náo vos mova nesta empreza,
Nem o aureo Velocino,
Nem de Colchos a riqueza,
Seja só vosso destino
A cubiça do valor.
Que n'um peito, que se inflamma,
Por ganhar eterna fama,
O vencer he o bem maior.

Ao querer ir-se Jason sahe Telemon.

Telem. Suspende, galhardo mancebo, o passo, pois te trago hum recado da parte de meu Rei.

Jason. Dizei, que já vos attendo.

Telem. Etas, inclyto Rei deste Reino de Colchos, tendo aviso de haver aportado ás suas praias esta armada, e desembarcado em terra tantos Soldados sem sua licença, vos manda perguntar, se vindes de paz, ou se vindes de guerra, náo porque tema as vossas armas, mas sim para prevenir, e dar o castigo á vossa temeridade.

Jason. Valoroso Soldado, dizei ao vosso Rei, que a minha vinda a este porto foi casual por impulso de huma grande tormenta, e tempesta-

tade, e assim lhe segurai, que venho de paz, e que pessoalmente irei á sua presença offerecer-me ao seu serviço.

Telem. Pois já que vindes de paz dai-me esses braços, e não vos dilateis; vinde ver ao meu Rei, que nisso terá a maior fortuna.

Abração-se, e vai-se Telemon.

Theseo. Sempre, Senhor, fizestes bem em encobrir-lhe o motivo da nossa vinda.

Jason. Theseo, em quanto descanção as armas he preciso que peleje com astucias o entendimento.

Sacatr. Senhor Jason, eu era de voto, (sem ser beato) que vossa Principeza mandasse que nenhum marujo saltasse em terra, porque esta gente, como vive no mar, he inimiga da terra, e assim he bem que não venhão de bordo *propter scandalum.*

Jason. Eu me admirava, Sacatrapo, que tu estivesses callado muito tempo.

Sacatr. Ao menos, Senhor, não me he necessario sacatrapo para me tirar a minha falla do bucho.

Jason. Theseo, dai ordem a mandar fazer quarteis, e levantar barracas, para accommodar os Soldados, deixando nos navios a guarnição necessaria, e fio da vossa militar experiencia disponhais tudo com acerto. *Vai-se.*

Thes. Já vou pôr em execução os teus preceitos.

Sacatr. Ah Senhor Theseo, antes que se vá diga-me por vida sua aqui, que ninguem nos

ou-

ouve, que diabo he isto do Velocino de ouro, que tanto traz embelezado a meu Amo, que por esse respeito deixou a sua casa, fez tantos navios, alistou tanta gente; que será isto do Velocino?

Thes. A ti que te importa sabello?

Sacatr. Essa he boa! Pois não me ha de importar saber ao que vim?

Thes. Aos Soldados como tu, não se dizem materias tão profundas, pois a sua obrigação he só pelejar.

Sacatr. E se eu morrer na guerra não he bem que saiba o mal de que morro? Ora Senhor, diga-me já, que Velocino he esse? Diga-mo já, senão olhe que lho ha de tirar hum sacatrapo do bucho.

Thes. Homem, sabe que nesta Ilha de Colchos ha hum célebre jardim, no qual habita hum carneiro, cuja pelle he de ouro, e esta todos os annos se tosquia, e sempre lhe nasce outra pelle de ouro; a isto he que chamão Velocino.

Sacatr. Senhor Theseo, carneiro com pelle de ouro! Isso deve ser pelle do diabo. Para isso he necessario vir com tantas armas? Ora queira Deos não venhamos nós buscar lã, e vamos tosquiados.

Thes. Não vês que este carneiro he o maior thesouro deste Reino, e para conquistallo, se não for por industria ha de ser á força de armas?

Sacatr. E de que tamanho será esse carneiro?

Thes. He como os outros.

Sacatr. Pois se o dito carneiro he como os outros, não bastava hum barco para o levar, e he necessario huma armada? E visto isso apanhando-se o carneiro está acabada a empreza?

Thes. Ahi he que está a difficuldade toda, porque hum feróz dragão he quem o guarda, e defende, para que o não furtem.

Sacatr. Quanto dão cada dia a esse dragão por guardar esse carneiro?

Thes. Ora já não posso aturar as tuas perguntas. *Vai-se.*

Sacatr. Pois ainda me faltavão duas cousas que perguntar; andar, será outro dia. *Vai se.*

SCENA II.

Sala Real com hum Throno, aonde estarão El Rei de Colchos, Medéa, e Creusa assentados, e em pé a hum lado Telemon, e Arpia, e do outro Archeiros.

Rei. Com susto, e admiração espero por este Embaixador.

Med. Eu o espero sem susto, e com muito alvoroço.

Telem. Senhor, o Embaixador sómente espera que Vossa magestade o mande entrar.

Rei. Pois dize-lhe que entre. Tu, Medéa, vê se pódes investigar o intento deste Estrangeiro, pois vejo o meu coração inquieto com alguma confusão.

Vai-

Vai-ſe Telemon, e torna a ſahir com Theſeo, Jaſon, e Sacatrapo.

Jaſon. Inclyto Etas, Rei de Colchos, permitte-me a fortuna de beijar teus pés. *Ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, nobre Eſtrangeiro, e fallai a minha filha Medéa com quem reparto o meu Reino.

Jaſon. Se as Deidades ſe não offendem dos ſacrificios, permittí, Senhora, que chegue a victima de meu rendimento a accender-ſe nas aras do voſſo reſpeito, dando-me a beijar a animada aſſucena deſſa mão. Não vi mais peregrina formoſura! *á parte. Ajoelha.*

Med. Aſſim não eſtais bem, levantai-vos. Que galhardo mancebo! *á parte.*

Rei. Dizei-me quem ſois, para que melhor ſaiba eſtimar com o voſſo nome a peſſoa.

Jaſon. Senhor, eu ſou Jaſon, Sobrinho d'ElRei de Theſſalia.

Levanta-ſe ElRei do Throno, e Medéa, e o Rei abraça a Jaſon.

Rei. Senhor, perdoai, ſe he que merece perdão huma ignorancia; porque a ſaber quem ereis, vos tratára como a Sobrinho de hum tão grande Monarcha, como he ElRei de Theſſalia, e aſſim os meus braços ſerão o Throno onde melhor deſcanſeis.

Jaſon. A minha maior fortuna foi o vir aos pés de Voſſa Mageſtade, que eſtimo mais eſſa dita, que o ſer Sobrinho d'ElRei de Theſſalia, que por não ter filhos me toca aquelle Reino, como primogenito de hum irmão d'ElRei. *Med.*

Med. Vós, Senhor, sois digno de serdes Monarca de todo o Mundo. Não posso apartar os olhos delle. *á parte.*

Sacatr. Este Rei Etas já tem bastante idade, he o *Ætas*, *ætatis*; e Jason como se está espinicando todo diante de Medéa, e mais elle, que he tuna nos ossos. *á parte.*

Rei. Esta, Senhor, he minha Sobrinha Creusa, a quem podeis fallar.

Jason. Senhora, à vista de tanto Sol era força me cegassem os raios. Ainda excede a Medéa na formosura! *á parte.*

Creus. Sendo esses raios nascidos de vossa esféra, por força hão de luzir, e cegar.

Rei. Inclyto Jason, mereça a minha attenção saber o motivo da vossa viagem; pois sendo vós hum Principe, algum grande motivo vos deve impellir a tanto excesso.

Jason. Como não ignorais, Senhor, as guerras que ha entre os Reis de Creta, e Corintho, por ganhar fama, e exercitar-me nas armas sahi com esta armada para soccorrer a ElRei de Corintho, tanto pela obrigação de parentesco, como porque a fortuna se lhe vai mostrando adversa, e assim he necessario suspender o impulso da sua roda com o pezo das minhas armas; pois ajudar aos que persegue a fortuna, sempre foi brazão dos Reis de Thessalia, e huma grande tempestade me precisou a arribar a este porto; mas agora vejo que ha tempestades que são bonanças.

Sacatr. Arre lá, como mente tão afoito, e nas bochechas de hum Rei! *á p.*

Rei. Só de hum generoso peito podem sahir táo heroicas acções. Trazeis bons Soldados?

Jason. Trago a flor de toda Thessalia.

Sacatr. E nem por isso tivemos maré de rosas.

Rei. Que dizeis?

Sacatr. Digo que meu Amo trouxe a flor de Thessalia, porque embarcou pela Primavera.

Jason. Náo repareis, Senhor, que este criado he gracioso, e o trago para meu divertimento, e por gastar bom humor.

Sacatr. Náo ha dúvida que gasto bom humor, pois tenho sempre delle duas fontes ao torno.

Arpia. Ai, Senhora, que he galante o tal criado! Se eu náo estivera aqui já me tivera escangalhado com rizo.

Jason. Como dizia, trago bons Soldados, e por Almirante ao valente Theseo, cujo valor tem occupado todas as trombetas da fama. Theseo beija a máo a ElRei.

Thes. Por obediencia, e por affecto, diligente procuro táo grande ventura. *Ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, esforçado Capitáo, que certamente, primeiro que os olhos, vos conhecèráo os ouvidos, escutando a fama de vosso valor.

Sacatr. Agora sigo-me eu por meu legitimo turno. Senhor, Vossa Reinadura me dê a beijar a sua máo, ou quando náo o seu pé, que tudo he o mesmo.

Rei. Aqui a tens.

Sacatr. Dá cá sete. Ah Senhor, antes eu lhe beijára o annel do que a máo.

Rei. Ahi o tens para o beijares á tua vontade.

Sacatr. Ai, Senhor, eu não o dizia por tanto, mas ſó o aceito por ſer prenda ſua. Famoſa pedra! Ah Senhor, eſte diamante he fino, ou falſo?

Jaſon. Retira-te bruto, baſta já de deſpropoſitos.

Rei. Jaſon, vem honrar me eſte Palacio em quanto ſe concerta a tua armana. Ainda o meu coração não ſocega. *á parte.*

Med. Não me peza de que Jaſon fique em Palacio, porque..... mas não ſei o que digo. *á parte.*

Creuſ. Se eu tivera a fortuna, que Jaſon foſſe.... mas iſto he delirio. *á parte.*

Arpia. Pouco hei de poder ſe não pilhar o annel ao criado. *á parte.*

Sacatr. Huma vez que temos eſtalagem de Palacio, já não quero ſer Sacatrapo, ſenão vareta, para carregar bem o bacamarte do bandulho. *á parte. Vai-ſe.*

Rei. Anda, Senhor, não te detenhas.

A R I A A 4.

Rei. Vem Jaſon eſclarecido,
Vem, que vens a deſcanſar.

Jaſon. Quem ſe vê de amor ferido
Que mal póde deſcanſar.

Med. e Creuſ. Só quem vive ſem Cupido
He que póde deſcanſar.

Tod. Mas quem tem o meu cuidado
Que mal póde ſocegar.

Rei. Entra.

Jaſon. Eu vou; ó bello encanto;

Quem

Quem de ti ſe não apãrtára!
Creuſ. Eu me abraſo.
Med. Eu vivo ardendo.
Med. e Creuſ. Que a Jaſon já eſtou querendo.
Tod. Pois me dás enleio tanto
Eu prometto triunfar. *Vão-ſe.*

S C E N A III.

Camera com hum boſete, e ſahe Sacatrapo.

Sacatr. EU ando perdido por eſte Palacio, entrando, e ſahindo, ſem ſaber por onde entro, nem por donde ſaio, ſó com a coſinha não acerto; quero eſperar aqui até que venha alguem. Ora nós já temos annel de diamantes, já poderèmos coçar o noſſo olho afoitamente; porque iſto de ter hum homem annel logo faz deitar as mãos de fóra, fazer palminhas ás crianças, jogar o çape na barba, tudo com a mão eſquerda, que nós que temos annel logo nos fazemos canhotos. Huma vez me lembra, que hum amigo meu tanto me quiz meter hum annel que tinha pelos olhos, que me meteo o annel, o dedo, e o braço até o cotovelo pelo olho dentro, até ſahir-me pelo outro olho; mas com tudo ſempre andarei com o olho ſobre elle, pois ſegundo ouvi dizer, ſei que neſta terra ha muita feiticeira.

Sahe Arpia.

Arpia. Quem eſtá aqui?

Sacatr.

Sacatr. Parece-me que ſou eu.

Arpia. Voſſa Mercê, Senhor Soldado, com que atrevimento entrou aqui no quarto da Senhora Infante Medéa?

Sacatr. Eu, Senhora, entrei aqui ſem atrevimento.

Arpia. Pois não ſabe que no quarto das Princezas ſe não entra?

Sacatr. Eu não tenho ſciencia infuſa para ſaber tudo.

Arpia. Pois para onde hia?

Sacatr. A fallar a verdade, eu hia para a coſinha, e quando me não precatei me achei aqui.

Arpia. Pois ſabe que mais? Que eſtá condemnado a cortarem-lhe os dedos dos pés, que he a pena que ſe dá a quem entra aqui, ſem que para iſſo lhe valha o ſer criado de Jaſon, que a elle meſmo ſe ha de fazer o meſmo ſe aqui entrar.

Sacatr. E a mim que ſe me dá que me cortem os dedos dos pés? Poupão-me o trabalho de cortar as unhas.

Arpia. Voſsê cuida que eu zombo, vá-ſe deſcalçando já, já, depreſſa, que eu chamo o algoz; ó lá de dentro?

Sacatr. O' Senhora enxota cadellas de Palacio, por vida ſua que não chame o algoz, e ſe iſto ſe remedêa com dar-lhe eſte annel, que he o que tenho, ahi o tem, e deixe-me em paz, pois vão-ſe embora os anneis, e fiquem os dedos.

Arpia. Pois saiba que por compaixão lho tomo; que eu não sou amiga de fazer sangue.

Sacatr. Ora Vossa Mercè viva muitos annos, ainda em sima de me levar o annel.

Arpia. Olhe, meu filho, não se desconsole, que Deos lhe dará outro annel, trate primeiro da sua saude, que diamantes são pedras; e para que lhe não succeda outra, eu tirarei hum passa-porte para poder entrar por onde quizer. Ouve, faça hum memorial, e dê-mo.

Sacatr. Tomára eu fazer hum total esquecimento do annel, que cada vez que me lembra morro de saudades por elle.

Dentr. Arpia? Arpia?

Arpia. Ai, que ahi vem Medéa, esconde-te ahi debaixo do bofete, para que te não veja aqui.

Sacatr. Ainda mais essa! Mas diga-me, Senhora, quem he essa Arpia por quem chamou Medéa?

Arpia. Sou eu.

Sacatr. Vossa Mercè he Arpia mesmo por seu gosto, ou isso he alcunha?

Arpia. Pois que tem o nome de Arpia? Não he bonito?

Sacatr. Eu bem sei que o nome de Arpia he hoje da moda, pois humas são Arpias na cara, e outras nas unhas, como v. gr. o meu annel nas unhas desta Arpia.

Arpia. Anda, esconde-te, que Medéa chamou.

Es-

Esconde-se Sacatrapo debaixo do bofete, e sabe Medéa.

Med. Arpia, eu venho louca de amor por Jason, pois apenas o vi logo me arrebatou todos os sentidos, de sorte que enlouqueço.

Arpia. Não he necessario chegar a tanto extremo, pois com os encantos de tuas magicas pódes fazer com que te queira.

Sacatr. Não he nada; a menina he feiticeira!

Med. Para que Jason me queira não hei de usar de máquinas, nem magicas, que isso era violentar-lhe a vontade, que sem ella não póde haver perfeito amor.

Arpia. Pois então como ha de ser?

Med. Explicar-lho, seja como for.

Arpia. E se elle te desdenhar?

Med. Então perder as esperanças, morrerei logo, e comigo o meu amor.

Arpia. O melhor he disfarçar isso.

Med. Como o hei de disfarçar, sendo huma setta, que sempre me está penetrando o coração?

Sacatr. Pois beba agoa de mangericão, que logo se ha de achar boa.

Med. Atreves-te tu a saber se me tem inclinação?

Arpia. Eu tenho boas mãos para esses unguentos, deixe-o por minha conta; mas eu cuido que ahi vem elle.

Med. Pois eu escondo-me aqui, que quero observar a minha morte, ou a minha vida. *Esconde-se.*

Sahe Jafon.

Jafon. Senhora, eftimára que fizeffeis prefente á Infante Medéa, que Jafon vem render-fe aos feus pés, e beijar as fuas mãos.

Arpia. Sei que ha de eftimar tão grande fortuna.

Sacatr. Jafon aqui! Sem dúvida irá fem dedos nos pes, *ficut & nos* manqueja de hum olho.

Arpia. Ora, Senhor, nós as velhas fempre fomos curiofas de faber; não me dirá, que lhe tem parecido efta terra?

Jafon. Por certo, que he huma grande Corte, e baftava fer Oriente de tantos Soes, quantos nella refplandecem.

Arpia. Não ha dúvida que o da Senhora Medéa excede a todos os Aftros.

Sacatr. Que fora fe elle vira o Sol da India!

Jafon. Quem póde duvidar que minha Senhora Medéa he a Fenix da formofura?

Arpia. Certamente que eftava aqui hum bom cafamento, porque ella he a herdeira defte Reino, e vós, Senhor, tambem o fois do voffo, e tudo fe podia ajuntar; e que lindos filhos terião!

Jafon. Se eu me não achára indigno deffa honra, talvez que a procurára; mas não quero incorrer na cenfura de Faetonte.

Sahe Medea.

Med. Jafon, quem fente he força que fe queixe, que para amar bafta ter alma. Já pódes entender, que quando huma mulher da minha esféra fe chega a explicar, grande he o feu amor; pois quando o incendio he exceffivo,

não

não se póde conter nos limites do edificio, que logo não saia pelas janellas.

Sacatr. Ah bom arrocho!

Jason. Bellissima Medéa, se fora certa tanta ventura, pudera-me julgar o mais feliz homem do Mundo.

Med. Se nisto está a tua felicidade, feliz te pódes chamar, e para melhor me explicar, retira-te, Arpia, e avisa-me quando vem alguem.

Arpia. Eu vou, Senhora. Amor os ajude.

Vai-se.

Med. Se promettes corresponder-me com o mesmo amor, seguro-te, que te pódes chamar feliz; pois verás que por teu respeito faço mudar os montes de seu lugar, seccar-se o mar, confundir todos os quatro elementos, fazendo que tudo te obedeça, e até te farei Senhor do célebre Velocino, para cuja conquista em vão se tem fatigado tanto militar concurso; porque forças humanas o não podem conquistar, pois o defende hum horrivel Dragão encantado, sendo este Velocino o thesouro mais rico que ha no Mundo.

Sacatr. Huma vez que lhe falla nos Velocinos, ahi o tem manso como hum borrego.

Jason. Tudo isso para mim não vale tanto como a felicidade de ser teu esposo, porque em ti se contém a maior riqueza.

Med. Promettes, Jason?

Jason. Prometto, Medéa.

Med. Vê lá o que dizes.

Jason. Por todos os Deoses do Firmamento,

e

e por todas as Deidades do Cocito te juro ſempre ſer-te firme, e amante.

Canta Medéa a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Pois vê lá o que dizes, não me enganes,
Nem meu ardor, ſacrilego, profanes,
Que quem te ſabe dar riquezas tantas,
A morte dará, ſe a fé quebrantas.

ARIA.

Felice ſerás,
Jaſon, ſe conſtante
Te moſtras amante
A tanto querer,
A tanto adorar.
Por iſſo verás,
Se acaſo conſpiras
A ſer inconſtante;
Sahir deſſe abyſmo
As furias, as iras,
As chammas, os raios,
Até que em deſmaios
Te veja eſpirar. *Vai-ſ.*

Sacatr. Pegue-lhe lá com hum trapo quente.

Jaſon. Eu eſtou confuſo!

Sacatr. Pois faça o ſizo.

Jaſon. Medéa ao meſmo tempo que ſe moſtra extremoſa, me ameaça com tantas iras! Bem aviado eſtou eu ſe me deſcuidar em adoralla; mas como póde o meu amor deixar de ter deſcuidos, ſe em Creuſa tenho todo o meu cuidado? Bem ſei que Medéa he huma Eſtrella, mas ſe vejo que Creuſa he hum Sol, antes hei de ſeguir os raios deſte, que os reſplandores daquella; quem me mandou a mim prometter ſer ſeu eſpoſo? Oh Deoſes, que fiz eu!

Sacatr. Fez huma aſneira.

Jaſon. Mas ai, que alguem me ouvio! Se ſeria

Me-

Medéa? Quero ver se aqui está alguem, seria illusão do entendimento; porém se Medéa me promette dar o Velocino, unico objecto da minha empreza, seria ignorancia perder esta occasião; mas muito maior covardia será violentar a inclinação que tenho a Creusa pela ambição de ganhar o Velocino; que farei neste caso?

Sacatr. Comer a isca, e cagar no anzol.

Jason. Isto já he mais que illusão, a voz sahio da parte daquelle bofete; quem está ahi? Falle, senão o matarei.

Sacatr. Como bateo no mato caçou-me. *Sahe.*

Jason. Que fazias ahi, Sacatrapo?

Sacatr. Se me pergunta pela verdade, eu não o sei.

Jason. Sem dúvida estavas ahi para furtares alguma cousa.

Sacatr. Antes estou aqui, porque me furtárão certa cousa.

Jason. Que te furtárão?

Sacatr. Foi o caso: Que apenas puz os pés nesta casa, eis senão quando marro de narizes com Arpia, essa negregada, e farruscada velha, e tanto que me lombrigou o annel que me deu ElRei, me disse que tinha incorrido en pena dedal, isto he, que se me havião cortar os dedos dos pés, excepto os joanetes, só por haver entrado no quarto das Prinscezas; eu como amo aos meus dedos dos pés, como se nascessem da barriga de minh mãi, pelos não ver separados daquella boa

união

união que tivemos sempre, tapei-lhe a boca com o annel, e ella lambeo-lhe os dedos, e lambeo-me o annel; e vendo que vinha Medéa, mandou-me meter debaixo daquelle bofete, aonde estive até agora chorando, e carpindo o meu annel; e como ainda o tenho diante dos meus olhos, são os meus dous anneis de agoa.

Jason. Visto isso, ouviste tudo quanto passei com Medéa?

Sacatr. Provera a Deos que o não ouvisse.

Jason. Pois que te parece o que succede?

Sacatr. Eu não sei de razões de estado, mas o que digo he que a Senhora Medéa he huma fina feiticeira, e a tal Arpia huma refinada bruxa, e confesso, que quando Medéa cantando diz: as furias, as iras, as chammas, os raios, que se me arrepiárão os cabellos.

Jason. Eu bem sei que Medéa he magica, e como tal me pertende dar o Velocino de ouro, que he hum carneiro com pelle do mesmo ouro.

Sacatr. Não tem que me explicar, que eu em materia de Velocinos já posso lêr de cadeira.

Jason. Porém eu vivo tão namorado de Creusa, que não se me dera de perder o que me offerece Medéa, só por alcançar o thesouro de Creusa.

Sacatr. Senhor, em duas palavras: amar a Medéa por ceremonia, até lhe gadanhar o Velocino, e ir conquistando em todo o caso o Velocino de Creusa.

Jason.

Jaſon. Iſſo eſtá bem; mas ſe Medéa me ameaça, ſe eu for inconſtante ao ſeu amor, como ha de ſer?

Sacatrap. Tambem ha contra-feitiços, ſendo que eu não creio muito em bruxas.

Jaſon. Tu, Sacatrapo, ſe tiveres occaſião, has de explorar o peito de Creuſa, e ſe a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero, porém com muito ſegredo, que Medéa o não preſuma, pois a todos nos importa iſſo; e levando nós o Velocino havemos ter muito ouro.

Sacatr. Eu de todo eſſe carneiro não quero mais do que o rabo, porque tendo eu eſſe, eſcaparei de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que entendo, ficareis com as orelhas.

Sahe Theſeo.

Theſ. Senhor, he neceſſario cuidar no fim para que viemos; pois os Soldados aventureiros eſtão já deſeſperados por ganhar fama na empreza do Velocino, e os de menos qualidades, pela ambição do deſpojo.

Jaſon. Theſeo, não cuides que me deſcuido, e ſabe que já o temos concluido.

Theſ. De que ſorte?

Jaſon. Anda, que o ſaberás depreſſa, e darás o teu conſelho.

Sahe Creuſa.

Creuſ. Daqui ſe vai Jaſon; que quereria no quarto de Medéa? Já me deſengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E tambem o criado

aqui

aqui eſtá! Que maior indicio! Ai, infeliz Jaſon, ſe a Medéa entregas o teu peito!

Sacatr. Senhora Creuſa, eu não ſou Antipoda, para que eſconda de mim o bello Sol de ſeu roſto.

Creuſ. Que fazias ahi, Sacatrapo, tu, e teu Amo?

Sacatr. Ambos eſtavamos aqui perdidos, eu no labyrintho de Palacio, e meu Amo perdido no labyrintho de amor.

Creuſ. Bem ſei que Medéa he o attractivo que o arrebata.

Sacatr. Meu Amo ſe gaſta ás punhadas, porém, Senhora, não he Medéa a cauſa de ſeu enleio, porque mais Medéas ha na terra.

Creuſ. Para que o negas? Pois já iſſo he notorio, e aqui não ha quem poſſa merecer as attenções de Jaſon, ſenão Medéa?

Sacatr. Porque? Voſſa Magnificencia não era muito capaz para iſſo? Ora o caſo eſtá galante!

Creuſ. Eu não ſou Princeza.

Sacatr. Deſſa maſſa ſe fazem; aqui eſtou eu, que com o favor dos Aſtros eſpero ſer o Grão Turco.

Creuſ. Fica-te embora, já que eſtás galanteando.

Sacatr. Senhora minha, aqui debaixo de ſegredo natural, (que legitimo nunca o houve) digo-lhe a Voſſa Serenidade, que Jaſon adora terniſſimamente a Voſſa Magnificencia, e ſei eu que deſeja ſer ſeu eſpoſo, e não ſe declara com medo de Medéa; porque diz que

o

o ha de trasfegar se elle lhe for inconstante, que a mulher he hum demonio em carne; pois ainda quando acaricía tem tão má carinha, que mais arranha do que affaga.

Creus. Dizes isso devéras?

Sacatr. Com veras, reveras, e tataraveras.

Canta Creusa a seguinte Aria, e

RECITADO.

Oh mal haja Medéa, e seus encantos,
Pois esfria de amor incendios tantos,
De Jason usurpado o alvedrio
Com rigor tão ímpio,
Que com falsas tyrannas indecencias
Dos Astros quer mudar as influencias.

ARIA.

Que intente adorar-me
Jason, e não possa,
Querendo roubar-me
Medéa o meu bem!
Que injusto tormento!
Que féro rigor,
De hum mal tão violento,
Que allívio não tem! *Vai-se.*

Sacatr. Ah Senhora, espere, dê-me a resposta; e foi-se sem dizer aqui estou eu! Que diabo terá este Jason, que todos o querem? O maldito parece que tem mandinga! Só eu não acho na verdade quem me queira! Pois por certo que não he o diabo tão feio como o pintão; porque eu, graças a Deos, sou mui bem estreado, bem tirado das canellas, sou beiçudo, e tenho unhas machas, sou no andar miudo,

do, e finalmente o meu todo se compõe de muitas partes, e com tudo não ha huma alma perdida, que se namore de mim; mas isto será porque eu me não namoro nunca dellas, mas eu prometto daqui em diante namorar a troxe moxe, que alguma cahirá no laço.

Canta Sacatrapo a seguinte

A R I A.

He o amor, que huma alma engole,
Sabão molle;
Pois com elle quem se esfrega,
Cabra céga,
Escorrega,
Cahe aqui, cahe acolá.
Assim huma alma namorada,
Esfregada,
Ensaboada,
Que tropeços não fará!

S C E N A IV.

Descobre-se huma Sala, e sahem ElRei, e Telemon.

Rei. TElemon, não posso deixar de fazer reparo nesta vinda de Jason tão intempestiva; pois segundo me disserão, nenhuma tempestade teve para arribar a este porto, antes cuido que elle veio muito de proposito com algum pernicioso intento; e como tu sabes que este Velocino he o objecto de toda a Grecia, talvez intentará Jason, dissimulando

do o veneno com alguma induſtria ; roubar-me o meu grande theſouro do Velocino, e aſſim manda-lhe dobrar as guardas, e ter a Soldadeſca prompta para qualquer invasão.

Telem. Senhor, que te aſſuſta, e ſobreſalta? Para que he dobrar as armas, e guardas, ſe o Velocino bem guardado eſtá com o Dragão que o defende?

Rei. Com tudo como o Dragão he encantado, póde haver arte que o deſencante, e aſſim faze o que te digo, que a prevenção he filha da prudencia.

Sahe Medéa.

Med. He incomparavel a alegria que tenho de me ver amada de Jaſon; porém aqui eſtá El-Rei meu pai?

Rei. Medéa, a bom tempo vieſte.

Med. Pois que ordena Voſſa Mageſtade de huma obediente filha?

Rei. Has de ſaber que me tem cauſado grande ſuſto a vinda de Jaſon; pois ſuſpeito que o ſeu fim ſerá roubar-me o Velocino, e aſſim, já que na ſciencia magica és tão peregrina, quizera que penetraſſes o ſeu deſignio, e ſabido elle, buſcar o remedio ao ſeu atrevimento, e á minha deſconfiança.

Med. Não lhe dê iſſo cuidado a Voſſa Mageſtade, pois prometto breviſſimamente ſabello, ainda que peſſoalmente deſça ao tenebroſo Reino de Plutão, e aſſim deſcanſe Voſſa Mageſtade, e não ſe afflija, nem ſobreſalte, que ainda quando o Velocino não eſtiveſſe bem guar-

guardado com o Dragão horrivel, ſe neceſſario fora, virião em defenſa do Velocino todos os Dragões, e ſerpentes da Libia, e todas as féras, e monſtros do Averno, para que ſe ſegure o Velocino, e o teu receio.

Rei. Dá-me os braços, Medéa, pois de ti eſpero todo o meu ſocego. *Vai-ſe.*

Telem. Guarde Jupiter a Voſſa Alteza. *Vai-ſe.*

Med. Quiz deſvanecer-lhe o penſamento, porque ao menos não ſinta o mal, antes de o padecer; pois Jaſon ha de ſer ſenhor do Velocino, ainda que rompa os vinculos da natureza, e os da arte.

Sahe Sacatrapo correndo atraz de Arpia.

Sacatr. O' velha bruxa, larga o meu annel.

Arpia. A'que d'ElRei, que me mata! Quem me acode?

Med. Tende mão; que deſaforo he eſte na minha preſença?

Arpia. Senhora, que ha de ſer? Eſte maldito homem, que me quer matar.

Med. Se não foras criado de Jaſon, aqui te ſepultaria vivo pelo atrevimento.

Sacatr. E ha lei, que mande que aos criados de Jaſon ſe furtem os anneis?

Med. Pois quem te furtou o annel?

Sacatr. Eſſa Senhora Arpia, que com ſubtíl arpiadura me ſurripiou o annel que me deu El-Rei, como Voſſa Infanteza bem vio.

Med. He aquillo aſſim, Arpia?

Arpia. Ai, Senhora, foi huma peſſa que lhe fiz, ſó pelo ver deſeſperar.

Sacrat.

Sacatr. Senhora , o annel he que era peſſa de Rei , mas o que me fez foi latrocinio formal.

Med. Pois Arpia , eſcuſe de fazer eſſas peſſas , e dê logo o annel a ſeu dono.

Arpia. Pois eu para que o quero ? Tome lá. Calte , que tu mo pagarás , toma. *á parte.*

Sacatr. Moſtra cá , que já lhe tinha perdido a poſſe , e a eſperança tudo junto.

Sahe Jaſon.

Jaſon. Belliſſima Medéa , como todo o meu allivio conſiſte em ver-te , não eſtranhes os exceſſos do meu amor.

Med. Se tu me adoras não vendas por fineza o que he obrigação de quem ama. Ai , Jaſon , ſe ſerão verdadeiros os teus extremos !

Jaſon. Medéa , em hum peito nobre não cabem affectos fingidos , antes cuido que os fingimentos eſtão da tua parte.

Med. Muito me eſcandalizas. Dizes iſſo devéras ?

Jaſon. Quaſi eſtava para dizer que ſim.

Med. Que motivo tens para iſſo ?

Jaſon. Bem ſabes que tenho goſto de ver o Velocino de ouro , ſó para admirar eſte prodigio da natureza , e com tudo não tenho merecido eſſe favor , podendo-me tu fazello , e quem ama verdadeiramente , procura ſempre dar goſto ao ſeu amante.

Med. Se eſſa he a queixa que tens de mim , verás como depreſſa te ſatisfaço ; toma eſſe annel.

Sacatr. Que annel , Senhora ?

Jaſon. Calte neſcio.

Arpia. Calte animal.

Sacatr. Cuidava que lhe dava o meu annel; pois entendo que ninguem tem annel senão eu. Guardeo bem, veja que esta Arpia he inclinada a anneis, quando não ficará sem dedos.

Med. Toma pois, Jason, este annel, que com elle farás tudo quanto quizeres por especial virtude desse chrysolito; vai com elle ao jardim encantado, feliz habitação do Velocino, e supposto esteja cercado de muralhas de bronze, e dentro o defenda hum Dragão, tudo vencerás com a virtude deste annel; e ainda que sem tu o teres na tua mão, podia eu pela minha fazer tudo, quero, para que vejas o quanto te amo, que a ti te entrego o depósito de minha sciencia magica; porque he proprio de quem extremosamente ama entregar com a vontade o entendimento.

Jason. Pois de que sorte ha de ser isto?

Med. Desta sorte.

Desce huma nuvem, e nella vão arrebatados Jason, e Medéa.

Sacatr. A Deos, Jason, para secula seculorum.

Arpia. Que te parece isto? Não he galante?

Sacatr. He mui boa galantaria, mas eu lhe não acho graça: Ora diga-me, Senhora Arpia, e Medéa sabe fazer destas habilidades?

Arpia. Como ninguem; porém tal Mestra teve ella.

Sacatr. Apostemos que foi Vossa Mercê a Senhora Mestra?

Arpia. Eu fui a Mestra de Medéa, que a ensi-

ſinei deſde criança á arte magica, a que voſsês os neſcios chamão feitiçaria, e o demo da rapariga tomou tão bem as lições, que hoje me póde dar ſeis, e ás, e a mão.

Sacatr. Tão entabolada eſtá ella no jogo da couſa?

Arpia. Como lho hei de dizer? Faz couſas nunca viſtas, e algumas com galantaria, que he para ver, e admirar.

Sacatr. A Voſſa Mercê ainda lhe lembra alguma couſa do tempo que era Meſtra?

Arpia. Qual, filho, os annos tudo conſomem, pois no meu tempo andava eu nas palmas.

Sacatr. Melhor fora que o Carraſco lhe andaſſe nas coſtas; mas certamente que a Voſſa Mercê ainda lhe ha de lembrar alguma galantaria?

Arpia. Qual, iſto eſquece muito ſe ſe não traz ſempre entre as mãos.

Sacatr. Por iſſo me ha de lembrar o annel, que o trago entre os dedos.

Arpia. Pois cuidavas que aquillo do annel era verdade? Foi huma peſſa que te quiz fazer.

Sacatr. Pois porque era peſſa, por iſſo eu tambem por peſſa o diſſe a Medéa; mas não disfarcemos, faça alguma magicaſinha pequenina, couſa galante.

Arpia. Ora por te fazer a vontade ahi vai huma primoroſa: Por arte de berliques, berloques, que com eſta bofetada te ſalte fóra a cabeça do corpo.

Dá lhe huma bofetada, e salta a cabeça de Sacatrapo, que andará pelo ár dando de quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.

Sacatr. Ai, minha cabeça, que a tenho por estes áres!

Arpia. He para ver se has de fazer queixa a Medéa, que te furtei o annel.

Sacatr. Põe no corpo a cabeça, bruxa, senáo olha que te dou huma cabeçada.

Canta Arpia a seguinte Aria, e
RECITADO.

Náo to hei de fazer por mais que o peças:
Pois quero que padeças
Por dous annos sequer este tormento,
Castigando teu louco pensamento.

ARIA.

Oh quanto já me alegra
Ver esse movimento,
Que he bem, que leve o vento
Cabeça, que he táo vá.
Se em ti, por nescio, e tollo,
Cabeça náo havia,
Náo julgues tyrannia
Tirar-se o que náo ha.

Sacatr. Ora encaixa-me a cabeça, que eu te dou o annel, sem que tu mo furtes.

Arpia. Agora sim, eu ta encaixo.

Põe-lhe a cabeça, e foge.

Sacatr. Espera, que mo has de pagar, por vida de Sacatrapo. *Vai-se.*

SCE-

SCENA V.

Jardim, aonde estará o Velocino, que he hum Carneiro de ouro, e ao som do Coro, e instrumentos, sahirá Jason pela Sala de fora a cavallo no Pégaso, que trará azas, e depois entrará no Jardim, aonde tambem estará hum Dragão lançando fogo, e com elle brigará Jason.

C o r o.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor,
De ver não me espanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

Jason. HOrrorofo Dragão, espantoso aborto do Abysmo, a pezar das sombras, e do furor que conspiras, hei de domar a tua furia, cegando-te primeiro com as luzes do chrysolito deste annel, e ao depois tirando-te a vida com o penetrante desta espada, sepultando-te finalmente nas entranhas da terra.

Mata ao Dragão, que com urros se meterá por hum buraco do Tablado, donde sahiraõ chammas de fogo, e a esse tempo se desapea do cavallo, que voando tomará diverso caminho, e ao mesmo tempo descerá Medea em huma nu-

nuvem, que vindo fechada se abrirá, e della sahirá Medéa.

Jason. Inclyta, e famosa Medéa, agora conheço o teu amor.

Med. Se pelas obras exteriores conheces o meu amor, que fora se víras o interno de meu coração. Ahi tens, Jason, o Velocino que tanto desejas.

Jason. Que admiravel prodigio da natureza! Já achei o que buscava.

Med. Que te parece este Jardim?

Jason. Occupa toda a admiração: Quem me dera que Sacatrapo visse isto!

Med. Se isso desejas aqui te vem já; Sacatrapo? Sacatrapo?

Vem voando hum Dragão pelo ár, e lança pela boca a Sacatrapo no Tablado.

Sacatr. Senhora, Senhora: mas aonde estou eu!

Jason. Que he isso, Sacatrapo, tu aqui?

Sacatr. Ah Senhora Medéa, eu escuso estas gracinhas, que isso toca ao Senhor Jason, que para me eu divertir lá tenho a minha Arpia, que toca a degollar muito bem.

Jason. Quiz que tambem tu te achasses na empreza do Velocino de ouro.

Sacatr. Não basta intentar a empreza, he necessario tambem fazer a preza; mas diga-me, qual he o Velocino?

Med. He aquelle; não o vês?

Sacatr. Ai, como he galante! Tó, tó, Velocino, vem cá, passa aqui, tó, tó.

Jason. Homem, elle não he cão, he carneiro.

Sacatr.

Sacatr. Elle ferá carneiro, mas a mim me parece cão pelo gozo que tenho de o ver.

Jason. E he certo, Medéa, que he de ouro a pelle defte carneiro?

Med. De ouro he, e tirando-fe-lhe huma pelle lhe nafce outra tambem de ouro.

Sacatr. Meu Amo eftá, que não cabe na pelle, o ponto eftá, Senhora Medéa, que o tal carneiro em fe apanhando daqui fóra não mude a pelle.

Med. Niffo pódes eftar defcançado.

Sacatr. E eu que tenho com iffo? A meu Amo he que Voffa Infanteza ha de paffar effa carta de feguro, porque quando muito elle comerá o carneiro, e a mim me dará os pés, que he o mefmo que dar-me dous couces depois de tanto trabalho.

Jafon. Não lhe puxes pela lingua, fenão nunca fe callará.

Med. Pois fe he fallador trate de o não fer daqui em diante; porque fe differ a alguem o que aqui paffamos o matei certamente.

Sacatr. A'que d'ElRei, Senhores, eu pedi a alguem, que queria faber de jardins, nem de Velocino, nem de badallo? De forte, que eftava eu começando a jantar, eis fenão quando de improvifo me vejo engolir de huma Serpente, que era o Golia dos Gigantes Dragões, e como lhe não fiz bom cofimento vomitou-me nefte jardim, e então digo eu agora, para que me forão chamar, fe fabião que eu era linguarudo?

Jafon.

Jason. Ora calte por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado ás vossas finezas.

Med. Não he muito, Jason, que eu applauda a tua entrada neste jardim, quando até as arvores, e troncos inanimados te sabem festejar; e para que o vejas, attende: Plantas, arvores, e flores, sahi das entranhas da terra, e vinde applaudir a Jason.

Sahem por quatro escotilhas quatro arvores.

Jason. Effeitos são da tua sabedoria, eu estou pasmado!

Sacatr. E eu com o queixo cahido!

Med. Ainda não pára aqui o teu applauso; arvores, transformai-vos em Nimfas, e applaudi a Jason, cantando, e repetindo as minhas vozes.

Sacatr. A mulher he capaz de fazer huma fallada!

Canta Medéa, e repetem os éccos.

Med. Dizei o incendio voraz, voraz.
Que em meu peito abrasa amor, amor.
Quando por Jason se inflamma flamma.
N'um puro, e suave ardor. ardor.

Jason, e Med. O' Nimfas, dizei-lhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito

Tod. Voraz amor inflamma ardor.

Canta Jason, e repetem os éccos.

Jason. Dizei, que em dita feliz feliz.
Vive em mim constante ardor, ardor.
Pois já Medéa me inspira pira.
Mil sacrificios de amor. amor.

Jason, e Med.

Jason, e Med. O' Nimfas, dizei-lhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito
Tod. Feliz incendio inspira amor.

Sacatr. Ora eu sem ser Narciso verei se acho algum écco que me responda; ora lá vai, Senhora Medéa.

Med. Dize, que ellas te responderáõ.

Canta Sacatrapo o seguinte.

Dizei se do Velocino
Hei de ter sequer hum pello.

Zurrão dentro.

Sacatr. Oh! Zurrárão? Andar, se não tive éccos achei burro, isto agora he que he magica, pois que as Nimfas se tornárão em burro. Ah Senhora Medéa, he isto jardim, ou estrebaria?

Med. Para ti todo o lugar he estrebaria.

Sacatr. Isso he pôr as cousas no seu lugar; mas já que Vossa Infanteza quiz fingir este jardim, não fez mal em fabricallo no lugar da estrebaria, que entendo em minha consciencia que as estatuas são os burros do Senhor seu pai.

Med. Jason, ainda passa a mais o meu amor, pois verás que por ti faço com que essas Nimfas, em que falta o animado, em teu applauso se formem huma contradança, e assim os passaros, as agoas, e o Zefiro a entoem, e as Nimfas bailem.

Tocão huma contradança, e descem as Nimfas dos seus lugares, e danção.

Jason. Que dizes agora a isto, Sacatrapo?

Sacatr.

Sacatr. Deixe-me, Senhor, que me eſtou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos tambem fará bailar as tripecinhas.

Jaſon. Não goſtas de contradança?

Sacatr. Não, Senhor, porque fui ſempre contra a dança.

Jaſon. Medéa, não ſei com que te hei de gratificar tantas finezas, quantas por mim tens feito. Sacatrapo, não deixes ficar o Velocino. *á parte.*

Med. Adorado Jaſon, ſe já conheces o meu amor, peço-te que não ſejas ingrato a tantos extremos.

Jaſon. De que ſorte queres que te ſegure a minha conſtancia?

Med. Com a meſma conſtancia com que meu peito te adora.

Jaſon. Aſſim o prometto.

Med. Ditoſa já me poſſo chamar com tal ventura.

Jaſon. E eu feliz. Ai, Creuſa, quando verdadeiramente ſem ſuſtos deſcanſarei em teus braços, pois ſó tu me roubaſte os meus ſentidos! Sacatrapo, leva o Velocino, não o deixes. *á parte.*

Sacatr. Aſſim era eu aſno.

Med. Vamos, Jaſon.

Jaſon. Medéa, vamos.

Med. Mas eſperai; que terei, que tão ſobreſaltado tenho o coração? *á parte.*

Jaſon. Que te ſuſpende, Medéa?

Med. Ai, Jaſon, dize-me; eſtarei certa na tua promeſſa?

Jaſon.

Jason. Vive defcanfada, Medéa; que não faltarei á minha palavra.

Sacatr. Não haja defconfiança de parte a parte; que eu fico por fiador, e principal pagador, e affim dizei, Nimfas, e publicai de Jafon, e Medéa a bella attenção, dizendo todos.

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;
De ver não me efpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

Fim da primeira Parte.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahem Jaſon, e Theſeo.

Theſ. AInda não creio, Jaſon, que ſem derramar ſangue conquiſtámos o Velocino.

Jaſon. Confeſſo-vos, Theſeo, que quando niſto imagino parece-me que eſtou ſonhando.

Theſ. E ſegundo, Senhor, me contaſte, entendo que debalde viriamos a eſta conquiſta com armas, ſe não forão as magicas de Medéa, que tanto te ama.

Jaſon. A's vezes póde mais Cupido que Marte, pois mais poderoſo foi ſempre o amor, que o odio; e certamente Theſeo, que com ter a certeza na magica, de que havia triunfar do Dragão que guardava o Velocino, com tudo a viſta, e o aſpecto delle poderia cauſar temor ao coração mais deſtemido.

Theſ. E agora para que nos dilatamos mais neſta terra? Vamo-nos embora antes que ſe ſaiba o roubo do Velocino, e nos cuſte ſuſtentar com a eſpada o que ganhámos ſem ella.

Jaſon. Aſſim he, Theſeo, mas as couſas não ſe fazem como ſe dizem. Bem ſabes as finezas que Medéa tem obrado por mim, e que com o pretexto de ſer eu ſeu eſpoſo, he

que

que me facultou a entrada no jardim, e assim parece vileza, e ingratidão o deixalla; além disso, como sabes que he magica, poderá vingar-se em nós, que huma mulher escandalizada, e poderosa he muito para temer. Assim pertendo encobrir, que por Creusa he que me detenho. *á parte.*

Thes. Segue o teu parecer, que algum dia te pezará não seguir o meu conselho. *Vai se.*

Jason. Se eu estou louco de amor como hei de ter entendimento para acertar? Pois quando o amor vive no peito he força que desfaleça o juizo.

Sahe Sacatrapo.

Sacatr. Eilo lá fica no porão enxuto, e bem acondicionado.

Jason. O que?

Sacatr. O Velocino, a quem estive acompanhando até agora, que lhe confesso não posso apartar-me delle, e entendo que o tal carneiro tambem he feiticeiro.

Jason. Não te quizera ver tão seu amigo, que és capaz de tirar-lhe alguma gadelha em achando occasião.

Sacatr. Senhor, sempre ouvi dizer que era bem tomar a occasião pelos cabellos; mas eu se a achar a tomarei pelas unhas, que he mais seguro.

Jason. Pois já que és tão occasionado não tornarás a brincar com elle.

Sacatr. Já o remedio he tarde, pois já cá dizimei o que quer que he. *á parte.* E sabe,

Se-

Senhor, que mais? Aposto que o não sabe.

Jason. Dize.

Sacatr. Que o tal carneiro sabe latim.

Jason. Deixa-me com disparates.

Sacatr. Ainda essa he peior, basta que lho diga eu, que o tal Velocino he hum Calepino enquadernado em carneira, e senão veja; perguntei-lhe eu (por acaso) de *ego mei mihi* o accusativo de singular? Eis senão quando me responde logo *mé*. Eu quando tal ouvi dizer disse comigo: Tambem se a ti te não falla o diabo nas tripas, mal por mim.

Jason. Seja o que quizeres, vamos ao caso.

Sacatr. Vamos ao Occaso, e vamos ao Oriente.

Jason. Pudeste fallar a Creusa, e significar-lhe o quanto lhe quero?

Sacatr. Deixando circuitos, e episodios; apenas tu, Senhor, te apartaste de mim, quando logo Creusa veio nas tuas ancas, e eu tanto que a vi só por só comigo, confesso que tive medo, e quiz chamar áque d'ElRei.

Jason. De que tiveste medo?

Sacatr. Senhor, assim como as fêas fazem fugir, tambem as formosas assombrão; e como não ha Sol sem sombra, ella foi o Sol, e eu o assombrado dos seus raios; pois cada olho era hum caga-lume, cada face hum carbunculo que andava nas mãos do Anatomico da belleza, cada cabello era hum raio, cada pestana hum cometa, e hum corisco cada nariz.

Jason. Tantos narizes tem ella?

Sacatr. Sim ; Senhor , e tão bellos como os ſeus narizes.

Jaſon. Vamos adiante.

Sacatr. Iſſo he o que queria ? Pois ouça mais ; fui eu , e como logo nos olhos a vi com geito para me ouvir , que fiz ? Fui de manſinho abrindo a boca pé por pé , e lhe eſcarrei na bochecha o recado que me deu , tim tim por tim tim.

Jaſon. E quando lhe fallaſte em mim alterou-ſe ?

Sacatr. Não ſei , porque lhe não tomei o pulſo ; mas ſe pelos olhos ſe conhece quem tem lombrigas , ella tanto que lhe fallei em Jaſon foi tanta a lombriga que deſtilou pelos olhos , que aſſentei logo que a Senhora Creuſa eſtava mordida da bicha de Cupido.

Jaſon. Vamos á conclusão da hiſtoria.

Sacatr. Senhor , em conclusão argumentei-lhe rijamente ſobre o ponto , e vendo-ſe convencida começou a querer fugir do argumento ; mas eu que na ponte dos aſnos ſou hum lince , que fiz ? Mudei-lhe o argumento , e logo a colhi no laço.

Jaſon. Acaba , antes que acabe comtigo.

Sacatr. Pois demos por acabado , que eu não poſſo acabar comigo o ſer Laconico.

Jaſon. Pois em que ficou ?

Sacatr. Ficou em pé ſobre os çapatos.

Jaſon. Tu eſtás zombando ?

Sacatr. Zombaria fóra ; ella lhe não pezou de ouvir o recado , ainda que lho dei bem pe-

zado, e começando a fazer biquinhos, como quem queria chorar, deſtemperou em cantar huma Aria, e virou-me as coſtas; eu ainda aſſim fui atrás della, e perguntando-lhe pela reſpoſta, virando-me o roſto para mim mui ſizuda, e mui grave, fez-me huma careta, e çafou-ſe, e ficou çafada.

Jaſon. De toda eſſa arenga venho a concluir que achaſte Creuſa inclinada ao meu amor.

Sacatr. A's vezes quando ſe abaixava, não há dúvida que ſe moſtrava inclinada; porém, Senhor, com que eſtamos? Eu acho de mim para mim, que ella ſe ha de reſolver a querer, e ſó lhe digo que teve bom goſto.

Jaſon. Pois não he mais formoſa que Medéa?

Sacatr. Iſſo não he queſtão, porque ſe Medéa encanta, tambem Creuſa enfeitiça.

Jaſon. O' Sacatrapo, ſe eu alcanço os favores de Creuſa não tenho mais que deſejar.

Sacatr. Pois Senhor, entendamo nos, falla devéras, ou eſtá zombando? Eu cuidei até agora que iſſo de Creuſa era chacara.

Jaſon. Não he ſenão realidade, pois a amo com todas as veras.

Sacatr. Ui, Senhor, quando eu cuidava que conquiſtado o carneiro terias jazigo, vejo agora que depois de alcançado ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creuſa, Senhor, e pois temos o carneiro nas garras, embarquemo-nos antes que o mar ſe encreſpe em carneiros.

Jaſon. Por iſſo meſmo, porque tenho ſeguro o

Ve-

Velocino, por isso quero tambem a Creusa, e assim vai outra vez, e dize-lhe, que se se resolve a vir comigo para Thessalia, que será minha esposa, e subirá comigo ao Solio da Magestade, que por direito se me deve.

Sacatr. Ai, Senhor, que muito temo os encantos de Medéa.

Jason. Não vês que ella me deu o annel, depósito da sua sciencia, e com elle não temo magicas?

Sacatr. Eu, Senhor, não se me dá que se torne em carvão a pelle de ouro, que eu sempre hei de forrar a minha pelle.

Jason. Sacatrapo, mãos á obra, e se me trazes boas novas terás boas alviçaras. *Vai-se.*

Sahe ElRei.

Rei. Vós não sois criado de Jason?

Sacatr. Criado de Vossa Reinadura.

Rei. Aonde está, que lhe quero fallar?

Sacatr. Está tomando o fresco na trapeira.

Rei. Oh, agora te conheço. Tu não és Sacatrapo, aquelle a quem dei o annel?

Sacatr. Sim, Senhor; mas foi tal a minha desgraça, que a Senhora Arpia, fallando mal, deu em se affeiçoar do annel, e tanto andou até que mo lambeo.

Rei. Ora não te agastes, que não te faltarão anneis.

Sacatr. E só sinto o não tello por ser prenda de Vossa Reinadura.

Rei. Só este me poderá dizer o que eu pertendo. *á parte.* Dize-me, de que serves a Jason,

ou

ou que prendas são as tuas para que elle te estime tanto ?

Sacatr. Senhor, depois que perdi o annel já não tenho prendas.

Rei. Dize-me se és Militar, porque talvez te deixe ficar em meu Reino; pois Jason, que te estima tanto, por alguma cousa he.

Sacatr. Eu servi, Senhor, na campanha desde a idade de sinco annos. Tive todos os postos, porque eu tive posto de pé, posto de joelhos, posto de bruços, posto de costas posto de gatinhas, e se a necessidade era grande tive posto de cocaras; porque, Senhor, has de saber que eu depois de roio fui Soldado, dahi passei a cabo de sovella, e quando nada em dous dias me vi feito Coronel de hum regimento de gallico.

Rei. Só reparo que teu Amo com tantos serviços te não fez Governador de alguma Praça.

Sacatr. Isso não era necessario, porque a mim me não faltão Praças.

Rei. Ora meu Sacatrapo, hoje na tua boca consiste a tua fortuna, pois se me dizes o que te quero perguntar, te darei huma renda com que possas passar alegremente.

Sacatr. Senhor, fortuna de boca, e premio de rendas são cousas de pouca duração.

Rei. Promettes-me dizer o que pertendo saber? Olha que has de ser bem premiado.

Sacatr. Diga, Senhor, que hum enteresseiro a tudo está offerecido.

Rei. Para que falles com mais clareza, he bem,

bem , que te allumie o brilhante deſte annel.

Sacatr. Iſſo he ceremonia , para nós não he neceſſario. Não o ſaberá Arpia. *á parte.*

Rei. Dize-me pois ; que veio Jaſon buſcar a eſte porto , pois ſei de certo que não teve tormenta ?

Sacatr. Verdade he que os Pilotos eſtão diſcordes neſſa materia ; porque huns aſſentão que foi tormenta , outros dizem que fora calmaria , com que niſſo ha opiniões.

Rei. Dar-ſe-he caſo que vieſſe Jaſon roubar-me o Velocino ?

Sacatr. O Velocino , não Senhor , mas hum carneiro de ouro ſei eu , que já o tem nas unhas.

Rei. Que dizes ?

Sacatr. Bem ; ſe Voſſa Reinadura ſe ha de enfadar , então não fallo falla.

Rei. E como póde elle tirar eſſe carneiro , eſtando tão bem guardado ?

Sacatr. Senhor , do contado come o lobo ; dizem que foi por arte magica.

Rei. Apoſto eu que andou por ahi minha filha Medéa ?

Sacatr. Não Senhor , Medéa não , quem fez as mexidas dizem que foi huma filha de Voſſa Reinadura.

Rei. Eſſa meſma he Medéa.

Sacatr. Eu , Senhor , como não me meto com as vidas alheias , não me importa quem foi , nem quem não foi.

Rei. Baſta , não quero ſaber mais. Ha homem

mais infeliz ! Que vieſſe hum pirata traidor a roubar-me a joia mais ſingular de todo o Mundo, e que minha propria filha foſſe a medianeira do meu eſtrago ! Náo ſei como me não mato por minhas máos.

Sacatr. E faria muito bem, que o caſo he para iſſo.

Rei. Náo ſei como náo perco a paciencia vendo roubado o meu Velocino !

Canta o Rei a ſeguinte

A R I A.

Qual leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos
Fere a terra, e rompe o ár.
Aſſim eu ſem Velocino,
Ando louco, eſtou ſem tino,
Pois que hum vil pirata avaro,
Deſte bem me fez privar.

Sacatr. Ah Senhor, aonde hei de aſſentar a minha renda ?

Rei. Calte, perfido traidor, em ti, como parcial deſſe barbaro, e fementido Jaſon vingarei a minha cólera.

Corre atrás de Sacatrapo.

Sacatr. A'que d'ElRei contra elle meſmo. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Antecamera. Sahem Medéa, e Arpia.

Arpia. QUe tens, Senhora, que andas táo melancolica eftes dias? Se já te vês amada de Jafon, que mais defejas?

Med. Náo digas amada, burlada fim.

Arpia. Iffo ferá defconfiança, porque o amor iffo tem, que em quanto menino he confiado, e defconfiado quando velho; e por iffo náo faltou quem diffeffe que o amor morava na correaria.

Med. Pois dize-me, Arpia, náo he para defconfiar ver que Jafon depois de tantas finezas que por elle tenho obrado, depois que lhe entreguei o Velocino, pondo-me em notavel perigo fe meu pai o fouber; em fim, depois que o fiz fenhor abfoluto de meu alvedrio, o vejo táo tibio, e táo pouco folicito, que fe pafsáo muitos dias fem ver-me? Vê tu fe tenho razáo, e motivo baftante para defconfiar.

Arpia. Senhora, quem a mandou pagar adiantado? Chore-o agora na cama, que he lugar quente.

Med. Tomára eu faber qual he a caufa do feu defvio.

Arpia. Dar-fe-ha cafo, que tenha outro emprego?

Med. E qual havia fer a atrevida, que fabendo que Jafon me adorava, havia querer oppôr-fe ao meu amor?

Arpia. Iſſo não ſe levà por oppoſição.

Med. Pois quem preſumes tu que ſerá?

Arpia. Senhora, eu nunca tive preſumpções, e muito menos agora, que ſou velha.

Sahe Creuſa.

Creuſ. Medéa, toda a Corte tem eſtranhado o teu retiro, e triſteza; ſe ſe póde remediar dize-mo, que o mal communicado he menos ſentido.

Med. Ai, que minhas triſtezas, Creuſa, naſcem de cauſas tão occultas, que ninguem as póde penetrar.

Creuſ. Não são tão occultas, que ſe não ſaiba que he por cauſa de Jaſon.

Med. Ai, Prima, como tu o ſabes já to não poſſo negar. Confeſſo-te que amo a Jaſon, e como elle ſabe o meu extremo, deſpreza as minhas finezas.

Creuſ. Alviçaras, coração, que já pódes reſpirar com ſocego. *á parte.*

Med. Vê tu como poderei eſtar vendo-me deſprezada depois de querida?

Creuſ. Deſpreza-o tu tambem, e verás como elle te buſca; porque o repudio he o incentivo maior para avivar a chamma do amor, e faze iſto, e verás que te não engano.

Med. Eſtou para tomar o teu conſelho, mas temo que Jaſon eſcandalizado me deixe por huma vez.

Creuſ. Se elle te deixa amando-o, que importa que te deixe aborrecendo-o.

Med. Não me falles em deixar a Jaſon, que he impoſſivel. *Arpia.*

Arpia. Senhora Creusa, he bem que a Senhora Medéa lhe succeda tudo isto, porque sempre lhe préguei que se não fiasse de Estrangeiros, e mais de Jason, que sempre tive azár com este homem, pois basta ser Soldado para ser vandoleiro.

Med. Não digas mal de Jason, que em fim sempre lhe quero, e lhe tenho muito amor.

Arpia. Ainda se não póde desenganar, que em quanto morrer por elle não ha de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizer-lhe isto, nenhuma mulher entrega todo o seu peito ao amor, e a razão he esta.

Canta Arpia a seguinte Aria, e

RECITADO.

Em materias de amor, Medéa bella,
He necessario haver muita cautela,
Que amor assim zombando entra brincando,
Porém depois chorando
Faz hum peito biquinhos,
Que em suspiros acabão taes brinquinhos.

ARIA.

A Cupido, que he menino,
Dá-se o leite, e não o peito,
E se acaso com effeito
Quer o peito, ponha azebre,
Para amor se desmamar.

Mas se acaso amor he fogo,
Não o atice no suspiro,
Porque a chamma em facil gyro
Mais se atêa no assoprar. *Vai-se.*

Sabe Jaſon ſem ver as duas.

Jaſon. Não quero ſó fiar de Sacatrapo o recado de Creuſa, quero ver ſe acho occaſião de me explicar com ella meſma, ainda que experimente as ſuas iras. Mas que vejo! Alli eſtá o meu bem, e o meu mal.

Med. Jaſon, entendo, como ha tanto que me não vês, que já me não conheces, e cuido que tu és o deſconhecido.

Jaſon. Quem ſe vio em maior labyrintho!

Creuſ. Jaſon como me vê aqui não ſabe o que reſponda. *á parte.*

Med. Se por não achares deſculpa emmudeces, razão tens; mas não ſei que razão póde haver para ſer ingrato?

Jaſon. Medéa, aonde não ha culpa, não póde haver deſculpa. Que terrivel lance! *á parte.*

Med. Pois não he culpa o ſer ingrato a tantos extremos? Dize-me, porque me não vês?

Jaſon. Quem vê com os olhos do amor, por força não ha de ver, porque o amor he cégo.

Creuſ. Logo tu não vês a Medéa, porque lhe tens amor?

Jaſon. Não ſei o que reſponda. . . . . Digo que o ver no amor he improprio.

Med. Entendo que te não explicas com pejo de Creuſa; pois ſabe que Creuſa tudo ſabe, e tem eſtranhado muito a tua ingratidão.

Jaſon. Ainda eſta he peior! *á parte.*

Creuſ. Explica-te, Jaſon, não te acovardes, que eu ſou de ſegredo.

Jaſon. Pois talvez que por Creuſa me não ex-

pli-

plique; queira amor, que me entenda. *á parte.*

Creuſ. Pois ſe he por amor de mim eu me auſento.

Jaſon. Não me entendeo. *á parte.*

Med. Pois eu não quero que ſe vá Creuſa, que não quero que meu pai me ache ſó comtigo, e diante della quero que confeſſes a tua ingratidão para que te corras. Dize, tens achado em meu amor alguma variedade?

Jaſon. Não.

Med. Não juraſte de me querer ſempre?

Jaſon. Sempre jurei.

Creuſ. Pois tu coſtumas faltar ao que promettes?

Jaſon. Oh que deſeſperação!

Canta Jaſon a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Quem, (oh Deoſes!) ſe vio em tanto enleio,
Pois tremulo receio
Em mal tão violento,
Explicar meu interno ſentimento.

ARIA.

Roto lenho, que impellido
De infeliz vaga procella,
Quaſi a pique ſubmergido,
Vendo ao longe a praia bella,
Sem que a ella
Poſſa naufrago aportar.
Eu aſſim na dor violenta,
Sinto huma aſpera tormenta,
Sem que poſſa minha idéa
Por Medéa
Livremente publicar.

S.1.

Sabe ElRei.

Rei. Jaſon, como os teus Soldados abusão da franqueza da minha hoſpedagem, commettendo latrocinios, e fazendo diſturbios, peço-te que lhe mandes tirar as armas, pois entre amigos são eſcuſadas, porque aſſim ſe evitaráõ tantos eſcandalos. Verei ſe logro o meu intento. *á parte.*

Jaſon. Sinto que os meus Soldados, Senhor, ſejão inſolentes, mas eu prometto caſtigallos. Oh, que a bom tempo veio ElRei! *á parte.*

Rei. Pois adverte que ſe não tirão as armas, que eu lhas mandarei tirar.

Jaſon. Tudo o bom ſe fará. Aqui he preciſo diſſimular. *á parte. Vai-ſe.*

Rei. Creuſa, vai para dentro.

Creuſ. Já te obedeço. *Vai-ſe.*

Med. Em negra hora veio meu pai, pois queria apurar a falſidade de Jaſon. *á parte.*

Rei. Quero moſtrar-lhe que ignoro o que me contou Sacatrapo. *á parte.* Medéa, como tu ficaſte de ſaber o intento com que Jaſon veio a eſta terra, e até agora não me tens dado reſpoſta, eu a venho procurar.

Med. Se os Oraculos do Averno já me tiveſſem reſpondido ſobre os intentos de Jaſon, já to tivera revelado; porém como os Oraculos emmudecem, he certo que a noſſa pergunta não merece reſpoſta por ſer ſem fundamento, pois ſegundo collijo, cuido que nem Jaſon ſabe que no Mundo ha Velocino.

Rei. Ah inhumana filha, que agora conheço

o

o teu fingimento ! *á parte.* Visto isso posso estar seguro que Jason não vem buscar o Velocino ?

Med. Bem póde perder já esse receio.

Rei. Ainda assim o meu cuidado só terá allívio, fazendo que se vá daqui Jason, que com effeito logo dou ordem a isso.

Med. Isso he aggravar a quem te náo offende.

Rei. Está conhecido o damno, e já que a ti te parece impolitica o expulsar a Jason, prometres tu ficar por fiadora de que elle me náo ha de roubar o Velocino ?

Med. Prometto.

Rei. E se elle o roubar a que pena te sujeitas ?

Med. A que me mates.

Rei. Pois olha que hei de executar a penna sem que te valha o seres quem és.

Sahe Telemon.

Telem. Senhor, já os Soldados estáo promptos, e tudo preparado, vè o que ordenas.

Rei. Vem comigo, que eu te avisarei o que has de fazer. Medéa, lembra-te da fiança. *Vai-se.*

Med. Não tenhas desconfiança. Eu cuido que já meu pai saberá alguma cousa; mas quem lho havia de dizer ! O peior he que eu sou a fiadora do Velocino. Mas que importa que perca a vida, se eu morro na ingratidáo de Jason ? Porém agora que o Sol totalmente se sepultou no tumulo crystallino do Oceano, e já a Lua começa a sahir, hirei consultar nos seus argentados raios a causa da mudança de Jason. Mas aqui vem gente.

Sahe Sacatrapo.

Sacatr. Agora me disse meu Amo, que aqui ficava Creusa, que não perdesse tempo para dar-lhe o recado; mas isto he noite fechada, e eu não atino com o caminho; mas chiton, que aqui está alguem, e o vulto he feminino pelo ruge ruge das saias, e pelo ringe ringe dos çapatos; se será Creusa?

Vão andando hum para o outro, e topão-se.

Med. Quero averiguar quem he.

Sacatr. Quem he da parte de Jason? Diga se he gente, ou se he mulher?

Med. Este he Sacatrapo. Que quererá aqui? Isto he novidade a estas horas! *á parte.*

Sacatr. A mim me mellem se esta não he Creusa; he Creusa?

Med. Quero fingir; sou Creusa, mas tambem quero saber quem he que me busca?

Sacatr. Não o disse eu? O meu faro de noite he hum farol.

Med. Diga quem he, senão vou-me.

Sacatr. He Sacatrapo em pessoa, que te vem trazer hum recado de Jason.

Med. Está descuberto o enigma; Sacatrapo, deixa-me, que tenho eu com Jason?

Sacatr. Se não tem, poderá ter; olhe o que lhe quero dizer por vida sua.

Med. Não tenho que ouvir.

Sacatr. Eu lhe darei que ouvir; ora escute hum nadinha.

Med. Ora dize depressa.

Sacatr. Mande trazer huma bugia accêza pelo ra-

rabo, porquè ás escuras não atino com a boca para fallar.

Med. Dize, senão vou-me.

Sacatr. Está feito, fallarei pelos narizes. O caso he, Senhora Creusa, que depois que lhe fallei aquelle dia da parte de meu Amo, lá lhe disse o que Vossa Magnificencia me respondeo.

Med. Todavia isto já he muito antigo! *á parte.*

Sacatr. E assim aqui me envia outra vez por seu Embaixador extraordinario com amplos poderes de ajustar comtigo o seu casamento; pois em summa diz Jason, que por ti morre de amor desde que te vio; e assim se tu quizeres casar, que he o mesmo que seres sua esposa, ou sua mulher, que te levará comsigo para Thessalia, onde serás Rainha, e andarás em coche a quatro; pois para isso já toda a armada está sobre o ferro esperando occasião para nos casarmos á chucha callada.

Med. Ah traidor Jason! E dize-me: Então ha de deixar a Medéa?

Sacatr. Porque, elle a pario?

Med. Ainda assim parece ingratidão.

Sacatr. Qual ingratidão, Senhora, não me quer crer? Elle nunca teve amor a Medéa.

Med. Pois quem o obrigava a fazer tantos extremos por ella?

Sacatr. Nunca ouvio dizer, que quem ama a Beltrão, ama o seu cão; pois meu Amo amava a Medéa por amor do Velocino, e como este já o tem na mão acabou-se o amor.

Med.

Med. Já me vai faltando a paciencia ; porém para a perder de todo apuremo-la mais. Com que tanto aborrece a Medéa?

Sacatr. Ai , Senhora , quem não ha de aborrecer huma feiticeira! Eu pelo menos a desejo pôr em hum barril de polvora , ou na boca de huma pessa ; e pôr-lhe o fogo para que não houvesse fumo de tal demonio.

Med. Calte , não te ouça ella.

Sacatr. Qual ouvir , a estas horas está ella buscando alguma tripa de lobo para os seus ingredientes ; porém , Senhora , tudo quanto disse se recopila nos quatro elementos do amor , que são os seguintes.

Canta Sacatrapo a seguinte

A R I A.

Pagar ao correio , Deixar a Medéa ,
Amar a Jason , Segredo , e chiton.

Sahe Arpia com huma véla.

Arpia. Muito alegres noites. Ai , cá está Sacatrapo !

Sacatr. Ai , que he Medéa com quem estive fallando ! Estou perdido !

Med. Agora Sacatrapo , para que vejas o meu primor , quero premiar o teu trabalho , e que leves a resposta a Jason.

Sacatr. Olhe , deixe-me ir embora , que he o melhor premio que me póde dar.

Arpia. Espera , tollo , accita o que te dão , não sejas descortez.

Sacatr. Eu te dou o que ella me ha de dar. Ah Senhora , deixe-me ir alli fóra , que eu já venho.

Med. Efpèra. Bafta que Jafon ama a Creufa ?
Sacatr. Quem podia dizer tal ? Iffo he quiméra.
Med. E bafta que tu és o feu terceiro ?
Sacatr. O' lá, iffo agora he mais comprido !
Med. Ora dirás a teu Amo que Creufa lhe manda dizer que efteja certo que lhe ha de pagar a fua fineza.
Sacatr. Sim, Senhora. A Deos, Senhora.
Med. Efpera, que te não has de ir fem levares as alviçaras.
Arpia. Senhora, que he ifto que te fuccede com Sacatrapo ?
Med. Que ha de fer ? He o que traz os recados a Creufa ; por iffo Jafon me desdenha, porque nella emprega o feu amor.
Arpia. E tu fiando della o teu peito ?
Med. Oh Arpia, quando em tal imagino não fei como não defefpero ! Porém em quanto nelles não poffo executar o meu furor, em ti vil, infame, infolente Sacatrapo, hei de vingar a minha ira, fepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coração do Abyfmo.

Vai Medéa fepultando pouco a pouco a Sacatrapo por huma efcotilha do Tablado.

Sacatr. Senhora Medéa, não me enterre, efpere pelos gatos pingados, que eu lhe defcobrirei muita coufa ; antes que me mate deixe-me difpôr defte annel que me deu agora feu pai.
Med. Não tenho mais que faber, vai a fer pafto dos Dragões.
Sacatr. Ai de mim ! *Defapparece.*
Arpia. Ai, Senhora, que culpa tem o Criado ?

Med.

Med. Eſpera, e verás: Sacatrapo? Sacatrapo?

Torna a ſahir Sacatrapo com cara de burro.

Sacatr. Aonde eſtou eu?

Arpia. Ai, que linda cara que tens!

Sacatr. Parecerei deſenterrado.

Arpia. Sabes o que vejo? Que te enterraſte com cara de gente, e reſuſcitaſte com cara de burro.

Sacatr. Cara de burro? He verdade? Cá eſtão as orelhas. Ah Senhora Medéa, não achou outra cara menos cara para me pôr, ſenão cara de burro? Pois por certo que eu não tenho cara de aſno.

Med. He para não levares recados a Creuſa.

Sacatr. Senhora, tire-me ſequer as orelhas, que eu ſem ellas bem poſſo ſer burro, que aſſim ha muita gente.

Arpia. Ora Senhora, ſe os meus ſerviços valem alguma couſa, peço-lhe que tire a cara de burro a Sacatrapo, que aſſim como aſſim, ficando com a que tinha, fica com a que tem. E o annel o que brilha! *á parte.*

Sacatr. Ah Senhora Medéa, deſemburre-me por vida ſua.

Med. Pois vai buſcar a tua cabeça aonde a perdeſte.

Deſce Sacatrapo, e torna a ſubir com cara de gente.

Sacatr. Queira Deos, que eſtando a minha cabeça em terra não venha grellada.

Med. Arpia, não eſtou em mim até me não vingar de Jaſon. *Vai-ſe.*

Arpia. Ora parabem lhe ſeja, Senhor Sacatrapo, o ver-ſe reſtituido á ſua antiga fórma.

Sa-

Sacatr. Pois com ver-me com miollo de burro, com tudo eſtava em meu perfeito juizo.

Arpia. Olha, Sacatrapo, para fugires de ſemelbantes deſgraças, bom era ſaber o que eſtá para te ſucceder, e te livrares, aſſim, moſtra cá a máo, que te quero dizer a buenadicha, pois bem ſabes que neſta ſciencia ninguem me excede.

Sacatr. Iſſo náo me parece fóra de conta; eis-ahi a máo direita, que a eſquerda eſtá occupada com o annel, e dize tudo quanto cabe na arte.

Arpia. Ah, o que tens de embaraços na vida! Vês eſta linha Mathematica?

Sacatr. Aonde eſtá?

Arpia. Eſta que corre direita.

Sacatr. Pois que tem?

Arpia. Diz que ainda has de ter muito dinheiro, que te ha de vir por huma herança de hum teu avô.

Sacatr. Iſſo he mentira, que eu já náo tenho avô; ſalvo ſe for meu avô torto.

Arpia. Vês eſſoutra linha atraveſſada? Pois náo he nada. Diz, que has de vir a ter daqui a mui poucos annos hum poſto muito honrado na tua terra, que te has de ver em grandes alturas.

Sacatr. Oh minha Arpia, veja que poſto ha de ſer?

Arpia. He hum tal poſto, que a todos has de pôr o pé no peſcoço.

Sacatr. Pois o que he?

Arpia. Carraſco mór.

Sacatr.

Sacatr. Pois então feguro tenho o pôr-te o pé no pefcoço.

Arpia. Ai, mofino homem, que cá te encontrei com huma defgraça!

Sacatr. Huma fó?

Arpia. Não vês efta figura de unha na palma da mão?

Sacatr. Tu pintas as figuras como queres.

Arpia. Não he coufa de cuidado; diz, que has de morrer enforcado por ladrão.

Sacatr. Talvez que efcape para Carrafco para te enforcar a ti; e dize, achas lá o annel que me furtárão, e a cabeça de burro?

Arpia. Não, que iffo forão peffas. Ora moftra cá a mão efquerda.

Sacatr. Qual? A do annel? Ahi não póde haver dúvida na ventura, pois já tem o annel.

Arpia. Pois eu to facarei de outra forte. *á part.* Deixemos iffo; fabe que fe tu me pagares te darei huma empreza melhor que a do Velocino de ouro.

Sacatr. Se iffo fora coufa boa não eftivera guardada para mim, e já meu Amo a tivera na algibeira.

Arpia. Não, que ifto he hum fegredo, que fó eu o fei, e he huma tal coufa, que ficarás rico para fempre.

Sacatr. Pois olha, eis-aqui efte annel que me deu ElRei efta tarde, e val muito bem trezentos e vinte reis; he hum diamante bruto engaftado em ouro buçal, e fe me differes iffo to darei.

Arpia. Pois ſabe, que na quinta de Creuſa, debaixo da terra eſtá huma eſtribaria, na qual eſtá hum burro, que caga dinheiro.

Sacatr. Eu já ouvi fallar niſſo do burro caga dinheiro, que minha mãi o contava, quando eu era pequeno; porém eu ſempre tive iſto por hiſtoria.

Arpia. Não te digo eu, que todos tem noticia deſſe burro? Pois ſei, que ninguem o vio, e cuidão, que he fabula, o qual eſtá encantado, aſſim como o Velocino.

Sacatr. Se tambem tiver algum Dragão, que o defenda, já renuncio a empreza.

Arpia. Não tem Dragão, e ſó tem por guarda huma formiga.

Sacatr. Se he huma formiga, não tenho medo; porque eu me veſtirei de armas brancas com eſpada, e rodella, e logo a matarei.

Arpia. Levarás duas piſtollas tambem.

Sacatr. Só reparo, que ſendo eſta empreza do burro caga dinheiro tão facil, não te tenhas tu aproveitado deſſe dinheiro, para comprares mais de dous centos de anneis, e não andares olhando para as mãos, e dedos dos Sacatrapos.

Arpia. Eſſa he a deſgraça, e a minha ventura, ou deſventura, que a choro com lagrimas de ſangue; porque has de ſaber, que o Magico, que encantou eſſe burro, prohibio, que as mulheres o podeſſem deſencantar pela fragilidade do ſexo.

Sacatr. E que antipatia tem o ſexo das mulheres com o ceſſo do burro?

Arpia. Isso saberá o Magico.

Sacatr. Olha tu, que mais depressa me parece, que isso será alguma burra; porque essas são as que cagão dinheiro?

Arpia. He hum burro tão macho, como tu és.

Sacatr. Pois, Arpia, tu me seguras ser isso verdade?

Arpia. Não o duvides, que eu tenho visto muitas vezes; e quando me vou chegando para elle, desapparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

Sacatr. Em fugir de ti não parece elle ser burro: quasi que estou inclinado a darte o annel.

Arpia. Bem o pódes dar afoitamente, que ainda te faço favor; e para que te descubra todo este enigma, quando fores á empreza, te hei de dar hum capello meu, que foi de minha avó, o qual quem o põem, ninguem o vê, e póde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim hirás com elle á conquista do burro caga dinheiro, e o poderás trazer a paz, e a salvo, sem de ninguem seres visto, nem cheirado.

Sacatr. Eu não duvido, que de ninguem seja visto, pela viciosa virtude desse capello; mas que o que caga o burro seja dinheiro, e não seja cheirado, não póde ser.

Arpia. Calte, que es hum cendeiro.

Sacatr. Arpiissima Senhora, dê me attenção: se eu hei de ser invisivel, porque hei de levar o capello, está muito bem; mas o burro, que não tem capello, por força ha de ser visto.

Arpia.

Arpia. Não, tollo, que o burro de ſua natureza he inviſivel. Tu ſó o has de vêr, porque és o ſeu deſencantador.

Sacatr. Pois huma vês, que he iſſo, ahi eſtá o annel, e venha o capello.

Arpia. Anda. Muito tollo he eſte Sacatrapo! Já temos dous anneis. *á parte.*

Sacatr. Oh burro do meu coração, ſe tu cagas dinheiro, não ſerás burro, ſerás o verdadeiro pai do Velocino. Deſta vês fico de melhor partido do que Jaſon. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Jardim, e hum monte movediço. Sahe Creuſa.

Creuſ. SUſpenſa me tem eſte amor de Jaſon; e eſtes enleios de Medéa, e não ſei, aonde ha de parar iſto! Bem ſei que Jaſon me quer; mas por amor de Medéa ſe não atreve a explicar. Oh deſgraçado amor, que vives opprimido a violencias do encanto de huma tyranna!

Sahem Jaſon, e Theſeo.

Jaſon. Tu, Theſeo, fica eſperando á porta deſta quinta de Creuſa, que eu a quero levar furtada hoje, e logo nos hiremos embarcar, para o que tem prompta a eſcolta dos Soldados, que te diſſe, que quando não ſeja por bem, á força de armas hei de lograr o meu intento, e zombarei dos intentos, e encantos de Medéa.

Thes. Vaï descançado, e fia do meu valôr, que hei de desempenhar a empreza. *Vai-se.*

Chreus. Ahi sinto gente: quem será?

Jason. Ahi esta Creusa: ditosa occasião!

Creus. He Jason: Cuido, Jason, que vens errado, porque aqui não mora Medéa.

Jason. Se aqui não mora Medéa, namora Jason, bellissima Creusa. Peregrino attractivo de meu coração, não procuro significar-te nesta occasião o fino de meu amor, que para o abonar de extremoso, bastante fiador tenho eu nos meus suspiros, os quaes mudamente exhalados já terão chegado a teus ouvidos; e para que vejas, que tambem com obras te sei querer, venho dizer-te, que has de embarcar comigo esta tarde para Thessalia, aonde com a fortuna de ser teu esposo, lograrás a ventura de seres Rainha.

Creus. De vagar, Jason; tanta cousa junta faz suspender o discurso. Como queres que me fie de ti, sem eu saber, se o teu amor he verdadeiro?

Jason. De que sorte querès que to mostre?

Sahe Medéa, e retira-se a hum lado.

Med. Venho ao longe seguindo a Jason. Mas que vejo! Elle cá está com Creusa! Oh não sei como não morro com zelos! Porém quero observar o seu intento.

Creus. As mesmas finezas, que agora me dizes, algum dia as disseste a Medéa, e com tudo a deixaste.

Jason. Ainda que quiz a Medéa, não foi obri-

ga-

gado do amor; mas sim porque ella me prometteo dar o Velocino, que foi o que me trouxe a esta terra.

Med. Ah traidor Jason!

Creus. Não sei, Jason, se te creia.

Jason. Parece, que offendes ao mesmo amor, se não dás credito aos meus extremos.

Canta Jason o seguinte

RECITADO.

Não duvides, amor, desta constancia,
Pois com firme jactancia
Te adoro de tal sorte,
Que sem temer a morte
Dessa Medéa barbara homicida,
Não duvido entregar-te a propria vida.

ARIA A DUO.

Jason. Meu bem, de que sorte
Me has de pagar
Meu inclito ardor?

Creus. Amando até morte,
Pois sempre has de achar
Firmezas no amor.

Jason. Vê lá não me enganes.

Creus. Vê lá não profanes.

Amb. Meu inclito ardor.

Creus. Pois promettes ser constante,
Essa mão, Jason, me dá.

Jason. Nunca ás leis de hum fino amante
Meu affecto faltará.

Creus. Que farei, se te mudares?

Jason. Que farei, se me faltares?

Amb. Em raio me abraze a furia do amor.

Depois de cantarem, hirão a abraçar-se, e subirá hum monte, que encobrirá a Creusa, isto depois que Medéa disser o seguint:

Med. Espera, ingrato, que eu te apartarei do bem, que procuras. Montanhas vingai as injurias de Medéa. *Vai se.*

Jason. Que he o que vejo! Aonde estás, Creusa? Quem de mim te desvia? Mas quem havia de ser senão Medéa?

Canta Jason o seguinte

RECITADO.

Pois, tyranna inimiga, infiel Medéa
A pezar dos encantos dessa idéa,
Hei de ver a Creusa, penetrando,
Rompendo altivo, intrepido rasgando
Desse monte as entranhas, dize: onde
Minha Creusa bella em ti se esconde?

Abre-se o monte, e delle sabe Medéa, e cantão ambos a seguinte

ARIA A DUO.

Med. Traidor, ingrato amante,
Mudavel, inconstante,
Suspende o teu desvio.

Jason. Oh deixa-me, não queiras
Tirar-me a liberdade,
Que he livre o alvedrio.

Med. Pois sabe, que ha vingança,
Que opprima huma mudança.

Jason. Não teme os teus rigores,
Quem busca em seus ardores
Mais bello resplendor.

Med. Pois, barbaro, perjuro

Verás o meu rigor.

Med. Tu com zelos me atormentas.

Jason. Tu com magicas me violentas.

Med. Calte, ingrato.

Jason. Cessa, impia.

Med. Porque em odio.

Jason. Em tyrannia.

Amb. Se converta o meu amor. *Quer ir-se Med.*

Jason. Espera, Medéa. Estou confuso!

Med. Deixa-me, ingrato, e perfido traidor.

Jason. Não te vás, porque o meu amor...

Med. Não quero ouvirte.

Jason. Sempre firme, e sempre constante...

Med. Não tenho já que escutar as tuas falsidades; mas sim vingar as minhas injúrias, mudando o theastro das tuas delicias em campanha de Marte, e dize a Creusa, que te defenda. *Vai se.*

SCENA IV.

Muda-se de repente a Mutução de jardim, e fica de montes; tocão tambores, e fica Jason.

Dentr. ARma, arma, guerra, guerra.

Dentr. Rei. Morra Jason, arma, guerra.

Jason. Quem se vio em mais perigoso trance! Estou perdido, e confuzo, sem saber aonde estou, e cercado de inimigos, e já me considero sem liberdade, e sem Creusa! O' Medéa, quem nunca te conhecera!

Sa-

Sahe Theseo, e Soldados.

Thes. Jason, que descuido he este? Como te detens aqui, vindo ElRey contra ti com hum poderoso exercito?

Jason. Oh que a bom tempo vieste, amigo Theseo; pois confuso, e turbado, me considerava de todo perdido.

Thes. Aonde está Creusa, para nos embarcarmos?

Jason. Não sei della.

Thes. Pois que foi isto?

Jason. Não sei mais, que ouvir dizer...

Dentr. Arma, arma, guerra, guerra.

Thes. Já nos não podemos retirar sem batalha, pois os inimigos nos cercão.

Jason. Pois animo, Soldados; como valorosos defendámos a honra, e a vida.

Ao sóm de huma marcha sahe o exercito de El-Rei, e sahe este, e Telemon, e se põe huns, e outros em fórma de peleja.

Rei. Morra Jason, toca a investir.

Telem. Toca a investir, e morrão estes traidores.

Investirãõ os dous exercitos, e o de Jason se vai retirando, e o do Rei sempre seguindo-o, e vão-se.

Jason. Retiremo-nos pouco a pouco, que a fortuna se nos mostra adversa.

Rei. A'vante, Soldados, que elles se retirão. *Vão-se.*

Sahe Saçatrapo com capello, espada, e rodella, e haverá hum cavallo em pé a hum lado.

Sacatr. Esta empreza do burro caga dinheiro não he tão facil como a pintou Arpia; pois penetran-

trando á quinta de Creusa, tudo quanto encontro são horrores, tudo o que ouço são tambores, e quanto vejo tudo são corpos mortos: que será isto? Mas eu cuido que a feroz formiga, que guarda o burro, despedaçou estes cadaveres; mas eu como sou invisivel, pelo privilegio deste capello, bem posso triunfar gloriosamente, não só desta formiga, mas de quantas ha nos celeiros, e confeitarías; porém alli está o burro, se me não engano. O certo he que Arpia fallou verdade, mas eu cuido que he hum cavallo ginete, e Arpia disse que havía ser burro em carne, e em osso; porém tanto monta ser burro, como cavallo, pois tudo tem quatro pés; o ponto está em que cague bem dinheiro. Agora, valoroso Sacatrapo, he tempo de mostrar ao Mundo o brio de teus avoengos; não tenhas medo de investir á furibunda formiga, exercendo valente o teu valeroso espirito. Animosamente me hirei chegando ao burro, e desafiando a formiga.

Canta Sacatrapo a seguinte.

A R I A.

Formiga feroz	Não fujas veloz
Investe, e verás,	Da ira voraz,
Que te hei de imprimir	Mas se fugires
Na cara hum gilvás.	Favor me farás.

Ao querer chegar para o cavallo, sahem dous Soldados.

1. *Sold.* Prisioneiro, prisioneiro.

Sacatr. Com quem fallará este Soldado? Deve de estar doudo, pois está falando só. 2.

2. *Sold.* Dê-se á prizão.

Sacatr. Uy! Parece que fallão comigo: não devem saber, que eu sou invisivel.

Sold. Levemo-lo, ainda que seja de rastos.

Sacatr. Tenha mão, Senhor Soldado, que vossa mercê me não póde ver, porque eu sou invisivel.

Sold. Pois assim mesmo invisivel o levaremos.

Sacatr. Espere, espere: já que diz, que me vê, como estou eu vestido?

Sold. Estás com hum trapo pela cabeça á maneira de capello.

Sacatr Dar-se-ha caso, que Arpia trocasse o capello de sua avó pelo seu?

Sold. Rende-te já, senão mato-te

Sacatr. Senhor, huma vez que não sou invisivel, já estou rendido de bruços, pernas, e orelhas.

Ao levarem Sacatrapo, tocão hum tambor, e tornão a sahir Jason, e Theseo com alguns Soldados, e dizem dentro o seguinte.

Dentr. Victoria por ElRei.

Jason. Roto, e desbaratado está o nosso exercito! Que faremos, Theseo.

Thes. Morrer como valerosos, que maior afronta he cahir nas mãos do vencedor.

Sacatr. Não se admire; Senhor Jason, que tambem a mim me não valeo o ser invisivel, para deixar de ser visto, ainda que muito mal visto destes Senhores.

Jason. Sacatrapo, que capello he esse?

Sacatr. Isto he, que estou viuvo, porque me mor-

morreo a esperança do burro caga dinheiro.

Dentr. Victoria, victoria, guerra, arma, guerra.

Tornão a sahir em tom de marcha ElRei, Telemon, e Soldados.

Rei. Dá-te á prizão, Jason.

Jason. Não em quanto tiver alentos o coração

Rei. Não vês o teu exercito desbaratado? Como ainda pertendes resistir?

Jason. Ainda resisto, pois ainda tenho alentos.

Sacatr. Isso me parece bem, Senhor Jason, morra Marta, e morra farta.

Brigão, e ao mesmo tempo pela Sala de fóra sahirá Medéa em hum carro tirado por Dragões, a qual cantará o que se segue, e ficará tudo ás escuras, e indo retirando-se o exercito de Jason, se correrá a corrediça, que dividirá os dous exercitos, ficando o de ElRei no Threatro, e isto em quanto passa Medéa, e canta a seguinte

A R I A.

Med. Suspende o furor
Irado Mavorte,
Não sinta elle a morte,
Pois lhe tenho amor.
Ao suspiro funesto
De tristes lamentos
Soccorrão propicios
Os quatro elementos. *Vai-se.*

Rei. Para onde fugirão os inimigos?

Telem. Parece, que a terra os tragou.

Rei.

Rei. Não reparas, que se tornárão em oppácas sombras as claras luzes do Sol?

Telem. Isto he cousa de encanto, ao que paréce.

Rei. Claro está, que he encanto, e de Medéa. Ah tyranna filha!

Telem. E que havemos fazer agora?

Rei. Manda tocar a recolher as tropas, pois que estão perdidas com a grande escúridade.

Telem. Toca a recolher. *Vai-se*

Torna a ficar claro o Tablado, e se vai Telemon, e Soldados, fica ElRei, e sahe Creusa.

Creus. Confusa, e perdida venho por estes montes, sem saber aonde estou, depois que a tyranna Medéa me apartou dos braços de Jason. Ay amor, quando terão fim os teus encantos?

Rei. Creusa, tu aqui nesta campanha?

Creus. Não vos admireis, Senhor, que não sei aonde estou.

Rei. Pois quem te trouxe aqui?

Creus. Os encantos de Medéa vossa filha por causa de Jason.

Rei. Não me digas mais; já sei que essa tyranna, e impia Medéa, vive namorada de Jason, e com as suas máquinas lhe entregou o Velocino.

Sacatr. Pois ainda agora o sabe? Mas Jason não tem culpa de aceitar o que lhe dão.

Sahe Medéa.

Med. Aonde se recolheria Jason? Pois cuida-

do-

dosa da sua vida o ando buscando; que supposto seja ingrato, não posso negar o amor, que lhe tenho.

Rei. Tambem tu Medéa, vens a recolher os despojos da batalha?

Med. Cuidadosa, Senhor, da vossa vida, venho a buscar-vos.

Rei. Ah fementida filha, que com tanta tyrannia contra teu pai fabricas aleivosias! Já sei, tyranna, que adoras a Jason, e que tambem lhe entregaste o Velocino, ficando tu por sua fiadora sobpena de perderes a vida, e assim....

Cantão a seguinte.

A R I A A 3.

Rei. Em ti pois, cruel Medéa
Vingar quero a minha dor.

Creus. Pois, ó Rei, he tempo agroa,
Executa o teu rigor.

Med. Pai injusto! Infiel tyranno!
Que delicto he ter amor?

Rei. Meu furor vingar-se trata.

Creus. Executa o teu rigor.

Med. Que delicto he ter amor?

Rei. Desta sorte, Hydra humana,
Meu estrago hei de vingar.

Rei. Sentirá Jason tambem
O meu barbaro furor.

Creus. Mal teu golpe a lei reparte;
Pois Jason que culpa tem?

Med. Tendo a culpa de adorar-te,
Tenha a pena de traidor.

Tod.

Tod. Sinta o golpe, e chore a pena.
Quem me quer tyrannizar.

No fim da primeira parte da Aria, na segunda repetição, hirá o Rei para matar a Medéa, e subirá do chão huma torre, sobre a qual se porá Medéa.

Med. Vê agora de que sorte has de vingar com iras o teu estrago.

Rei. Que he o que vejo! Eu te prometto, infiel Medéa, que me saiba vingar de ti, a pezar dos teus encantos.

Med. Aleivosa Creusa, algum dia eu me vingarei de ti.

Creus. Tarde, ou nunca poderás.

SCENA V.

Sala. Sahe Sacatr. arrastando huma arca.

Sacatr. MUito peza a caixa de Arpia! Ella parece que tem dentro bem miollo, que tanto custa a empurralla! Mas como he caixa da velha, já vejo que senão ha de mover com tanta facilidade. Sem duvida esta Arpia logrou-me, dizendo, que me dava hum burro caga dinheiro, e hum capello, que me faria invisivel; mas tudo foi ás avessas, porque o burro foi o invisivel, e eu o visivel para poderem prender-me. Não ha maior desaforo! Que huma bruxa me mamasse os meus anneis, e eu ficasse chupando no dedo! Pois não ha de ser assim, que eu lhe hei

de

de arrombar a ſua caixa, e ſacar-lhe os anneis, e tudo o mais, que achar nella; para o que, o melhor remedio ſerá arrombar-lhe a fechadura. Algum dia era eu bom official de gazûas. Ora lá vão os tampos dentro com mil diabos.

Ao abrir da caixa, ſahiráõ algumas cobras, que inveſtiráõ a Sacatr.

Sacatr. Mas que vejo! Ay quem me acode! Oh miſeravel Sacatrapo, que aqui vieſte dar a tua oſſada? A que delRei, não ha quem me acuda? Não ha quem ponha cobro neſtas cobras? Ay que me matão!

Sahe Arpia.

Arpia. Que tens, Sacatrapo?

Sacatr. Que hei de ter? Não vês eſtas eſpadas colobrinas, que me eſtão atraveſſando

Arpia. Ay Sacatrapo, não tenhas medo, que são humas cobrinhas muito galantes, que coſtumão brincar com os taralhões de dous pés.

Sacatr. Seja o que for, tira me as cobras, Arpia, e baſta que fiques tu, que es huma ſanguixuga.

Arpia. Ora eu as tiro; ó lé, minhas meninas, ide para dentro.

Vão as cobras para dentro da caixa.

Sacatr. Vê bem, ſe ſe forão todas?

Arpia. Já ſe forão, não ſejas medroſo.

Sacatr. Agora, como ſe forão as cobras, já não ſou medroſo.

Arpia. Porém tomára ſaber, com que licença vieſ-

vieſte penetrar os profundos arcahos dos eſcaninhos deſta arca?

Sacatr. Não eſtejamos com arcas encouradas: eu vinha buſcar os meus anneis, já que me enganaſte com o burro caga dinheiro, que tudo foi huma borra, e o teu capello maſcaborra, que em conſciencia mos deves reſtituir.

Arpia. Uy, que dizes Sacatrapo? Iſto não póde ſer, mais que me prégues: baſta que não achaſte o burro?

Sacatr. Não ſó o não achei, mas eu fui o achado, porque não fui inviſivel.

Arpia. He que devias pôr o capello ás aveſſas; que ſe o pozeras ás direitas, nem cégos te verião?

Sacatr. Supponho, que toda a virtude deſſe capello he ás aveſſas: o que eu ſei he, que fui viſto, que me levárão priſioneiro, e que eſcapei com a barafunda da briga, e aſſim te peço á boamente, que me reſtituas o meu annel, bruxa, feiticeira, e encantadora.

Arpia. Oh maroto, marujo, mariola, ſe me falar mais em anneis hei de chamar as cobras; ó minhas meninas, vinde, e ſahi a caſtigar eſte magano.

Sacatr. Eſpera, Arpia; tem mão, que tudo te perdo-o.

Arpia. Pois ajuda-me a pôr a caixa em ſeu lugar, que eu não poſſo ſó, que tenho a eſpinhella cahida.

Sacatr. Pois eu pouco poderei, que tambem

ſou

ſou potroſo, e adevinho quando ha de chover.

Arpia. Só não adevinhaſte, que havião chover cobras ſobre ti?

Sacatr. Como o achaque he antigo, o reportorio he velho, e já não governa; e menos na conjunctura preſente, que eſtava o Sol no ſigno de Eſcorpião, com influxos do Cancro deſſa cara.

Arpia. Anda, empurra a caixa, e de vagar não ſe quebrem os meus tarécos.

Sacatr. Olha, pelo menos tens hum movel bem movediço: não te desfaças delle, porque poſto a juro cobrarás bons redditos.

Arpia. Anda, levanta: ai minha eſpinhella!

Sacatr. Segura bem: ai minha geba! *Vão-ſe.*

Sahe Creuſa.

Creuſ. Confuſa, afflicta, e quaſi ſem alma venho, ſem ſaber de Jaſon, depois que de meus braços mo levou a tyranna Medéa: e depois da batalha, que teve com ElRei, não ſei ſe morreria nella, e iſſo ſerá o mais certo; pois vejo, que não apparece. Ai querido Jaſon, ſe a tua morte he certa, a minha ſerá infallivel! Que como a ambos nos anima huma alma, por força nos ha de ſeparar huma morte.

Canta Creuſa a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Sórte minha cruel, fado inhumano,
Até quando, tyranno,
Ceſſará o rigor de tuas iras,

Pois que vejo conſpiras
A huma alma em triſte abyſmo
O ſuſto, a dor, a magoa, o parociſmo?

A R I A.

Se a Parca enfurecida
Te uſurpa a doce vida,
Te hirá buſcar eſta alma,
Só para te animar.
Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos póde dar.

Sahe Jaſon.

Jaſon. Minha Creuſa, rompendo impoſſiveis, atropellando difficuldades, cuberto com o manto da noite, venho buſcar-te, para que te embarques comigo, pois tudo eſtá prompto, e ſó por ti ſe eſpera; aſſim não te dilates, antes que nos perſintão.

Creuſ. Meu amor, não ſei encarecer-te a alegria, que tenho de ver-te; pois te julgava morto na batalha, vendo que não apparecias.

Jaſon. Hum peito armado de amor póde reſiſtir aos golpes de Marte.

Creuſ. Como entraſte aqui, ſem temeres as iras de ElRei?

Jaſon. Se por amor de ti morrêra, que melhor fortuna quizera? Porém não teme perigos hum coração amante.

Creuſ. Muitas finezas te devo.

Jaſon. Folgo que o conheças: vamos, meu bem.

Creuſ. Vamos Jaſon. *Vão-ſe.*

SCE-

SCENA VI.

Montes, e mar. Sabe Theſeo.

Theſ. OS Soldados eſtão embarcados, e ſó Jaſon ainda não veio! Sem duvida me dá cuidado a ſua tardança.

Sabe Jaſon, trazendo a Creuſa pela mão, e Sacatrapo com huma mala ás coſtas.

Jaſon. Amada Creuſa, já que a noite, e o ſilencio nos favorecem, embarquemo-nos depreſſa, antes que as guardas nos ſintão.

Creuſ. Com o ſuſto, e ſobreſalto, te não ſei reſponder, querido Jaſon.

Theſ. Vem, Jaſon, que já me tinhas com cuidado.

Jaſon. Theſeo, não póde ſer menos.

Sacatr. Ora, Senhores, todos ſacárão o ſeu precioſo, ſó a minha miſeria ſacou neſta mala Sacatrapos.

Jaſon. Anda Creuſa. *Vai-ſe.*

Creuſ. Vamos, Jaſon: fica-te embora, Colchos. *Vai ſe.*

Sacatr. A Deos Ilha de Colchos, ou Cocles, ou Ilha dos Tortos, que me parece, que me viſte em jejum; pois tantas deſgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás, Medéa. Os diabos te levem, Arpia, a ti, e ao teu capello, que ainda levo atraveſſado na garganta o burro caga dinheiro; e finalmente a Deos, meus queridos anneis, que herpes dem nos dedos de quem os trouxer.

Corre-ſe a corrediça de montes , e apparece o mar , e nelle huma náo com algumas figuras dentro , e Sahe Medéa.

Med. Nem Jaſon , nem Creuſa encontro. Mas que vejo ! A náo de Jaſon largando as vélas ao vento , já quaſi deſapparece ! Ah fementido , ah traidor ingrato Jaſon ! Deſta ſórte pagas as minhas finezas ? Se buſcas amor conſtante , deixa a Creuſa ; e levà-me a mim. E pois os ventos te enſurdecem as minhas vozes , Sereyas canoras , ſahi deſſe mar , e ſuſpendei com affagos a meu ingrato amante , acompanhando os ſuſpiros de huma infeliz.

Appareceráõ as Sereyas ſobre as ondas do mar.

Canta Medéa a ſeguinte.

A R I A.

Jaſon ingrato , attende ,
Pára , pára ,
Suſpende o teu retiro ;
E ſe te leva o vento ,
O vento te trará de meus ſuſpiros.

Med. e Ser. Farei por detello ,
Na rapida fuga
Em remora o canto
Corrente o meu pranto
E iman o clamor.

Jaſon. Em grande perigo eſtamos ; pois Medéa para ſuſpenderme , convoca em ſua defenſa as Sereyas.

Theſ. Serás outro Ulyſſes.

Sacatr. Pois , Senhor , as Sereyas não ſe fizerão ſó para os Ulyſſes , que como ellas eſtão no

mar ,

mar, qualquer pefcador as póde encontrar, e muito melhor fendo por encanto.

Jafon. Pois ufarei da mefma aftucia de Ulyffes, mandando tocar tambores, e clarins, para confundir os canoros eccos das Sereyas; e quando náo, ainda cá levo o annel, que Medéa me deu, para desfazer os encantos.

Sacatr. Se eu cá tivera o meu annel, fizera outro tanto.

Canta Medéa.

Aonde vás, tyranno?
Efpera, efpera;
Attende as minhas fragoas,
Pois fe aguas te leváo.
Meus olhos te traráo com turvas agoas.

Med. e Ser. Farei por detello *Clarins, e*
Na rapida fuga *tambores.*
Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Jafon. Soldados valerofos, náo ceffem os bellicofos inftrumentos.

Sacatr. Metamos hum prégo accezo por cada ouvido, que he bom remedio para náo ouvir.

Canta Medéa.

Náo fujas, inhumano,
Ouve, ouve
Eftas finas jactancias;
E fe outro amor te leva
Te traráo defte amor as ternas ancias.

Med. e Ser. Farei por detello *Com trompas,*
Na rapida fuga, *e tambores.*

Em

Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Tod. Boa viagem.

Cantão só as Sereyas, sem trompas.

E pois a canora suave harmonia,
Não pôde atrahir, nem soubè mudar
De hum peito traidor a vil tyrannia,

Com tromp. Receba-nos Thetis nos braços do mar. *Vaõ se.*

Tod. Boa viagem.

Sacatr. Vencemos as Sereyas tambem como gente.

Tod. Boa viagem.

Med. Pois, ingrato, e cruel tyranno, não te has de jactar de que triunfaste das Sereyas; e já que com carinhos te não posso mover, agora será com rigores: O' Proserpina, ó Deidades furibundas da Lagoa Stygia, movei os elementos todos, para castigar a hum fementido traidor: rayos, sahi dessas nuvens, e abrazai aquella não.

Escurece-se o Theatro com trovões, e sahe hum rayo de cima, que hirá para o navio.

Med. Mas não, não, rayos, não abrazeis a Jason, basta que me abraze a mim o rayo de amor.

Torna o rayo para onde sahio.

Med. Mas para que me canso em fazer finezas por hum ingrato, se isso he augmentar troféos ao seu triunfo! Ondas, ventos, furias,

e

e mares, vingai por huma vez as injúrias de Medéa, e as tyrannias de Jason. *Vai-se.*

Haverá tempestade, trovões, e relampagos.

Tod. Misericordia! Alija tudo ao mar.

Sacatr. Lá vai a mala cos diabos! Pois gabolhe eu, que o Tubarão, que a engolir, não leva camisas para dez annos.

Tod. Misericordia.

SCENA VII.

Arvores recortadas.

Dentr. AO monte, ao valle, á selva, tó, tó.

Sahem ElRei, Telemon, e Arpia.

Rei. Suspenda-se o exercicio da caça, até que descanse o coração deste cuidado: Telemon, que novas me dás de Jason?

Telem. Saberás, Senhor, que Jason furtivamente esta madrugada se embarcou, e Creusa tambem com elle, e leva o Velocino.

Arpia. Tambem Medéa não apparece, Senhor.

Rei. Haverá mais pena para hum coração afflicto!

Dentr. Jason. Deoses, piedade!

Dentr. Med. Deoses, rigores!

Rei. Que vozes tão encontradas são estas, que se escutão ao mesmo tempo iradas, e piedosas! Vai, Telemon, examinar o que he.

Sabem por huma parte Jason, Creúsa, Theseo, e Sacatrapo, e por outra Medéa.

Jason. Deoses, piedade!

Med. Deoses, rigores!

Jason. Mas que vejo! Aonde estou eu?

Rei. Mas que vejo! Este he Jason!

Arpia. Aquelle he Sacatrapo!

Creus. Que he isto, Jason? Estamos outra vez em Colchos?

Thes. E nas mãos de ElRei.

Jason. Estou confuso! Como póde ser isto, quando eu cuidei que estava em Thessalia?

Sacatr. Não disse eu, que este carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jason?

Med. Cuidavas ingrato, que havias triunfar de mim!

Creus. Ha maior desgraça!

Jason. Rei, e Senhor, se hum naufrago peregrino póde mover a compaixão, peço-te, que te doas da adversidade da minha fortuna: ahi tens o teu Velocino, e tambem a....

Rei. Basta, Jason.

Sacatr. Se eu levára o burro caga dinheiro, tambem o restituia agora com lingua de palmo.

Rei. Jason, para que vejas, que os Reis de Colchos sabem perdoar injurias, assim perdoando as que me tens feito, quero que cases com Creusa, minha sobrinha, e te dou em dote o Velocino.

Med. Para isto trouxe outra vez a Jason? *á part.*

Rei. E castigando aggravos, já que Medéa, indigna filha, infiel traidora, conspirou contra mim,

mim, entregando a Jaſon o Velocino, morrerá encerrada em huma torre, pois ella me offendeo mais, do que Jaſon.

Med. Pois não lograrás, o teu intento *á parte.*

Jaſon. Proſtrado a teus pés, te rendo as graças de tanto beneficio: Agora ſim, amada Creuſa, que já te poſſo chamar minha.

Creuſ. Ainda não creio a minha fortuna.

Sacatr. Senhor, já que és tão liberal, peço-te, que me caſes com Arpia, e me dês em dote o burro caga dinheiro.

Arpia. Mamou-a, Senhor Sacatrapo. Babão.

Rei. Celebrem-ſe as vodas de Jaſon, e Creuſa, e vá Medéa para a torre.

Med. Pois antes que, ó pai cruel, executes o teu rigoroſo intento, e eu veja com meus olhos lograr-ſe eſte ingrato Jaſon com Creuſa, deſeſperada vagarei pela região do ar, já que na terra me falta ſoccorro.

Voa Medéa em huma nuvem, e canta o

C O R O.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma, &c., *como a pag.* 243.

F I M.

AMFI-

AMFITRIÃO, OU JUPITER, E ALCMENA, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU NO THEAtro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1736.

ARGUMENTO.

JUpiter, marido da Deosa Juno, por gosar da formosura de Alcmena, mulher de Amfitrião, General dos Thebanos, se transfórma em Amfitrião por conselho de Mercurio, Embaixador dos Deoses, tomando este tambem a fórma de Saramago, criado de Amfitrião, para ajudar, que Jupiter consiga o seu intento, por meio dos seus enganos; o que Jupiter consegue, introduzindo-se em casa de Alcmena com o nome de Amfitrião, acompanhando o Mercurio, que toma o nome de Saramago, estando Amfitrião ausente de Thebas, contra ElRei dos Thelebanos, donde vindo victorioso, por ter morto ao mesmo Rei, Jupiter lhe usurpa o triunfo, com que em Thebas o esperavão, ficando juntamente laureado Jupiter dentro do mesmo Senado com a illusão da figura, e nome de Amfitrião, o qual voltando para a Cidade de Thebas, já na sua propria casa, he prezo por Tiresias, Minis-

nistro de Thebas , juntamente com Alcmena , e condemnados á morte por industria , e vingança da Deosa Juno , que se disfarça com o nome de Flérida em casa de Amfitrião ; mas em fim , como innocentes do imposto delicto , são livres de serem sacrificados , por declaração de Jupiter , que sustenta o engano até o fim , e deixa em Alcmena por sua descendencia o esclarecido , fortissimo , e nunca vencido Hercules. O mais se verá no contexto da Obra.

A Scena se representa em Thebas.

INTERLOCUTORES.

Amfitrião , *Marido de Alcmena.*
Jupiter , *Marido de Juno.*
Mercurio , *Criado de Jupiter.*
Tiresias , *Ministro de Thebas.*
Polidaz , *Capitão Thebano.*
Saramago , *Criado de Amfitrião , Gracioso.*
Alcmena , *Mulher de Amfitrião .*
Juno , *Mulher de Jupiter.*
Iris , *Criada de Juno.*
Cornucopia , *velha , Criada de Alcmena.*

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *SAla Empyrea de Jupiter.*
II. *Camera.*
III. *Praça com portico.*
IV. *Selva com respaldo de Palacio.*
V. *Sala.*
VI. *Selva com respaldo de Palacio, e depois no meio hum arco triunfal, e deste para diante vista de casas, e para traz de Selvas até o fim.*
VII. *Sala Senatoria.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *ANte-Sala.*
II. *Camera.*
III. *Sala.*
IV. *Bosque.*
V. *Jardim com fonte.*
VI. *Carcere.*
VII. *Templo de Jupiter.*
VIII. *Sala Empyrea de Jupiter.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Sala Empyrea de Jupiter, aonde estará este assentado em hum Throno, e Mercurio mais abaixo, e depois se tiraráõ do Throno, e Jupiter trará na mão huma estatua de Cupido, que se dividirá a seu tempo.

CORO.

O Numen supremo
Do Olympo sagrado,
Suspira abrasado
De hum cego furor.
  Que pasmo! Que assombro!
Que voe tão alto
A setta do amor!

Jupit. Cesse a canora harmonia, que fórma o alterno movimento dos celestes globos; que he razão emmudeção as consonancias, quando a maior Deidade se lamenta: não moduleis os supremos attributos de minha divindade; cantai, ou para melhor dizer, chorai em dissonantes melodias o irremediavel de minha magoa, a violencia de meu tormento, e o insoffrivel de minha dor.

Merc.

Merc. Jupiter Soberano, a quem náo admira ver, que a maior deidade, que admiráo as esféras, enlute com ſuſpiros as diafanas luzes do Firmamento! Se em teu poder exiſtem os raios, porque náo caſtigas a cauſa ſacrilega de teus pezares?

Jupit. Ai Mercurio, que eſte raio, que ignominioſamente adorna a minha omnipotente dextra, he o que agora ſe fulmina contra o meu peito! Náo he eſta aquella triſulca chamma, que devorou a ſoberba dos Ancelados, e Thifeos; he ſim a fragoa de todos os raios, a furia de todas as furias, e o eſtrago de todos os eſtragos; e para melhor dizer, he o ſimulacro de Cupido, cuja voadora ſetta, penetrando as eminencias do monte Olimpo, ſacrilegamente atrevida, chegou a penetrar a immunidade de meu peito; e aſſim, como offendído, e laſtimado, já que neſſe Rapaz tyranno, neſte Monſtro, neſſe Cupido, náo poſſo vingar o mal, que padeço, quero ao menos na ſua eſtatua debuxar as linhas da minha vingança.

Merc. Explica-me, Senhor, a cauſa de tanto exceſſo, que ſuppoſto ſejas o mais ſabio de todos os Deoſes, tambem náo duvidas, que ſou Mercurio inventor das ſubtilezas, e eſtratagemas; e aſſim já que o teu entendimento ſe acha preoccupado de hum frenetico delirio, com maior razáo poderei eu acertar na cura de teus males.

Jupit. Pois attende Mercurio.

Can-

Canta Jupiter a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Eu vi a Alcmena, ai Alcmena ingrata!
Aquella, cujo aſſombro peregrino
Foi remora attractiva, que attraindo
A iſenção de toda eſta divindade,
Por ella em vivas chammas
Extremoſo ſuſpiro,
Querendo amante em languidos deliquios
Sacrificar-me todo nos altares
Deſta melhor, mais bella Citherea;
E por mais, que publico em triſte pranto
Tanto amor, tanto incendio, extremo tanto;
Nem por iſſo Cupido compaſſivo
Alivio facilita aó meu tormento,
Antes, porém, mais barbaro, e tyranno,
Por vingar-ſe talvez de meus poderes,
Difficulta o remedio ás minhas ancias;
E pois, cruel amor, falſa Deidade,
O ſuſpiro, que exhalo, não te abranda,
O impulſo feroz de meus rigores
Saberá caſtigar-te, lacerando
Teu ſimulacro,
Que em átomos partido, *Deſpedaça*
Dos ventos ſerás rápido deſpojo. *a eſtatua.*
Sinta pois (ai de mim!) a minha ira,
Quem contra o Deos Tonante aſſim conſpira.

ARIA.

De amor todo abrazado
Me ſinto quaſi louco,
E afflicto pouco a pouco,

Me

Me vai faltando a vida ,
Me vai matando a dor.
Ah querida ingrata Alcmena ;
Quanto susto , e quanta pena ,
Me provoca o teu rigor !

Merc. Ora Senhor , se Alcmena he a causa ; porque suspiras , e só desejas conseguir a delicia de sua formosura , verás como alcanças, o que procuras.

Jupit. De que sórte ?

Merc. Eu te digo , dá-me attenção : Bem sabes , Senhor , que Amfitrião marido de Alcmena se acha occupado na guerra dos Thelebanos contra ElRei Teréla , e parecia-me , que tomando tu a fórma de Amfitrião , fingindo teres já chegado da guerra , podias fielmente , sem experimentares os rigores , e desdens de Alcmena , conseguir della , o que desejas ; porque vendo ella em ti copiada a imagem , e figura de seu esposo Amfitrião , como a tal te facilitaria o mesmo , que agora como a Jupiter te nega.

Jupit. Só tu , Mercurio , com as tuas subtilezas podias dar em tão subtil idéa , pois com ella já posso chamar-me venturoso ; e para principiar a sello , já me vou disfarçar na fórma de Amfitrião , e depôr a magestade de meus raios : oh quem dissera , que para eu alcançar a formosura de Alcmena , deixe os resplandores do Olympo !

Merc. Para que se logre melhor a empreza , eu tambem irei comtigo disfarçado na figura do

cria-

criado de Amfitrião, chamado Saramago, ajudar-te a lograr o teu intento.

Jupit. Não deixo de agradecer-te, Mercurio, que por amor do meu amor tomes a figura de hum lacaio ſqualido, e ſordido.

Merc. Senhor, o officio de Corretor nunca eſteve mal a Mercurio; quanto mais, que para ſervir-te, deſejo transformar-me ainda na mais vil creatura.

Jupit. Pois não dilatemos a empreza; vamos, Mercurio, e ſeja eſta noite o dia de minha ventura.

Merc. Vamos, Jupiter, a levar hum paſſa-tempo na terra.

Jupit. Já não ſe me dá, que repita feſtivo o celeſte Coro; pois que já poſſo cantar o meu triunfo.

Canta o Coro como no principio.

O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado, &c.

SCENA II.

Sahem Alcmena, e Cornucopia.

Cornuc. SEnhora Alcmena, eu não cuidei, que voſſa mercê era tão extremoſa, nem que tomaſſe as penas tanto a peito.

Alcmen. Se tu, Cornucopia, ſouberas ſentir auſencias, ainda acharias diminuto o meu ſentimento, pois apenas lograva nos braços de Amfitrião as delicias do mais venturoſo hymenêo,

quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Thelebanos ; mas ai , Amfitrião querido , que se foste para a guerra , em outra maior me deixaste ; pois no combate das memorias , e nos repetidos golpes das saudades, me vejo quasi sem alentos.

Cornuc. Ai , Senhora , basta de guerrear ; faça por hum pouco tregoas com o sentimento , e quando não aparelhe-se , que em dous dias morrerá tisica , e ética.

Alcmen. Eu não sou como tu , que na ausencia de teu marido Saramago não tens deitado huma lagrima ao menos ; mas o certo he , que as nescias não sabem sentir.

Cornuc. Antes quero ser nescia alegre , que discreta chorona ; e na verdade , que seria grande asneira estar-me eu cá matando , fazendo mil choradeiras , e Saramago nesse tempo talvez que se esteja regalando lá na guerra , comendo com os seus amigos o rico páo de munição ; pois não , minha Senhora , eu não quero morrer , senão quando Deos me matar.

Alcmen. Isso não he teres amor a teu marido.

Cornuc. Pois eu que hei de fazer ? De duas huma , ou hei de sentir mais , que vossa merce , ou não ; sentir mais he impossivel ? sentir menos não he brio meu ; e assim entre o mais , e entre o menos , me deixo ficar assim nem mais , nem menos.

Alcmen. Olha , nescia , quando para sentir esta ausencia , não fosse bastante o mal da saudade,

bas-

baſtava imaginar, em que na guerra eſtão em contínuo perigo, onde he mais certa a morte, do que a vida.

Cornuc. Ai, Senhora, deſſa me rio eu; ſegura eſtou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

Alcmen. E que certeza pódes ter diſſo?

Cornuc. Porque eu ſempre ouvi dizer, que as ballas trazião ſobreſcrito; e eu ſei muito bem, que o meu Saramago nunca ſe carteou com ballas.

Alcmen. Ora vaite daqui, que eſtás mui louca.

Cornuc. Digo-te iſto, ſó para ver ſe alivias a tua ſaudade.

Alcmen. Eſte mal ſe não cura com palavras: deixa-me, Cornucopia, que a minha pena ſó acha alivio no pranto.

Cornuc. Ora a culpa tenho eu, em dizer-lhe, que não chore: chore, chore, até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que eſtou pingando com ſomno. *Vai-ſe.*

Alcmen. Querido Amfitrião, já que a tyranna auſencia me impoſſibilita o ver-te, quero reproduzir-te nas lagrimas, que choro; que como eſtas são filhas do amor, talvez que nellas te encontre.

Canta Alcmena o ſeguinte

MINUETE.

Tyranna auſencia,
Que me roubaſte,
E me levaſte
Da alma o melhor.

Se auſente vivo
Já ſem alento,
Ceſſe o tormento
De teu rigor.

 Ai

Ai de quem ſente	Porém já vejo;
De hum bem auſente	Que em meu delirio
A ingrata dor!	Para o martyrio
Se eras minha alma	Só viva eſtou.
(Ai prenda bella!)	Ai de quem ſente
Como ſem ella	De hum bem auſente
Com alma eſtou!	A ingrata dor!

Sahe Cornucopia.

Cornuc. Alviçaras, Senhora, alviçaras.

Alcmen. Que he iſſo, Cornucopia?

Cornuc. Que ha de ſer, Senhora? Ai, Senhora, alviçaras.

Alcmen. Alviçaras, de que?

Cornuc. Sabe que mais?

Alcmen. O que?

Cornuc. Pois ſaiba que.... Ai, Senhora, alviçaras, que ahi vem meu marido Saramago.

Alcmen. Ha maior loucura? Eſſas alviçaras pede-as a ti meſma.

Cornuc. Não, Senhora, que com elle vem o Senhor Amfitrião.

Alcmen. Que dizes? Iſſo não póde ſer.

Sahe Jupiter com a fórma de Amfitrião, e Mercurio com a de Saramago.

Jupit. Sim póde ſer, querida Alcmena, que os impoſſiveis ſó ſe fizerão para os que verdadeiramente amão. Dá-me os teus braços, que o ver-me deſcanſar nelles foi ſempre o meu deſejo. Ainda não creio o bem, que poſſuo! *á part.*

Alcmen. Amado Amfitrião, querido eſpoſo, permitte-me, que por hum pouco não creia

a fortuna, que alcanço; que a considerar ser certa tanta felicidade, morrêra de alegria.

Merc. Muito bem se finge Jupiter, e melhor se engana Alcmena. *á parte.*

Alcmen. He possivel, que te vejo, Amfitriáo?

Jupit. Mais impossivel me parece a mim, Alcmena; pois sempre me pareceo impossivel, que me visse em teus braços.

Alcmen. Bem sei, que trazias muito arriscada a vida entre os inimigos na guerra.

Jupit. Maior inimigo encontrava eu na guerra do amor, cujas settas, mais do que as lanças dos inimigos, me feriáo o coração.

Alcmen. Náo sei se acredite essa lisonja?

Jupit. Lisonja chamas, ao que he realidade? Pouco conceito fazes do meu amor.

Alcmen. Sempre ouvi dizer, que dos quatro remedios contra o amor, hum delles era a distancia, e como te achavas ausente, bem poderia ser, que se perdesse no caminho, por distante.

Jupit. Pois, Alcmena, por Jupiter Soberano te juro, que nem a distancia que ha do Ceo á terra, seria bastante para fazer-me esquecer de ti; e se te parece incrivel a minha fineza naquella distancia, affirmo-te, que sempre intensivo o meu amor ardeo em táo activos incendios, que do peito, aonde se accendêráo, quizeráo passar, abrazando a mesma esféra do fogo, ou ao Ceo das chammas, que he o mesmo Empyreo.

Merc. Bem o póde crer, Senhora Alcmena, e mul-

muito mais ainda ; pois lhe affirmo, que o Senhor Amfitriáo ainda náo diz ametade do que he.

Alcmen. Só reparo, Amfitriáo, que antes da tua ausencia, nunca te ouvi expressões tão finas; e quando cuidei, que a guerra te fizesse menos terno, acho, que te fez mais amante; e assim me parece, que mais vens da escóla de Cupido, que da palestra de Marte.

Jupit. Não sabes, que o amor nasceo entre o estrepito das armas, sendo o artifice destas o progenitor de Cupido? Pois como póde o amor estranhar as armas, e asperezas de Marte, se com ellas se embalava Cupido no berço, para crescer o amor nos corações? E se te parece, que antes da minha ausencia era menos amante, seria, porque como o bem depois de perdido, he que se estima, por isso, quando ausente te perdi, he que soube perder-me por ti, e achar hum verdadeiro amor, com que te idolatrasse, e quando tudo isto te pareça quimera, suppoem, Alcmena, que não sou aquelle Amfitriáo passado, mas sim outro Amfitriáo mais amante.

Merc. Eu nunca vi a Jupiter tão derretido. *á part.*

Cornuc. Ai, Senhora, náo apure mais ao Senhor Amfitriáo, creia o que lhe diz; que elle náo he homem de duas caras.

Merc. Mal o sabes tu.

Cornuc. E assim permitta-me licença de abraçar a meu amo, que estou chorando pelas barbas abaixo com gosto de o ver: Ai meu Senhor,

ben-

benza-o Deos; bons olhos o vejão; como vem bem disposto, claro, rozado, e resplandecente! Tome, tome duas figas, que lhe não quero dar quebranto.

Jupit. Nunca esperei menos do teu amor.

Cornuc. Saramago, nós logo fallaremos á nossa vontade.

Merc. Por isso estou já rebentando.

Alcmen. Saramago, tu não me fallas? Chegate cá.

Merc. Senhora Alcmena, sempre a boca falla tarde, quando madruga o desejo; pois desejo que vossa mercê tenha cumprido o seu desejo na vista do seu Amfitrião tão desejado.

Alcmen. Sempre te agradeço o cuidado, com que fiel acompanhaste a teu amo.

Merc. Meu amo, Senhora, he tão amante, que todo se transforma em carinhos, para atrahir os corações.

Alcmen. Dize-me, Amfitrião, vens vitorioso de nossos contrarios?

Jupit. Claro está, formosa Alcmena, que me considero já vitorioso do maior inimigo: cheguei a Theleba, accommetteo me ElRei Teréla com hum poderoso exercito; investirão os nossos aos Thelebanos, ainda que poucos, com tão marcial furor, que em menos de duas horas desbaratámos os contrarios; e para que fosse completo o triunfo, perdeo El-Rei a victoria com a vida, ganhando nós o despojo com o laurel: enriquecêrão se os Soldados com o saque; no qual reservei esta

joia,

joia, que no elmo trazia ElRei Teréla, cujo primoroso artificio só he merecedor de empregar-se em teu peito. Aceita-a, pois, que não será a primeira vez, que se coroe Venus com os despojos de Marte. *Dá a joia.*

Alcmen. Tanto pela obra, como pela materia, he digna de estimação.

Cornuc. Ai, Senhora, que galante sucriler! E como brilha! Parece-me hum cagalume.

Alcmen. Não dirás perilampo, que he mais proprio?

Cornuc Tanto faz perilampo, como cagalume; que tudo he o mesmo, mas ainda assim aquelle diamante verde he bem brilhante!

Jupit. Alcmena, vamos a descançar, que venho fatigado da jornada, e tenho de madrugada de voltar para o Arraial, aonde me esperão os Capitães, para darmos entrada publica, como triunfantes; e como o meu amor impaciente não soffre dilações, quiz vir furtivamente esta noite aliviar á minha saudade.

Alcmen. Já me admirava, Amfitrião, que fosse completa a minha alegria: Vamos, Amfitrião. *Vai-se.*

Jupit. Vamos, Alcmena. Cruel amor, já triunfei de teus rigores. Mercurio, vigia não venha alguem. *Vai-se.*

Merc. Vai descançado, que eu rondarei o bairro.

Cornuc. Agora sim, meu bello marido, meu querido Saramago, he tempo de nos racharmos com abraços: vem cá, filagrana animada; vem

vem cá, meu brinquinho de junco, que te quero meter todo no meu coração.

Merc. Não seria melhor, que em lugar desses carinhos me désses tu de cear, que venho estalando com fome, e palavras não fazem sopas?

Cornuc. Tambem nosso amo traria bastante fome, e com tudo esteve dizendo a nossa ama tanta cousa galantinha, que faria derreter huma pedra.

Merc Com que he o mesmo nossos amos, do que nós? Elles casadinhos de hum anno, e nós ha hum seculo? Elles Senhores, e rapazes, e nós velhos, e moços? Elles dous jasmins, e nós dous lagartos? E finalmente elles com amor, e nós, ou pelo menos eu, sem nenhum?

Cornuc. Pois tu me não tens amor?

Merc. De tanto amor, que te tenho, me faz, que te não tenha nenhum; pois todo o extremo degenéra em vicio.

Cornuc. Eu não sei, que seja vicio o querer bem com extremo.

Merc. Olha: o querer pouco he asneira; o querer muito he parvoice; e como no amor não ha meio, ignoro o meio de te ter amor.

Cornuc. Ora o certo he, que peior he fazer festa a vilões ruins: por estas, que se tu souberas a mulher, que tens, que outra cousa fora: talvez, que se eu fôra alguma destas bonecrinhas enfeitadas, que me quizeras mais;

po-

porém a culpa tenho eu , em não aceitar o que me davão nas tuas coſtas.

Merc. Irra ! Quem he o que ſe atrevia a dar nas minhas coſtas?

Cornuc. Não digo iſſo; o que digo he , que tive a culpa de não aceitar , o que me davão por de traz de ti.

Merc. Pois ainda eſtás em tempo de aceitar o que eu dou por de traz.

Cornuc. Não me entendes? Digo , que não faltou , quem na tua auſencia me acenaſſe , não ſó com lenços , mas tambem com moedas.

Merc. Tanto mal fizeſte em não aceitares as moedas ao minimo aceno , que com ellas te fizerão.

Cornuc. Não que iſſo não eſtava bem á tua peſſoa , e muito menos á tua honra.

Merc. Pois o receber moedas he alguma deshonra ?

Cornuc. Ai , appello eu ! Deos me livre ! Voſſe eſtá doudo ?

Merc. Coitadinha , não te faças tão ariſca ; ora dize-me : tu queres perſuadir-me , que achaſte quem te namoraſſe com eſſa cara ?

Cornuc. Só tu poderas dizer iſſo da minha cara , na minha cara ; pois olha , outros a beberião mais aguada.

Merc. Mais aguada ſim ; porém mais untada , não.

Cornuc. Graças a Deos , he couſa , que nunca puz na minha cara : olhe , veja bem , cá não ha diſſo.

Merc.

Merc. Pois melhor ſora, que te untaſſes.

Cornuc. Pois porque?

Merc. Porque ao menos com o ſolimão matarias eſſa cara, que tão matadora he.

Cornuc. Mais matador és tu, que eſtás a froxo no jogo do deſdem.

Merc. Valha-te o diabo, que nunca perdeſte a manha de preſumida! Não vês ao eſpelho eſſa cara de deſmamar meninos?

Cornuc. Quando tu me namoraſte para caſar, não viſte que eu era fea?

Merc. Cegou-me o diabo, porém não o amor.

Cornuc. Ora vai-te, que já não poſſo aturar os teus deſaforos; e agradece ſer iſto fóra de horas, quando não, eu te arrancára eſſa lingua; porém nós nos encontraremos. *Vai-ſe.*

Merc. Muito me deve Jupiter, pois por ſua cauſa aturo os deſpropoſitos deſta velha. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Praça com portico. Sabe Saramago, e canta a ſeguinte

ARIA.

VEnho da guerra, e vou para caſa,
Venho da guerra, e vou para a guerra.
Se ha guerra na guerra,
Ha guerra na caſa,
A caſa da guerra
He a guerra da caſa;
Venho da guerra, e vou para a guerra,
Venho da guerra, e vou para caſa.

Re-

Repres. E quando nada eſtamos defronte da noſſa caſa, que mal cuidei, que a tornaſſe a ver! Ah Senhores, grande couſa he o buraco da noſſa caſa, mais que ſeja esburacada, que mais val a caſa com buracos, do que o corpo com os das ballas; e pois ellas já paſſárão, ſem eu ficar paſſado, vamos ao caſo: Pareçe-me, que já eſtou vendo chegar eu á porta, e petiſcar no ferrolho, chegar á janella a minha Cornucopia, e apenas me vê, lançar-ſe logo da janella abaixo, e levalla o diabo de meio a meio; e alli ſe abraça comigo, e eu com ella, e aſſim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena, e logo perguntar-me: que novas me dás do meu Amfitrião? E eu apreſſado lhe reſpondo: elle fica com ſaude com huma perna quebrada; e para livrar-te de ſuſtos, aqui me envia, que por eſta via te diga, que elle rebenta aqui até pela manhã, e que no entanto te vás divertindo com eſta joia, que foi delRei Teréla, a qual te manda por mim, que ſou muito fiel; e não ha duvida, que Alcmena, vendo a joia, e ouvindo a noticia, me mete á força na algibeira vinte dobrões; e ſe iſto ha de ſer aſſim, não te dilates, Saramago, ſe agora és Saramago verde na eſperança do premio, logo ſerás Saramago maduro na poſſe do fruto: Ora vamos andando para caſa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rir-ſe com as coſſegas do Sol.

Ao

Ao ir ſe, ſahe da porta hum cão, que ladrará todas as vezes, que ſe vir eſte ſinal * Ladra.

* Máo, máo, que he iſto? Ronda? Que eſcapaſſe eu da barafunda da batalha, e que ſó de malſins não poſſa livrar-me! * Pergunta quem ſou? Sou Saramago, que vou para caſa de minha ama, a Senhora Alcmena: * Que armas trago? Eu não tenho armas, que ſou mecanico: * Donde venho? E a elle que lhe importa? *** Tenha máo, a que delRei! Eſperem vofsês, que eu cuidei que era gente, e he hum cáo! Ora vejão o que faz o medo! He cáo, não ha duvida! Ai que he a cadella de minha mulher, que dormio fóra eſta noite rondando algum oſſo! Olhem a feſta, que me faz! Pois eu tambem hei de correſponder-lhe, que agora huma cadella não ha de ſer mais cortez do que eu.

Canta Saramago, ladrando ſempre o cão, a ſeguinte

A R I A.

Coitadinha da cadella,
Que faz ella?
Como pulla! Como ſalta!
Não te esfalfes, anda cá,
Paſſa aqui, cadella tó.
Mas ai, ai, que me mordeu!
Paſſa fóra,
Toma perro, grunhe agora, *Grunhe o cão.*
Porque ſaibas quem eu ſou.

Ao

Ao ir entrar Saramago , ſahe Mercurio na fórma de Saramago.

Merc. Eſte he o criado de Amfitrião ; quero eſtorvar-lhe , que não entre : quem vem lá ?

Saram. Quem lá vai ? Mas que lhe importa a elle , que eu entre pela minha porta ?

Merc. Porque eſta porta he minha , e por ella não ha de entrar ninguem , ſe não diſſer quem he ; e aſſim , ou diga quem he , ou va-ſe embora ; e quando não hirá aos impurrões.

Saram. Eſtá galante impurração , perguntar-me o Senhor o que quero eu na minha caſa !

Merc. Qual caſa ?

Saram. Eſta de alto abaixo , que he minha , pela merce , que me faz meu amo , o Senhor Amfitrião.

Merc. Qual Amfitrião ? Eſte que agora veio da guerra ?

Saram. Pois eu não ſei , que haja outro no Mundo.

Merc. Pois elle he teu amo ?

Saram. Eſſe meſmo em carne viva.

Merc. Homem , entendo que eſtás ſonhando.

Saram. Não ha duvida que eu ſempre ſonho em fazer a vontade a meu amo o Senhor Amfitrião.

Merc. Homem inſenſato , ſabes o que dizes ? Não vês , que eſſe Amfitrião he meu amo ?

Saram. Ora ſou criado de voſſa merce : como póde ſer teu amo , ſe elle não tem outro criado , ſenão eu ; e ſenão dize-me : como te chamas tu ?

Merc.

Merc. Chamo-me Saramago.

Saram. Saramago? Peior he essa! E eu então que sou, visto isso?

Merc. Quem tu quizeres ser.

Saram. Pois eu quero ser Saramago, ainda que não queira.

Merc. Pois, magano, levarás dous murros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.

Saram. Tenha mão, Senhor, veja que o *do*, *das*, se não dá pelos *nominativos.*

Merc. Pois dize-me na verdade quem és, senão vou desandando outro murro.

Saram. Que quer vossa merce, que eu diga? Se digo, que sou Saramago, diz que minto; se digo, que o não sou, tambem minto, e assim não quero, que me diga: *inter ambobus errasti.*

Merc. Visto isso, ainda tens para ti, que és Saramago?

Saram. Eu bem o não quizera ser, só por dar gosto a vossa merce.

Merc. Ora dize, não tenhas medo.

Saram. Direi, se fizer tregoas na guerra do murro secco.

Merc. Eu te prometto, dize, quem és?

Saram. Conhece vossa merce Amfitrião?

Merc. Pois não hei de conhecer a meu amo?

Saram. Conheceo vossa merce em casa de Amfitrião hum criado esgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuso, pernas de disciplina, com hum pé de cantiga, e outro pé de vento?

Merc.

Merc. Não estou lembrado.

Saram. Era hum criado, muito mal criado, chamado Saramago.

Merc. O' patife, insolente, assim me trata com tão vís vocabulos?

Saram. Não, Senhor, que esse era eu.

Merc. Aqui não ha eu, senão eu, já tenho alcançado quem és: ó lá, prendão este ladrão, que vem disfarçado roubar a casa de Amfitrião.

Saram. De vagar, que cuidarão que he verdade: o ladrão he vossa merce, que me furtou o meu nome.

Merc. Ainda replicas? Levarás nos narizes.

Saram. Ora, Senhor, tenho entendido, que não sou nada nesta vida.

Merc. E eu que tenho com isso?

Saram. Pois, Senhor, já que me não bastou ser hum Saramago nascido das ervas, para deixar de ser envejado o meu nome, peço-te, que ao menos me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.

Merc. Não quero, que a mim nada me assombra.

Saram. Pois, Senhor, tão mal assombrado sou eu, que nem tua sombra mereço ser?

Merc. Quem he tão ladrão, que furta o meu nome, tambem furtará a minha sombra.

Saram. Isso he bom para o diabo das covas de Salamanca.

Merc. Não gracejemos; diga, em que ficamos!

Sa-

Saram. Em que ficamos? Eu fico com os murros, e vossa merce com o meu nome.

Merc. Pois vá-se embora, antes que faça chover sobre elle hum diluvio de pancadas.

Saram. Pois a Deos, Senhor Saramago.

Merc. A Deos, Senhor cousa nenhuma.

SCENA IV.

Bosque com respaldo de Palacio. Sahem Amfitrião, e Polidaz.

Amf. NA verdade, Polidaz, que não ha peior mal, que o da ausencia, pois ao mesmo tempo, que accrescenta a saudade, tambem accrescenta o tempo; porque havendo só tres mezes, que me ausentei de Thebas; de cujas muralhas estamos á vista, parece-me, que ha tres seculos, que della me ausentei.

Polid. Amfitrião, não he porque o relogio do tempo se atraze; talvez será porque o mostrador de Cupido se adiante; e não he muito, que vivendo ausente da Senhora Alcmena, tua esposa, os minutos te pareção eternidades; e agora que vitorioso da ausencia, e dos inimigos, te vanglorîas, entrarás em Thebas duas vezes triunfante.

Amf. Ai, Alcmena, quem já se víra em teus braços!

Sahe Tiresias.

Tires. Invicto Amfitrião, sempre triunfante ven-

cedor dos inimigos da Patria, em nome desta República de Thebas venho esperar-vos ao caminho para adiantar os parabens, a quem tão heroicamente tem adiantado o progresso da guerra; e assim para premio das vossas acções, e desempenho do nosso agradecimento, vos temos preparado hum notavel triunfo, donde coroado do vencedor louro, se accumulem os vivas ao vosso nome.

Amf. Generoso Tiresias, agradecendo a Thebas a honra, que me faz, e a vós a cortez benevolencia; a ella hirei prostrar-me, como obediente filho da Patria; e a vós já vos offereço os braços, como symbolo do amor, e da benevolencia.

Tiref. Polidaz amigo, quanto me alegro de ver-te!

Polid. Tudo merece a nossa amisade.

Tiref. Permitte-me, Amfitrião, que vá noticiar á Senhora Alcmena a tua vinda.

Amf. Não he necessario tanto excesso; pois já a esse fim mandei o meu criado Saramago.

Tiref. Pois esperai aqui pelo triunfo, em quanto com os mais Senadores vos vamos esperar ao Senado. *Vai-se.*

Amf. Não posso desprezar tantas mercês.

Sahe Saramago.

Saram. Estou bem aviado! Não sou cousa nenhuma nesta vida! Tenho de tornar a nascer para ser alguma cousa.

Amf. Já mais has de perder o costume de tardar, e murmurar! Aonde estiveste até agora?

Sa-

Saram. Quem? Eu?

Amf. Pois com quem fallo eu, senão comtigo?

Saram. Pois supponha, que não falla comigo, porque eu não sou eu.

Amf. Começa tu agora com disparates ao mesmo tempo que quero me dês noticia de Alcmena.

Saram. Como poderei eu dar noticia da Senhora Alcmena, se eu não sei noticias de mim proprio?

Polid. O moço he galante pessa.

Amf. Saramago, que diabo tens, que estás fóra de ti?

Saram. Sim, Senhor, estou fóra de mim, porque outrem está dentro em mim.

Amf. Explica-te, Saramago.

Saram. Já não sou Saramago; não me quer entender?

Amf. Pois que és?

Saram. Sou cousa nenhuma: Vê? Vê-me vossa merce aqui? Pois supponha que me não vê.

Amf. Explica-te por huma vez, senão te matarei.

Polid. Homem, falla, não desesperes a teu amo.

Saram. Por obedecer, ainda que sou nada, fallarei hum nónada. Eis-que partido eu para a nossa casa, com o recado de vossa merce para a Senhora Alcmena, a primeira cousa, que encontrei, foi a nossa cadella, que com o rabo começou a explicar a sua alegria;

donde inferi , que ha creaturas , que tem a lingua no rabo.

Amf. Vamos adiante.

Saram. Atrás ha de ſer , que ficamos no rabo ; e o como eſte ſeja ruim de esfollar , agora o verá : foi-me a cadella guiando , porque eu hia cégo com o eſcuro da noite ; achei a noſſa porta aberta , e ao querer entrar por ella, mo impedio hum vulto mui avultado.

Amf. E viſte quem era ?

Saram. Sim , Senhor.

Amf. Conheceſte-o ?

Saram. Sim , Senhor , conheci muito bem.

Amf. Pois quem era ?

Saram. Era eu meſmo.

Amf. Pois tu eſtavas fóra , e dentro ao meſmo tempo ?

Saram. Ahi he que eſtá o enigma.

Polid. Enigma parece na verdade !

Amf. Pois que te ſuccedeo com eſſe vulto ?

Saram. Que me não quiz deixar entrar ; houve luta de parte a parte , e por fim de contas alombou-me os oſſos muito bem com hum rebém.

Amf. Quem ſeria o atrevido , que te fez tal couſa ?

Saram. A tal couſa fiz eu , que de medo me eſtava eſcorrendo.

Amf. Dize a verdade , ſe conheceſte quem foi ?

Saram. Oxalá que o não conhecêra.

Amf. Pois quem foi , o que te deo ?

Saram. Fui eu meſmo.

Amf.

Amf. Ha tal loucura! Pois tu déste em ti mesmo?

Saram. Sim, Senhor; e não de qualquer sórte, senão a cahir, a derrubar.

Amf. Pois não entraste a fallar a Alcmena?

Saram. Como havia entrar, se mo impedirão?

Amf. Quem te podia impedir, velhaco, embusteiro?

Saram. He necessario que lho diga muitas vezes? Não lhe disse já, que fora eu, aquelle eu; aquelle eu, que já lá estava primeiro do que eu; aquelle eu, que me disse, que eu não era eu; aquelle eu em fim, que deu muito murro neste eu: *Heu mihi*!

Amf. Polidaz, este criado está louco.

Polid. Eu assim o entendo.

Saram. Porém, Senhor, só huma differença achei neste eu, e eu; e he, que o eu, que lá estava, era mais valente do que eu, que aqui estou.

Amf. Resta-me que tambem perdesses a joia, que mandei désses a Alcmena.

Saram. Não, Senhor, ainda cá vem a joia; e se ella se tornasse em duas, como eu, que mão fora?

Amf. Isto he alguma cousa! Não sei o que diga, e nem o que me adevinha o coração! Vamos, Saramago, a casa, que quero averiguar, que he isto, que dizes, Polidaz, esperai aqui, que já venho.

Polid. Não tardeis, que póde vir o triunfo, que foi preparar Tiresias.

Saram. Oh queira Jupiter , que tu tambem lá aches outro Amfitrião , assim como eu outro Saramago , para que te não rias de mim ! *Vai-se.*

Polid. Debaixo daquelle tronco hirei esperar a Amfitrião. *Vai-se.*

Desce Juno em huma nuvem , e nella virá pintado não só o arco Iris , mas em figura a Ninfa Iris. Canta-se o seguinte

CORO.

O Iris da paz
He o Iris da guerra ;
Pois hoje se encerra
No arco do Ceo

O arco do amor.
Mas contra o teu arco,
Amor , se prepara
Meu impio furor.

Repres. Juno. De que me val ser eu a Deosa Juno , e esposa de Jupiter , se este mesmo esposo , se este mesmo Jupiter com seus desordenados intentos procura eclypsar as luzes de minha soberania , tomando a fórma de Amfitrião , para lograr os favores de Alcmena ? E assim para vingar-me de ambos , disfarçada nesta humana fórma , estorvarei a minha injuria , e o meu ciume. Oh que sacrilego he o tormento dos zelos ; pois nem as mesmas deidades se isentão de seu furor !

Iris. Soberana Juno , parece improprio da tua divindade esse sentimento ; e pois , ainda que disfarçada , sempre sou a Ninfa Iris , symbolo da Concordia , agora , mais que nunca , verás os effeitos de minha virtude , serenando com os meus influxos o diluvio de tuas penas.

Juno. Por seres a Ninfa Iris , por isso quiz , que

que me acompanhasses, que para a guerra do amor era necessario trazer comigo a paz; e assim como fiel subdita saberás ajudar-me neste empenho do meu ciume; e pois o amor he tão cego, como odio, tu que vives isenta destas paixões, poderás, sendo Argos da minha affronta, observar as falsidades de hum esposo, que me offende.

Iris. Já com a esperança pódes respirar menos sentida; não te desanimes, que supposto tenhamos contra nós todo o poder de Jupiter, amor nos dará industria para vencello; que o amor sempre triunfou de todos os Deoses.

Juno. Verá Jupiter os damnos, que preparo, desvanecido o seu poder, e victoriosa a máquina de minha vingança.

Canta Juno a seguinte.

A R I A.

A hum esposo fementido
Se castiga o seu intento,
E verá no meu tormento
Seu tormento; pois prometto
Em seu damno me vingar.
  Saiba pois o como offende
Minha propria divindade,
Que dos zelos a impiedade
Até os Ceos ha de chegar. *Vai-se.*

SCE-

SCENA V.

Sala. Sahem Jupiter, Alcmena, Mercurio, e Cornucopia: Jupiter na fórma de Amfitrião, e Mercurio na de Saramago.

Alcmen. AMfitrião, se tão depressa havias tornar, para que vieste? Melhor me fora não experimentar a breve alegria de te ver, se logo havia sentir o mal de perder-te.

Jupit. Já te disse, querida Alcmena, que me he preciso achar-me esta manhã no Arrayal, para publicamente entrar triunfante nesta Cidade; com que não he justo, que por hum breve retiro mostres hum tal sentimento. Ai, Alcmena, se tu me disseras essas finezas, não como a Amfitrião, senão como a Jupiter! *á parte.*

Alcmen. Vivo tão resentida do mal da ausencia, que qualquer retiro, que faças, me sobresalta o coração.

Merc. Senhor, veja que já he tarde, e que nos pódem achar menos lá no campo.

Cornuc. Calte atiçador da candêa da esquivança; tão tarde he isto?

Merc. Não vês, que já os gallos cantárão?

Cornuc. Tambem se tu foras mais amante, outro gallo me cantára.

Jupit. Deixa-me ir, Alcmena; que são horas.

Alcmen. Se esperas, que eu te deixe ir, nunca irás. Vai-te, mas não te despeças; pois ca-

cada inſtante, que te não acho, cuido, que te perco.

Jupit. Não ſei com que poderei pagar-te tanta fineza, e amor!

Alcmen. Eſte amor naſce da minha obrigação.

Jupit. Pois quizera, que eſta fineza naſcêra mais do teu amor, que da tua obrigação.

Alcmen. A obrigação de amar ao eſpoſo ſupéra a toda a obrigação.

Jupit. Pois mais te devêra, que me quizeras mais como a amante, que como a eſpoſo.

Alcmen. Não ſei fazer eſſa differença, pois não poſſo amar-te como a eſpoſo, ſem que te ame como a amante.

Cornuc. Ai, Senhora, que diz muito bem o Senhor Amfitrião, pois entre eſpoſo, e amante ha muita differença.

Alcmen. Tomára ſabella, que ainda a não encontrei.

Cornuc. Pergunte-o, Senhora, a meu marido Saramago, que tanto ſe deſpedio de amante para comigo, que apenas o encontro hum marido eſpurio: marido ſem ſer amante he o meſmo que corpo ſem alma; que importa, que o matrimonio ligue o corpo, ſe o amor não une as almas? Aquelles carinhos, aquelles affagos, aquelles melindres, aquelle vir o Senhor Amfitrião fóra de horas, ſó para apagar a chamma da ſaudade no mar de ſeu pranto, que he ſenão amor? Pelo contrario, eſtes deſpegos, eſtas ſequidões, eſtes focinhos,

que

que me faz este meu bom marido, que he senão ser marido sem amor?

Jupit. Cornucopia fallou como sábia.

Cornuc. São os olhos de vossa mercê.

Merc. A velha todavia não he tolla: vamo-nos, Senhor, que já totalmente amanheceo.

Alcmen. Ai, Amfitrião, que agora mais que nunca se póde dar á madrugada o epiteto de saudosa. *Chora.*

Jupit. Não chores, meu bem; não queiras, que hoje amanheça o dia com duas auroras.

Cantão Jupiter, e Alcmena a seguinte

ARIA A DUO.

Jupit. Alcmena, enxuga o pranto,
Reprime o teu suspiro.
Alcmen. Oh quanto, amor, oh quanto
Me afflige o teu retiro!
Jupit. Não chores, não suspires.
Alcmen. Não, meu bem, não te retires.
Amb. Senão verás que acabo
A impulsos do penar.
Jupit. Cesse o liquido lamento,
Cesse tanto suspirar.
Alcmen. Vendo a causa do tormento
Mal me posso consolar.
Amb. Oh que afflicto suspirar! *Vai-se Jupit.*

Merc. Cornucopia, *vale*, *vel valete.*

Cornuc. Que me dizes com isso?

Merc. Que assim se vai, quem se despede em Latim. *Vai-se.*

Cornuc. Vai-te c'os diabos, nunca tu cá tornes.

Sa-

Sahem Juno, e Iris.

Juno. Aquella ſem duvida he Alcmena; entre pois a minha induſtria a vingar os meus zelos.

Iris. E he boa occaſião para o teu intento.

Cornuc. Senhora, que mulheres são aquellas, que entrárão, ſem pedir licença? *Entra Juno.*

Juno. Não eſtranhes, Senhora, que ſem licença, eu, e eſta criada minha, entremos aqui, quando a juſtiça da minha cauſa rompe a immunidade do maior ſagrado. *Chora, e ajoelha.*

Alcmen. Levantai-vos, Senhora; mereça eu ſaber a cauſa do voſſo ſentimento, para ver ſe encontrais em mim o remedio de voſſas penas.

Juno. Para que melhor conheças o que padeço, quero informar-te de quem ſou: Junto ás eminencias do monte Olympo; em hum lugar apraſivel, aonde em perpétuos verdores habita a Primavera, naſcî; que provéra a Jupiter não naſcêra, para que não foſſe objecto da inconſtancia da fortuna. *Chora.*

Cornuc. Até aqui, Senhora, parece que tem razão; mas eu não ſei o que ella diz.

Iris. Até aqui vai bem. *á parte.*

Juno. Meus pais, que erão os mais illuſtres daquelle povo, vendo que eu era o unico ramo, que florecia na ſua deſcendencia, tratárão de dar-me eſtado decente á minha peſſoa; para o que hum dia me fallárão deſta ſorte: Feliſarda, (que eſte he o nome deſta infeliz....)

Cor-

Cornuc. Felisarda se chama? Ai, Senhora, que galante nome, para se pôr a huma cachorrinha!

Alcmen. Prosegui, Felisarda, que com attenção vos escuto.

Juno. Disserão-me, pois, que escolhesse eu esposo igual ás minhas prendas; porque sendo a escolha minha, a nenhum tempo me poderia queixar. Havia no mesmo monte Olympo hum mancebo galhardo, poderoso, e muito juvenil.

Diz Amfitrião dentro o seguinte, e bate.

Amf. Abrão lá.

Alcmen. Parece que batêrão; vai ver, Cornucopia, quem he.

Vai Cornucopia dentro, e torna a sahir com Amfitrião, e Saramago.

Cornuc. Ai, que he o Senhor Amfitrião, que já veio!

Amf. Alcmena, minha bella esposa, dá-me os teus braços, em quanto mudamente o coração com suspiros explica o alvoroço de sua alegria.

Alcmen. Que he isso, Amfitrião? Tão depressa vieste?

Amf. Estranho muito o modo, com que me recebes; parece-te, que vim depressa, depois de tão larga ausencia? Oh que evidente indicio do pouco que me amas!

Alcmen. Não te entendo: tu pódes formar queixas contra o meu amor? Não viste esta madrugada em derretidos chrystaes naufragarem os

meus

meus olhos? Tu mesmo, admirado do meu extremo, não julgaste por excessiva a minha fineza? Pois como agora me criminas de pouco amante?

Amf. Que he o que dizes, Alcmena?

Saram. Máo! Já isto me vai cheirando a raposinhos.

Alcmen. Digo, Amfitrião, que quando esta noite tive a fortuna de ver-te, que foi incomparavel o alvoroço de meu coração, como tu bem viste.

Amf. Como póde isso ser, se eu ainda agora chego da campanha, e logo torno para ella, para triunfar?

Alcmen. Isso mesmo me disseste; e por isso ao romper da manhá te ausentaste, dizendo, que por mitigar a tua saudade, vieste escondido a ver-me.

Amf. Parece, que Alcmena perdeo o juizo.

Saram. Ainda bem, quanto folgo!

Cornuc. Isto me parece cousa de encanto!

Juno. Sem duvida este he Jupiter, que vem disfarçado em Amfitrião: pois não logrará o seu intento. *á parte.*

Iris. Se tão bem se sabe disfarçar, difficultosa he a nossa empreza. *á parte.*

Amf. Alcmena, entendo, que estás galanteando.

Alcmen. Estas não são materias para galantear.

Amf. Ora pois, fallemos serio, Alcmena.

Alcmen. Amfitrião basta de brinco.

Amf. Com que queres capacitar-me, que estive comtigo esta madrugada?

Alcmen. Com que queres negar-me, que estiveste comigo esta noite, antes de amanhecer?

Amf. Que dizes a isto, Saramago?

Saram. Não te disse eu que havia cá outro Saramago? Pois por força havia de haver outro Amfitrião.

Alcmen. Que dizes a isto, Cornucopia?

Cornuc. Senhora, isso não he cousa que se diga.

Amf. Alcmena, vê bem o que dizes.

Alcmen. Digo, que todos de casa pódem ser testemunhas da minha verdade. Dize, Cornucopia, tu não viste á Amfitrião cá esta noite?

Cornuc. Ai, Senhora, vossa merce crê, que o Senhor Amfitrião falla de véras? Não vê, que está galanteando? Sempre vossa merce foi amigo dessas gracinhas? Ora não seja maligno.

Amf. O' Cornucopia, eu não zombo.

Alcmen. Se não crês a Cornucopia, pergunta-o a Saramago, que comtigo tambem veio.

Saram. Eu, Senhora? Appello eu! Arre, que testemunho!

Cornuc. Tu não estiveste aqui? Não ceaste comigo esta noite?

Saram. Eu sou tão pouco cioso, que nunca ciei em minha vida.

Juno. Não sei o que diga a isto! Quasi estou para crer, que o Amfitrião, que primeiro veio, seria Jupiter: Oh que notavel enleio! *á parte.*

Amf.

Amf. Quero apurar os meus zelos. *á parte.* Ora já que affirmas, que eu cá eſtive, dize-me, o que fiz?

Alcmen. Tão depreſſa te eſqueceſte?

Amf. Tudo podia ſer, elevado no goſto de ver-te.

Alcmen. Pois eu o digo, ainda que o ſaibas: chegaſte hontem ás dez horas da noite, e depois que em reciprocos carinhos nos abraçamos....

Amf. Eſpera: pois tu me abraçaſte! Oh que tormento! *á parte.*

Alcmen. Pois não te havia de abraçar, depois de tão larga auſencia?

Amf. Eu te perdoára neſſa occaſião os braços; e que fiz depois?

Alcmen. Contaſte-me, o como venceſte a El-Rei Teréla, ficando desbaratado, e morto; e por ſinal me trouxeſte eſta joia, que era do elmo do meſmo Rei.

Amf. Que dizes? A joia tu a tens?

Alcmen. Vê-la aqui no meu peito, que a eſtimo, como couſa tua.

Amf. Não ha duvida, que he a propria, que eu mandei por Saramago: O' Saramago, onde eſtá a joia, que eu te mandei déſſes a Alcmena?

Saram. Cá a tenho na algibeira metida na caixinha, da meſma ſórte que voſſa merce ma entregou.

Amf. Moſtra-a cá, que eſta, que tem Alcmena, toda ſe parece com ella.

Saram. Valha-te o diabo joia ! Aonde eſtás ; que não appareces ? Hui , agora eſta he galante ! *Faz que a buſca.*

Amf. Que he iſſo ? Não a achas ?

Saram. Eſpere , Senhor ; aſſim ſe acha huma joia ?

Amf. Aonde a meteſte , que tanto te cuſta dar com ella ?

Saram. Atei-a na fralda da camiza , e agora.....

Amf. E agora que ?

Saram. *Bolaverunt.*

Amf. Que dizes ?

Saram. Que não acho a joia ; tenho dito.

Alcmen. Como ha de achalla , ſe tu ma déſte , Amfitrião ?

Saram. Eſſa he a verdade : De ſórte , que voſſa merce deo a joia á Senhora Alcmena , e então quer que eu lhe dê conta della ? He mui boa conſciencia eſſa !

Amf. O' velhaco , tu tambem me queres deſeſperar ? Tu não vieſte com a joia , para a dares a Alcmena ?

Saram. Sim , Senhor ; mas parece-me que ao depois voſſa merce ma pedio , para a dar á Senhora Alcmena , minha Senhora.

Amf. Cala-te , embuſteiro , que tudo iſſo são traças tuas ; tu mo pagarás.

Juno. Pelo que agora vejo , entendo que eſte he o verdedeiro Amfitrião. *á parte.*

Iris. Senhora , em boa eſtamos metidas ! *á parte.*

Amf. Dize , Alcmena , que mais paſſei comtigo depois da joia ? Dize.

Alc-

Alcmen. Depois fomos cear, e dahi a defcanfar.

Amf. E com effeito fomos a defcanfar? Iffo he delirio, Alcmena?

Alcmen. Tu perdefte a memoria, Amfitrião? Tão depreffa te efquecefte, do que ha tão pouco tempo paffámos?

Amf. Ai de mim, infeliz! Que he o que ouço!

Alcmen. Que te fufpende?

Amf. Sufpende-me faber, o que não queria faber. *á parte.*

Alcmen. De que te entrifteces? Fiz algum delicto em te venerar como a efpofo?

Amf. Cala-te, traidora, inimiga, que não fui eu aquelle, que no venturofo thalamo defcanfou comtigo.

Juno. Sem duvida foi Jupiter: Ai de mim, que já vim tarde! *á parte.*

Cornuc. Eis-aqui como fuccedem as defgraças!

Saram. Eis-aqui como fe mata huma mulher a fangue frio!

Alcmen. Meu amor, meu efpofo, meu Amfitrião, não poffo capacitar-me, fenão que eftás galanteando.

Amf. Minha inimiga, minha tyranna, minha desleal, não poffo crer, fenão que iffo, que dizes, foi algum fonho, que tivefte.

Alcmen. Efta joia tambem a poffuhi por fonhos?

Amf. Effe he o maior indicio da minha afronta.

Alcmen. Effa he a maior defeza da minha innocencia.

Juno. Essa he a maior evidencia do meu ciume. *á parte.*

Iris. Essa he a maior certeza da nossa confusão. *á parte.*

Cornuc. Essa he a maior testemunha de que esteve cá.

Saram. E esse he o maior testemunho , que se levantou.

Alcmen. Vem , Amfitrião , a meus braços ; não creias os delirios da fantasia.

Cantão Amfitrião , Alcmena , e Juno a seguinte

ARIA A 3.

Amf. Desengana-me , tyranna ,
Quando não a minha pena ,
Falsa Alcmena ,
Te condemna
A morrer , e suspirar.

Alcmen. Desengana-te , tyranno ,
Louco esposo , fiel amante ,
Que eu constante
Triunfante
Teu engano hei de mostrar.

Juno. Quem cuidára , que acharia
Na vingança , que hoje trato ,
O retrato
De hum ingrato ,
Que me faz assim penar !

Amf. Teme , ingrata , a ira ardente.
Alcmen. Nada teme huma innocente.
Juno. Tudo teme huma infeliz.
Amf. e Jun. Que eu com zelos ,
Alcmen. Que eu sem culpa ,

Tod.

Tod. O meu brio hei de oſtentar.

Amf. Mas ſe he certa a minha offenſa
Sem detença
Terei modo de a vingar.

Alcmen. De ameaço táo injuſto
Náo me aſſuſto,
Pois o Ceo me ha de livrar.

Juno. Eu que tenho o deſengano
No meu damno,
Muito tenho que penar.

Amf. e Jun. Que dos zelos a violencia,
Alcmen. Que a innocencia
Tod. Ha de ſempre triunfar. *Vão-ſe.*

Cornuc. Saramago, que loucura he eſta do Senhor Amfitriáo?

Saram. Quando vires as barbas de teu viſinho a arder, bota as tuas de remolho.

Cornuc. E a que propoſito dizes iſſo?

Saram. Antes que te reſponda, quero primeiro fazer-te a devida contumelia, depois de táo grande auſencia: moſtra cá, Cornucopia, eſſes retrocidos amplexos com eſſes fétidos oſculos.

Cornuc. Ainda tens atrevimento, patife, inſolente, de me fallares? Já te queres chegar para mim?

Saram. Quando deixei eu de querer-te, e adorar-te, querida Cornucopia?

Cornuc. Náo te lembra, que me diſſeſte, que eu era feia, e horrenda?

Saram. Eu podia dizer tal, quando eſſa tua cara, ſendo o alcatruz do affecto, he o repu-

xo das almas , que esgorando a fineza do peito , banha o coração de finezas , para regar a chicoria da correspondencia ?

Cornuc. Vossê não se lembra hontem á noite os desprezos , que me fez ?

Saram. Ai , ai , ai , *chibarritum me fecit* ! com que eu tambem estive cá hontem á noite ?

Cornuc. O' lé , tu parece , que vens conluiado com teu amo , para nos fazeres desesperar ?

Saram. Pois achas em tua consciencia , que eu estive cá hontem á noite comtigo ?

Cornuc. Tu cuidas , que eu sou tão nescia como a Senhora Alcmena , que se lhe metterão em cabeça os delirios do Senhor Amfitrião ?

Saram. Certo he , que ati nada se te mete em cabeça ; á mim mais depressa , que sou o desgraçado marido.

Cornuc. Ora anda , vai cozer a vinhaça.

Saram. Ora dize-me ! tambem tiveste cá o teu Saramago , como a Senhora Alcmena o seu Amfitrião ?

Cornuc. Pois porque ? Tão casada não sou eu , como ella ?

Saram. Visto isso , largaste as vélas ao vento do amor ?

Cornuc. Deixa despropositos , e vamos dar ordem a almoçar.

Saram. Deixa-me , inimiga , trâidora , falsa , fementida , insolente , que não fui eu o com quem te emsaramagaste.

Cornuc. Que dizes , Saramago ?

Saram. Digo , embusteira , que se não fora por

se

ſe acabar iſto em tragedia, que aqui te eſpicharia na ponta deſta eſpada, pelas pontas que me puzeſte.

Cornuc. Porque me havias matar? Porque eſtive com meu marido?

Saram. Qual marido?

Cornuc. Tu meſmo.

Saram. O' mulher, eu ainda que ſeja homem de muitas partes, não poſſo eſtar em duas ao meſmo tempo.

Cornuc. Pois quem foi o que eſteve aqui? Salvo ſeria o diabo por ti.

Saram. Por ti, falſa, petulante; como queres, que ſendo eu ſimples por natureza, me ache agora compoſto por artificio?

Cornuc. Dizes iſſo de todo o teu coração?

Saram. Por ora ainda não; pois primeiro te quero fazer alguns interrogatorios, como fez meu amo á Senhora Alcmena. Dize-me: que fizeſte com eſſe eu, quando aqui chegou?

Cornuc. Abracei-o muito bem primeiro.

Saram. Vamos ao mais, que iſſo he bacatélla, bacatélla.

Cornuc. Depois lhe diſſe mil finezas.

Saram. *Ad aliud*, que iſſo nem vai, nem vem.

Cornuc. Depois lhe dei de cear muito bem, e de beber muito melhor.

Saram. Calla eſſa boca, atrevida, que já não quero ſaber mais; baſta que eſſe atrevido inſolente comeo, e bebeo o que eſtava guardado para mim?

Cornuc. Pois tu não havias comer, vindo canſado?

Sa-

Saram. A que del Rei, que não fui eu, o que comi, que ainda eſtou em jejum: ai, que tenho o credito perdido!

Cornuc. Que diabo fallas aqui em credito perdido? Sabes com quem fallas? A mim, que tenho a honra na ponta do meu nariz?

Saram. O teu nariz ſempre foi mui honrado; porém não te aſſoes, que te póde cahir a honra.

Cornuc. O' cão, como me póde a mim cahir a honra, ſe eu ſou o exemplo das honradas?

Saram. He verdade, Cornucopia, que me não lembrava; façamos as pazes: anda cá.

Cornuc. Agora tambem eu não quero.

Sabe Mercurio ao baſtidor.

Merc. Huma vez, que me vejo com a figura de Saramago, quero reveſtir-me do ſeu genio, para o fazer mais tonto do que he; e fazendo, que deſconheça a ſua propria mulher, tambem com iſto o detenho, em quanto labora o noſſo engano. *Vai-ſe.*

Saram. Já que não queres, que façamos as pazes, façamos as guerras; e já a minha furia vai tocando a degollar.

Cornuc. Que he o que intentas?

Volta com outra cara.

Saram. Arrancar-te o coração falſo, que tens no peito; mas que vejo! Com quem fallo eu? Ou eſta não he Cornucopia, ou eſtou ſonhando!

Cornuc. Pois que he o que dizes.

Saram. Nada minha Senhora, nada, não he

com

com vossa mercê; cuidei que fallava com minha mulher.

Cornuc. Pois eu não sou tua mulher, Saramago?

Volta com a sua cara.

Saram. Hui, ainda mais essa! Tambem és bruxa, que te mudas em varias fórmas? A que del Rei, que aqui deve de andar o diabo.

Cornuc. Saramago, perdeste o juizo?

Saram. Perdi o que não tenho, e tenho o que perdi; pois ainda que tenho o credito perdido *quoad te*, o não perdi *quoad me*, para ensaboar nas escumas da minha cólera as nodoas da tua liviandade.

Cornuc. Que he o que dizes, atrevido?

Volta com outra cara.

Saram. Cousa nenhuma, minha Senhora; fallava com os meus botões. Assopra! *á parte.*

Cornuc. Pois que liviandades são as minhas?

Saram. Não fallemos em liviandades, que isso agora he mais pezado. Não vi ainda mulher com duas caras tão mal encarada! *á parte.*

Cornuc. Supponho, que já te passou a cólera, e que estás arrependido.

Saram. Quem se não ha de arrepender, vendo, que me sahe tão cara a minha desconfiança?

Cornuc. Não crês a minha innocencia? *Volta.*

Saram. Não se póde crer a gente de duas caras: com que vossê, Senhora Cornucopia, he huma por diante, outra por detraz?

Cornuc. Eu sempre sou a mesma. Ora vem cá, meu querido Saramago dos meus olhos, façamos as pazes.

Saram. Sim eu faço ; mas ha de ser partindo-te primeiro esse infernal corpo com esta espada. *Foge Cornucopia.* Mas ai de mim , que fechou a porta ! porem pela outra hirei ver se a encontro , para vingar a minha furia. Mas que vejo ! Outro encontro melhor tenho no Sol desta menina , que todo me faz derreter.

Sahe Iris.

Iris. A confusão , que Jupiter tem feito nesta casa , nos faz vacilar na incerteza de qual he o que veio primeiro , se elle , se Amfitrião ! Porém o tempo o descobrirá.

Saram. Não deixei de reparar , quando entrei , na carinha desta mochacha ; e pois Cornucopia anda banzeira no mar da sua inconstancia , transportarei o meu amor na barquinha desta belleza , até que serene a tempestade dos meus zelos.

Iris. E este he o criado de casa ; quero agora meter-me de gorra com elle , a ver se me descobre qual he o verdadeiro Amfitrião , para então conhecer , qual he o falso , ou Jupiter , que tudo he o mesmo.

Saram. Para hum Soldado , que vem da Campanha , huma rapariga destas he hum cavallo na guerra ; eu me resolvo a marchar com todo o exercito de bichancros namoratorios : Cé , ó minha Senhora ?

Iris. Quero desdenhallo , para que querendo-me mais , se facilite a dizer-me o que pertendo. *á parte.*

Saram. Vossa mercê ouve ?

Iris. Eu não ſou ſurda.

Saram. Nem eu mudo; e por não mudar de intento, quero me diga, de que genero he o ſeu caracter, para ver ſe a ſua peſſoa ſe póde adjectivar com o ſubſtantivo de minha qualidade.

Iris. Sou huma criada de voſſa mercê, e de Feliſarda, que aqui nos achamos por hoſpedas neſta caſa.

Saram. Com que voſſa merce era teuda, e manteuda neſta ſua caſa, e de mais a mais he criada da meſma ſervil natureza deſte ſeu ſervo? Não ſabe quanto me regalla iſſo.

Iris. Pois por que?

Saram. Propter unumquodque tale, & illud magis.

Iris. Não te entendo.

Saram. Eu cá me entendo; e poderemos ſaber, como ſe chama, em ordem a dizer-te depois: Suſpende os rigores, cruel, fulana, tyranna, ſicrana?

Iris. Quem tanto pergunta, he bom para Inquiredor.

Saram. Iſto he tirar huma devaſſa de quem me matou.

Iris. Pois quem te matou?

Saram. Tanto que te vi, forão os teus olhos huma morte ſubita do meu coração; mas antes que te diga o mais, dize-me o menos, que he o teu nome?

Iris. Ai! Chamo-me Corriola; que mais quer?

Saram. Nem tanto queria. Corriola! Mao agouro venha pelo diabo.

Iris.

Iris. Que te ſuſpende ? Paſmou-te o meu nome ?

Saram. A fallar verdade , cahio-me o coração aos pés , em ſaber , que te chamavas Corriola; pois a penas no jogo do amor começava a ſer taful da fineza , quando logo perco o cabedal da eſperança neſſa Corriola.

Iris. Bom remedio , não fallar comigo , nem tomar o meu nome na boca.

Saram. A bom tempo , depois de me ver cheio de amor até os olhos.

Iris. Pois deſnamore-ſe voſſa merce.

Saram. Porque ? Iſſo eſtá nas mãos das creaturas ? E ſe queres , que te não ame , desfaze eſſa belleza , engilha eſſe roſto , frange eſſa teſta , arregalla eſſes olhos , entorta eſſa boca , e faze-te geba.

Iris. Não me poſſo mudar em o que Deos me não fez.

Saram. Ah ſim ? Pois eu tambem não poſſo deixar de querer eſſe roſto , que dá de roſto á neve ; eſſa teſta , que teſta me inveſte ; eſſes olhos , que me derão olhado ; eſſa boca , que embóca delicias ; eſſe corpo , que em corpo paſſeia na rua formoſa.

Iris. Que ſe ſegue dahi ?

Saram. Que te amo , que te adoro , e que te quero.

Iris. Queres mais alguma couſa ?

Saram. Mais quizera.

Iris. O que ?

Saram. Que me correſpondeſſes tambem.

Iris. Iſſo agora hé deſaforo ? Não teme a Deos

hum

hum homem casado, querer inquietar huma mulher solteira? Vá se, antes que o desengane de outro modo.

Saram. Pois ainda ha no Mundo outro modo de desenganar mais claro, do que esse?

Iris. Pois ouça, senão o sabe.

Canta Iris a seguinte

A R I A.

Vai-te logo rebolindo,
Tu me dizes isso a mim!
Tu a mim, a mim, a mim,
Porco, sujo, bribantão?
Eu te juro, Saramago,
Que serás em teu estrago
O mais perfido asneirão. *Vai-se.*

Saram. Ora estou bem aviado! Fujo de hum Tigre, e vou marrar com huma Serpente! Cornucopia com duas caras, ambas são aborrecidas, e nenhuma cara; e esta tendo huma só, faz mil focinhos! Mas que remedio, senão ir pouco a pouco careando com carinhos aquella carinha?

S C E N A VI.

Selva com respaldo de Palacio. Sahem Jupiter, e Mercurio.

Merc. ORa, Jupiter, tudo te succedeo como querias.

Jupit. Mercurio, sendo a idéa tua, por força o successo havia de ser igual.

Merc.

Merc. E agora que determinas?

Jupit. Hir continuando no mesmo engano; que a formosura de Alcmena não merece hum só sacrificio, nem o meu amor se contenta com qualquer triunfo.

Merc. Não vês, que já chegou Amfitrião da guerra, e póde Alcmena sentir a causa deste enleio?

Jupit. Para ahi reservo o meu poder.

Merc. E se Juno vier a sabello, como has de escapar do rigor da sua condição?

Jupit. Mais póde Jupiter, que Juno; e eu farei, com que ella padeça o mesmo engano; pois ella não póde, senão o que eu quero, que ella possa.

Sahe Polidaz.

Polid. Anda, Amfitrião, que já tardavas, e já te espera o triunfo no Arraial.

Jupit. Mercurio, não he só Alcmena, a que se engana comigo.

Merc. Pois agora não ha mais remedio, que aceitares o triunfo, que era para Amfitrião.

Polid. Anda, Senhor, não nos dilatemos.

Jupit. Vamos, Polidaz, a triunfar. Mas que maior triunfo, que vencer os desdens de Alcmena! *á part. Vão-se.*

Sahe Amfitrião.

Amf. Não he possivel encontrar a Polidaz, que aqui ficou de esperar por mim: na verdade que tardei muito, e por essa causa se resolveria o triunfo para outro dia; e não me peza, de que assim seja, pois quero primeiro triun-

triunfar dos meus zelos, para que completamente me possa chamar victorioso. Ai, Alcmena, que de sustos me tens causado! *Vai-se.*

SCENA VII.

Sala Senatoria. Sahe Jupiter em hum carro triunfal acompanhado de muitos Soldados com alabardas, bandeiras arrastadas, e Polidaz a cavallo; e atrás do dito carro hirão alguns cativos maniatados; e no espaço em que vão andando, ao som, e repetição de tambores, e clarins, dirão repetidas vezes: Viva Amfitrião; *e já apeado Jupiter do carro, entrará com Mercurio, e Polidaz, e a mais comitiva de Soldados na dita Sala Senatoria, e nella estaráõ sentados Tiresias com outro Senador.*

Merc. NÃo só triunfou Jupiter de Alcmena; mas até do mesmo triunfo de Amfitrião fica sendo triunfador. *á parte.*

Tiresf. Vem, esforçado Amfitrião, gloria de Thebas, e assombro do Mundo; vem, que serás novo simulacro do Templo de Marte, já que hoje lhe tributas tantos bellicos despojos, na celebre victoria, que de nossos inimigos alcançaste.

Jupit. Nada tendes que me agradecer, illustre Senado, pois o servir a Patria he mais obrigação, do que fineza. Perdoa, Amfitrião, usurpar-te o laurel; que o amor, e a

oc-

occasião são dous inimigos muito poderosos. *á parte.*

Hoverá dentro ruido , dizendo todos o seguinte.

Matron. Pára , pára , deixa entrar.

Tiref. O' lá , que ruido he esse ?

Polid. São as Matronas de Thebas , que vem festejar ao triunfador Amfitrião com o seu costumado applauso.

Tiref. Dizei , que entrem ; que não he razão as privemos da sua antiga posse , e a nós do gosto de vermos o seu festivo rendimento.

Sahem quatro Ninfas , huma dellas com huma coroa de flores , que porá na cabeça de Jupiter.

Matron. Esforçado Amfitrião , eu em nome das Matronas de Thebas te offereço esta grinalda , symbolisando nas suas flores os teus triunfos, e a nossa alegria ; pois a beneficio do teu valor vivemos seguros nas delicias de Thebas.

Jupit. As flores dessa grinalda , ó illustres Matronas , na minha estimação todas serão perpétuas.

Merc. E para Amfitrião martyrios ; pois Jupiter lhe usurpa todas as honras. *á parte.*

Dançáo as Ninfas , e depois diz Tiresias.

Tiref. E para que felizmente se coroe Amfitrião, e se complete este triunfo , repeti comigo todos os vivas de Amfitrião ; sendo eu o primeiro , que principie seu bem merecido louvor.

Canta Tiresias o seguinte

RECITADO.

Repita , pois , o popular tumulto
Ao som das trompas bellicas de Marte

De

De Amfitrião valente o nobre applauſo,
Em quanto a Caballina inunda, e rega
Virentes lauros no bicornio monte,
Ou em quanto fecunda a terra cria
Nova gramma immortal para a coroa.

ARIA EM FÓRMA DE CORO.

Tireſ. A fama canora
Em jubilo alterno
Repita feſtiva,
Dizendo, que viva,
Tod. Viva, viva Amfitrião,
Novo Marte ſingular.
Tireſ. E a rama ſagrada
Na fronte animada
Adorne ſublime,
Felice coroe,
Pois que ſabe triunfar
Sempre altivo, e vencedor.
Tod. Viva, viva, Amfitrião,
Novo Marte ſingular.

Fim da primeira parte.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sabem Juno, e Iris.

Juno. JA' que disfarçada me vejo introduzida em caſa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a cauſa do meu ciume: chore a innocencia de Alcmena o delicto de Jupiter; porque tão disfarçado vive na fórma de Amfitrião, que nem toda a minha Deidade ſabe diſtinguir qual he o verdadeiro: ó Jupiter, para que me déſte a gloria de ſer tua eſpoſa, ſe me não livras deſte inferno de zelos?

Iris. Senhora, de vagar ſe vai ao longe.

Juno. Eu quizera, que foſſe depreſſa, e não de vagar, que o meu ciume não ſoffre dilações.

Iris. Eu tenho dado em boa traça, para averiguar qual he o verdadeiro Amfitrião, ou verdadeiro Jupiter.

Juno. E qual he?

Iris. O criado de caſa, tanto que me vio, entrou a pertender-me, e eu quero facilitar-lhe o ſeu amor, ſó por ver ſe me deſcobre algum veſtigio, por onde poſſamos conhecer a Jupiter.

Ju-

Juno. Approvo a tua idéa ; vai continualla , e não te dilates hum inſtante.

Iris. Vou a obedecer-te.

Sahe Tireſias.

Tireſ. Venho buſcar a Amfitrião , para dar-lhe os parabens do ſeu triunfo. Mas que vejo ! Que novo aſſombro me ſuſpende os ſentidos !

Juno. Já que Tireſias na minha formoſura tanto ſe ſuſpende , elle ſerá o meio da minha vingança. *á parte.*

Tireſ. Ainda não ſei determinar-me , ſe he mulher , ou Deidade !

Juno. De que vos admirais ? Que remora vos ſuſpende os paſſos ?

Tireſ. Senhora , aſſim como não cabem na esféra dos olhos as luzes de tanto Sol , aſſim da meſma ſorte ignorão os periodos mais rhetoricos ſignificar a cauſa da minha ſuſpensão.

Juno. Se tanto ſabeis ſentir o affecto d'eſſa ſuſpensão , porque não explicais a cauſa della ?

Tireſ. Que mais cauſa póde haver , que admirar em vós huma formoſura tal , que mais parece divina do que humana !

Juno. Baſta que tão formoſa vos tenho parecido ?

Tireſ. E tanto , que já o meu coração vai ſentindo a cauſa da voſſa belleza.

Juno. Bem vai para o meu intento. *á parte.* Dizei-me , que he o que ſente o voſſo coração ?

Tireſ. Sente o não ſentir mais , pois quizera com a vida pagar o delicto de vos adorar.

Juno. Pois o adorar he delicto ?

Tireſ. Dizem que amor he huma Deidade tão

inhumana, que até dos mesmos sacrificios se offende.

Juno. Por não ter a nota de inhumana, não quero offender-me de vossos sacrificios.

Tiref. Pois, Senhora, se elles vos não offendem, aceitaios.

Juno. He necessario primeiro averiguar se são verdadeiros.

Tiref. Se a vossa formosura não he fabulosa, como póde ser o meu sacrificio fingido?

Juno. Porque parece quasi impossivel, que no mesmo instante, em que me vistes, logo me quizesseis, e com tanto extremo, como publicais; e porque a nenhum tempo se diga que he sofistico o vosso rendimento, deveis mostrar-me, como póde ser instantaneo o vosso amor.

Tiref. Nenhuma duvida póde haver, que ao mesmo tempo, que vos visse, vos adorasse. Ver-vos, e amar-vos tudo foi ao mesmo tempo, sem que houvesse tempo entre o amar-vos, e o ver-vos. Para a formosura triunfar, não he necessario tempo, sobrão instantes. O tempo arruina os edificios, e a formosura sem tempo erige as aras para o seu culto, pois a todo o tempo sabe vencer; por isso se pinta o amor com azas, pela ligeireza, com que fere os corações; por isso se pinta cego, porque cegou, depois que vio a formosura. Como, para ser amor, não necessita de vista, vendou os olhos, para não ver mais; pois bastava huma só inspecção, para cegar de

amor.

amor. Em fim, Senhora, se o amor crescèra com o tempo, não fora menino, fora gigante.

Juno. Basta, já sei que póde ser verdadeiro o vosso amor.

Tires. E pois o abonais de verdadeiro, fazei com que seja venturoso.

Juno. E que dereis vós para conseguir essa ventura?

Tires. Dera-vos o que já vos tenho dado.

Juno. Ignoro o que me déstes.

Tires. Dei-vos a alma; já não tenho mais que dar-vos.

Juno. Eu a aceito. Como não ignorais, que o amor he guerra dos corações; para nella triunfares, haveis primeiro capitular comigo algumas proposições.

Tires. Dizei, Senhora, que já toda a minha vontade tenho transferida aos imperios do vosso preceito.

Juno. Pois attendei-me: Eu sou Flerida, infeliz Princeza de Teleba, que disfarçada vivo aqui com o nome de Felisarda. Já sabeis como Amfitrião matou a meu pai ElRei Teréla. (Verei se com este engano logro o meu intento. *á parte.*) Morto assim meu pai, para vingar-me deste barbaro homicida, vim á sua propria casa, para que assim mais facilmente pudesse executar a minha vingança, que procuro; e quando cuidei, que so Amfitrião era o que me offendia, acho que tambem Alcmena necessita de castigo, pois não

ha inſtante , em que não deſperte as frias cinzas do cadaver de meu pai com afrontas ; de ſorte , que ſe Amfitrião lhe tyrannizou a vida, Alcmena tambem ſe arma homicida de ſua memoria : hum o offendeo de preſente , e Alcmena lhe infama a poſteridade ; e vos confeſſo , que de tal ſorte me tenho enfurecido , que ſó para vingar-me deſtas injurias dera , ó Tireſias , o ſangue das veias.

Tireſ. Pois vede que quereis que faça neſte caſo ?

Juno. Quero que buſqueis modo de caſtigar a Alcmena , pois ſei que ſois o ſupremo Miniſtro deſta Republica ; advertindo , que á minha conta fica o vingar-me de Amfitrião. Já ſabeis , que ſou Princeza hereditaria de Teleba ; já ſabeis , que admitto o voſſo amor. Eſpoſa, e Reino tereis , ſe vingais minhas injurias.

Tireſ. Não pela cubiça de reinar , mas pela fortuna de ſer voſſo eſpoſo , me exporei a todo o riſco ; proteſtando caſtigar a cauſa da voſſa offenſa.

Juno. Pois , Tireſias , não te acobardes.

Tireſ. Não ſe acobarda hum amor valente : porém ignoro o motivo , porque haja de caſtigar a Alcmena , cujo louvavel procedimento vive iſento do rigor das leis.

Juno. O tempo nos dará occaſião para a vingança. Adverte , que tens poder , e que tens amor ; e vê agora , quem poderá iſentar-ſe de hum poderoſo amor ? *Vai-ſe.*

Tireſ. Oh Deoſes ſoberanos ; e que de couſas em

em hum inſtante tenho paſſado! Vi, e amei; rendime a huma formoſura celeſtial, e prometti caſtigar a huma innocente! Mas quem ſe póde livrar do labyrintho de amor, pois o meſmo fio, que ſe inventou para o acerto, he o maior embaraço para a confusão? Porém ſe Alcmena pelas virtudes merece premio, como poſſo eu prometter lhe caſtigos? Mas ſe hei de conſeguir a delicia de Flerida, e a inveſtidura de Rei, em que reparo!

Canta Tireſias a ſeguinte

ARIA.

He tal a eſperança
N'hum peito amoroſo,
Que o bem duvidoſo
Alentos lhe dá.

Se em duvida o goſto.
Suſpende o gemido,
Hum bem poſſuido
Que gloria ſerá! *Vai-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahe Saramago.

Saram. BAtido de zelos, e combatido de amor ſe conſidera eſte pobre Saramago na preſente conjunctura. Cornucopia com dous Saramagos, e Corriola ſem nenhum! Pois não ha de ſer aſſim. Porém ella cá vem; quero fingir-me mais amante, fazendo que a não vejo. Ai Corriola deſta alma, compadece-te de hum pobre Saramago, a quem a ardente canicula de teus repudios ſecca, e murcha a verde medúlla de ſua eſperança: ai, que me abraſo! Agua para tanto fogo!

Sabe Iris.

Iris. Que he isso , Senhor Saramago ? Agua vai com tanto fogo !

Saram. Ai ! Deixa-me , Corriola , que tu es a causa deste mal , que padeço.

Sabe Cornucopia ao bastidor.

Cornuc. Ai ! Que he aquillo , que vejo ? Saramago , e a nossa hospeda cochichando só , por só ! Ouçamos , o que será.

Saram. Corriola , isto não he hum homem , que vio outro ; sou eu mesmo , que te amo até não mais.

Iris. Todos assim dizem , quando querem pertender.

Saram. Se todos assim dizem , que farei eu , que tenho em mim o amor de todos ?

Iris. Olha , ainda que eu queira amar-te , por Cornucopia o não faço.

Saram. Que se me dá a mim de Cornucopia ? Não mo merece ella tanto.

Sabe Cornucopia.

Cornuc. Agora isso he desaforo ! O' minha menina , *occulum ruorum.* Faça-me favor de não inquietar os homens casados , que estão em suas casas. Ora o certo he , que *a casa trae el hombre , com que llore.*

Iris. Eu não mereço isso a vossa merce , porque sou muito sua veneradora.

Cornuc. Vá , vá servir a sua ama , e deixe-me o meu marido.

Iris. Temo , que esta velha seja o estorvo da minha pertenção. *á parte. Vai-se.*

Cor-

Cornuc. E voſſê, Senhor Saramago, tambem como gente namora com eſſa cara?

Saram. E voſſê, Senhora Cornucopia, tambem como gente quer ſer zeloſa com duas caras?

Cornuc. Pois cuidava, que eu não havia de ver o que voſſé faz?

Saram. Que? Tu tens razão para ter zelos de mim, ſe eu não ſou teu marido Saramago, ſenão aquelle, que cá eſteve, a quem deſte de comer, e de beber?

Cornuc. Não ſejas tonto; não queiras com eſſe deſaforo encobrir a tua pouca vergonha.

Saram. Com que voſſê quer eſtar comendo Saramago a dous carrilhos, e Corriola que fique em jejum!

Cornuc. Se não viera alli a Senhora Alcmena, eu te reſpondèra melhor.

Sahe Alcmena.

Alcmen. Que intentaſſe Amfitrião perſuadir-me, que elle não era o proprio, que comigo eſteve! Sem duvida, que a ſaber de certo, que fallava de veras, perdêra os meus ſentidos, e tambem a paciencia.

Cornuc. Senhora, iſſo ſenão mete em cabeça de mulher: quem duvida, que o Senhor Amfitrião vinha amaſſado com eſte magano de meu marido, para nos fazerem doudas?

Alcmen. Tambem tu me queres fazer deſeſperar?

Saram. Os deſeſperados ſomos nós; porque viemos ſem ſer eſperados.

Cornuc. Calate, embuſteiro.

Alcmen. Ai, cala-te, perro.

Saram. A isto he que se chama sobre affronta , aperreação.

Sahem Jupiter , e Mercurio ao bastidor , aquelle na fórma de Amfitrião , e este na de Saramago.

Merc. Jupiter , adverte que Amfitrião já veio , e agora he necessario maior industria , para fingir , e desfazer o que fez Amfitrião.

Jupit. Se sabes , Mercurio , que sou Jupiter , para que me encomendas isso ? Vai te para essoutra salla , e impede que não entre Amfitrião.

Merc. Eu te obedeço. *Vai-se.*

Jupit. Querida Alcmena , parece-me , que tu estás mal comigo.

Alcmen. Ingrato esposo , cruel Amfitrião , para que me dás agora o nome de querida , se tão enfurecido te ausentaste de mim , querendo affirmar , que não eras tu , o que tinhas estado comigo ? Que termos são agora estes tão differentes ?

Jupit. Foi preciso ao meu amor , dizer-te que não era eu.

Alcmen. Pois para que fim ?

Jupit. Só para que te irritasses comigo , para que ao depois podessemos entre nós fazer as pazes ; porque o amor he como a Fenix , que para renascer mais bello , he preciso que de quando em quando se abraze nas chammas de hum arrufo.

Cornuc. Não o disse eu , Senhora ? Vossa merce não quer acabar de entender que eu tenho meus laivos de feiticeira ? Meu Senhor Am-

fi-

fitrião, eu ſempre dizia que voſſa merce eſtava zombando. *Para Amf.*

Alcmen. Daquella ſorte não ſe coſtuma zombar.

Cornuc. Tinha bem que ver, que era zombaria. Voſſa merce não vio que o Senhor Amfitrião eſtava piſcando os olhos?

Jupit. Vês, Alcmena, como Cornucopia logo penetrou a minha idéa? Pois dize-me: quem havia de ſer, ſenão eu?

Saram. Agora iſſo he mais comprido? Com que voſſa merce, Senhor, diz que eſteve cá primeiro, do que aquelle, que cá eſteve?

Jupit. Calate louco, que eu fui o meſmo que eſtive cá.

Saram. E quem foi o que trouxe á Senhora Alcmena a joia, que eu tinha na algibeira.

Jupit. Fui eu, que ta tirei, ſem tu ſentires.

Saram. Pois para que me fez ſentir tantos murros, quantos me deo pela joia?

Jupit. Se eu queria fingir, tudo iſſo havia eu de fazer.

Saram. Tudo iſſo eſtá muito bem: mas digame, quem era aquelloutro eu, que cá eſteve primeiro do que eu vieſſe?

Cornuc. Eis-aqui, Senhor, a teima que tem tomado eſte magano de meu marido, dizendo que tambem elle cá não eſteve; e não ha quem lhe tire iſſo da cabeça!

Saram. Ai, filha, que da cabeça ninguem póde tirar-me, o que nella ſe me metteo.

Cornuc. Ainda teima?

Saram. Ainda teimo, e reteimo; juro, e rejuro;

ro ; digo , e redigo , que eu , antes de cá vir, já cá estava ; e quando eu cuidei , que era singular , me achei posto no plural ; de sorte ; que sendo eu muito apenas hum , agora para mais penas me vejo partido em dous.

Jupit. Cala-te , que não sabes o que dizes ; anda , vai-te , e dize a Polidaz , que me venha fallar , que importa.

Saram. Eu vou ; mas queira Jupiter que tu te desenganes. *Vai-se.*

Jupit. Ora , Alcmena , basta de enfados ; anda já a meus braços.

Alcmen. Não te canses , que não quero esposo , que com astucias fingidas vem averiguar a minha honestidade.

Jupit. Estou perdido ! Alcmena , te enganas , que isso não foi para experimentar-te.

Alcmen. Não queiras agora remediar com tão frivolas desculpas o teu delicto , e a tua grande imprudencia.

Cornuc. A verdade he , Senhor , que vossa mercê escandalisou muito a Senhora minha ama ; arrenego eu de quem tão bem sabe fingir ! Em fim , lá se avenhão , que eu aqui não sou pêga , nem gavião. *Vai-se.*

Sahe Juno ao bastidor.

Juno. Se será este Jupiter , que segunda vez repete a sua fineza , e a minha offensa ? Mas se elle , como Deidade , sabe enganar os meus olhos , eu , que tambem logro a mesma prerogativa , usarei do mesmo engano. Alcmena , os Deoses te guardem. *Sahe.*

Alc-

Alcmen. Vem, Felisarda, embora, a ser testemunha, de que Amfitrião diz ser zombaria, quanto affirmou esta manhã não ser o proprio.

Juno. Jupiter he sem duvida, que virá a desfazer, o que fez Amfitrião. *á parte.*

Alcmen. Que te parece, Felisarda, aquelles enfados, e esta confissão?

Juno. Isso póde ser? Já se desdiz, do que com tantas veras affirmou? Certamente, que se fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver; pois deo a entender não menos, que violavas a sua fé.

Alcmen. Isso he o que mais me escandaliza, Felisarda.

Jupit. Não he justo, Senhora Felisarda, que tambem vos ponhais da parte da minha desgraça.

Juno. Ah traidor! *á parte.*

Jupit. E assim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe; que só a fim de alcançar o perdão, quero já confesser-me culpado.

Juno. Ainda isso me faltava! Pedir-me, que dè armas contra mim! *á parte.*

Jupit. Só vós podereis acabar com Alcmena, que acabe o rigor para comigo.

Juno. Não sejais importuno, que o vosso delicto nenhum perdão merece; pois eu não sendo Alcmena, a quem offendestes, de sórte me tendes escandalisada, que a ser possivel vos desterrára daqui, para não seres mais visto.

Alcmen. Bem hajas, Felisarda, que sentes as minhas offensas, como propriamente tuas.

Can-

Canta Jupiter a seguinte Aria , e

RECITADO.

Já que em tanto tormento não alcanço
Alivio , neste apocrifo delicto
A quem recorrerei , misero amante ?
A quem recorrerei ? A quem , Alcmena ,
Senão ao puro archivo de meu peito ,
Onde os extremos meus , e os meus suspiros
Finalmente exhalados
Poderáõ commover as duras penhas ,
E os asperos rochedos !
Que talvez nessa barbara aspereza ,
Ache menos rigor , menos dureza.

ARIA.

Pois , tyranna , não te abranda
De meu peito a amarga pena ,
Dize , ingrata , esquiva Alcmena ,
Que farei por te abrandar ?
A teu idolo adorado
Meu affecto já prostrado
Toda a victima de huma alma
Sacrifica em teu altar.

Alcmen. Basta , Amfitrião , que já compadecida te perdoo ; pois sei , que todos os teus erros nascem de amor.

Jupit. Folgo que os conheças ; vamos , Alcmena. *Vão-se.*

Juno. Espera : aonde vás , traidor esposo ? Mas ai de mim , que só vim a ser testemunha de meus zelos ! Oh quem se podéra declarar agora ! Mas se me declaro , temo que Jupiter irado intente outros absurdos maiores ; pois vin-

vingarme-hei diſſimulando a dor, para publicar o eſtrago. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Ante-Sala. Sahe Mercurio.

Merc. NAõ ſei já quando Jupiter ha de pôr fim a eſtes amores de Alcmena, pois lembra-me, que nunca taes extremos fez por Europa, Danae, e Leda! Sem duvida eſta lhe cahio mais em graça?

Sahe Amfitrião.

Amf. Querer-me perſuadir Alcmena, que eſtive com ella, antes de eu cá chegar, ou he grande malicia, ou grande ſimplicidade; e ſe não he nada diſto, não ſei o que poſſa ſer!

Merc. Aonde vai voſſa merce? Quem buſca neſta caſa?

Amf. Saramago, não me conheces? Eſtás louco?

Merc. Pois eu eſtou obrigado a conhecer todo o genero humano?

Amf. Não conheces a teu amo? Que deſpropoſito he eſſe?

Merc. Eu não conheço por meu amo ſenão ao Senhor Amfitrião.

Amf. Pois quem ſou eu?

Merc. Eu ſei quem he, nem quem devia ſer? Que me importa a mim iſſo?

Amf. Ha criado mais deſaforado no Mundo? Guarda-te dahi, deixa-me entrar.

Merc.

Merc. Que quer dizer entrar ? Assim se entra na casa alheia ?

Amf. Homem, tu não sabes quem eu sou ?

Merc. Pois quem he vossa merce ? Diga como se chama ?

Amf. O' atrevido, tu zombas ?

Merc. Oh , chama-se atrevido ? Pois fique-se embora com o seu atrevimento , que não ha licença para cá entrar. *Vai-se.*

Amf. Espera , insolente; mas elle fechou a porta : quem se vio em maior confusão , pois até o meu proprio criado me desconhece !

Sabem Saramago , e Polidaz.

Amf. Esperem , que elle torna a voltar : anda cá , velhaco , que eu te ensinarei , como has de fallar com teu amo. *Dá-lhe.*

Saram. A que del Rei , Senhor , porque me dá vossa merce ?

Amf. Ainda me perguntas , porque te dou ? Toma , velhaco. *Dá-lhe.*

Saram. Isso he hum toma com dous te darei : Senhor Polidaz , acuda-me , senão hoje se acaba aqui a semente dos Saramagos.

Polid. Tende mão , Amfitrião.

Saram. Não lhe diga , que tenha mão ; que isso tem elle a desancar.

Polid. Porque causa castigais a Saramago ?

Amf. Polidaz , perdoai-me , que cego da paixão não reparei , que estaveis aqui.

Polid. Pois que vos fez Saramago ?

Amf. Eu não me atrevo a dizello ; quero que elle mesmo vo-lo diga.

Po-

Polid. Saramago, que fizeste a teu amo?
Saram. Meu amo, que lhe fiz eu?
Polid. Ati he que eu to pergunto; dize.
Saram. Senhor Polidrálho, eu não me lembro, que lhe fizesse cousa alguma.
Amf. Isto me desespera: já te não lembra? Pois leva para que te lembres. *Dá-lhe.*
Saram. A dar-lhe, a dar-lhe, outra vez; ora basta, senão olhe que hei de resistir á justiça.
Polid. Ora saibamos já, que caso he este?
Amf. Que ha de ser, Polidaz? Chegar agora aqui, e este magano impedir-me a entrada da porta, e dar-me com ella nos narizes, depois de me responder varias liberdades.
Saram. E quando foi isso?
Amf. Agora, agora neste instante; já te esquece?
Polid. Esperai, que isso não póde ser, porque Saramago veio comigo de minha casa, aonde me foi chamar da vossa parte.
Amf. Eu por ventura mandei chamar a Polidaz?
Saram. Ui, Senhor, vossa merce não se lembra, quando estava com a Senhora Alcmena, não haverá elle hum quarto de hora? E por final que estava ella muito agastada com vossa merce, porque vossa merce negou, que vossa merce estivera com ella; e tanto assim, que vossa merce prostrado, e rendido, lhe pedio mil perdões.
Amf. Callate, Saramago, que não quero ainda fazer patente a minha afronta, sem averigualla primeiro. (Assim evitarei, que este criado

a patentee aqui. *á part.*) Polidaz , ide-vos , que por ora vos náo poſſo fallar ; eu vos aviſarei , quando ha de ſer.

Saram. Eſcute , eſcute , e por ſinal que voſſa merce eſtava com a Senhora....

Amf. Calte , calte , Saramago , que importa aſſim. Polidaz , ide-vos , que em outra hora ſerá.

Polid. Deos vos guarde. Amfitriáo parece que tem alguma grande pena , pois que táo afflicto eſtá ; ſe he o que eu cuido , razáo tem. *á part. Vai-ſe.*

Amf. Com que eſſe , que lá eſtava , mandou por ti chamar a Polidaz ?

Saram. Náo lho diſſe já huma vez ?

Amf. E parecia-ſe comigo ?

Saram. Pois voſſa merce náo ſe ha de parecer comſigo ?

Amf. Saramago , affirmo-te que náo fui eu o que lá eſteve.

Saram. Como náo , Senhor , ſe eu o vi com eſtes olhos rameloſos ?

Amf. Eſtarás allucinado.

Saram. Senhor Amfitriáo , o que lhe digo he , que trate de ſe deſpicar , já que ſe acha táo bem armado.

Amf. Por certo que me náo faltáo brios , e armas.

Saram. Sim , Senhor , brios , armas , e armaçóes , náo nos faltáo.

Amf. Porém , em que me detenho , que náo vou já caſtigar a cauſa de minha offenſa ?

Saram. Náo póde ſer , que a porta eſtá trancada.

Amf.

Amf. Arrombarei a porta, ainda que ſeja de bronze; ajuda-me, Saramago.

Saram. Metamos a porta dentro, e vá pela porta fóra eſte magano: vamos, Senhor, a inveſtir eſtes inimigos da noſſa honra. Leve voſſa mercê a ponta direita do exercito, como mais valente, que eu levarei a eſquerda: toque, pois, a inveſtir o clarim do deſpique: *ſtrepuere cornua cantu.*

Amf. Lá vai a porta dentro.

Saram. Lá vai o couce da porta com hum couce de Saramago.

Fazem eſtrondo, e ſahe Jupiter.

Jupit. Quem he o atrevido, que ouſa a fazer táo grande eſtrondo na minha caſa? Mas que vejo! Eſte he Amfitriáo! *á parte.*

Amf. Que he o que eſtou vendo! Outro eu aqui!

Jupit. Toda a minha divindade parece, que titubea irreſoluta no que ha de fazer. *á parte.*

Amf. He caſo fóra da ordem natural, eſtar eu vendo outro Amfitriáo táo ſemelhante a mim!

Saram. Ficáráo paſmadinhos, olhando hum para o outro; e com razáo, que o caſo he para paſmar.

Jupit. Que te admira? Que te ſuſpende? Se eſtás acaſo arrependido deſſa deſatençáo, que em minha caſa fizeſte, eu te perdoo, pois ſem duvida erraſte a porta.

Amf. Barbaro, inſolente, náo he paſmo eſta ſuſpensáo, he ſim admirar o teu inſulto, e excogitar hum novo caſtigo a tanta temeridade.

Saram. Eſperem , Senhores Amfitriões ; antes que ſe matem hum ao outro , deixem-me chamar quem os aparte : O' lá de dentro , venhão a aparar o ſangue , que ſe matão dous novilhos.

Sahe Alcmena.

Alcmen. Que alboroto he eſte , Amfitrião ?

Amf. Com quem fallas , tyranna , e fementida traidora ?

Alcmen. Meu eſpoſo , meu bem , que te fiz eu !

Jupit. Que he iſſo , Alcmena ? Tu tens outro eſpoſo ſenão eu ?

Alcmen. Agora reparo ; que he o que vejo !

Amf. Que vês , tyranna ?

Jupit. Que vês , aleivoſa ?

Alcmen. Suſpendei a ira , que ſem razão me criminais ; pois confuſa entre tanto enleio , não ſei diſtinguir , qual de vós he o verdadeiro Amfitrião ; e aſſim para que não chegue a offender a quem por obrigação devo amar , vos rogo me digais , qual de vós he o meu eſpoſo ?

Jupit. e Amf. Sou eu.

Alcmen. Ambos , como póde ſer ?

Jupit. e Amf. Não , Alcmena , ſou eu ſó.

Alcmen. Se ambos affirmais que o ſois , venho a entender , que nenhum de vós he meu eſpoſo.

Saram. Eſſa he a verdade , Senhora Alcmena , que nunca ſe vio huma galinha para dous galos.

Sa-

Sahem Juno, e Iris.

Juno. Alcmena, venho a concluir a minha hiſtoria.... Mas ai de mim! Que vejo! Jupiter, e Amfitrião são eſtes; porém tão parecidos, que os não ſei diſtinguir. *á parte.*

Alcmen. Feliſarda, com juſta cauſa te admira, ſe bem que huma ſó admiração não baſta para eſte tão extraordinario caſo.

Iris. A' viſta deſta confusão bem podemos deſmaiar na noſſa empreza.

Amſ. Quem ſe vio em maior labyrintho!

Juno. Quem ſe vio em maior conſternação!

Sahe Cornucopia.

Cornuc. Eſtará aqui o Senhor Amfitrião?

Jupit. e Amſ. Que quereis?

Cornuc. Ui! Que he iſto? A què del Rei; iſto he feitiçaria!

Saram. Calate tolla; eis-aqui eomo me acho eu *verbis illis.*

Cornuc. Que he iſto, Senhora, que vejo? Dous Amfitriões não menos?

Saram. Has de dizer dous maridos não mais?

Jupit. Alcmena, vamos para dentro, que eu prometto caſtigar eſſe fingido traidor.

Amſ. O que eu hei de dizer, dizes tu? Tu he que és o fingido, e traidor.

Jupit. Eſtá bem; anda Alcmena.

Amſ. Alcmena, anda comigo, que o teu eſpoſo ſou eu.

Saram. Parece-me iſto o jogo do arreburrinho. *á parte.*

Jupit. e Amſ. Vamos, Alcmena.

Cada hum pelo seu braço ao lado puxando por Alcmena.

Alcmen. Justos Deoses, quem se vio em maior confusão!

Jupit. Ainda recusas ir comigo?

Amf. Ainda resistes a acompanhar-me?

Alcmen. Eu não posso ser de dous ao mesmo tempo.

Saram. Partilla em dous pedaços, e cada hum leve o seu taçalho.

Amf. Alcmena ha de vir comigo a pezar de toda a resistencia.

Jupit. Tu te atreves a resistir-me? Vem, Alcmena.

Alcmen. Felizarda, que farei neste caso?

Juno. Eu to digo. Já que estes Senhores ambos dizem que são teus esposos, o que não póde ser, senão hum só; neste caso, por não fazer equivoca a eleição, a ambos desprezará, até ver qual delles he o verdadeiro Amfitrião.

Cornuc. Deu no trinco a Senhora Felisarda.

Amf. Pois, Alcmena, que determinas?

Alcmen. Eu não hei de seguir a nenhum, porque nenhum se offenda.

Amf. Logo tu, tyranna, crês que eu não sou o verdadeiro Amfitrião?

Jupit. Logo tu, inimiga, te persuades, que o verdadeiro Amfitrião não sou eu?

Alcmen. Porque ambos dizeis, que sois verdadeiros, por isso algum de vós ha de ser fingido.

Jupit. e *Amf.* O fingido he este. *Aponta hum para o outro.*

Juno. Alcmena, faze o que te digo, e deixa esses loucos.

Amf. Esperai, que logo mostrarei qual he o verdadeiro Amfitrião.

Alcmen. De que sorte?

Amf. Matando a este traidor.

Saram. Isso he que com a morte tudo se acaba.

Jupit. Se me pertendes matar, não seja aqui dentro de casa; vamos para fóra, e lá verás como castigo a tua insolencia.

Amf. A minha cólera não espera por dilatações; aqui mesmo ha de ser o teu castigo, para que se banhe o rosto de Alcmena com os salpicos do teu sangue.

Saram. Tomára ella mais essa untura na cara.

Jupit. Já te entendo: queres brigar dentro de casa, para que te acudão as mulheres? Pois não ha de ser assim.

Cantão Jupiter, Amfitrião, Alcmena, e Saramago, e ao mesmo tempo, puxando pelas espadas, briga Amfitrião com Jupiter, e Alcmena cantando procura juntamente apartallos.

ARIA 4.

Jupit. Traidor fementido,
Teu justo castigo
Não busques na casa.
No campo o verás.

Amf. Traidor inimigo,
No campo, e na casa

Teu

Teu justo castigo
Cobarde acharás.

Saram. Armou-se a pendencia ?
Pois eu neste canto
Me quero agachar.

Alcmen. Esposo , suspende
Teu impio furor. *Para Amf.*

Amf. Aparta , inhumana.

Jupit. Que dizes , tyranna ?

Alcmen. Esposo , suspende
Teu impio furor. *Para Jupit.*

Saram. O demo da tolla
Só sabe dizer :
Esposo , suspende }
Teu impio furor. } *Em falcete.*

Amf. e Jupit. Traidor fementido ,

Amf. Na casa ,

Jupit. No campo ,

Amf. e Jupit. Teu justo castigo
Cobarde acharás.

Amf. Vem a ver o teu estrago

Jupit. Vem a ver o meu impulso.

Saram. Eu por mim já estou sem pulso.

Alcmen. Contra mim voltou a ira ;
Porque quem afflicta expira
Já não teme de acabar.

Desmaia Alcmena nos braços de Juno.

Cornuc. Ai , que se desmaiou a Senhora Alcmena ! Eis-aqui o que vossas mercês fizerão com os seus desafios.

Jupit. Desmaiou-se Alcmena !

Amf. Alcmena com desmaio !

Cor-

Cornuc. Sim, Senhores, e com hum desmaio bem grande.

Saram. Não se assustem, que não he cousa de cuidado; he hum desmaio accidental.

Jupit. Felizarda, em quanto vou buscar-lhe o remedio, tem cuidado na saude de Alcmena. *Vai-se.*

Amf. Até essa piedade me offende: espera, traidor, aleivoso, que ainda que fique Alcmena nos ultimos parocismos da vida, hei de seguir-te; pois primeiro está a minha vingança. *Vai-se.*

Saram. Senhora Felizarda, não consinta, que a Senhora Alcmena torne a si do desmaio, que eu lhe vou buscar hum remedio, para tornar a si.

Cornuc. Que remedio he, Samarago?

Saram. He agua de flor de sabugo, que meu amo agora destilou pelo lambique da tésta. *Vai-se.*

Juno. Que haja eu de ser compassiva por força com quem me offende! Oh que ventura seria a minha, se tu, Alcmena, desse letargo nunca tornasses! *á parte.*

Iris. Se te cahio nas mãos, quem te offende, vinga-te agora.

Juno. Ha de ser mais patente a minha vingança.

Cornuc. Olhem que está bem metida no desmaio! Ah Senhora? Qual! Eu cuido, que ella está morta.

Juno. Não fora essa a minha ventura. *á part.*

Cor-

Cornuc. O' minha Senhora? O' minha menina?
Alcmen. Ai de mim infeliz!
Cornuc. Alviçaras, que já tornou a si.
Juno. Ai de mim infeliz tambem; pois quando tu tornas de hum desmaio, eu entro em outro! *á parte.*
Alcmen. Felizarda, Cornucopia, que he isto! Aonde estou eu?
Cornuc. Estás neste Mundo, podendo estar no outro.
Alcmen. Em que parou o desafio desses dous Amfitriões?
Juno. Forão-se, vendo-te desmaiada.
Alcmen. E sabes se hirião a proseguir o desafio.
Juno. Ainda te dá cuidado a vida de dous aleivosos?
Alcmen. Não vês que sempre hum delles ha de ser verdadeiro, e por isso sempre interesso na vida de hum delles?
Cornuc. Deixemos isso, Senhora, que eu confio em Jupiter, que elle ha de aclarar este enigma; e agora que estamos sós, era razão que a Senhora Felizarda acabasse a historia da sua peregrinação, que estou rebentando para ver-lhe o fim.
Alcmen. Será em outra occasião, que por ora não quero saber mais de penas, que á vista desta historia da minha vida nenhuma outra póde competir.
Cornuc. Ai, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco; e por final que ficou a hif-

historia onde dizia: hum mancebo muito juvenil.

Alcmen. Não faltará tempo para isso. O' Deoses, quando terão fim os meus males? *Vai-se.*

Juno. Vai-te, tyranna, occasião de minhas penas, que eu te juro, que os teus males não terão fim, por mais que o queirão os Deoses. *Vai-se.*

Iris. Se Jupiter a defende, serão baldados os teus intentos. *Vai-se.*

Cornuc. Pois tinha tal vontade de saber o fim da historia desta mulher, que se eu estava prenhe, não deixava de mover; que a meu ver ha de ser galante historia; porque a tal mulher he muito perliquiteta, e muito entremetida; de sorte, que não havendo hum dia, que está nesta casa, já nos quer governar, e com tudo se quer meter.

Sahe Mercurio.

Merc Venho com cuidado, se se encontraria Jupiter com Amfitrião, que seria hum encontro mui desgraçado; porém peior encontro he o meu com esta velha; tomara-me ir sem que ella me veja. *á parte.*

Cornuc. Aonde vás, Samarago! De quem foges? De quem te escondes?

Merc. Pescou-me, não tem remedio.

Sahe Saramago ao bastidor.

Saram. Agora me ordena hum de meus amos, que venha saber se Alcmena tornou do desmaio; porém máoxas que eu torne com a reposta: Mas esperem vossès, que lá vejo ou-

tro

tro Saramago nascido na minha horta : mas eu lhe arrancarei as raizes.

Cornuc. Dize-me: porque fugias de mim ? Que mal te tenho eu feito ? Assim pagas o meu amor ?

Saram. Ai , que a mulher faz venda do seu amor , pois quer que lho paguem.

Merc. Não sejas desconfiada ; que se eu te não quizer , quem te ha de querer com essa cara ?

Cornuc. Ui ! De veras ? Com que esta cara já tem bichos ?

Merc. Pelo que ella me fede , cuido , que já tem bichos , e varejas.

Saram. Tambem a mim já isto me vai cheirando muito mal.

Cornuc. Tomára que me dissesses , porque razão foges de mim , ao mesmo tempo que eu por ti morro !

Saram. Calte , que tu morrerás de verdade.

Merc. Cornucopia , já não te posso aturar os teus despropositos ; que tè faço eu mulher ?

Cornuc. Pois não he desamor o ver que entre tantos despojos da campanha , não achaste para trazer-me alguma joia prima com irmã daquella , que o Senhor Amfitrião trouxe ?

Merc. Não te desconsoles , que alguma cousa trago para ti da campanha.

Cornuc. Que me trazes da guerra ?

Merc. Trago-te huma balla.

Cornuc. Só isso me podias tu trazer.

Merc. Não cuides que isto de balla he cousa de pessa.

Saram.

Saram. Traga-lhe huma joia de pedras cornolinas.

Cornuc. Só te digo, que não dá quem tem, senão quem quer bem.

Mer. Quem não tem, não póde dar; e quem quer bem, dá abraços; e assim se queres hum, toma-o depressa.

Cornuc. Aceito, por não ser descortez.

Saram. Agora isso he mais comprido. *Sahe.* Guarde os seus abraços, que para isso estou eu.

Cornuc. Que diabo he isto! Outro Saramago?

Saram. Sim, Senhora; outro Saramago; mas eu não sou outro, senão ess'outro, que ahi está ness'outra tua ilharga.

Merc. Vossê he tollo? Diz-me que sou outro? Não sabes que outro he burro?

Saram. Não me volte os sentidos da oração, o que digo he, ser cousa escandalosa dar vossa mercê abraços em minha mulher.

Merc. Qual mulher?

Saram. Esta, que aqui está; não a enxerga?

Merc. Enxerga he parenta da albarda; albarda he cousa de burro; e veio-me a chamar outra vez burro.

Saram. Senhor meu, enxerga he cousa de palha, e eu entendo, que vossa mercê quer empalhar este negocio a minha mulher.

Merc. Pois isto he mulher?

Saram. Diz ella que sim: O' mulher, desengana a este Senhor; dize, tu não hes mulher?

Cornuc. Para servir a vossas mercês.

Mer.

Merc. Pois eu até aqui cuidei que era homem.

Saram. He boa caſta de homem, huma mulher deſta caſta.

Cornuc. Senhores, eu deſde que naſci até o preſente ſempre fui mulher, e daqui para diante não ſei o que virei a ſer; que quem eſtá neſte Mundo, não póde dizer deſta agua não beberei; e pois já ſabeis, que eu ſou mulher, tomára que me diſſeſſeis, qual de vós he o meu homem?

Merc. O' infame, duvídas que eu ſeja o teu marido?

Cornuc. Na verdade, que aquelle tanto ſe parece comtigo, que eu não ſei qual he o verdadeiro.

Saram. Eu devia naſcer com o meſmo fadario de Amfitrião.

Merc. Agora me lembra: tu não és aquelle, que eſta madrugada ficaſte comigo de ſer couſa nenhuma? Pois como agora te fazes Saramago?

Saram. Eu, ainda que me faço Saramago, não me contrafaço.

Merc. Não queres acabar de crer que és hum ninguem?

Saram. Se eu ſou ninguem, logo ſou alguma couſa?

Mer. Alguma couſa és, porém és huma couſa poſtiça, e fingida.

Saram. Ora, Senhor, diga-me por vida ſua, pois voſſa mercê he Saramago?

Merc. Não te convence eſta fórma, e eſta figura?

Sa-

Saram. E a voſſa mercê não o convence tam-bem eſta figura, eſte bunecro?

Cornuc. O caſo he que são bem ſemelhantes.

Merc. Logo ſomos dous verdadeiros Saramagos?

Saram. Dous Saramagos, iſſo ſim; porém dous Saramagos verdadeiros, iſſo não.

Merc. Se tu dizes, que ſou Saramago, como negas, que ſou verdadeiro?

Saram. Porque bem pódes ſer Saramago; porém Saramago mentiroſo.

Merc. A natureza, que me fez eſtas feições, e todo eſte todo, havia mentir?

Saram. Tambem a natureza póde mentir; pois não falta quem minta por natureza: *Verbi cauſa*: viſte no arco da velha aquellas cores, com que a natureza o veſte de mil cores? Pois ſabe, que não são cores, ſenão huma apparencia enganoſa, e huma equivocação dos olhos: eis-ahi ſem mais, nem mais a tua figura; pois ainda que te oſtentes Saramago verde, ou Saramago azul, para corar o arco deſta velha; com tudo nem és verde nem azul, nem Saramago, ſenão hum engano dos olhos, e huma lograsão da fantaſia.

Merc. Se eu tenho as propriedades do arco da velha: logo eſta velha he minha de propriedade?

Cornuc. Senhores meus, ſe iſto he feitiçaria, eu renuncio o pato, ainda que ſeja com arroz; o que lhe digo he, que concluão lá comſigo qual he o meu marido.

Merç. Mulher, deixa-me, que eu deſenganarei

a

a este louco : ouves tu , manda vir hum espelho.

Saram. Para que he o espelho.

Merc. Para que te vejas , e cotejes nelle a tua cara com a minha , para que te desenganes , que sou Saramago.

Cornuc. Assim he : Saramago , vai buscar o espelho só para que este Senhor não fique com a sua.

Saram. Que importa não fique ao depois com a sua , se em quanto eu vou buscar o espelho , elle fica com a minha , ficando comtigo ?

Merc. Cornucopia por ora não he minha , nem he tua : vai buscar o espelho , que eu espero.

Saram. Pois espera , que eu vou , e venho. *Vai-se.*

Cornuc. Homem , que he isto ? Tu te tornaste em dous ?

Merc. Tu , leviana , he que queres ser do genero commum de dous.

Cornuc. Eu não sou commua , tu bem o sabes.

Merc. Se és commua para dous , ou se és privada para elle , eu não o sei ; porém , que queres , que diga , vendo entrar hum homem nesta casa , e dizer , que tu és sua mulher ?

Cornuc. Não te admires disso , porque á Senhora Alcmena lhe succedeo o mesmo com outro Amfitrião , que aqui anda como duende ; e ainda agora estiverão para se matar hum ao outro , como tu bem viste.

Merc.

Merc. Em grande aperto se veria Jupiter. *á p.*

Cornuc. E assim sem razão me accusas, quando vês que estou sem culpa.

Merc. Pois eu te prometto, que esse velhaco pague o engano, que fabríca:

Sahe Saramago com o espelho.

Saram. Este ha de ser o juiz da nossa causa.

Merc. Pois adverte, que tens bom juiz; porque hum juiz, para ser bom, ha de ser como hum espelho, aço por dentro, e chrystal por fóra. Aço por dentro, para resistir aos golpes das paixões humanas, e cristal por fóra, para resplandecer com virtudes; e hum Juiz desta sórte he o espelho, em que a República se revê.

Saram. Quanto ao Juiz estamos nós bem, salvo as molduras; que para os lados de hum Juiz, cousa que se molda, não lhe vem de molde.

Merc. Bastão já tantas asneiras; anda, vê-te ao espelho.

Saram. Agora me lembra; eu ao espelho não quero ver-me.

Cornuc. Qual he a razão?

Saram. Porque não quero, como Narciso, namorarme de mim mesmo.

Merc. Seguro estás, que te não succederá outro tanto.

Saram. Porque o diz vossa merce? Porque sou feio? Pois saiba que muita gente se namora de cousas feias.

Merc. Anda, vê-te ao espelho.

Sa-

Saram. Ora vamos a iſſo : eu vou tremendo, não me pareça eu com elle. A Ninfa Syringa ſeja em minha ajuda.

Canta Saramago, vendo-ſe ao eſpelho, a ſeguinte

A R I A.

He verdade! Eu ſou aquelle;
E tambem aquelle he eu!
Eſta boca he como a delle,
O nariz he como o ſeu!
Ora eſtou deſenganado,
Que eu, e elle, e elle, e eu
Não ſe póde diſtinguir.

Cornuc. Pois que dizes? He, ou não he?

Saram. Leve o diabo o eſpelho, pois tão mentiroſo he. *Atira com elle, e quebra-o.*

Cornuc. Ai que me quebrou o conſultor da minha belleza! Que ha de ſer deſte deſgraçado roſto ſem o ſeu eſpelho?

Saram. Anda, aproveita os pedaços, que ainda terás vidros para rapar eſſa cara.

Merc. Pois que vai? Te pareces comigo, ou não?

Saram. Eu não me pareço comtigo; tu he que te pareces comigo.

Merc. Seja o que for, o ponto he, que ſejamos parecidos.

Cornuc. Baſta, que o diſſeſſe o meu eſpelho, que he mui verdadeiro: mas ai meu eſpelho!

Merc. E agora, que reſolves?

Saram. Em ſer apoſtêma em té arrebentar.

Merc. Já que és apoſtêma, ſabe que nenhuma materia tens, para affirmares, que Cornucopia he tua mulher.

Sa-

Saram. Que maior razão póde haver, para que ella ſeja mais tua, do que minha, ſe ambos ſomos Saramagos, como diſſe o juiz do noſſo eſpelho?

Merc. Porque eu ſou Saramago verde, e tu fingido.

Saram. Não vês eſta cara, e eſta figura? Certo que a natureza não póde mentir.

Merc. Reſpondo com aquillo do arco da velha.

Saram. Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

Merc. Não Senhor; *aut Cæſar, aut nihil.*

Cornuc. Nem eu conſinto, que ſe parta o meu arco; tomára eu maior donaire.

Saram. Pois ſe quer, partamos o nome de Cornucopia.

Merc. Na ſolfa do amor, não ha partitura.

Cornuc. Nem o meu nome ſe póde partir, que he muito duro.

Saram. A'gora não, ſabes de que modo?

Merc. Dize.

Saram. Partida Cornucopia, tu ficarás com a copia de ſeus carinhos, e eu com o reſto do ſeu nome.

Merc. Iſſo he o meſmo, que ficares tu com a copia, e eu com o original.

Cornuc. Senhores, concluamos: de duas huma, ou ſer de hum ſó, ou não ſer huma de dous.

Merc. Dizes bem; anda comigo, Cornucopia, que eu ſou teu marido.

Saram. Anda comigo, que teu marido ſou eu

Cornuc. Eu aqui eſtou ; quem mais força tiver, eſſe me levará.

Merc. Tu não ouves ? Anda comigo.

Saram. Anda comigo ; tu és ſurda ?

Cornuc. Tenhão mão , que eu para péla ſou muito pouco enfeitada.

Merc. Tu , maroto , queres experimentar a minha furia ?

Cornuc. Senhores , não ſe matem por couſas poucas.

Merc. Iſto não ſe leva ſenão deſta ſórte. *Brigão.*

Saram. Ai de mim , que eſte homem quer que eu ſeja duas vezes paciente !

Cornuc. Tem mão , Saramago.

Merc. Não quero ter mão , ſó por ter pé de dar muito couce neſte magano.

Saram. Pois eu ainda tenho mãos , para ter mão neſſe pé.

Cornuc. Iſto não ſe aparta , ſenão com hum deſmaio , como fez Alcmena. *á parte.* Acudão , Senhores , que me deſmaio ? *Deſmaia-ſe.*

Saram. Ai , que ſe deſmaiou Cornucopia tambem como Alcmena ! Ah Senhor , façamos treguas , para enterrar eſte defunto.

Merc. O deſmaio de Cornucopia te deu vida.

Saram. Por tua culpa ſe deſmaiou eſta flor , ou para melhor dizer derramárão-ſe as flores deſta Cornucopia.

Merc. Iſſo não póde ſer deſmaio , ſerá algum eſtupôr.

Saram. Porque ? Cornucopia não he muito capaz de ſe deſmaiar ?

Merc.

Merc. Os desmaios são para as filis, e não para as dragoas.

Saram. Pois entendamos, que he hum desmaio *ad stuporem*; e assim levemos a Cornucopia para dentro, para ver se torna em si.

Merc. Leva-a tu só, já que dizes que és seu marido.

Saram. De sórte que vossê ha de levar as propinas de marido, e eu hei de aturar os encargos do matrimonio?

Merc. Faça o que lhe digo, e tenho dito. Ora tu verás o que te succede. *á part. Vai se.*

Saram. Visto isso serei duas vezes paciente; mas eu não me atrevo só a carregar com esta balêa. Irra, como peza! Agora vejo que isto nem he accidente, nem desmaio; he pezadello: Ora vamos arrastando este fardo, que quem atura a carga, he bem que leve a buxa. Oh quanto me peza o teu desmaio! *Vai-se.*

Haverá muita gritaria, e Cornucopia se transfórma em hum Anão.

SCENA IV.

Bosque. Sahe Juno.

Juno. VErdes alamos desta Selva, symbolo da inconstancia de hum esposo, que sendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ser inconstante: incultas flores, que neste campo sem artificio produzio a Primavera retrato do instantaneo bem, que pos-

ſuo; pois a gloria, que devêra lograr eterna, hum eſpoſo faz, com que ſeja momentanea: deſpenhado arroio, que em precipicios de neve ſois imagem de meu pranto, que podendo eu empreſtar rizos á meſma Aurora, hum eſpoſo tyranno a tantos ſuſpiros, e lagrimas me provoca; e aſſim já que o furor dos zelos me incita, baſiliſco ſerei entre eſſes ramos, aſpide entre eſſas flores, crocodilo entre eſſas aguas; pois baſiliſco, aſpide, e crocodilo tudo são zelos. He poſſivel, que me veja eu ſem Jupiter, e Alcmena com elle! Alcmena logrando os ſeus carinhos, e eu ſentindo os ſeus repudios! Oh não ſei como não abraſo a esféra do fogo, com o fogo dos meus zelos!

Sahe Jupiter na fórma de Amf.

Jupit. Viſte acaſo por aqui Alcmena?

Juno. Se buſcas a Alcmena, Amfitrião, te direi onde ella eſtá?

Jupit. Eſta cuida que ſou Amfitrião. *á part.* Verdade he, Feliſarda, que buſco a Alcmena, para allivio da chamma, em que me abraſo.

Juno. Pois ella agora ficou no jardim, vai ſem dilação a vingar-te; que ſeria deſluſtre da tua peſſoa, ſabendo vencer a tantos inimigos na campanha, não ſaber caſtigar a huma mulher, que o teu credito deſdoura.

Jupit. Muito te devo, Feliſarda, pois com tanta efficacia me perſuades purifique a minha honra, vendo tambem o quam pouco te deve Alcmena, pois tanto ſolicitas a ſua morte. Ah traidora! *á parte.*

Ju-

Juno. Nada me deves niſſo, pois eſta efficacia naſce do deſejo, que tenho de te não ver infamado, quando ſei és digno de mais heroica fama; e em quanto a dizeres que pouco me deve Alcmena, tambem importa pouco, que ſe arranque do Mundo hum infame padrão, que deſauthoriza a honeſtidade, que deve conſervar huma mulher de bem.

Jupit. Pois tu verás de que ſórte eu me vingo. Não vi mais tyranna mulher! *á part. Vai-ſe.*

Em quanto Juno, voltada para hum lado, diz o que ſe ſegue, ſahirá Amfitrião, e ſe porá no meſmo lugar, onde Jupiter eſtava, com eſpada na mão.

Juno. Quando ſe perca o conſelho, ao menos deſafogo a minha dor; mas que he iſſo Amfitrião? Se já deſembainhaſte a eſpada, para que dilatas o caſtigo de huma traidora?

Amf. Hoje verá o mundo correr do peito de Alcmena, e daquelle fementido traidor, dous rios de ſangue, para nelles purificar as manchas da minha honra.

Juno. Não ſe eſperava menos do teu brio; e pois Alcmena eſtá no Jardim, faze com que as ſuas flores todas ſejão purpureas, regando-as com o ſangue della, que te offende.

Amf. O meu brio não neceſſita de eſtimulos, para a vingança, baſtante cauſa são os meus zelos, ſufficiente incentivo he a minha afronta: verás, Feliſarda, embainhar nos peitos deſſes dous traidores eſta eſpada, para que paguem com a vida os ſeus delictos. *Vai-ſe.*

Juno. Ai infeliz , que não fabes , que o traidor-que te offende , vive ifento da tua furia , pela immortalidade que gofa !

Sahe Saramago ao bastidor.

Saram. Hei de apurar a panella do amor , ainda que chegue a comer falgado. Verei agora entre eftas ramas efcondido , em que pára ifto de Cornucopia , para vingar a minha afronta ; pois quero que faiba o Mundo , que eu não fou Cornelio Tacito.

Sahe Tirefias.

Tiref. Flerida , que delicto commettêrão os meus olhos , para que os caftigues com a privação de tua formofura ?

Saram. Ui , Felifarda chama-fe Flerida ! Bonito ! Ora ifto ha de fer galante ! *Audiamus.*

Juno. Tirefias , tu contas os inftantes que me não vez , mas não numéras as dilações , que fazes em cumprir o que prometteste fobre a vingança de Alcmena.

Tiref. Como he poffivel , que em tão poucas horas pudeffe executar o teu preceito ? Eftes troncos não nafcêrão fem tempo , nem eftas plantas fe produzírão em hum inftante ; primeiro fe ha de femear a zizania , para fe colher o fructo da vingança.

Saram. Zizania temos ? Alguma coufa querem eftes furtar a Alcmena.

Juno. Se Alcmena fora complice de algum delicto , que fineza me fazias tu em caftigalla ?

Tiref. Tambem poderia eu diffimular o feu delicto.

Ju-

Juno. Cala-te, traidor, falſo; já te arrependes do que me tens promettido? Se te não move o ſeres Rei de Teleba, baſtava a confiſsão que fizeſte do teu amor: vai-te, que em corações tibios ſe não póde conſervar amor conſtante.

Tireſ. Meu bem, ſuſpende os rigores, porque eu...

Juno. Já ſei que como tambem amas a Alcmena, por iſſo compaſſivo recuſas o caſtigalla.

Tireſ. O' Flerida, para que vejas fruſtrada a tua preſumpção, dize, de que ſórte te queres ver vingada de Alcmena?

Saram. Agora, Saramago, oreiha de palmo.

Juno. Agora que Alcmena ſe acha no jardim, era boa occaſião de a matares, e nunca poderás ſer complice na ſua morte; pois ſem duvida ſe ha de attribuir o delicto a Amfitrião, como offendido das leviandades de Alcmena.

Saram. Não he couſa de cuidado, he ſó hum páo por hum olho.

Tireſ. Que leviandades são as de Alcmena? Peço-te que mas refiras?

Juno. Que? Tens zelos?

Tireſ. Se cuidas que o pergunto por iſſo, já o não quero ſaber; ſó ſim executar os teus preceitos.

Juno. Pois ſabe que o meu amor ſerá o menor premio deſſa fineza.

Tireſ. Ai, Flerida, ſe o teu amor he a menor fineza, qual ſerá a maior do teu amor?

Juno. Anda, vai, não te dilates.

Ti-

Tiref. Pois , Florida , eu vou ; adverte que por ti farei muitos impoffiveis. *Vai-fe.*

Juno. Bom he prevenir o golpe com dous tiros ; pois no cafo que fe erre o golpe de Amfitrião , fe acerte o de Tirefias ; que he jufto haver para duplicadas offenfas duplicadas vinganças.

Sahe Saramago.

Saram. Vou depreffa avifar a Alcmena difto , que agora ouvi ; que ao menos acho que me dará hum bom premio.

Juno. Ai de mim , que efte criado me efteve ouvindo ! Porém eu te fufpenderei os paffos , para que não noticies a Alcmena o que ouvifte. *á parte,*

Saram. Tomára ter azas nos pés , para hir *ad bolandum.*

Juno. Converto-te em tronco , para que não pofías paffar dahi. *Vai-fe*

Converte-fe Saramago em arvore.

Saram. Que diabo he ifto ? Que terei eu nos pés , que não poffo andar ? Que remora terrefte me fufpende o impulfo dos joanetes ? Quem me agarra nos pés ? A que delRei ladrões ! mas que vejo ! Eu eftou convertido em arvore , de que não ha duvida ! As pernas , e coxas , são troncos , e o mais efgalhos , e folhas ! Quem me fez efte beneficio , fuppoz que eu era algum cepo : andar , aqui farei penitencia dos meus peccados ; e já que me acho convertido , ferá para mim efta arvore de penitencia.

Sa-

Sahe Cornucopia com hum páo na mão.

Cornuc. Que diabo terá eſte Saramago, que tanto tarda em vir ajudar-me a varejar a azeitona? Saramago? Saramago?

Saram. Que me queres, Cornucopia?

Dentr. Merc. Cornucopia, já vou.

Cornuc. Chamo por hum, e me reſpondem dous! Eſtou bem aviada, ſe ſe encontráo outra vez os dous Saramagos! Anda depreſſa, Saramago.

Saram. Tem paciencia, que não poſſo ir, nem depreſſa, nem de vagar.

Cornuc. Aonde eſtará eſte maldito, que me reſponde?

Sahe Mercurio com hum páo na mão.

Merc. Que preſſa tens? Não te reſpondi, que já vinha?

Cornuc. Sabes porque? Quando te chamei, me reſpondeo aquelouiro Saramago fingido, e temo que aqui venha a dar comnoſco.

Saram. Ah perra, que venho a dar comtigo em occaſião que te não poſſo dar.

Merc. Que importa, que elle venha? Se vier, levará com eſte varapáo.

Saram. Irra! Vejão lá de que eſcapei!

Cornuc. Varejemos depreſſa a azeitona, que depois iremos a deſcanſar.

Saram. Que hei de eu eſtar ouvindo iſto aqui a pé quedo, ſem poder fugir daqui! He tormento nunca viſto!

Merc. Por qual oliveira começaremos?

Cornuc. Por eſta, que eſtá bem carregada.

Sa-

Saram. Basta que eu passei de Saramago a oliveira , e que por meus peccados hei de ser varejado ! Mas a mim que se me dá ; pois se sou tronco , hei de ser insensivel.

Dão os dous na arvore.

Saram. Ai , que me derreáo ! Ai que náo sou insensivel !

Cornuc. Dá-lhe com bem força , para cahir muita azeitona.

Saram. Ainda póde ser com mais força ? Ai que me derreáo !

Merc. Dá-lhe dess'outra banda , que eu lhe darei de cá.

Saram. Ai , Senhores , que morro ao cahir da folha , como tisico !

Merc. Não ouves humas vozes , como de quem se lamenta ?

Cornuc. He verdade , vamos ver quem he ; anda , Saramago. *Vão-se.*

Saram. Vão se cos diabos , que me puzeráo a ver jurar testemunhas : a isto he que eu chamo dar hum bom varejo ; pelo menos já me posso desvanecer que sou hum moço bem sacudido.

Sahe Jupiter com hum punhal na mão.

Jupit. Depois que Amfitriáo zeloso se apartou de Alcmena , a náo pude ver mais. Ai , querida Alcmena , quem podéra lograr as tuas delicias sem rebuços , e transformações ; pois ao mesmo tempo que logro os teus favores , me escandalisa a tua isenção ! E para que o saiba o Ceo , e a terra , o esculpirei nos troncos ;

cos ;

cos; para que em hum, e outro globo, viva immortal a minha fineza; seja pois este tronco, por ser o primeiro que encontro, o mais venturoso, que conserve em si esculpido o nome de Alcmena.

Saram. Que diabo quererá fazer Amfitrião, que se vem chegando para mim com huma faca de mato? Resta-me que queira cortar-me algum esgalho.

Jupit. Arvore feliz, conservarás em teu tronco o nome de Alcmena, a pezar das injúrias do tempo.

Saram. Este sim, que busca o tronco, e não he como os outros, que andárão pela rama.

Jupit. Desta sórte quero escrever o nome de Alcmena neste tronco para eterno padrão da minha fineza.

Escreve Jupiter em Saramago; isto he, no tronco da mesma arvore, em que está transformado, a seguinte

DECIMA.

Desse tronco na dureza
Teu nome, Alcmena, estampado
Eternize o meu cuidado
Por troféo dessa belleza:
Viverás arvore illesa
Do tempo ao fero rigor
Sempre em perenne verdor,
Porque cresção em vivas chamas
Nas flores de tuas ramas
Os frutos do meu amor.

Sa-

Saram. Ai que me rasga as coxas , e as pernas! Lá vai a veia arteria cos diabos.

Jupit. Mas que vejo! O tronco destila sangue? He caso nunca visto!

Saram. He para que vejão os Senhores Poetas, que o escrever huma Decima custa gottas de sangue.

Jupit. Não sei a que attribua isto!

Saram. Ah Senhor Amfitrião , tome-me o sangue , que me estou vasando como hum cesto roto ; olhe que lho peço com lagrimas de sangue destiladas das fontes das minhas pernas.

Jupit. Este he Saramago , que está convertido em arvore : quem transformaria este miseravel? Mas quem havia ser senão Mercurio , para lhe fazer alguma peça? Pois eu o restituirei á sua antiga fórma , sem que elle saiba que lhe faço este beneficio , porque não suspeite em mim alguma divindade.

Saram. Senhor , acuda-me ; olhe que sou Saramago , que estou prezo aqui neste tronco.

Jupit. Torna-te , homem , á tua antiga fórma. *Vai-se.*

Desfaz-se a arvore , e fica Saramago como de antes.

Saram. Ora graças a Jupiter , que depois de tanta tormenta fiquei desarvorado. Porém que fiz eu , pobre de mim , para me ver sacudido , varejado , e arranhado , sem que me baste ser oliveira para ter comigo a paz? Ora paciencia , vamos para dentro a imaginar de que enxerto nasceria esta arvore. A curar-me não hi-

hirei ; porque já vou muito bem ſangrado, e carregado de pancadas.

Sahe Iris.

Iris. Eſpera ; aonde vás com tanta preſſa ?

Saram. Agora he que tu vens ao atar das feridas ?

Iris. Que te ſuccedeo ?

Saram. Nada. Apodreceu-me o corpo de ſorte, que já tem varejas.

Iris. Pois conta-me o que foi.

Saram. Tenho pejo de lhe dizer a minha fraqueza por vida minha. *á part.*

Iris. Como náo queres fallar, fica-te embora.

Saram. Eſpera, que eu to digo. Como o meu amor já por ahi anda corrupto, apodreci de muito maduro, de ſórte que ando cahindo aos pedaços; pois nas tuas vozes me ficáo as orelhas, nos teus ouvidos a lingua, na tua cara os olhos, nos teus pés o coração ; e ſó no teu deſdem eſtou pelos cabellos, por te náo vir a pello a minha fineza.

Iris. Náo ſei ſe te creia.

Saram. Eu era de parecer que ſim ; e para que me creias o que digo em proſa, o meſmo te direi em verſo ; porque graças a Cupido, tanto ſei amar em proſa, como em verſo ; e aſſim eſcuta, Corriola, eſte

SONETO.

Jogou o amor comigo o toque emboque,
Mas no taco náo teve hum ſó deſpique,
Nos centos lhe tangi hum tal repique,
Que os ouvidos tapou ao ſom do toque.

Na

Na batalha de amor lhe dei hum choque,
No triunfo da fineza puz-lhe hum pique,
Venus arrenegada, que eu embique,
Deo-me por certa Dama hum bom remoque.
Eſtendeo-ſe na banca, como hum leque,
No burro ſe ficou, como hum basbaque,
E as tabulas furou do calambeque;
Mas deo co' ás de copas hum tal traque
Que á chalupa arrombando-ſe-lhe o beque,
Na corriola quiz que eu deſſe o baque.

Iris. A' viſta deſte extremo não quero ſer deſagradecida; porém para que eu acabe de ver o teu amor, me has de declarar huma couſa, que te quero perguntar.

Saram. Não ſabes que o amor he a chave meſtra de todos os peitos? Dize o que queres, que eu...

Apparece Mercurio ao baſtidor. Mas eſpera: Valha-te o diabo, maldito fingido Saramago, que ſempre me perſegues! E porque com a tua falſa apparencia não desfaças o bom principio de meu amor, quero retirar-me, até que te vás. *á part.*

Merc. Saramago tanto que me vio, mudou de côr; parece que não goſta de ver-me. *á p.*

Iris. Quero, pois, que me digas.

Saram. Eſpera, que para reſponder-te com mais ſocego, vou alli fóra tirar-me de hum cuidado, e já venho.

Iris. Vai depreſſa.

Saram. Não tardarei hum inſtante. *Vai-ſe.*

Iris. Verei ſe deſcubro o enigma deſtes dous Amfi-

fitriões, para que Juno tenha allivio na sua pena.

Sahe Mercurio na fórma de Saramago.

Merc. Faço particular gosto em lograr a este tonto Saramago. *á part.*

Iris. Bem dissesse, que não tardarias hum instante, e depressa vieste.

Merc. Para obedecer-te tenho azas nos pés, como Mercurio.

Iris. Já vou crendo, que és verdadeiro amante; e para acabar de o conhecer, quero que me digas, se sabes, qual destes he o verdadeiro Amfitrião, que tu o has de saber melhor que ninguem?

Merc. Agora encravarei mais a Amfitrião. *á p.* Prometes tu não dizer nada do que eu te disser? Olha que isto he materia de grande pezo.

Iris. Fia de mim, que ninguem o saberá.

Merc. Como tu já sabes que hum dos Amfitriões não he verdadeiro, a este fingido só eu o conheço, e só de mim se fia, e só mostrando-to com o dedo, o poderás conhecer.

Sahe Saramago ao bastidor.

Saram. Ainda lá está o maldito, e Corriola cuida que sou eu; ora esperemos que se vá.

Iris. E quem he esse tal fingido?

Merc. O que te posso dizer he, que he homem nobre, e de grande esféra.

Iris. Ora vem mostrar-mo, meu Saramago do meu coração.

Saram. Oh quem podéra responder-te! *á part.*

Merc. Vamos, e verás. *Vai se.*

Iris.

Iris. E que boa nova levarei a Juno! *Vai-se.*

Saram. Efpera, Corriola, que naõ fou eu o que te leva: ah caõ de mim, que fui taõ basbaque, que te deixei expofta á inclemencia deffe tyranno, que fe aproveita do meu fuor; mas ainda que eu fuê o farrapo, ella naõ ha de fer fua: Peguem neffe magano: ah que delRei, ladrões.

SCENA V.

Jardim, onde haverá huma fonte, e ao pé defta hum affento, e fabe Alcmena.

Alcmen. AOnde achará allivio huma defgraçada, pois em qualquer lugar encontro hum cadafalfo; cada tronco fe me reprefenta huma morte; cada planta hum verdugo, e cada flor hum martyrio? Efta funefta fantafia vive taõ occupada de triftes idéas, que fem faber quem me offende, em tudo o que vejo acho huma vingança; em tudo o que encontro fe me erige hum fupplicio: ai Amfitriaõ, quem te podéra moftrar a minha innocencia, para que achaffe allivio efte afflicto coraçaõ, que timido até as fombras o affombraõ, e fobrefaltaõ!

Canta Alcmena a feguinte

ARIA.

A timida corça,
Que pávida teme
Da rama, que treme
No bofque agitada
Do vento veloz.

Affim eu afflicta;
Sem caufa affuftada,
Me finto ultrajada
De hum mal taõ atroz.

De-

Depois que Alcmena canta, assenta-se ao pé da fonte, e sahe Jupiter com espada na mão.

Jupit. Já não ha tronco, aonde não se veja esculpido o nome de Alcmena, e não he justo, que elles só tenhão essa gloria; mereça tambem o marmore daquella fonte conservar em sua dureza o feliz nome de Alcmena, que nelle vivirá mais perpétua a sua memoria, e o meu amor: Mas que vejo! Aquella he Alcmena, que na mesma fonte reclinada entregou as potencias ao imperio de Morfêo. Dorme, Alcmena, que se tu amáras, como eu, nunca dormíras, nem dormindo descansáras.

Sahem Amfitrião por hum lado, e Tiresias por outro, com espadas nas mãos, e Jupiter se retirará para junto de Alcmena.

Tiref. Bem dizem que o amor he hum inferno, pois de hum abysmo me conduz a outro abysmo, porque hoje ha de morrer Alcmena innocente pelo delicto de amor.

Amf. Oh que impiedade! Que hajão de affrontar ao esposo as leviandades da esposa! Pois morra Alcmena, já que assim o quer o Mundo, e os meus zelos.

Jupit. Quanto mais a vejo, mais me assombra a sua belleza; pois hydropicos os meus olhos não se fartão de ver, por mais que vejão tão rara formosura.

Tiref. Aquella he Alcmena, que está dormindo. Ai infeliz belleza, que desse somno passarás a outro mais profundo!

Amf. Mas que vejo! Alli está Alcmena junto

daquella fonte: ai desgraçada formosura, que nem todas essas aguas apagaráõ as chammas do meu ciume!

Alcmena sonhando.

Alcmen. Esposo Amfitrião, não manches tão generosa espada no sangue de huma innocente.

Jupit. Alcmena está fallando em sonhos, e parece está afflicta com alguma funesta fantasia; quero acordalla.

Amf. e Tiref. Morre, infeliz Alcmena.

Ambos fazem acção de a matar.

Jupit. Alcmena, acorda. Porém que vejo!

Alcmen. Amfitrião . . . . . suspende . . . . pois. . . . Mas ai de mim, que vejo! Todos tres com espadas vindes a matarme? Que he isto, Senhores?

Tiref. Frustrou-se o meu intento. *á p.* Mas que vejo! Dous Amfitriões ao mesmo tempo?

Amf. Que he isto, traidor? Tambem vinhas matar a Alcmena, para com esta acção mostrares ao Mundo, que és o verdadeiro Amfitrião no brio, com que vingas o teu ciume?

Jupit. E tu, fementido, com o mesmo dissimulo, que de mim imaginas, vens a ser complice de huma morte, querendo com hum delicto salvar outro delicto?

Alcmen. Senhores, que suspensão he esta? Que delicto commetti eu para tanta vingança? E se commetti algum, como todos quereis ser parte no meu castigo?

Tiref. Eu, Alcmena, não vim a offender-te; mas sim a estorvar a tua desgraça conjurada

con-

contra ti, por aviso, que della tive, e como supremo Ministro desta Republica me era licita esta acção.

Jupit. Nem eu, Alcmena, vinha a matar-te, que bem sei a tua innocencia; mas sim a este traidor, que me disserão estava neste jardim, para offender-te.

Amf. Pois confesso, que não só vinha matar a Alcmena, mas tambem a este tyranno usurpador da minha honra; pois com simulada fórma, e fantastica apparencia me roubou com a honra a esposa, fingindo ser o verdadeiro Amfitrião; e assim por mais que mo impidas, hei de executar a minha vingança, matando a ambos. *Brigão os dous.*

Tires. Assim se atropella o meu respeito? Suspendei as armas.

Alcmen. Ai de mim! Não ha quem estorve esta desgraça?

Amf. Hoje serás victima de minhas iras.

Jupit. E tu sacrificio de minha vingança.

Alcmen. Não ha quem acuda? O' lá? O' lá?

Sahem Mercurio na fórma de Saramago, Polidaz, Juno, Cornucopia, Iris, e hum Soldado, e hirão fallando o que se segue.

Jupit. Ai de mim, que senão logrou o meu intento!

Merc. Sempre disse, que isto havia succeder.

Iris. Agora se saberá este enigma.

Cornuc. Ai, Senhora, fujamos depressa, antes que nos matem.

Polid. Suspendei os impulsos; mas como he isto!

to ! Dous Amfitriões ! Quem vio caſo mais extraordinario ! Tireſias , que ſucceſſo tão eſtranho he eſte ?

Tireſ. Polidaz , tambem eu eſtou na meſma dúvida , e com a meſma admiração ; porém com averiguar eſte caſo , ſaberemos o que he iſto.

Alcmen. Tireſias , he juſta eſſa averiguação , para que ſe ſaiba a minha innocencia ; e aſſim principiarei eu a dizer : Bem ſabeis , que ſou caſada com Amfitrião.

Jupit. Não te canſes , que eu o direi em duas palavras : Tireſias , vim da guerra dos Telebanos : triunfei , como ſabeis ; e quando cuidei lograr nos braços de Alcmena os fructos da paz , veio eſte ſementido introduzir-ſe tambem em caſa , tomando a minha fórma por alguma arte magica , ſem duvida , para fazer os diſturbios , que tendes viſto.

Amf. Tudo iſſo he engano , Tireſias ; pois o verdadeiro Amfitrião ſou eu ; e como a verdade não neceſſita de prova , a meſma verdade ſeja a que me defenda.

Tireſ. Eſperai : vamos por partes : Alcmena , qual deſtes he o teu eſpoſo ?

Alcmen. Elles são tão parecidos , que confeſſo os não ſei diſtinguir.

Tireſ. Cornucopia , qual deſtes he o teu amo ?

Cornuc. Eu , Senhor , ſou pouco Filoſofa , para fazer diſtincções ; mas ſe me pergunta pela verdade , digo , que ambos são meus amos ; porque eu ſou muito cortez.

Tireſ. Diga o criado agora.

Iris.

Iris. Agora, Saramago, he boa occasião de mostrares qual he o fingido.

Merc. Quem duvída, que este he o verdadeiro Amfitrião, *Para Jupiter*, e aquelle o fingido? *Aponta para Amf.*

Jupit. Bom foi ter aqui Mercurio da minha parte. *á part.*

Amf. Que dizes, Saramago? Não sabes, que sou teu amo Amfitrião? Não me conheces? Dize, velhaco?

Merc. Senhor, não tem que se cansar, que eu hei de dizer a verdade, mas que seja contra mim: Senhores, saberão vossas merces, que es's'outro Amfitrião, que ahi está, quando viemos da guerra, me disse, que elle por lograr os agrados da Senhora Alcmena, de quem vivia cheio de amor até os olhos, fora ter com hum Nigromantico, e que este lhe untára o rosto com certo oleo *serpentorum*, para se parecer com o Senhor Amfitrião; e para melhor fazer o seu papel, me pedio, que eu o apoiasse, dizendo, que elle era o verdadeiro Amfitrião, para o que tambem me untou as mãos com huma bolsa cheia de dinheiro, e eu como sou amigo destas bagatellas, o introduzi com a Senhora Alcmena de pés, e cabeça; e assim, pois confesso a verdade, peço que me perdoem este delicto.

Juno. Vejão a traça por onde Jupiter se quiz introduzir! *á part.*

Iris. Se não he Saramago, nada se sabe. *á part.*

Amf.

Amf. Que he o que dizes , embusteiro ? Estás fóra de ti ?

Tiref. Basta , basta ; já está descuberto o enigma.

Amf. Tiresias , adverti que este criado mente , porque eu. . . .

Tiref. Não tens , que dizer mais.

Alcmen. E pois a minha innocencia se patentêa , peço-vos , Tiresias , que castigueis a insolencia desse traidor.

Amf. Como , tyranna , se o verdadeiro Amfitrião sou eu ?

Jupit. Quereis ver a verdade mais claramente provada ? Esperai ; dizei-me : Quando viestes da guerra entrastes no Senado com pompa triunfal ?

Amf. Confesso , que não ; porque quando vim de casa , não achei a Polidaz , que tinha ficado esperando por mim.

Polid. Isso he falsissimo , pois Amfitrião veio de casa , e achou-me no mesmo lugar , aonde fiquei esperando por elle , e ambos fomos ao triunfo.

Tiref. Eu sou testemunha , que laureei a Amfitrião no Senado.

Jupit. Pois se elle confessa , que não foi ao triunfo , e vós outros tambem vistes , que entrei triunfante no Senado , aonde me laureastes , claro está , que o verdadeiro Amfitrião sou eu , e este o fingido.

Amf. Oh Jupiter soberano ! Quem se vio em maior labyrintho ?

Merc.

Merc. Chama por Jupiter, que elle muito bem te acudirá. *á part.*

Cornuc. Ah Senhores, se se não castiga este desaforo, daqui á manhá nos havemos ver inçadas de Amfitriões, como de porsovejos.

Sahe Saramago.

Saram. Venho avisar a Alcmena do que ouvi escondido entre as ramas; porém cá está muita gente. *á parte.*

Merc. Saramago ahi vem; pois vou-me, que assim me convem. *Vai-se.*

Alcmen. Tiresias, que suspensão he esta? Porque não castigais a este traidor, a este fingido?

Tiresf. Agora o verás: Tu, Polidaz, leva a esse fingido Amfitrião para o carcere, de donde será levado para o supplicio; pois legalmente se acha provada a sua culpa.

Amf. Que he o que dizes, Tiresias? Como castigas ao innocente, e deixas ir livre ao culpado?

Saram. Ai que parece que vai o diabo em casa do Alfacinha!

Tiresf. Não tendes que replicar; levem-no.

Amf. Tende mão, porque eu não sou quem cuidais.

Tiresf. Isso sei eu muito bem.

Juno. Sem duvida Amfitrião he o que vai prezo, e Jupiter he o que fica livre; pois não ha de ser assim: Tiresias, adverte, que tambem Alcmena merece castigo, pois ella diversas occasiões tratou a ambos como a esposos,

e

e assim he certo que offendeo a seu marido verdadeiro ; que segundo as leis tambem deve morrer.

Alcmen. Que he isso , Felisarda ? Tu és contra mim ? Assim pagas a hospedagem , que te dei ?

Tiref. Bem entendo a Flerida. *á part.*

Saram. Vejão se lha pregou de maço , e mona. *á parte.*

Tiref. Tem razão Felisarda no que diz : vem , Alcmena , comigo , para seres sacrificio no templo de Jupiter.

Alcmen. Tiresias , que dizes ? Eu hei de pagar o engano alheio ?

Tiref. Se o teu delicto está provado , não ha mais remedio que morrer.

Alcmen. Como o animo distingue os maleficios, não mereço morrer ; pois no meu animo sempre tive por esposo aquelle , que me parecia com tanta realidade verdadeiro.

Tiref. Dos animos , e affectos interiores, só os Deoses supremos são os Juizes , que nós os Ministros da terra sentenciamos pelo que vemos exteriormente ; e pois não negas , que admittiste a dous Amfitriões , sempre violaste a pureza do thalamo ; e assim anda comigo.

Juno. Bem haja Tiresias , que assim me vingo. *á parte.*

Jupit. Desse delicto só pertence ao esposo a sua accusação ; e não a accusando eu porque estou certo , que com malicia não violou o thalamo : logo não podeis castigalla, quando eu a não accuso.

Ti-

Tiref. Não fó he o efpofo o offendido, mas tambem a Républica, a quem incumbe caftigar os delictos, para emenda de outros, e confervação da virtude, na qual confifte toda a juftiça.

Alcmen. Efpofo, defende a minha innocencia, pois tu bem fabes.....

Jupit. Alcmena, contra hum empenhado nada val; e pois Tirefias affim o quer, não recufes ir ao facrificio de Jupiter. Vai fem fufto, que Jupiter te defenderá. *Vai-fe.*

Amf. Já, tyranna, hirei a morrer mais confolado, vendo que tu tambem não ficas fem caftigo.

Alcmen. Por ti, fementido traidor, vou a morrer fem culpa.

Amf. Por ti fem delicto vou a penar, cruel Alcmena.

Cornuc. Eu eftou capaz de me dar hum accidente de verdade. *á parte.*

Saram. Eu eftou com o coração táfe táfe, vendo ifto no que pára. *á parte.*

Polid. Vamos, vamos. *Para Amf.*

Tiref. Alcmena, vem.

Alcmen. Juftos Deofes, porque não vos compadeceis de mim, que fou huma innocente?

Amf. Deofes juftos, ou injuftos, porque confentis tão barbara injuftiça?

Tiref. e Polid. Anda, vamos. *Cada hum para o feu.*

Amf. Oh Jupiter, compadece-te de minha innocencia.

Ti-

Tiref. E vós, Soldados, levai tambem Saramago para a enxovia, bem carregado de ferros, pois foi quem introduzio o fingido Amfitrião em cafa de Alcmena. *Vai-fe.*

Saram. Efpere, Senhor Tiricia; que he o que diz?

Soldad. Ande, ande, Senhor Saramago.

Saram. Voffa merce me não ha de enfinar a andar; que quando voffa merce nafceo, já eu èngatinhava.

Soldad. Vamos para a cadêa, que affim o manda o Senhor General.

Saram. Não fe canfe, que eu não vou, fem faber primeiro o porque vou prezo.

Iris. Não vi fentença mais bem dada. *á parte.*

Soldad. Venha, que lá lho dirão muito bem dito.

Saram. Cornucopia, tu não fabes porque me prendem?

Cornuc. Por culpa da tua lingua: quem te mandou fer fallador?

Saram. Nunca eu tive a lingua mais preza do que agora, que vou prezo pela foltura da lingua, como dizes.

Soldad. Vamos depreffa, que já lá vão os outros.

Saram. Pois, Senhor, hei de ir prezo affim fem mais nem mais?

Cornuc. Anda, vai-te, que agora pagarás os fingimentos que tens feito, e talvez que tambem por iffo vás prezo.

Saram. Não, fe eu por iffo vou prezo, logo me

me ſoltaráõ, porque eu ſou o verdadeiro Saramago, ſe não me engano.

Soldad. Ande já cos diabos.

Saram. Sim, Senhor, eu vou com os diabos, pois vou com voſſa merce; mas antes que vá, deixe-me dar hum abraço a minha mulher.

Cornuc. Vai-te dahi, que eu não ſou tua mulher, fingido, embuſteiro; e não ſabes quanto folgo, e quanto me alegro de verme vingada de ti. *Vai-ſe.*

Saram. Vai-te, mofina: Oh minha Corriola, ſe te mereço alguma couſa, peço-te, que rogues a eſtes Senhores, que me não levem prezo aſſim a ſangue frio, ou que me digáo o porque vou prezo, que eu não o ſei.

Soldad. Voſſê não ouvio dizer que hia prezo por introduzir o fingido Amfitrião em caſa de Alcmena? Pois Tireſias bem claro fallou.

Iris. Ah! Huma vez que he por iſſo, eu pedirei.

Saram. Ora pede, pede, ainda que finjas duas lagrimas.

Iris. Senhor Soldado, aſſim Deos o faça Cabo de eſquadra, lhe peço com lagrimas de ſangue naſcidas do meu coração.

Soldad. Diga, Senhora, o que quer?

Saram. Iſſo, iſſo, Corriola pede neſſe tom, que abrandarás huma pedra.

Iris. Peço, Senhor Soldado, que a eſte pobre Saramago o levem muito bem prezo, e atracado, para que não fuja.

Soldad. Iſſo farei eu por te dar goſto.

Sa-

Saram. Ah Senhor Soldado , olhe que ella o que pede he , que me ſolte.

Soldad. Voſſa merce não diz , que o leve prezo ?

Iris. Sim , Senhor ; ainda que vá a arraſtões.

Saram. O' Corriola , iſſo te merece o meu amor ?

Iris. Sim , patife , alcoviteiro , para caſtigo da tua inſolencia.

Saram. A que del Rei , Senhores , que fiz eu ? A todos tomo por teſtemunha , como eu neſta hiſtoria não fui alcoviteiro de ninguem.

Iris. Levem-no depreſſa.

Saram. Ah cruel , falſa , inimiga , fraudulenta , aſſim pagas o extremo com que te adoro ?

Iris. Vai , vai.

Saram. Se he tua vontade que eu vá , eu irei ; mas não quero que vás mal comigo ; anda cá , Corriola , que ainda que tu me deſdenhas , eu não poſſo deixar de te querer , para o que te rogo me dês hum abraço ; olha que to peço com o choro canoro de minha voz.

Cantão Saramago , e Iris a ſeguinte

A R I A.

Saram. A Deos minha Corriola ,
Dá-me agora hum ſó abraço ,
Que eu vou para o cagarrão.

Iris. Vai-te embora , Saramago ,
Que hum abraço , e hum baraço
Na moxinga te darão ,

Saram. Tu te alegras ?

Iris. Porque não ?

Saram. Tu não chores !

Iris. Para que ?

Dei-

Deixa dar-me bem rizadas.
Saram. Tu a rir, eu a chorar.
Amb. Se Deos ainda me der vida
Infiel, falſo, homicida;
Outro abraço te hei de dar. *Vão-ſe.*

SCENA VI.

Carcere, onde eſtarão tres prezos, e ſahe Saramago com correntes, e dizem dentro o ſeguinte.

Dentr. LA' vai mais eſſe hoſpede, agazalhem-no bem.

Saram. Quanto hoje, graças à Deos, não dormiremos na rua; mas ai de mim Saramago! Aonde eſtou eu? Oh quem me diſſera, que eſcapando de huma oliveira, vieſſe a parar em hum limoeiro!

1. *Prezo.* Senhor camarada eſtamos obrigados a agazalhallo bem.

2. *Prezo.* Ande para cá ſô amigo.

Saram. Como hei de andar, ſe a minha deſgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah Senhores meus, vejão ſe me podem tirar eſtes ferros, que tão aferrados eſtão; e por mais que os ſacudo de mim, cada vez eſtão mais ferrenhos comigo.

1. *Prezo.* Tambem iſſo não he pelo que eu fiz: porque te prendèrão?

Saram. Por nada.

1. *Prezo.* Por nada? Já ſe vê que he por ladrão.

2. *Prezo.* Fóra ladrão.

Saram. Não me ladrem, que me não hão de morder nessa materia.

1. *Prezo.* Isso não nos importa; o que queremos he, que nos pague a patente.

Saram. Bem patente estou eu nesta prisão.

1. *Prezo.* Andar, logo a pagará, ainda que não queira; vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o assento.

Saram. Escuso que me fação o assento, que isso tenho eu feito ha muito tempo.

1. *Prezo.* Quem te fez o assento, se ainda agora entraste?

Saram. Desde que nasci, tenho o assento feito.

1. *Prezo.* Para que mentes? Aonde te fizerão o assento?

Saram. Aqui, vossas merces não o vem?

Aponta para traz.

2. *Prezo.* He bem desaforado o magano.

1. *Prezo.* Já que esse he o assento, nós lho faremos mais bem feito com quatro batecûs.

2. *Prezo.* Isso he; suba á polé, e de lá nos pagará a patente tambem, olhe para ella bem.

Saram. Irra! Agora isso he mais comprido: Senhores meus, por vida minha, que eu não nego o patente, que o patente he cousa que se não póde esconder.

1. *Prezo.* He para que tambem não falle com tanta liberdade.

Saram. Que liberdades póde fallar quem a não tem?

1. *Pre-

1. *Prezo.* Ande para alli, magano, para que ſaiba fallar bem aos prezos veteranos.

2. *Prezo.* O lá de cima, deita a corda, atemolo bem: iſſa acima. *Atão-no, e ſobem-no.*

Saram. A que del Rei, Senhores, &c..... Ora nunca cuidei que me viſſe neſtas alturas!

Ambos os Prezos. Venha abaixo. *Largão-no.*

Dentro. Lá vai outro prezo.

Sahe Amfitrião.

Saram. Ainda bem, quanto folgo!

1. *Prezo.* Aqui não temos que fazer, que eſte parece ſer homem nobre.

2. *Prezo.* Pois vamos para os noſſos camarotes. *Vão-ſe.*

Saram. Eſte agora me pagará a patente. Meus peccados, que he o Senhor Amfitrião!

Canta Amfitrião a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Sórte tyranna, eſtrella rigoroſa,
Que maligna influís com luz oppaca.
Rigor tão fero contra hum innocente;
Que deliƈto fiz eu, para que ſinta
O pezo deſta aſperrima cadêa
Nos horrores de hum carcere penoſo,
Em cuja triſte lobrega morada
Habita a confusão, e o ſuſto mora!
Mas ſe acaſo, tyranna, eſtrella impia,
He culpa o não ter culpa, eu culpa tenho:
Mas ſe a culpa, que tenho, não he culpa,
Para que me uſurpais com impiedade
O credito, a eſpoſa, e a liberdade?

ARIA.

ARIA.

Oh que tormento barbaro
Dentro no peito ſinto !
A eſpoſa me deſdenha ,
A Patria me deſpenha ;
E até o Ceo parece ,
Que não ſe compadece
De hum miſero penar.
Mas ó Deoſes , ſe ſois Deoſes ,
Como aſſim tyrannamente
A eſte miſero innocente
Chegais hoje a caſtigar ?

Saram. Tambem voſſa mercê cá eſtá ? Ora conſole-ſe comigo ; que *ſolatium eſt miſeris ſocios habere Saramagos.*

Amf. Ainda aqui me appareces , infame inimigo ? E pois que por tua culpa me vejo neſta prizão , aqui ficarás ſepultado , ſendo deſpojo da minha colera. *Dá-lhe.*

Saram. Senhor , ſuſpenda o impulſo deſſe pulſo ; não bata tão furioſo ; deixe ao menos , que por hum pouco tenha ſuas intercadencias ; não baſta o eſtar eu carregado de ferros , mas tambem de pancadas ?

Amf. Tu , traidor , me puzeſte neſte eſtado.

Saram. Senhor , explique-ſe , que eu eſtou tão innocente , como quando naſci da barriga de minha mãi.

Amf. Velhaco , ſempre eu diſſe , que tu eras o que maquinavas eſte enredo : tu foſte o que déſte a joia , que eu mandava para Alcmena , e o que introduziſte em caſa outro Amfitrião fin-

fingido, como tu mesmo confessaste; e não bastava tudo isto, mas ainda hires dizer a Tiresias, que eu era o Amfitrião fingido, por cujo motivo aqui estou prezo: que dizes agora? He isto bem feito?

Saram. Antes que lhe responda, diga-me vossa merce; isto aqui he cadeia, ou casa dos doudos?

Amf. Porque perguntas isso?

Saram. Porque entendo em minha consciencia, que mettêrão a vossa merce aqui por doudo confirmado.

Amf. Se tu me fazes doudo, porque o não hei de estar?

Saram. Os diabos me levem, se eu fallei com Tiresias em materia tão peçonhenta, Senhor Amfitrião.

Amf. Queres agora negar-me o que eu presenciei? E por final disseste, que eu tinha untado o rosto com o oleo de hum Magico para me parecer com Amfitrião, e que te dera huma bolsa de moedas, para tu me introduzires na propria casa de Alcmena.

Saram. Quem compra, e mente, na bolsa o sente: eu duas vezes o tenho sentido; huma na bolsa, porque a não tenho; outra no corpo, porque tem sido hum armazem de pancadas: e agora o vejo já huma logea de ferros, como vossa merce bem vê; como se eu todo fora pé de burro, para que todo me cubra huma grande ferradura.

Amf. Não me desesperes mais: dize-me só com

que motivo , ou para que fim me levantaste este grande testemunho ?

Saram. Senhor , hum testemunho não he cousa tão leve que eu o podesse levantar ; veja vossa merce não dissesse isso o outro Saramago ?

Amf. Como póde ser isso , se nesse mesmo instante , que o disseste , logo te prendêrão , sem que alli viesse , nem estivesse outro Saramago senão tu ?

Saram. Pois a mim porque me prendêrão ? Diga-mo vossa merce , que eu ainda não o sei ?

Amf. Por dizeres , que me déste entrada em casa de Alcmena ; e assim vieste a ter a mesma pena daquelle , que se fingio Amfitrião , que dizem era eu ; porque tanto pecca o ladrão , como o consentidor.

Saram. Eu estou para perder o juizo ! Basta que por isso estou prezo ?

Amf. O prezo he o menos ; o peior he que o caso he de morte para ambos.

Saram. Oh desgraçado Saramago ! Quanto melhor te fora seres sempre oliveira verde , que em fim estavas só em hum páo , que não agora vir a morrer em tres ? He possivel que sem culpa nos mettão aqui , e nos queirão matar a ferro frio ? *Grita.*

Amf. Cala-te , não grites.

Saram. Deixe-me gritar , Senhor ; não vê que estou doudo ?

Amf. Já que os fados assim o querem , levemos isto com paciencia.

Sa-

Saram. Aonde eſtá a paciencia, para nos ajudar a levar iſto?

Amf. Eſpera, Saramago; não ſentes bolir na porta?

Saram. Sim, Senhor; ai de mim, que he o Carraſco! Fujamos, Senhor; fujamos.

Amf. Vês que já abrírão a porta?

Saram. Pois abramos a ſepultura.

Sahe Juno com hum véo pelo roſto.

Amf. Quem ſerá eſta mulher, Saramago?

Saram. Quem ſerá? Tem bem que ver, he a mulher do Carraſco, que vem fazer as vezes do marido.

Juno. Amfitrião, vinde para fóra comigo, e mais eſſe criado.

Saram. Não o diſſe eu? Eſtamos bem aviados!

Amf. Senhora, antes que vos obedeça, deſejára ſaber, para que fim nos quereis levar daqui?

Saram. Tem bem que ſaber; he para nos torcer o peſcoço.

Juno. Compadecida da voſſa innocencia, vos venho livrar deſta prizão; para o que tenho comprado os guardas, e tudo eſtá prompto; pois não he razão, que ſendo vós o verdadeiro Amfitrião, padeçais ſendo innocente, ficando ſem caſtigo o outro fingido.

Amf. Senhora, para huma obrigação tão grande, qualquer rendimento he diminuto; e aſſim para que algum dia vos pague tanto beneficio, eſtimára ſaber a quem devo a vida, e a liberdade.

Juno. Algum dia o ſabereis.

Saram. E ainda que o não ſaiba , não importa : Saiamos nós daqui , ainda que ſeja por arte do demonio , ou pela arte de berliques , berloques.

Juno. Vamos.

Saram. Senhora , e quem nos ha de tirar eſtas cadeias , com quem não eſtamos muito correntes ?

Juno. Andai , que para tudo ha remedio.

Amf. Ingrata Thebas , eſtes forão os premios , que ſó de ti recebi !

Juno. Ingrato Jupiter , aſſim ſe ſabe vingar a Deoſa Juno de ti.

Saram. Ingrata Cornucopia , agora eu bem me tirei de ti. *Vão-ſe*.

SCENA VII.

Templo de Jupiter , e hirão ſahindo todas as Figuras conſórme vão fallando.

Tireſ. ANda , infelice Alcmena , a pagar com a vida o delicto de tua fragilidade nas aras do ſupremo Jupiter. Ai amor cego , que cego me arraſta a tua grande cegueira ! *á part.*

Alcmen. Que he o que ouço ! He poſſivel , que ainda tenho vida , havendo de perdella ſem culpa , ſem offenſa , e ſem delicto ?

Cornuc. Ai , minha Senhora Alcmena , quem diſſera ao Senhor ſeu pai que para iſto a criava !

Po-

Polid. Horror me cauſa táo funeſto eſpectaculo!

Jupit. Mercurio, he tempo de desfazer o enigma, pois iſto chegou ao ultimo ponto.

Merc. Digo, Jupiter, que iſſo havias ter feito ha mais tempo, e eſcuſaria Alcmena de paſſar eſte ſuſto.

Juno. Tireſias, acabemos com iſto, para que acabe a minha vingança, e comece a ter poſſe a tua eſperança. *á part.*

Alcmen. Ah cruel Feliſarda, náo te baſtou conduzir-me ao ſupplicio, mas ainda vens gloriar-te de ver o meu eſtrago, e a minha mortè?

Juno. Náo quero reſponder. *á parte.*

Iris. Já eſtás vingada.

Alcmen. E tu, cruel, ſe náo pódes remediar a minha pena, para que vens ſer teſtemunha da minha magoa? *Para Jupit.*

Jupit. Porque me náo poſſo apartar de ti, até que a morte te ſepare de mim.

Tireſ. Alcmena, como o Juiz he ſómente hum mero executor da lei, por iſſo náo eſtranhes.

Com ruido ſahiráõ Amfitriáo, e Saramago.

Amſ. Que omiſsáo he eſta? Ainda eſtá eſta tyranna inimiga por caſtigar? Se por ventura falta quem execute a ſentença, aqui eſtou eu, que vingarei a injúria da lei, e a minha injúria.

Saram. Iſſo he fazer de huma via dous mandados.

Tireſ. Que he iſto? Como te atreves em ludibrio

brio da juſtiça , apparecer aqui , eſtando duas vezes criminoſo , huma por impoſtor , e falſario , e outra por fugir da prizáo ?

Amf. Porque quiz teſtemunhar o eſtrago deſta traidora , para ſuaviſar com eſte deſafogo a tyrannia , com que me quereis tirar a vida ; e ſe eu por hum delicto imaginario hei de padecer ; que importa que me conſtitua réo da fuga do carcere ?

Saram. Eſſa he a verdade ; prezo por mil , prezo por mil e quinhentos.

Polid. Tambem o criado aqui eſtá ? Com que atrevimento fugiſte ?

Saram. Porque mais val huma hora ſolto , que toda a vida prezo.

Cornuc. Ainda eſcapou o maldito ?

Alcmen. Para ſer mais penoſa a minha morte , ainda faltava ver a cauſa de minha infelicidade.

Merc. Senhor , que determinas ?

Jupit. Logo verás , Mercurio.

Juno. Tireſias , em que nos dilatamos ?

Tireſ. Certamente me horroriſa caſtigar huma innocente. Alcmena , he chegada a occaſião de que ſejas victima humana nas aras de Jupiter.

Alcmen. Tireſias , adverti , que os Deoſes não permittem , nem as leis ordenáo , que ſem culpa morra huma innocente ; e pois entre os homens não acho piedade , recorrerei á esféra ſoberana dos Deoſes , com ſuſpiros naſcidos de hum peito caſto , e inculpavel. Oh Jupi-

piter ſoberano, como conſentís, que morra Alcmena ſem culpa?

Jupit. Tende mão, Tireſias; ſuſpendei o golpe.

Tireſ. Tu não pódes mandar ſobre a lei.

Jupit. Nem a lei manda, que morra huma innocente; porque aquelle que julgais ſer o fingido Amfitrião, he o verdadeiro eſpoſo de Alcmena.

Tireſ. Logo tu és o fingido, e como tal morrerás, por incorreres no meſmo delicto, e ſempre Alcmena fica com a meſma pena.

Amſ. Já que ſe conheceo a verdade, caſtigue-ſe eſſe traidor, e eſta aleivoſa tambem.

Jupit. Quanto a mim, ninguem me póde caſtigar.

Tireſ. Pois quem ſois vós, para vos iſentares do rigor da lei?

Jupit. Eu vos reſpondo.

Muda-ſe de repente a perſpectiva do templo, e apparece a Sala Empyrea, como no principio, e eſconde-ſe Jupiter, e Mercurio fingidos, apparecendo os do principio, e canta Jupiter o ſeguinte.

RECITADO.

Sabei, que Jove ſou omnipotente,
Que abrazado de amor da bella Alcmena
Vendo ſer impoſſivel o alcançalla,
Tomei de Amfitrião a fórma humana,
Com a qual disfarçado entre vós outros,
Eſte dia paſſei; e pois Alcmena,
Como humana não pode
Reſiſtir a hum divino impulſo ardente,

Fi-

Ficará perdoada, ſem que tenha
Offenſa niſſo Amfitrião valente;
Pois deſſe paſſatempo, que aqui tive,
Hercules naſcerá, a cujo esforço
Rendido cederá todo o Univerſo,
Pagando neſta fórma
Eſte engano de amor, eſta violencia,
Em dar-lhe tão divina deſcendencia.

Tod. Que aſſombro! Que admiração!

Amf. Oh mil vezes feliz eu, que tive a fortuna de que o meſmo Jupiter quizeſſe divinizar o meu venturoſo thalamo!

Alcmen. Paſſei de hum inſtante do maior mal ao maior bem: Eſpoſo Amfitrião, dá-me os parabens de tanta felicidade.

Amf. Sejão reciprocos, querida Alcmena; que quando as tuas offenſas para mim são glorias, que fará quando me não offendes?

Saram. Eu ſempre ouvi dizer, que o Senhor Jupiter era hum fero tonante.

Juno. Já agora deſcanſará o meu coração.

Cornuc. Ai que aſſim eſtou contente!

Tireſ. Flerida, bem vês que por mim não eſteve o não executár o teu preceito; e aſſim he tempo de cumprires a tua palavra.

Juno. Attendei-me primeiro: Alcmena porque não fique ſem fim a minha hiſtoria, ſaberás, que aquelle mancebo muito galhardo, e juvenil, morador no monte Olympo, he Jupiter, que alli vês, e eu a Deoſa Juno, ſua eſpoſa, que zeloſa vim a tua caſa, para o apartar de teus braços, e pois já o conſegui, hirei

rei para os de meu eſpoſo; com que, Tireſias, ſendo eu quem ſou, mal poderia cumprir a palavra, que vos dei, que foi ſó a fim de me vingar de Alcmena.

Tireſ. Dou-me por ſatisfeito, em ſaber cumprir voſſos deſejos.

Jupit. Só Juno podia conſpirar táo cruelmente contra Alcmena.

Saram. Sem dúvida a Senhora Juno foi a que me converteo em oliveira, e o Senhor Jupiter o que me deſconverteo.

Merc. E para que ſe ſaiba tudo, eu ſou Mercurio, que para acompanhar a Jupiter, tomei a fórma de Saramago, que já lha reſtitui fielmente, como bem viſtes.

Iris. Pois ſe Jupiter, para lograr os favores de Alcmena, ſe valeo das induſtrias de Mercurio, tambem Juno, para deſvanecer os incendios de Jupiter, quiz que eu, que ſou a Ninfa Iris, a acompanhaſſe, para ſerenar a tempeſtade dos ſeus zelos; e como tenho conſeguido eſte intento, hirei a acompanhar outra vez a Deoſa Juno, como fiel ſubdita dos ſeus preceitos.

Saram. E que cahiſſe eu na corriolla de namorar a huma Ninfa dos arcos do Rocio celeſte! Ora ſou hum grande aſno.

Amf. Tudo o que vejo são aſſombros!

Alcmen. Tudo paſmos!

Polid. Tudo admirações!

Cornuc. Ai venturoſa de mim, que tive a Mercurio em meus braços!

Sa-

Saram. Dessa sorte bem pódes dar duas figas ao gallico.

Jupit. E porque Amfitrião fique de todo satisfeito, coroe-se do laurel glorioso, como valente vencedor dos Telebanos, pois eu fui o que por elle triunfei no Senado; e assim ao generoso braço de Amfitrião dai as devidas acclamações, repetindo todos no mesmo triunfante

C O R O.

O Numen supremo
Do Olympo sagrado
Suspira abrasado
De hum cego furor.
Que pasmo! Que assombro!
Que voe tão alta
A setta do amor?

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

PRO-

PROTESTAÇÃO DO COLLECTOR.

AS Palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, *e Soberania*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da compoſição Dramatica, e expreſsão dos Epiſodios Comicos, e não com intenção de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſujeito em tudo o que ella determina.

INDICE

DA OPERAS, QUE CONTÊM este primeiro Tomo.